UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

ALESSANDRA GIACOMET

Abrindo possibilidades de expressão:
como os surdos observam e interpretam o mundo?

SÃO PAULO

2015

ALESSANDRA GIACOMET

Abrindo possibilidades de expressão:
como os surdos observam e interpretam o mundo?

(versão original)

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia
da Universidade de São Paulo para a
obtenção do título de Doutora em
Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Escolar e
do Desenvolvimento Humano

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Luisa
Sandoval Schmidt

SÃO PAULO

2015

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Giacomet, Alessandra.

Abrindo possibilidades de expressão: como os surdos observam e interpretam o mundo? / Alessandra Giacomet; orientadora Maria Luisa Sandoval Schmidt. -- São Paulo, 2015.

212 f.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Surdo 2. Narrativas 3. Experiência de vida 4. Expressão do corpo 5. Pluralidade dos mundos 6. Poesia 7. Psicologia I. Título.

RF291.5.C45

Nome: GIACOMET, Alessandra

Título: Abrindo possibilidades de expressão: como os surdos observam e interpretam o mundo?

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia
da Universidade de São Paulo para a
obtenção do título de Doutora em
Psicologia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

*Aos surdos brasileiros, em especial aos
interlocutores: Coyote, Emília, Hélio, M.M e
Wilson, pelos ensinamentos, paciência e amizade.*

E ao Everson e Luiza, com amor.

AGRADECIMENTOS

À **Profa. Dra. Maria Luisa Sandoval Schmidt**, Malu querida, pela escuta acolhedora, cuidadosa e competente. Sua abertura permitiu-me buscar com liberdade e coragem as descobertas dos meus processos e as trajetórias impensadas do caminho. Marcaste um lugar diferenciado na minha caminhada. Foste uma companhia especial.

Ao **Coyote, M.M., Hélio, Emília e Wilson**, interlocutores corajosos que apresentaram suas histórias únicas e particulares de vida e pelas conversas que compuseram este estudo e as reflexões. Aos surdos que participaram direta ou indiretamente deste estudo, em especial ao **Junior, Antônia, Anne e Rimar**. Sem a presença de vocês, esta tese não teria se materializado.

À **Profa. Dra. Leny Sato** e à **Prof. Dra. Denise Dias Barros**, pelas relevantes contribuições feitas durante o exame de qualificação, encorajando-me a prosseguir no estudo, resgatando a experiência da minha trajetória profissional.

À **Profa. Dra. Maria Júlia Kovács**, pela abertura em sua disciplina para a realização do estágio em docência e pela possibilidade de participar do grupo de orientação aos alunos.

À **Profa. Dra. Marilene Proença, Profa. Dra. Leny Sato, Profa. Dra. Denise Barros, Profa. Dra. Maria Luisa Sandoval Schmidt**, do Instituto de Psicologia - USP. À **Profa. Edna Mattos**, da Faculdade de Educação - USP. À **Profa. Dra. Ida Lichtig, Profa. Dra. Maria Silvia Cárnio, Profa. Dra. Fernanda Dreux Fernandes**, da Faculdade de Fonoaudiologia da USP. A todas elas, pelas contribuições teóricas e práticas dadas em sala de aula.

À **Judite**, da secretaria de pós-graduação e todos os funcionários do Instituto de Psicologia da USP, pelos atendimentos prestados.

A todas as **instituições públicas e privadas** que contribuíram para a minha formação profissional.

À amiga **Walkiria Raphael**, a Wal, por ter me incentivado a entrar no curso e acreditar na minha caminhada pessoal e profissional.

Aos meus **colegas de aula**, pelas trocas de ideias e conhecimento, e apoio na construção do fazer acadêmico.

Aos colegas de orientação, **Berenice Youg, Bianca Sphor, Carolina Leitão, Débora Galvani, Douglas Ramos, Thaís Goldstein, Gabriela Balaguer, Denise Zakabi e Daniela Uga**, pelas nossas leituras, conversas e chopinhos por aí. Agradeço pela escuta atenciosa à tese.

Às amigas **Gisele Lucena, Fabiana Infanti e Meres Tamani** pela força dada e pela compreensão da minha amizade ausente dos últimos tempos.

À amiga **Regina Roberto**, pelo seu afeto e por torcer por mim.

Às amigas espiritualistas, **Márcia Furuta e Rose Luiza Bittencourt**, e tantos outros companheiros da Casa do Consolador, pelo apoio e sustentação de ânimo.

À querida cunhada **Talita Borges** (*in memoriam*) e meu cunhado **Robson Luquesi Soares**, pelas reflexões acerca da composição da escrita e a forma de marcar a minha presença na tese.

À comadre **Claudia Alvarenga** pela sua peculiar sabedoria de vida, “*confia*”.

À amiga **Ingrid**, por surgir na minha vida nos momentos difíceis. Obrigada por ajudar-me a recompor minhas energias mentais e espirituais, com seu conhecimento e carinho.

A toda equipe, direção e professores da FENEIS, **Moryse, Sylvia Lia, Neivaldo, Gerson, Carmem, Cristiane e Vanessa** pela acolhida, confiança e aprendizado sobre as lutas e militâncias surdas. Aos presentes e aqueles que já passaram e deixaram suas marcas por lá.

Aos **surdos**, de todos os tempos, pela firmeza de seus propósitos e pelas bandeiras erguidas.

Aos meus primeiros professores de LIBRAS, **Tibiriçá Maineri e Natasha Soares**. Muito me ensinaram sobre a vida dos surdos e sobre nós mesmos.

Às amigas gaúchas, **Elenice Passos, Maria Inês Nadin e Daniela Coloda**. Mesmo longe estamos próximas no coração. Foram grandes incentivadoras.

Às amigas taubateanas, **Giselle Abud, Janaína Carvalho, Cristiane Sene, Ana Paula Leite e Joyce Guirado**, pela amizade e acolhida quando cheguei à Taubaté.

À minha analista **Margarete Áquila**, pela escuta e companhia importante no compartilhar das minhas questões humanas.

À minha mãezinha, **Sally Dalla Santa Giacomet**, pelas rezas e orações que me dão coragem e segurança para prosseguir. Exemplo de mulher de fé, afetividade e amor. Obrigada pelo aconchego, comilanças e alegrias dos nossos reencontros.

À minha sogra **Maria Augusta Luquesi**, pelos almoços de domingo e as conversas ao redor da mesa, e por ajudar a cuidar da pequena Luiza, ainda mais no momento final desta trajetória.

À minha amiga querida e irmã **Carla**, que suportou minhas resistências, medos e ansiedades e por colocar sempre palavras incentivadoras nos momentos em que achei que não daria conta de continuar. E pela tradução do resumo desta tese para o inglês.

Aos amigos **Steen e Célia** pela cuidadosa revisão do abstract.

Ao meu irmão gêmeo **Marcelo**, pelo carinho de sempre e aos irmãos, **Beatriz** (Neginha), **Alexandre** (Xandi), **Kátia** (Tita) e **Berenice** (Bere) pela força e apoio constante.

À pequena **Luiza**. Filha amada que veio ao mundo quando cursava o mestrado. Mostra em ensinar-me a me tornar uma mãe e uma pessoa melhor a cada dia. Indaga-me frequentemente: “*mamãe, quando vai terminar o seu trabalho*”?

Ao **Everson**, pela revisão cuidadosa do texto. Pelo amor, companheirismo, amizade, pelas escutas entre um café e outro. Por resistir bravamente às intempéries do nosso caminho e principalmente por não ter desistido de mim.

A todas as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para a construção desta tese.

RESUMO

GIACOMET, A. **Abrindo possibilidades de expressão: como os surdos observam e interpretam o mundo?** 2015. 212 f. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

O objetivo deste estudo é apresentar as múltiplas experiências humanas e subjetivas das pessoas surdas, e seus modos singulares de viver, sentir e refletir a vida. Para responder à questão norteadora, “como os surdos observam e interpretam o mundo?”, subdividi em quatro temas as narrativas advindas das entrevistas: 1) Família; 2) Comunidade Surda; 3) Educação e 4) Representação Social da Surdez e dos Surdos. E das anotações de campo, os temas: 1) Cultura Surda; 2) Acessibilidade; e 3) Corpo que Sinaliza. Nesta composição, busquei apoio teórico em Lane (1992) por descrever e refletir a cultura surda americana, servindo de comparação à cultura surda brasileira. Participaram das entrevistas cinco interlocutores surdos. Como método, optei por usar as narrativas, Benjamin (1985) das experiências de vida dos interlocutores, cedidas por meio das entrevistas e das anotações no diário de campo. Para transcrever/traduzir as entrevistas, Brito (1995) apresentou-se como uma importante interlocutora do campo da Linguística, para fundamentar sobre o sistema de transcrição dos enunciados da Língua de Sinais. As considerações finais foram elaboradas a partir dos campos da Antropologia (Augé, 1997; 1999); Sociologia (Bauman, 2003; 2005); Psicanálise (Safra, 2006; 2009) e Estudos Surdos (Strobel, 2009; Quadros, 2007). As formações subjetivas; as heterogêneas experiências de vida; o mundo de relações com o outro; as premissas culturais que conduzem suas vidas; aspectos particulares e universais de sua historicidade; o contato com a arte, a poesia, a espiritualidade e com as diversas possibilidades de expressão humana, entre outros, são indicativos que nos levam a compreender o modo singular que cada um dos interlocutores observa e interpreta o mundo.

Palavras-chave: Surdo. Narrativas. Experiência de vida. Expressão do corpo. Pluralidade dos mundos. Poesia. Psicologia.

ABSTRACT

GIACOMET, A. **Opening up possibilities of expression: how do deaf people observe and interpret the world?** 2015. 212 p. Thesis (PhD in School Psychology and Human Development) - Institute of Psychology, São Paulo University, São Paulo, 2015.

The aim of this study is to demonstrate the multiple subjective and human's experiences of deaf people and their singular ways of living, feeling and reflecting life. To answer the guiding question "how do deaf people observe and interpret the world?", I have subdivided the interviews' narratives into four topics: 1) Family; 2) Deaf Community; 3) Education; 4) Social Representation of Deafness and Deaf People. And the notes taken from the field material, the following topics: 1) Deaf Culture; 2) Accessibility; 3) Body Language. In this structure I have sought theoretical support from Lane (1992) based on his description and reflection on american deaf culture, serving as comparison to the brazilian deaf culture. Five deaf interlocutors have participated in the interviews. As the chosen method, I decided to use the narratives, Benjamin (1985) from the interlocutors' life experiences, obtained from the interviews and the notes taken from the field material. To transcribe/translate the interviews, Brito (1995) presented herself as an important interlocutor in the field of the Linguistic, in order to substantiate the transcription of the system set out in Sign Language. The final considerations have been elaborated based on the fields of Anthropology (Augé, 1997; 1999); Sociology (Bauman, 2003; 2005); Psychoanalysis (Safra, 2006; 2009) and Deaf Studies (Strobel, 2009; Quadros, 2007). The subjective development; the diverse life's experience; the world of relationships with others; the different cultural precepts that lead their lives; individual and universal aspects of their stories; the contact with art, poetry, spirituality and with the different possibilities of human expression, among others things, are indicative that lead us to understand the singular way that each one of the interlocutors observe and interpret the world.

Keywords: Deaf. Narratives. Life experience. Body expression. Diversity of worlds. Poetry. Psychology.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	16
Estágio de Psicologia Comunitária na Escola Helen Keller. Desenvolvimento da atividade de Dançaterapia. Foto: arquivo pessoal da pesquisadora, 2000.	
Imagem 2	25
Sinal lexical “desculpar”. Foto: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue - Deit-Libras (Língua de Sinais Brasileira), 2009.	
Imagens 3 e 4	49
Esculturas em madeira confeccionadas pelo interlocutor Wilson. Foto: arquivo pessoal da pesquisadora, 2013.	
Imagem 5	58
Final do campeonato sul-americano interclubes de surdos de futsal 2008. Foto: arquivo pessoal do interlocutor M.M.	
Imagens 6, 7, 8 e 9	64 e 65
Esculturas em madeira confeccionadas pelo interlocutor Wilson em seu ateliê. Fotos: arquivo pessoal da pesquisadora. Dezembro de 2013.	
Imagem 10	70
Fonte< https://www.google.com.br/search?q=surdos+famosos&biw=1366&bih=642&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ei=noWQVMfuFIHpgwSfpIKIDA&sqi=2&ved=0CDkQsAQ#tbm=isch&q=libras >. Acesso em: set. 2014.	
Imagem 11	82
Charge humorística que explicita a cultura surda e o uso da LIBRAS por seus usuários.	
Fonte< https://www.google.com.br/search?q=surdos+famosos&biw=1366&bih=642&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ei=noWQVMfuFIHpgwSfpIKIDA&sqi=2&ved=0CDkQsAQ#tbm=isch&q=libras >. Acesso em: set. 2014.	
Imagem 12	94
Fonte< https://www.google.com.br/search?q=surdos+famosos&biw=1366&bih=642&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ei=noWQVMfuFIHpgwSfpIKIDA&sqi=2&ved=0CDkQsAQ#tbm=isch&q=libras >. Acesso em: set. 2014.	
Imagem 13	106

Atuação do intérprete da Língua de Sinais em sala de aula.

Fonte<<https://www.google.com.br/search?q=surdos+famosos&biw=1366&bih=642&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ei=noWQVMfuFIHpgwSfpIKIDA&sqi=2&ved=0CDkQsAQ#tbm=isch&q=libras>>. Acesso em: set. 2014.

Imagem 14..... 125

Fonte<<https://www.google.com.br/search?q=surdos+famosos&biw=1366&bih=642&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ei=noWQVMfuFIHpgwSfpIKIDA&sqi=2&ved=0CDkQsAQ#tbm=isch&q=libras>>. Acesso em: out. 2014.

Imagens 15 e 16..... 132

Balada Surda “Vibração” - pista de dança. Fotos: arquivo pessoal da pesquisadora. Setembro de 2013.

Imagem 17..... 132

Balada multissensorial para surdos no MAM. Fonte: <<http://corpo-sinalizante.blogspot.com.br/>>. Acesso em: set. 2014.

Imagens 18 e 19..... 135

Balada Surda “Vibração” - sala de jogos. Fotos: arquivo pessoal da pesquisadora, 2013.

Imagem 20..... 136

I Encontro de Artes e Culturas Surdas – MAM. Foto: arquivo pessoal da pesquisadora, 2013.

Imagem 21..... 137

Apresentação de Dança no MAM. Foto: arquivo pessoal da pesquisadora, 2013.

Imagens 22 e 23..... 142

II Sarau do Corpo. Fotos: arquivo pessoal da pesquisadora, 2013.

Imagem 24..... 161

Fonte<<https://www.google.com.br/search?q=surdos+famosos&biw=1366&bih=642&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ei=noWQVMfuFIHpgwSfpIKIDA&sqi=2&ved=0CDkQsAQ#tbm=isch&q=libras>>. Acesso em: out. 2014.

Imagens 25 e 26..... 162

Fonte<<https://www.google.com.br/search?q=surdos+famosos&biw=1366&bih=642&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ei=noWQVMfuFIHpgwSfpIKIDA&sqi=2&ved=0CDkQsAQ#tbm=isch&q=libras>>. Acesso em: abr. 2014.

Imagens 27 e 28..... 167

Fonte<<https://www.google.com.br/search?q=surdos+famosos&biw=1366&bih=642&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ei=noWQVMfuFIHpgwSfpIKIDA&sqi=2&ved=0CDkQsAQ#tbm=isch&q=libras>>. Acesso em: jun. 2014.

Imagem 29..... 208

Fogueira da festa junina do INES. Foto: arquivo pessoal do interlocutor Wilson, 1957.

Imagens 30 e 31..... 209 e 210

Grupo escolar do INES. Foto: arquivo pessoal do interlocutor Wilson.

Imagem 32..... 211

Prédio do INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos). Foto: arquivo pessoal do interlocutor Wilson.

Imagens 33, 34 e 35..... 212

Nosso corpo, nossa língua. Performance: CorpoSinalizante e Aprender para Ensinar. Foto: Isaumir Nascimento, 2009. Fonte: <<http://corpo-sinalizante.blogspot.com.br/>>. Acesso em: out. 2014.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

O impensado da partida.....	14
Desconstruir para recomeçar.....	28
Para onde iremos?.....	29

CAPÍTULO 1: REFERENCIAL METODOLÓGICO

1.1. Itinerário Metodológico.....	33
1.2. As entrevistas.....	34
1.3. O Fazer Ético e as Negociações do Campo.....	36
1.4. Experiências narradas.....	39

CAPÍTULO 2: INTERLOCUTORES DO ESTUDO: NOSSOS ENCONTROS, REENCONTROS, NEGOCIAÇÕES E OUTRAS CONVERSAS

Quadro 1: Hélio.....	43
Quadro 2: M.M.....	45
Quadro 3: Coyote.....	47
Quadro 4: Wison.....	49
Quadro 5: Emília.....	52

CAPÍTULO 3: APRESENTAÇÃO DOS INTERLOCUTORES: O TEMPO FOI PASSANDO... FUI CRESCENDO...

Quadro 6: Hélio.....	53
Quadro 7: M.M.....	56
Quadro 8: Coyote.....	59
Quadro 9: Wilson.....	62
Quadro 10: Emília.....	66

CAPÍTULO 4: COMO OS SURDOS OBSERVAM E INTERPRETAM O MUNDO? DE QUE FORMA TRANSMITEM AS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS CONSIGO, COM O OUTRO E COM O MUNDO?

4.1. Entrevistas.....	70
4.1.1. Família.....	71
4.1.2. Comunidade Surda.....	82
4.1.3. Educação.....	94
4.1.4. Representação Social da Surdez e dos Surdos.....	113
4.2. Diário de Campo	
4.2.1. Cultura Surda.....	125
4.2.2. Acessibilidade.....	136
4.2.3. Corpo que Sinaliza.....	144

CAPÍTULO 5: TRANSCREVER: UM ATO DE TRADUÇÃO

5.1. Transcrição/Tradução das entrevistas.....	152
5.2. As entrevistas e suas linguagens.....	157
5.3. Breve apanhado sobre o sistema de transcrição dos enunciados da Língua de Sinais.....	159
5.4. Sobre a escrita.....	162
5.5. Diferenças culturais existentes das heterogêneas narrativas.....	166
5.6. Tecendo algumas considerações.....	168

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	172
---------------------------	-----

REFERÊNCIAS.....	196
------------------	-----

LISTA DE PUBLICAÇÕES DE AUTORES SURDOS.....	201
---	-----

ANEXO.....	208
------------	-----

APRESENTAÇÃO

O IMPENSADO DA PARTIDA

O começo da elaboração crítica é a consciência do que realmente somos, quer dizer, um 'conhece-te a ti mesmo' como produto do processo histórico desenvolvido até agora, e que deixou em ti uma infinidade de marcas recebidas, sem benefício do inventário. É preciso efetuar, inicialmente, esse inventário. (Antonio Gramsci, Cadernos do Cárcere)

Como construir o inventário da minha história sem a contribuição da experiência do outro? Narrar-me parece abrir as possibilidades para dizer que não estou sozinha nessa empreitada de apresentar as nossas experiências subjetivas, profissionais e culturais, e tecer estes escritos. As reflexões iniciadas, porém, em contínuo estado de (re) visitaço, nesta árdua e instigante caminhada, contaram com a participação ativa de convidados surdos que pensaram junto, e que, singularmente revelaram a experiência vivida e o sentido que dão às suas vidas.

Para escrever essa história, impossível não resgatar em mim as reminiscências que marcaram a construção dessa trajetória e também das pessoas que compartilharam os espaços onde as ações e as relações se deram. Mais do que percorrer itinerários geográficos, busquei pelo universo humano, as diversas possibilidades das pessoas sentirem, viverem e pensarem a vida. Itinerários pensados e impensados traduzem o eixo desta caminhada não longe de conflitos e tensões pessoais e profissionais. Falarei pelas lentes subjetivas que permitiram-me expressar uma visão particular do que consegui captar de mim, do outro e do mundo.

Enfim, de que lugar falo e o que me interroga?

Aproximei-me de pessoas surdas pela primeira vez quando cursava a graduação de Psicologia em Caxias do Sul/RS e fui convidada pela Diretora da Escola Especial Helen Keller para lá estagiar. Eram meados de março do ano 2000. Cumpriria assim, o Estágio Curricular de Psicologia Comunitária. Vivi a experiência de ser a primeira estagiária de psicologia a trabalhar na escola, sentindo-me com um grande desafio nas “mãos”. Logo surgiu o primeiro questionamento: de que forma poderia contribuir com o

cenário escolar já que continha especificidades tão peculiares? Até aquele momento, não tinha conhecimento sobre a história, Língua de Sinais, cultura, lutas sociais e políticas dos surdos brasileiros. Vamos dizer que cheguei assim, “nua e crua”, mas aceitei o desafio que me foi confiado.

Senti-me verdadeiramente uma “estrangeira¹”, uma estranha! “Entrar em uma terra estrangeira nunca é fácil. O primeiro passo deve ser o de aprender a língua e a cultura das pessoas que vivem lá.” (WILCOX, 2005, p. 2). Era uma recém-chegada em um universo desconhecido quando entrei em contato com o limite que a língua e a cultura impunham. Não falava a língua deles, estava vindo de fora! Surgi como o outro em minha alteridade, diferença e identidade ouvinte.

Pensando em suavizar as nossas diferenças linguísticas e culturais, busquei na dança uma potente fonte de expressão. Uma das atividades propostas para minha estada de dez meses na escola foi a “Dançaterapia”. Aliamos a dança (na época minha profissão era Professora de Ballet Clássico e Sapateado) com a Psicologia, com o objetivo de trabalhar o autoconhecimento e a percepção corporal das meninas surdas. Fizeram parte do grupo crianças dispostas a enfrentar os seus desafios corporais e emocionais, para assim, expressarem as suas singularidades. O respaldo teórico contou com os escritos de uma bailarina argentina apaixonada pela dança, chamada Maria Fux, que inspirou-me profundamente. A autora acredita que através do movimento as mudanças não são somente físicas e externas, mas também internas, ajudando as pessoas a lidarem com suas limitações sejam elas físicas ou psíquicas.

Dançaterapia é um caminho aberto a uma integração total, já que o corpo assim estimulado faz aparecer áreas adormecidas que nos transformam; ao expressá-las, representamos nosso mundo oculto e nos sentimos melhor. (FUX, 1988, p. 23)

Narrarei algumas lembranças deste primeiro contato corporal e afetivo com as meninas, ocorrido nos primeiros dias na escola:

¹ Sobre a etiologia do termo “estrangeiro”, Koltai (2000) explica que sua origem deriva do latim *extraneus* e que significa “vindo de fora”, aquilo que é “incompreensível”, “não-familiar”, “aquele que se situa na fronteira do singular subjetivo com o social”.

Era uma tarde chuvosa de verão, porém o calor era intenso. Entramos em uma pequena sala rodeada de cadeiras e mesas que limitavam o espaço para nos movermos. Rostos infantis olhavam-me e pude sentir genuína alegria no modo de ser criança. Mãos tagarelavam sem fim diante de uma pessoa “estranha”. Éramos oito. Não poderíamos supor como nossa interação se desenvolveria. Com a minha recusa pela presença de um intérprete da Língua de Sinais senti que poderia interagir a partir da linguagem corporal. E assim a interação fluiu com naturalidade, como se algo já fosse conhecido por nós. O movimento, a expressão, o gesto, a espontaneidade e a afetividade marcavam a nossa linguagem. Usamos o que havia de mais expressivo e comunicando-nos com o corpo fomos criando contatos físicos e emocionais, permitindo que nossa imaginação extravasasse no espaço. Nossos corpos falavam. Vivenciar nossos desejos de expressão foi um compromisso velado. O encontro, portanto, foi marcado. Aos poucos os ritmos internos marcavam nossas singularidades. Em mim nada havia de uma língua e cultura visual, apenas o desejo de estar lá. Confesso que saí deste primeiro encontro emocionada e com a vontade de conhecer e compreender os diversos mundos. O movimento nos aproximou, pensei!

Éramos oito!

Imagem 1: Estágio de Psicologia Comunitária na Escola Helen Keller e o desenvolvimento da atividade de Dançaterapia. Foto: arquivo pessoal, 2000.

Esta narrativa carregada de emoção representa a entrada subjetiva, cultural e social no universo surdo, ou melhor, no amplo universo humano. Representa o início da experiência sentida no encontro com o outro, em um processo empático que ocorreu naturalmente. As meninas aceitaram a minha presença diferente e estrangeira para que em seus mundos pudesse conhecer.

Mais do que tratar a técnica do ensino do Sapateado Americano como forma de aprendizado, o objetivo era permitir que subjetividades extrapolassem seus desejos de expressão. Sem fonte sonora a ser “captada” pelos ouvidos, a criação e tradução dos movimentos se harmonizavam com ritmos internos e pessoais. Encontramos neste ambiente artístico, pluralidades de mundos que revelavam não apenas os contrastes sociais e culturais, mas, crianças com identidades múltiplas onde a condição de ser surda era mais uma delas.

Como parte da metodologia, apliquei o teste HTP (desenho da casa, árvore e figura humana) no início e fim do trabalho, para compreender a percepção que cada uma das meninas tinha de sua imagem corporal. Outro suporte metodológico utilizado foram as entrevistas realizadas com as mães, ocorrendo no mesmo período ao teste aplicado às meninas. O objetivo era compreender pelo olhar das mães de que forma o trabalho desenvolvido com a dança contribuía emocionalmente para o autoconhecimento de suas filhas. Em parceria com a professora de Educação Física da escola, Miriam Zanandréa, registramos em vídeo a atividade desenvolvida.

Este trabalho levou a dois importantes desdobramentos. Primeiro: transformouse no TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) com o seguinte título: *Ritmo, Dança e Movimento... Como Forma de Expressão e Autoconhecimento de Meninas Surdas*². Segundo: exposição do trabalho em formato de pôster e vídeo, apresentado na I Mostra de Práticas em Psicologia na cidade de São Paulo no ano de 2000.

Outra atividade desenvolvida no estágio foi o grupo de sala de espera. Era um grupo aberto que ocorria semanalmente, dirigido às mães e/ou familiares dos alunos da escola. Os cuidadores não tinham a possibilidade de voltar para seus lares durante o turno escolar, porque moravam em bairros distantes ou vinham de cidades vizinhas, provenientes da serra gaúcha (Nova Petrópolis, Nova Bassano, Carlos Barbosa, Flores da Cunha, Farroupilha, entre outras). O grupo tinha como objetivo dar espaço para que as pessoas pudessem falar das suas experiências pessoais e assim ajudarem-se mutuamente. As histórias de vida estavam repletas de superações no grande desafio de educar um filho surdo. Neste grupo fui aprendendo a escutar, conhecer e compreender o

² Ver GIACOMET (2000)

universo único e particular de cada um deles.

Marcada pelo “rito de passagem”³, fui batizada por um dos professores surdos da escola caracterizando assim minha entrada na comunidade surda. O nome dele é Tibiriçá Maineri. Seu sinal: *mão direita aberta, palma para a esquerda, dedos curvados próximo ao lado direito da cabeça. Flexionar os dedos.* É a referência pelo seu cabelo ser ondulado. O sinal de batismo singulariza ainda mais cada um de nós. Recebi um sinal que representa-me visualmente. É ele: *mão em R, palma para a esquerda, tocando os dedos no centro da testa*, como referência a uma cicatriz na testa adquirida na infância. Os sinais são criados pelos próprios surdos que observam alguma característica física ou marca pessoal das pessoas que circulam nas comunidades surdas.

Aprendi que grande parte dos frequentadores das comunidades surdas não se referem às pessoas pelo nome próprio, mas sim, pelo sinal recebido. Encontramos pessoas ouvintes simpatizantes da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), intérpretes e tradutores, CODAs⁴ (filhos de pais surdos), surdos oralizados, surdos sinalizadores, surdos que aprenderam LIBRAS na fase adulta, surdos que não sabem sinalizar, enfim, diversas possibilidades de ser, se comunicar e estar no mundo.

Com a necessidade de contato mais profundo entre nós fui assimilando cada vez mais a Língua de Sinais. As sete meninas da dançaterapia foram inicialmente as professoras de uma nova língua que estava sendo por mim internalizada, uma língua viso/gestual/espacial. As aulas de LIBRAS dadas pelos professores surdos da escola e as interações com os alunos ensinavam-me a *aprender a ver*⁵ o mundo pelos olhos das outras pessoas. Aprender a ver que a vida está muito além da janela subjetiva em que percebo e interpreto o mundo, existindo assim, diversas outras janelas individuais, ricas de experiências de vida. Que satisfação sentir que ali existia algo para aprender e doar, reciprocamente.

³ Pela tradição etnológica nos “ritos de passagem” encontra-se em questão o par indivíduo/coletividade “que tem por objetivo essencial estabelecer, reproduzir ou renovar as identidades individuais e coletivas.” (AUGÉ, 1999, p.45)

⁴ Ver QUADROS, MASSUTTI (2007). Em inglês o termo significa *Children of Deaf Adults*.

⁵ Livro escrito pelo autor americano Sherman Wilcox (2005) que tem como título “Aprender a Ver”. Traduzido para o português por Tarcísio de Arantes Leite, o livro trata de uma discussão sobre a natureza das línguas sinalizadas, uma introdução às diferenças culturais e à cultura surda e reflexões sobre o desenvolvimento de programas de ensino de línguas de sinais, com base na experiência norte-americana.

Gradativamente fui decifrando os códigos linguísticos e culturais, participando das rodas de bate-papo, compreendendo as piadas contadas em LIBRAS, “escutando” histórias de vida, entendendo dos artefatos culturais⁶ e participando das reuniões pedagógicas. A hora do lanche com os alunos era um espaço onde realizávamos legítimas trocas linguísticas, culturais e afetivas.

Na metade do ano surgiu um convite por parte dos professores surdos da escola para acompanhar o trabalho de “área”⁷. Por ser um espaço exclusivamente surdo, senti-me feliz por ser integrada e aceita pelo grande grupo.

O intercâmbio humano e cultural possibilitou em nós a chance de experimentar diferentes experiências de vida. Entendo que na posição de estagiária de psicologia naquela época e atualmente como psicóloga e pesquisadora, remete-me ao fato de que, ao entrar no mundo do outro, continuo do lado de fora, pois se

[...] Tenta aprender algo através do sujeito, embora não tente necessariamente ser como ele. [...] Pode participar nas suas atividades, embora de forma limitada e sem competir com o objetivo de obter prestígio ou estatuto. Aprende o modo de pensar do sujeito, mas não pensa do mesmo modo. É empático e, simultaneamente, reflexivo. (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.113)

Participar do mundo do outro, [...] “não como uma pessoa que sabe tudo, mas como alguém que quer aprender; não como uma pessoa que quer ser como o sujeito, mas como alguém que procura saber o que é ser como ele” [...]. Geertz (1979, p. 241) *apud* BOGDAN; BIKLEN (1994, p. 113).

A partir desse momento, percebi que a intersubjetividade estava sendo conquistada. Senti que fui adquirindo uma participação consistente neste encontro com o outro e que a continuidade da minha presença diferente foi assim permitida, porque acima de tudo, respeitávamos nossos limites humanos e as trocas culturais existentes.

⁶ A pesquisadora surda Karin Strobel (2009) inclui como artefato cultural “tudo o que se vê e sente quando se está em contato com a cultura de uma comunidade, como materiais, vestuário, maneira pela qual um sujeito se dirige a outro, tradições, valores e normas, etc. [...] não se refere apenas a materialismos culturais, mas àquilo que na cultura constitui produções do sujeito que tem seu próprio modo de ser, ver, entender e transformar o mundo.” (p.39)

⁷ Momento em que todos os alunos participam de atividades relacionadas à cultura surda juntamente com os professores surdos da escola.

Os alunos tinham uma forte referência e identificação com os professores surdos adultos da escola, fortalecendo suas identidades pessoais. A relação entre eles era de aprendizado, afeto e transmissão da cultura surda de forma natural e espontânea. Já falavam do método do Bilinguismo⁸ na escola. A organização de surdos politizados era intensa e atuante, e dizia respeito aos movimentos sociais e políticos de reconhecimento da LIBRAS como língua de acesso à aprendizagem, conhecimento e a mente dos educandos surdos. A Lei da LIBRAS, Nº 10.436 de 24 de abril de 2002, tornou-se a segunda língua oficial do nosso país. Conforme Artigo 1º “É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS e outros recursos de expressão a ela associados.”

As negociações da participação nas atividades da escola ocorreram de forma a não negligenciar as minhas próprias limitações linguísticas. Não realizei nenhuma escuta psicológica com os alunos por ter a consciência de que não daria conta de estabelecer um diálogo subjetivo mais profundo com os mesmos.

Não resta dúvida de que a inserção neste contexto escolar estabeleceu em mim o carinho, a empatia e o desejo de permanecer no universo da surdez, para assim, criar laços, compor histórias contadas por muitas “mãos” e a compartilhar experiências de vida tão únicas e emocionantes entre nós.

Em 2001, recém-formada no curso de Psicologia, recebi um convite para trabalhar como psicóloga em uma Escola Especial Municipal no interior do Estado de São Paulo. Saí de Caxias do Sul, terra marcada pelo regionalismo colonial dos imigrantes italianos. Sendo a terra da *uva* e do *vinho*, o sinal que o caracteriza é o da *uva*. A única certeza que tinha era a rota geográfica para a cidade de Taubaté. Deparei-me com novos mundos, novas graças e outros ares. Povo carregado de diversos símbolos culturais regionais compondo outras formas de existir! Do *chimarrão* para o *caldo de cana*. Do *supermercado* para a *feira livre*. Do *agnoline* para o *bolinho caipira*, do *CTG* (Centro de Tradição Gaúcha) para a *feira de peão* e o *forró pé-de-serra*, do *bah* para o *então*, do *Gaúcho da Fronteira* para o *Jeca Tatu*, do *Mário Quintana* para *Monteiro Lobato*, entre outros.

⁸ “São denominadas escolas ou classes de Educação Bilíngue aquelas em que a LIBRAS e a modalidade escrita da Língua Portuguesa sejam línguas de instrução utilizadas no desenvolvimento de todo o processo educativo”. (Decreto Nº 5626, capítulo VI, artigo 22, 1º)

Os nossos próprios regionalismos culturais já estão sendo aqui explicitados. Cidadãos brasileiros⁹ que marcam seus contrastes de costumes, valores, crenças, culinária, sotaques, folclore, literatura, rituais religiosos. Conheci pessoas que apresentam jeitos singulares de ver e representar o mundo e a simplicidade peculiar do interiorano que tem suas raízes na roça.

Sujeitos compondo seus *espaços, trajetos, pedaços*¹⁰, em diversidades familiares, culturais e sociais que vão além da sua experiência de ser e estar sendo surdo, mas inseridos em um contexto social brasileiro acima de tudo.

Dos três anos vividos em Taubaté, o primeiro deles trabalhei especificamente com o projeto da Dançaterapia. Também criava técnicas de expressão corporal levando para os grupos desde instrumentos musicais, músicas, livros, brinquedos e variados objetos, até a criação das nossas próprias cenas imaginárias. Reinventávamos e encenávamos a própria vida, as relações humanas, os conflitos emocionais vividos por nós, seres humanos. A diversidade dos grupos era grande, com idades que variavam de 04 a 70 anos.

Desde meados de 1998, a escola passava por uma importante transição educacional, histórica e social. E todos os envolvidos sentiram seus efeitos políticos e institucionais. A entrada da LIBRAS no contexto educacional, foi vista como um recurso a mais para o método da Comunicação Total no ensino dos alunos, do que uma proposta para a implantação do Bilinguismo¹¹.

Naquele momento vivi novamente a experiência de ser a primeira psicóloga habilitada em Língua de Sinais para trabalhar com alunos surdos. Nesta altura, já sinalizava de modo mais fluente a língua deles. Alunos e familiares vinham da região do

⁹ *Plural sim, mas não caótico!* No texto sobre a cultura brasileira, Alfredo Bosi (1992) tece importantes considerações sobre a diversidade da cultura brasileira admitindo seu caráter plural como meio de compreendermos os heterogêneos discursos, sentidos, relações e oposições constituídas no tempo e espaço. Incorporando às suas ideias, articularemos as experiências de vida de sujeitos que habitam mundos subjetivos marcados pela pluralidade cultural. Na multiplicidade que produz singularidades, e nas diferenças que deram movimento a este estudo.

¹⁰ Categorias utilizadas pelo autor José Guilherme Cantor Magnani (1992) para explorar as relações entre a prática coletiva e o espaço onde elas ocorrem.

¹¹ O movimento do Bilinguismo foi vivido por diversos contextos educacionais em todo país e no mundo, fazendo parte da história da Educação de Surdos. Ano passado em São Paulo houve uma manifestação pública contra o fechamento das escolas especiais da cidade.

Vale do Paraíba (Caçapava, Campos do Jordão, Pindamonhangaba, Natividade da Serra, Redenção da Serra, São Luiz do Paraitinga, Tremembé, entre outros) para receber escuta e orientação para suas incertezas e angústias.

Fui observando que os entraves na comunicação entre pais ouvintes e seus filhos surdos era um desafio a ser enfrentado. Não eram apenas entraves linguísticos, mas emocionais acima de tudo. Na escola, os pais receberam do corpo clínico e educacional as primeiras orientações quanto ao uso da língua oral como único meio de comunicação com seus filhos. Esta orientação era condizente com a tradição oral das famílias ouvintes, que de geração a geração, transmitem sentimentos, histórias, valores, regras, conceitos de mundo, uns aos outros.

Trabalho similar realizado com pais ouvintes e seus filhos surdos também foi desenvolvido na cidade de Pindamonhangaba, interior do Estado de São Paulo, durante o ano de 2002, voluntariamente ocorrido em uma ONG da cidade.

Desde o início do desenvolvimento escolar, os alunos surdos foram alfabetizados por um específico método oral, que tinha como objetivo “garantir” a aquisição da fala. O acesso à Língua de Sinais chegou na puberdade para a maioria deles. Com os colegas usavam a LIBRAS e com suas famílias tentavam se comunicar oralmente, ou na elaboração de bilhetes, ou ainda, na utilização de “sinais caseiros” criados pelo entorno familiar ouvinte.

A educadora Claudia Alvarenga, foi a primeira profissional da escola a ensinar os alunos pela LIBRAS. Após contato por e-mail, concordou em registrar seu depoimento por escrito. Claudia voltou no tempo e resgatou algumas passagens vividas neste específico cenário educacional:

Quando cheguei em 98/99, por saber “sinais” fui chamada para substituir uma professora no período da noite na sala dos surdos... este grupo era considerado difícil, pois não tinham aprendido a falar....como os surdos eram provindos de diferentes segmentos (jovens de diferentes idades provindos da rede municipal (ensino regular) e do Estado (tanto sala especial como regular): este grupo participava das terapias de Suvag visando estruturação de linguagem e não oralizar, somente os pequenos participavam de todas as terapias visando a oralização. [...]

E complementa:

[...] foi muito difícil mesmo, o grupo estava acostumado a nada fazer e quando eu comecei a trazer conteúdos, eles não desenvolviam por não

saber o básico¹², tivemos que voltar em coisas simples como estruturar frases simples a partir de figuras, conjugar verbos e as 4 operações já na fase do elevar e emprestar. [...]

No grupo realizado com os familiares, suas vozes surgiam com um misto de desilusão e impotência perante o real e o idealizado para seus filhos. Os pais expressavam suas dificuldades de comunicação e de estabelecer um diálogo mais profundo com os mesmos. As famílias pareciam se comunicar através de “gestos caseiros¹³”, já que o Oralismo não teve o sucesso esperado pelos tradicionais métodos orais e tecnologias para falar e ouvir. Lembro-me até hoje da narrativa contundente de uma mãe: “*passamos a vida toda sendo orientados a não usar gestos com nossos filhos, pois prejudicaria o progresso da fala, agora vou ter que aprender LIBRAS? Meu filho está grande e eu estou cansada para essas coisas*”!

A educadora Claudia contribui com suas lembranças:

Com os pequenos, meu trabalho começou em 2000/2001; quando me indicaram para substituir a professora oralista (nesse período eu usava alguns sinais, mas tinha medo da reação da professora quando de sua volta, então agia de maneira informal, mas usava o meu conhecimento da língua para me fazer entender, usava sinais básicos como: água, banheiro, de novo e as cores), após sua volta acharam que o trabalho com Língua de Sinais poderia se estender aos outros alunos surdos (comunicação alternativa) como mais uma terapia a ser fornecida. [...]

[...] o que houve de verdade, foi uma quebra de braços muito intensa; num determinado momento o oralismo já sem grandes forças devido a fatores políticos, me convocaram para defender junto aos pequenos, oficialmente, a parte de estruturação do método oral. Nesta fase atendia todas as crianças do período da tarde e dava aulas para o grupo de EJA (Educação de Jovens e Adultos) à noite. Aqui, por dominar mais a LIBRAS do que o SUVAG, é obvio que usava muito da LIBRAS para a estruturação, a barreira estava no não domínio oral e nem da Língua de Sinais por eles...como era dolorido estes encontros da tarde. Eles achando que falavam e eu tentando me fazer entender através dos sinais [...] aos poucos vi pequenas mudanças [...]

¹² As dificuldades de aprendizagem são questões profundamente importantes a serem discutidas. Para Carlos Skliar (1997), o insucesso da educação dos surdos não diz respeito propriamente aos surdos, mas, às representações hegemônicas dos ouvintes em relação aos surdos, à língua de sinais e a surdez. O autor ressalta que o modelo oralista fracassou pedagogicamente e isso nos faz pensar que as crianças surdas não podem vencer o próprio déficit auditivo, ou melhor, sua própria natureza.

¹³ Os “gestos caseiros” ou “sinais caseiros” são criados pelas crianças e suas mães ou também por outros familiares para “conversarem”, porém, não são compreensíveis pelas pessoas que utilizam outras línguas no âmbito social. Tervoort (1961) *apud* DALCIN (2006), propõe o termo *simbolismo esotérico* “como um sistema linguístico restrito com estruturas semânticas e léxicas próprias [...] Sua utilidade é tornar possível a comunicação na ausência de uma língua em comum, devido às restrições inatas da criança que o produz.” [...] (p.195)

Resumindo: “escola Bilíngue nunca conseguimos ser, tateamos no escuro em busca de acertos entre a disputa do oralismo x língua de sinais”¹⁴.

No ano de 2003, representando a equipe técnica e pedagógica da escola, busquei em São Paulo como aluna ouvinte, a disciplina do Prof. Dr. Fernando Cesar Capovilla na USP, na tentativa de compreender o processo de aprendizagem das crianças surdas. Semanalmente participava em São Paulo do curso de LIBRAS realizado na FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos).

Na verdade, era necessário compreender o contexto educacional, institucional histórico e político em que estávamos inseridos. Além das aulas do professor acima citado, busquei nas leituras, congressos, cursos, conversas com os profissionais envolvidos na área, outras possibilidades de reflexão sobre um campo tão tenso e conflituoso que é a Educação de Surdos.

Um efetivo desenvolvimento educacional das crianças surdas pode variar de acordo com as seguintes questões: a idade que foi descoberta a surdez, o tipo e grau de perda auditiva, os primeiros cuidados e informações que a família recebeu, quem foi o profissional que passou as orientações, como e quando ocorreu a aquisição da primeira língua e qual língua foi (Língua Portuguesa Oral ou LIBRAS), a idade em que a criança entrou na escola, a construção do vínculo afetivo e as possibilidades comunicativas entre criança x família, bem como, questões emocionais, culturais e sociais envolvidas neste processo, entre outros.

¹⁴ Em 1880 ocorreu o *Congresso de Milão*. A preocupação dos ouvintes era a aquisição da língua oral por parte dos surdos para integrá-los ao mundo dos “normais”. As conclusões advindas do congresso foram tão fortes e extremistas que marcaram uma divisão radical na história dos surdos e da surdez. Antes do Congresso de Milão, era comum usar a linguagem de sinais na educação dos *surdos-mudos* (termo utilizado na época) e após 1880, a predominância foi absoluta da língua oral. A partir deste marco histórico do Congresso de Milão, o poder absoluto do oralismo, gerou a proibição do uso dos sinais no espaço escolar, demissão dos professores surdos, eliminando o papel do surdo adulto na transmissão dos aspectos culturais da comunidade surda, castigo corporal, e as brutais metodologias de ensino da língua oral através de próteses auditivas, cirurgias, treinamento auditivo. Os alunos surdos viveram um século de extremas proibições com as linguagens gestuais, período em que apanhavam nas mãos se tentassem sinalizar. A partir dos anos 1970, no Brasil e no mundo, os educadores ouvintes perceberam um suposto fracasso na educação dos surdos pelo método oral, adotando o método da “comunicação total”, que utilizava diversos materiais didáticos, para ensinar os alunos surdos a falar, comunicar e aprender. Dentre eles, a língua de sinais volta a compor o cenário educacional. Porém, surgiram problemas pelos quais este método parecia não ter resposta. Na década de 1980, começa-se a falar do Bilinguismo que visa a instrução de ensino pela Língua 1: LIBRAS e a aquisição da Língua 2 pela modalidade escrita da Língua Portuguesa. Em meados de 1990, surge um modelo médico de “cura” para a surdez, que é o Implante Coclear, também conhecido como “ouvido biônico”. (CAPOVILLA, 2001; LANE, 1992; SACKS, 1998; SKLIAR, 1997).

Depois de conturbadas crises políticas na escola, migrei para São Paulo na possibilidade de buscar um recomeço na minha vida pessoal e profissional. E assim parti, trazendo na mala material e imaterial, novos conteúdos e vivências para as próximas experiências de vida e com a certeza de que me depararia com as incertezas do caminho.

Em 2004, estagiei no Laboratório de Neuropsicologia Cognitiva do Prof. Dr. Fernando Cesar Capovilla. O Mestrado na área da Educação de Surdos teve como proposta metodológica a aplicação de uma bateria de onze testes para avaliarmos as competências linguísticas da Língua Portuguesa escrita e da Língua de Sinais, de 720 alunos surdos das seguintes escolas brasileiras: INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos) no Rio de Janeiro; Escola Especial Concórdia, em Porto Alegre e na Escola Especial Municipal Helen Keller, em Caxias do Sul.

Posteriormente à aplicação dos testes, participei da confecção do Novo Deit-Libras (Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais) sob orientação da Psicóloga Walquiria Duarte, também autora do dicionário.

Apreendi com a Wal (chamada carinhosamente pelos amigos e colegas de trabalho) a fazer a descrição dos novos sinais que seriam incorporados à nova edição do dicionário. Exemplo: O item lexical “desculpar”: *mão em Y, palma para dentro, tocando o queixo.*

Imagem 2: Sinal lexical “desculpar”. Foto: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue - Deit-Libras (Língua de Sinais Brasileira), 2009.

Defendi o mestrado em dezembro de 2007 com o seguinte título: “Análise de Paragrafias do Surdo na Nomeação de Sinais por Escrita Livre: Teste de Nomeação de Sinais por Escrita de Palavras, Versões 1.2 e 2.2 com 5.086 Estudantes Surdos de 1ª a 13ª série de 14 Estados Brasileiros.”

Após a defesa do mestrado, passei por uma profunda crise pessoal que envolvia também o recomeço de uma nova morada profissional em terras paulistanas. Busquei trabalhos voluntários nas escolas públicas e privadas para surdos na cidade de São Paulo. Em 2010, encontrei na FENEIS um espaço para trabalhar voluntariamente *para e com* a comunidade surda. Nosso trabalho está relacionado a intervenções nas instituições universitárias públicas e privadas da cidade de São Paulo. Juntamente com a coordenação da instituição, levamos informação e conscientização aos jovens estudantes em formação, sobre a visibilidade social do sujeito surdo e as diferenças culturais e linguísticas que os singularizam.

Em 2010, surgiram alguns encaminhamentos para o atendimento clínico. Além da busca por um espaço para a realização do trabalho, houve a urgência de buscar um suporte teórico que desse sustentação ao fazer clínico. Em 2012 iniciei uma formação psicanalítica.

A minha caminhada profissional vinha da Psicologia Escolar, pesquisa na área Educacional e Linguística dos surdos. O desejo de resgatar as histórias de vida das famílias ouvintes e fazer uma escuta mais aprofundada com os pais levou-me a escrever um projeto e partir para o doutorado. Devo admitir que os vínculos familiares sempre foram o ponto central das minhas inquietações, levando-me a pensar sobre a qualidade do investimento afetivo dos pais ouvintes para com seus filhos surdos e o entrecruzamento cultural e linguístico ocorrido entre eles.

Em 2011 iniciei o doutorado com o seguinte título: “Interação da família ouvinte com a Língua de Sinais: aspectos emocionais, sociais e culturais envolvidos neste processo.”

No final do segundo ano uma reviravolta em mim ocorreu. Entrelaçada pelo vínculo de amizade e da convivência, uma querida amiga que se chama Anne, compartilhou tocantes reflexões sobre ela e sua família ouvinte. Disse-me: “*porque me são negadas as histórias familiares?*” Ela discorreu sobre diversos fatos ocorridos no ambiente familiar, que chegaram aos seus “olhos” anos depois. Com o intuito de poupá-la de certo sofrimento, a família omitia suas histórias, e tudo mais que vivenciavam no grupo doméstico, com a justificativa de que ela era surda, e que portanto, não tinha condições de lidar emocionalmente com os percalços da vida. Quando as “verdades” da família vieram à tona na puberdade, o choque emocional foi grande ao se deparar com a

imagem que construíram de si: uma pessoa restrita e impossibilitada de compreender o mundo devido à uma suposta limitação cognitiva e emocional, atravessada pela “surdez”, ou quem sabe, pelos generalizantes estereótipos sociais criados sobre surdos.

Os questionamentos de Anne iam ao encontro de uma sensação de desencaixe, ou de uma possível falta de pertença familiar. Ela tinha a profunda necessidade de encontrar entre os seus, algo que pudesse se identificar. Sentia intimamente o desejo de compartilhar os dramas, alegrias e comemorações em família, conhecer os gostos e preferências dos seus membros, de opinar, ser respeitada e escutada.

Este breve recorte ilustra a fala que “escutei” do outro fazendo-me mudar o rumo da conversa desta investigação. As histórias familiares realmente são negadas aos surdos ou podemos pensar nas fronteiras linguísticas, sociais e psicológicas que contornam os mundos multiculturais? Como transitar entre mundos diferentes circundando as fronteiras culturais existentes? Quem exclui ou quem inclui o quê? De alguma forma, impliquei-me emocionalmente com a narrativa desta amiga, pois sua peculiar sensibilidade para “ouvir-se” e “falar de si”, abriu em mim novas possibilidades para ir ao encontro do outro de forma sensível e profunda.

Sua sinalização provocou-me novas reflexões para escutar pela perspectiva dos surdos, o que eles têm a transmitir sobre suas experiências de vida. Desejei compreender pelo ponto de vista das pessoas surdas como era estar inserido em uma família que observa e interpreta o mundo com os “olhos” diferentes dos seus.

Tomada de ânimo, reescrevi o projeto. As disciplinas cursadas na pós-graduação em conjunto com as leituras e conversas devidamente acolhidas no grupo de orientação, abriram-me novas perspectivas para tal empreitada. O estudo está vinculado ao projeto “Pesquisa participante e comunidades interpretativas: experimentos de construção de conhecimento compartilhado”, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Maria Luisa Sandoval Schmidt.

Em seguida, encaminhei o projeto para o Comitê de Ética do Instituto de Psicologia da USP, sendo aprovado em abril de 2013.

O Exame de Qualificação, ocorrido em setembro do mesmo ano, foi um momento muito importante que possibilitou a criação de novas cenas culturais e artísticas, à passagem a outras linguagens em parceria com os interlocutores envolvidos neste processo.

DESCONSTRUIR PARA RECOMEÇAR

Para apresentar o trabalho e trazer à baila o cenário humano, cultural, artístico e metodológico que dele se formou, retomarei brevemente os percursos teórico/metodológicos que estavam sendo estruturados.

O trabalho anteriormente intitulado: “Narrativas Surdas: Identidade, Alteridade e Cultura”, objetivava compreender a construção da identidade de pessoas surdas e, como elas lidavam com as tensões e conflitos advindos das diferenças culturais e linguísticas na família e na sociedade. O aporte teórico da pesquisa apoiava-se no campo dos Estudos Surdos¹⁵: Perlin (2003); Quadros (2006, 2007); Skliar (2005, 2012); Strobel (2009); Veiga-Neto (2005, 2006) entre outros, para conceituar Identidade e Cultura Surda; e dos Estudos Culturais¹⁶ busquei nos autores: Bhabha (1988); Hall (2006; 2009) conceitos sobre Identidade, Alteridade e Cultura.

A ideia era apresentar o cenário social e histórico vivido por muitos surdos pelo período educacional do Oralismo e seu atual empoderamento pela Língua de Sinais e a Cultura Surda, na conquista de espaços educacionais e sociais que pudessem dar voz às suas necessidades humanas, linguísticas, sociais e educacionais.

Historicamente, e por um longo período de tempo, o ouvinte legitimou seu poder impondo a superioridade do Oralismo como forma de educação e comunicação à criança surda, impedindo-a de desenvolver a sua língua natural, a Língua de Sinais. Conforme Skliar (2005) para estar na norma da sociedade majoritária regida pela normalidade, a lógica da civilização priorizava o ouvir e o falar. Neste contexto, o ouvinte foi visto como o colonizador que diante do outro surdo colocou uma falta, uma inferioridade, e a necessidade de terem a fala igual aos ouvintes. A lógica do ouvinte

¹⁵ “No Brasil, e de forma mais localizada, nas pesquisas desenvolvidas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), temos trabalhos que aliaram os EC às investigações sobre o currículo escolar. Skliar e Quadros (2004), por sua vez, também estiveram engajados no processo de difusão dos EC através da formação de grupos de pesquisa que buscam discutir as relações entre educação surda, estudos culturais e estudos surdos, identidade surda e cultura surda dentro do espaço institucional da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O resultado dessa articulação foram os Estudos Surdos (ES) [...]” (CUNHA, 2007, p. 55-6).

¹⁶ Estudos Culturais (EC) formam um campo de pesquisa concebendo a cultura como campo de luta em torno da significação social. Silva (2010) ressalta que os estudos culturais são sensíveis às relações de poder que definem o campo cultural, e preocupados com as questões que se situam na conexão entre cultura, poder, identidade e significação.

contribui para criar um perfil de normalidade. A invenção do outro anormal está implicada neste processo.

Relações de dominação e poder com a prevalência do *ouvintismo*, termo criado por Skliar (2005). Este termo supõe o ouvinte como o centro de toda metodologia da normalidade, “a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte.” (SKLIAR, 2005, p. 15) Perceber-se dessa forma, ocorrem as percepções do ser deficiente ou anormal e, portanto, buscar a cura de seu mal através de práticas clínicas e terapêuticas.

Na literatura pós-colonial busquei possibilidades de questionar as representações e as práticas sociais que diferenciam um grupo do outro. A crítica pós-colonialista, permite o aparecimento da diferença como condição necessária para a convivência com as múltiplas identidades que estão surgindo em novos “mapas culturais”. A perspectiva pós-colonial nos faz pensar que as diferenças culturais devem ser entendidas no momento em que constituem identidades e que a identidade cultural e a identidade política são constitutivas de um processo de alteridade.

Do denso teor dessas discussões teóricas, migrei para uma possível abertura teórico/metodológica que pudesse dar conta de transmitir diversas linguagens como forma de expressão e interpretação do mundo pela orientação, por exemplo, das anotações de campo, que marcaram as produções culturais e artísticas das pessoas como manifestação no mundo!¹⁷ Porque não dizer, traduzir na relação com o outro, paisagens criadoras, poéticas e criativas! E assim parti para outras buscas.

PARA ONDE IREMOS?

[...] Eu que agradeço! Eu gosto de participar de pesquisa. Na minha opinião as pesquisas são muito importantes principalmente se você convida os surdos para participar. Quando você fala deles, os surdos, precisa “ouvir” ou “ver” o que tem para falar. É importante. Eu agradeço! [...]
(Emília, interlocutora)

¹⁷ Ver capítulo 1.

Esta tese se propôs a escutar pessoas que vivem suas experiências humanas, sociais, culturais e políticas sendo surdos, e experimentam modos particulares de olhar e compreender o mundo. Portanto, iremos *com* os surdos nos aproximar de seus possíveis mundos para “ouvir”, “ver” e “sentir” o que eles podem e desejam compartilhar conosco. Nesta interação, todos os interlocutores convidados apresentam surdez profunda¹⁸, ocorrida em momentos diferentes de suas vidas, singularizando-os nas práticas, vivências e nas suas ações.

Existem traços culturais preponderantes que conectam os surdos? Quais são suas trajetórias e escolhas de vida? Quais os mundos vividos, possíveis e impensados por eles? Emília, nossa interlocutora, aborda a seguinte questão: “*dentro do mundo dos surdos, tem ‘muitos’ mundos! Não é ‘um’ mundo!*” Sobre estes diversos mundos que vamos entrar em contato.

Por isso, a representatividade de Coyote, Emília, Hélio, M.M e Wilson¹⁹, entre outros, é rica pelas contribuições que cada um pode trazer a este estudo. A intenção aqui foi integrar múltiplas “vozes”, em diferentes perspectivas de compreensão do mundo, na composição de diversos estilos narrativos. Descreveremos os universos humanos, sociais, culturais de práticas construídas cotidianamente e coletivamente, mas singularmente reveladas. Linguagens que comunicam um jeito de ser e existir que vão além da Língua de Sinais ou das Línguas Orais. O corpo, a arte, a poesia, a subjetividade, a produção cultural vistos aqui como instrumento de interação humana consigo e com o outro.

Por essas considerações, interrogo-me:

Como os surdos observam e interpretam o mundo? De que forma transmitem as experiências vividas consigo, com o outro e com o mundo?

O objetivo para este estudo é apresentar as múltiplas experiências humanas e subjetivas das pessoas surdas, e seus modos singulares de viver, sentir e refletir a vida.

¹⁸ Os graus da perda de audição, podem ser classificados: audição normal: 0 a 25 dB; perda “leve”: 20 a 40 dB; perda “moderada”: 41 a 70 dB; perda “severa”: 71 a 90 dB; e perda “profunda”: acima de 91 dB. (KATZ, 1989).

¹⁹ Todos os nomes são fictícios e foram criados pelos próprios interlocutores do estudo.

A tese está organizada em seis capítulos.

O Capítulo 1: referencial metodológico. Para organizar a experiência desenvolvida nesta tese, optei por usar as narrativas (Benjamin, 1983) das experiências de vida dos interlocutores, cedidas por meio das entrevistas e das anotações no diário de campo, bem como utilizei os campos da Sociologia (Queiroz, 1988); História Oral (Meihy, 2002); Psicologia Social (Bosi, 2003; Schmidt, 2006).

O Capítulo 2: encontros, reencontros, negociações e outras conversas realizadas entre a pesquisadora e os interlocutores.

O Capítulo 3: história pessoal de cada um dos interlocutores, considerando certa cronologia dos fatos que narram trechos sobre a surdez, o percurso escolar, profissional e familiar.

O Capítulo 4: para responder às questões norteadoras do estudo, subdividi em quatro temas as narrativas advindas das entrevistas, como: 1) **Família**; 2) **Comunidade Surda**; 3) **Educação** e 4) **Representação Social da Surdez e dos Surdos**. E das anotações de campo, criei os temas: 1) **Cultura Surda**, 2) **Acessibilidade**, 3) **Corpo que Sinaliza**. Nesta composição, busquei apoio teórico em Lane (1992) por descrever e refletir a cultura surda americana, servindo de comparação à cultura surda brasileira.

O Capítulo 5: a transcrição/tradução das entrevistas, Brito (1995) apresentou-se como importante interlocutora do campo da Linguística, para fundamentar sobre o sistema de transcrição dos enunciados da Língua de Sinais.

A composição dos textos contou com a abertura de variadas linguagens verbais e não verbais, para narrarmos nossas passagens e entrecruzarmos às heterogêneas conversas, recortando ou costurando ideias, agregando outras línguas, para quem sabe, construir ou renovar conceitos, e elaborar uma reflexão final.

O Capítulo 6: as considerações finais foram elaboradas a partir da interlocução com os campos da Antropologia (Augé, 1997; 1999); Sociologia (Bauman, 2003; 2005); Psicanálise (Safra, 2006; 2009) e Estudos Surdos (Strobel, 2009; Quadros, 2007).

Além das referências bibliográficas utilizadas neste estudo, elaborei uma lista com publicações de autores/pesquisadores surdos.

Abrindo possibilidades de expressão! É o estudo que será apresentado. Vamos nos deixar conduzir pelos diversos sotaques, ritmos e experiências cultivadas “olho por olho”, “mão por mão”, “alma por alma”. E conectarmos nos possíveis universos humanos, sinalizados/verbalizados; sentidos/vividos; pensados/impensados pelos outros e por nós.

Capítulo 1

REFERENCIAL METODOLÓGICO

1.1 Itinerário Metodológico

Neste capítulo descreverei cuidadosamente o “itinerário metodológico” que aos poucos fui descobrindo e me apropriando na construção deste fazer em uma tarefa imbricada por diversas “ideias”, “ações” e “emoções”. A metodologia escolhida para a efetivação da pesquisa foi a abordagem qualitativa.

A reflexão ético/político deste estudo diz respeito à desnaturalização das pessoas surdas que são vistas sob a rubrica do “estranho”, “primitivo”, “curioso”, “exótico”, e porque não dizer do “colonizado”. Não trataremos de identidades e padrões pré-concebidos de surdez e de surdos, mas de pessoas que trazem suas ideias, experiências particulares de vida e que muito tem a contribuir no diálogo. Portanto, enfraquecer os falsos conceitos sobre a Língua de Sinais e os surdos, desconstruir os estereótipos negativos que os oprimiram e excluíram socialmente, bem como, as limitantes generalizações comportamentais e as marcas sociais afetadas pela história, são os desafios enfrentados. Por quem são colocados os limites? Por si ou pelo outro? São, portanto, auditivos tais limites?

Para compreender o percurso realizado, cabe salientar que o título do estudo até o Exame de Qualificação era: “Narrativas Surdas: Identidade, Alteridade e Cultura”, com a seguinte pergunta: “como a família ouvinte apresentou o mundo ao filho surdo através da tradição oral e de que forma influenciou na construção da sua identidade/alteridade surda?” O recorte histórico, social e educacional dizia respeito aos sujeitos surdos nascidos em famílias ouvintes, que viveram o período educacional do Oralismo, e que conviveram concomitantemente com a tradição oral de suas famílias, compartilhando de geração a geração seus conhecimentos, histórias, ideias, práticas e valores.

A partir da pergunta acima descrita, pedi aos dois primeiros interlocutores, Hélio e M.M. que narrassem suas experiências com a família ouvinte, os percursos educacionais, a trajetória profissional até os dias de hoje, os possíveis entrecruzamentos culturais com a família e a sociedade, seus posicionamentos identitários e as lutas políticas dentro da comunidade surda.

Inicialmente, os convidados da pesquisa atendiam aos seguintes critérios:

* Idades a partir de 30 anos, por terem vivenciado o período educacional do Oralismo, vigente para alfabetizar os surdos até 1980; usuários das línguas faladas, sinalizadas ou da combinação de ambas as línguas; filhos de pais ouvintes, apresentando os tipos de surdez: congênita ou pré-linguística (ocorrida antes da aquisição natural da fala); e/ou, adquirida ou pós-linguística (pessoas ensurdecidas após a aquisição da fala); a diferença entre os sexos não era requisito de escolha; pessoas que apresentavam heterogêneas experiências de vida, diferentes visões de mundo; alguma implicação com a militância surda e que; circulavam pela FENEIS.

Escolhi a FENEIS - SP²⁰ (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – São Paulo) para ser a instituição co-participante autorizando-me a convidar os surdos que frequentavam a instituição a participarem como interlocutores do estudo. Nacionalmente, a FENEIS possui sua representatividade espalhada em sete Estados Brasileiros, a contar: RJ (matriz); SP; RS; DF; CE; MG e PR.

Lutando pelos direitos dos Surdos há 17 anos, a FENEIS de São Paulo foi fundada no dia 25 de abril de 1997, desenvolvendo trabalhos em Empresas, Prefeituras, e órgãos afins, através de parceria e/ou contratação. Dentre tais trabalhos estão a divulgação da LIBRAS, para pessoas surdas e ouvintes; aperfeiçoar e aprimorar os estudos sobre interpretação e tradução; a inserção no mercado de trabalho, a conscientização da comunidade a respeito da cultura e vida, uma melhor qualidade educacional aos alunos e a defesa dos direitos destes cidadãos. O empenho pela disseminação da LIBRAS, o apoio às tecnologias desenvolvidas a favor do Surdo e a realização de ações que visam o desenvolvimento e a integração da pessoa Surda, são metas fundamentais desta regional.

1.2 As entrevistas

As entrevistas foram estruturadas na modalidade semiestruturada, com perguntas exploratórias que permitissem aos interlocutores construir suas ideias, lembranças e memórias, a partir de certa temporalidade sobre os acontecimentos de suas vidas. Para amparar a minha memória no trabalho realizado, levei nas duas primeiras entrevistas, um roteiro prévio de perguntas. No decorrer das outras entrevistas, trabalhei com sensibilidade para conduzi-las com maior naturalidade.

²⁰ Ver em: (www.feneissp.org.br)

Como uma pré-entrevista, falei aos convidados sobre os objetivos da pesquisa, suas formas de participação, e a importância das suas contribuições. O convite ocorreu pessoalmente ou por e-mail. Entre as dez pessoas convidadas, cinco aceitaram. Rejeitaram o convite, um casal e três mulheres por mim conhecidas. Ao saberem dos objetivos do trabalho, senti que não quiseram ou não puderam participar. Os olhares demonstraram um desconforto com o tema, no que tangia às relações familiares e às experiências pessoais.

As entrevistas foram realizadas em um ou dois momentos, de acordo com a disponibilidade dos participantes. Com M.M. e Hélio ocorreu um segundo encontro, gerando uma outra conversa. Devido aos atribulados compromissos profissionais de Emília e Coyote, realizamos apenas uma entrevista com cada um deles. Com Wilson, o segundo encontro ocorreu na sua casa onde conversamos sobre as fotos que ele gentilmente escolheu para marcar aqui a sua trajetória de vida.

Maria Isaura Pereira de Queiroz (1988) socióloga e pesquisadora dos estudos com relatos orais, ressalta que a entrevista é a técnica mais difundida nas ciências sociais, implicando em um colóquio entre pesquisador e narrador. A ideia de entrevista ideal para Ecléa Bosi (2003) é aquela que possibilita a constituição de laços de amizade. E da qualidade do vínculo vai depender a qualidade da entrevista. Ambos, narrador e ouvinte participarão de uma aventura em comum que no final do trabalho será reconhecido com um sentimento de gratidão pelo que foi transmitido e aprendido. Com cada um dos convidados a aventura foi particular, especial e comovente.

No que tange as questões concernentes à devolutiva das narrativas, Bosi (2003) considera que o depoimento deve ser devolvido a cada um dos interlocutores para que tenham o direito de voltar atrás, modificar ou acrescentar lembranças que ficaram perdidas em algum lugar. Neste momento de retorno, as informações não foram necessariamente complementadas por mim ou pelos interlocutores²¹.

Os locais escolhidos para a realização das entrevistas contou com a garantia da confiança e segurança, ao mesmo tempo em que foram sustentadas condições de sigilo, ética e conforto para ambas as partes. Os interlocutores assinaram o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) contendo os objetivos e informações sobre a

²¹ Maiores esclarecimentos no capítulo 5.

pesquisa. Sentiram-se à vontade para autorizar a publicação das entrevistas escritas, porém sem o uso das imagens. Hélio mostrou-se desconfortável com a possível ideia de usar os seus registros de vídeo.

Todos os participantes da pesquisa tiveram seus nomes alterados, salvo o ator Rimar R. Segala, que permitiu que seu nome fosse revelado. Alterei o nome de empresas, escolas, instituições, universidades e cidades com o cuidado de resguardar a identidade dos interlocutores e das pessoas envolvidas. Essas modificações encontram-se no texto e nos quadros 6 a 10. No quadro 8, diversos nomes mantiveram-se reais, como o de clubes, bairros, escolas de ouvintes, cursos, entre outros, a pedido do interlocutor Coyote. Por observar e participar de vários eventos culturais²², não me pronunciei como alguém que fazia pesquisa, salvo o contato com o grupo CorpoSinalizante, que tinha claro o objetivo da minha participação. Por isso, todos os nomes citados no diário de campo foram modificados. Mantive o nome da FENEIS e do INES, por serem importantes órgãos representativos da comunidade surda, assim como, do curso Letras/Libras, para não descaracterizar a própria história educacional e política dos surdos em nosso país.

As entrevistas foram filmadas com a autorização prévia dos interlocutores. José Carlos Sebe Meihy (2002) escreveu em seu livro sobre História Oral, que as entrevistas filmadas vêm atraindo muitos adeptos. Exige, para isso, postura por parte do interlocutor, definição do papel do entrevistador e ressalta que os preparos para tal realização devem contar com a espontaneidade e a perda da intimidade. Para tal feito, contei com a participação de pessoas que se comunicam pela LIBRAS que é uma língua viso-gestual que busca pelo contato visual, o estabelecimento das interações comunicativas. Que usa as mãos, as expressões, o rosto e a presença corporal das pessoas que produzem as narrativas. Tal registro corroborou para a composição do texto escrito.

1.3 O Fazer Ético e as Negociações do Campo

Tendo em vista que a pesquisa participante é um processo de interação entre pessoas, é relevante analisar que o rigor metodológico que norteia a qualidade do

²² Ver: Capítulo 4. Item: 4.2. Diário de Campo

estudo, diz respeito às negociações entre pesquisador e interlocutores envolvidos no processo.

No artigo intitulado “Pesquisa participante e formação ética do pesquisador na área da saúde, Schmidt (2006) ressalta que,

a ética, ligada ao senso e à consciência moral, é mais do que um conjunto de normas e regras ou, ainda, mais do que a mera obediência a normas e regras. A ética é morada, modo de habitar o mundo e lugar de atualização de valores e atitudes. Ou seja, a ética está implicada nas escolhas humanas que criam mundos e nos modos de valorizar e viver estes mundos. (p.392)

Schmidt (2006) assinala que há uma negociação envolvida na relação entre pesquisador x pesquisado. O participante sai da posição de “objeto” de estudo para ser colaborador ou interlocutor qualificado no processo de construção do conhecimento dos fenômenos humanos e sociais. O termo “interlocutor” foi escolhido para me referir aos participantes da pesquisa. A autora esclarece que as questões éticas que envolvem o trabalho de campo, relacionam-se à necessária apreensão de si mesmo na relação com o outro, isto é, a auto-reflexão e o posicionamento sobre a alteridade. Tal questão figura-se central às diversas metodologias nas pesquisas participantes.

Neste caso, compreende que,

É efeito dos movimentos de afastamento e aproximação do outro e de si mesmo. A compreensão é, ainda, construída no vai-e-vem de representações ou de modos de viver, sentir e pensar o outro e a si mesmo no encontro: o conhecimento que resulta do encontro é, por isso, produto de posicionamentos e maneiras de se conduzir, envolvendo a atividade crítica do pesquisador e do outro. (Ibidem, p.396)

Neste encontro entre pesquisador e o outro, a importante frase do antropólogo Clifford Geertz (1989) é aqui mencionada: “os antropólogos não estudam *as* aldeias, eles estudam *nas* aldeias.” Esta observação trata da construção metodológica de fazer pesquisa *com* os surdos e não *dos* surdos. Não é falar *sobre* os “nativos”, mas falar *com* eles, pois assim, podemos compartilhar processos psicológicos, sociais e culturais na convivência com os outros e com o mundo. Nessa negociação entre pesquisador e interlocutor vamos construindo o conhecimento coletivamente, pois o interlocutor é um ser ativo do processo que contribui com outros argumentos e saberes.

Construir, refletir e compartilhar experiências com as pessoas surdas levou-me a pensar que já estou inserida no campo há quatorze anos. Esta reflexão foi levantada em

uma das aulas ministradas pela Profa. Dr^a. Leny Sato e Profa. Dr^a. Marilene Proença, na disciplina “O trabalho de campo na pesquisa qualitativa em psicologia”, através da indicação de diversificadas leituras e debates acalorados em sala de aula.

Em seu artigo sobre a pesquisa de campo na psicologia social, Peter Kevin Spink (2003) diz que o campo entendido como campo-tema não é um lugar específico e distante, onde fazemos apenas nossas observações. É lugar de constante negociação e compreensão da construção de sentido da vida de pessoas, grupos ou comunidades. O campo “é o argumento no qual estamos inseridos; argumento este que têm múltiplas faces e materialidades, que acontecem em muitos lugares diferentes.” (SPINK, 2003, p. 28). Certamente a vivência com os surdos não iniciou a partir deste estudo, pois já convivemos e trocamos experiências há algum tempo. Esta consciência trouxe à tona a prática do trabalho desenvolvido e atualizado para os dias de hoje. Como?

Criando ou reinventando novas cenas vividas por nós e neste momento, por outros atores sociais. Trouxe então, não somente as tradicionais entrevistas pensadas à luz das Ciências Humanas e Sociais, mas também as observações e participações experimentadas no campo, pelo viés das práticas culturais que fazem sentido aos surdos e todo o aparato da experiência pessoal, que deram aqui abertura para outras possibilidades de expressão. São ideias que vão além das palavras, que vão além dos sinais. É a linguagem do corpo, das performances corporais, da poesia, das artes visuais, do movimento, do gesto, do teatro, das fotografias, do silêncio e do som! As imagens vieram testemunhar a experiência vivida e sentida por nós.

Lugares, eventos, pessoas, rostos, artefatos, documentos, impressões, recortes, anotações, lembranças, fotos e sons em partes e em pedaços (muitos pedaços); um confronto de saberes uma negociação de sentidos numa busca de ampliar possibilidades de transformar práticas. (Ibidem, p. 37)

Após o exame de qualificação, algumas questões mudaram de lugar e de direção, como por exemplo, o título e a pergunta norteadora do trabalho. A pergunta que antes se referia às questões concernentes à surdez, à identidade, ao oralismo e à transmissão cultural da família ouvinte, abriu, expandiu e explorou outros campos da experiência e da linguagem humana. Os requisitos de escolha dos convidados agora ampliados, fizeram-me chegar ao Junior, um jovem cheio de entusiasmo para apresentar arte e poesia transmitidas com o corpo. As mudanças também surgiram em mim, fazendo-me

mudar de posição, para sentir, escutar e compreender o que as pessoas tinham para falar, através de seus marcadores corporais, culturais, artísticos e sociais.

Pelos novos trânsitos culturais e sociais, o reencontro com outras pessoas ocorreu de forma espontânea. A circulação nos diversos espaços da cidade permitiram-me conhecer mundos diversos, ecléticos e irreverentes. As pessoas convidadas não eram necessariamente por mim conhecidas, mas a partir da FENEIS e dos eventos culturais, uma rede de contatos foi ocorrendo naturalmente.

Dei-me conta que precisava de um “diário de bordo”²³, que não poderia mais sair de casa sem uma caderneta de anotações, instrumento indispensável para descrever as minhas e as nossas observações participantes das cenas culturais vivenciadas coletivamente.

Esse modo de pesquisar onde procuro descrever um tipo de trabalho realizado fora dos laboratórios, em que busco lugares de encontro, possibilidades de diálogo na própria vida cotidiana, diz respeito às práticas das ciências sociais e humanas, nos campos da Psicologia Social, Antropologia e Sociologia. Em seu artigo sobre a pesquisa de campo na Psicologia Social, Spink (2003) corrobora as ideias deste fazer, considerando que,

[...] investigar é uma forma de relatar o mundo e a pesquisa social é tanto um produto social para relatar quanto um produtor de relatos; uma maneira de contar – e produzir - o mundo. A pesquisa nasce da curiosidade e da experiência tomados como processos sociais e intersubjetivos de fazer uma experiência ou refletir sobre uma experiência. [...] (p. 26)

Portanto, a ideia de trazer variadas “vozes”, de apresentar outros argumentos, posições e versões, na composição de várias cenas, é para estimular que os conhecimentos e os saberes aqui visualizados possam conectar-se a outras ideias dentro do processo de coletização, bem como esclareceu o autor em seu texto.

1.4 Experiências narradas

²³ Os registros no diário de campo foram feitos assim que chegava em casa aproveitando a experiência das memórias ainda efervescentes. A participação em alguns eventos e vivências em grupo propiciou a possibilidade de anotações feitas *in loco*.

As narrativas foram usadas como ferramenta para a construção da experiência de vida e das práticas sociais dos interlocutores em seus diferentes contextos, bem como, para desenhar e arquitetar as vivências, nesta instigante tarefa de observar e participar, “próximos” e “distantes” das experiências construídas por nós.

Para Benjamin (1985), pelo ato de narrar temos a possibilidade de intercambiar experiências. A experiência que se transmite de uma pessoa para a outra é a fonte a que buscam os narradores. O narrador extrai da experiência o que ele conta: “sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as histórias narradas à experiência dos seus ouvintes.” (p.201)

Quanto mais o ouvinte se distancia de si mais profundamente ele absorverá o que foi transmitido. Adquire naturalmente o dom de narrar pela escuta e entrega o que faz, ao entrar em cada uma das histórias.

O autor considera que a narrativa é de certo modo uma forma artesanal de comunicação, imprimindo assim a marca do narrador. Desta forma, podemos narrar uma experiência, compartilhar o vivido e incorporar um saber a respeito da existência humana.

Quem vive suas experiências tem muito para contar. Hélio, Emília, M.M., Wilson e Coyote narraram suas vivências familiares, escolares, profissionais, sociais e humanas imprimindo suas marcas pessoais aqui compartilhadas. Eles puderam sinalizar suas passagens, porque já “viram” ou “ouviram” outras histórias contadas por outros narradores, de diferentes gerações.

O psicanalista Gilberto Safra (2006) é outro importante interlocutor para aqui intercambiar a experiência de seus escritos. O autor ressalta que,

Narrar é compartilhar uma experiência e ofertar um saber tácito sobre o viver humano. O narrar é presentificar sabedoria. Sabedoria nada tem a ver com erudição mas com o fato de que alguém passou por inúmeras experiências – alegres, tristes, de dores ou de júbilo – e que encarna um saber a respeito da existência humana. O narrar apresenta um saber que é ao mesmo tempo pessoal e transgeracional. A sabedoria atravessa gerações, pelas experiências narradas pela humanidade e é, portanto, verdade ancestral. (p. 29)

Pensar nas narrativas como processo de construção da história, do tempo vivido, visto ou ouvido, nos leva a falar da presença da memória como marcante característica. A relação estabelecida entre o narrador e o ouvinte “é dominada pelo interesse em conservar o que foi narrado.” (BENJAMIN, 1985, p. 210) A memória propicia a

elaboração, manutenção ou a transformação das coisas do passado, do presente e do futuro, sobre as experiências do próprio narrador ou da coletividade à qual pertence.

A trajetória pessoal e profissional por mim narrada a partir do lugar de pesquisadora e psicóloga, resgatou memórias dos fatos e emoções vividas no universo da surdez há mais de uma década. Somadas às minhas lembranças, estão a dos interlocutores que as resgataram pela genuinidade de seus corpos/vozes e assim puderam narrar suas existências humanas, seguindo certa cronologia dos fatos.

Conforme Safra (2006), o narrar contempla as facetas do existir humano: a origem, o caminho e o fim, e presentifica o nascer, o acontecer e o morrer.

Quando alguém começa a relatar uma história, nós já pressentimos o seu fim. É tão importante começar a história, para que se compartilhe um saber, quanto é importante saber que o seu fim chegará. Desse modo, a narrativa guarda íntima relação com o ciclo de vida humano e, de certa forma, presentifica a experiência que acontece na corporeidade: a processualidade. [...] (p. 30)

E assim, a experiência de narrar a vida humana ocorre por uma singular coordenação. Para Benjamin (1985), narrar a experiência vivida não é produto exclusivo da voz, mas o registro marcado corporalmente pela “alma”, pelas “mãos”, e pelos “olhos”. “A antiga coordenação da alma, do olhar e da mão, [...] é típica do artesão, e é ela que encontramos sempre, onde quer que a arte de narrar seja praticada”, questionando “se a relação entre o narrador e sua matéria – a vida humana – não seria ela própria uma relação artesanal.” [...] O narrador interage constantemente não apenas com a sua experiência, mas com a do outro e “assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer. Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é conta-la *inteira*. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida.” (BENJAMIN, 1985, p. 220-221)

As emocionantes histórias registradas pelo olhar, pelas expressões faciais e os movimentos corporais contaram com a sensível e poética narrativa de Coyote, M.M, Emília, Hélio e Wilson. Seus corpos/vozes mostraram um jeito sensível e particular de ser e estar no mundo. Os registros visuais não serão publicados, mas certamente ficarão gravados na minha memória. Cada gesto, emoção, tom e saber foram simbolicamente afirmados. A voz não é a única possibilidade de registrar a experiência vivida, bem como colocou Benjamin, e aqui neste estudo sentimos profundamente esta afirmativa.

A LIBRAS, língua constituída no corpo, abre a possibilidade das pessoas surdas poetizarem com as “mãos”, “olhos”, “almas” e como artesãos, os interlocutores teceram

harmoniosamente seus saberes sobre a vida, sua historicidade e seus modos particulares de participação no mundo.

Capítulo 2

INTERLOCUTORES DO ESTUDO: NOSSOS ENCONTROS, REENCONTROS, NEGOCIAÇÕES E OUTRAS CONVERSAS

Quadro 1

Hélio é um jovem de 31 anos, solteiro, de descendência japonesa, natural da cidade de São Paulo. Formado em Belas Artes, atualmente é professor de LIBRAS. É filho único. Comunica-se em LIBRAS. Mora no bairro da Saúde, região sul de São Paulo. É uma pessoa sensível e reflexiva que revela suas emoções com sensibilidade e poesia.

Em abril de 2013 deparei-me pela primeira vez com Hélio. Ele era o mais novo professor de LIBRAS da FENEIS. Pedi ajuda para transcrever algumas frases do português para a estrutura gramatical da Língua de Sinais, pois me comprometi a ajudar um amigo que fazia Mestrado no Departamento de Física da USP e estudava o ensino de Física para surdos. Rapidamente Hélio ajudou-me a concluir a tarefa e iniciamos uma conversa. Até hoje nos ajudamos reciprocamente no ensino/aprendizado da LIBRAS e do Português. A partir desse dia fomos nos vendo com mais frequência na própria FENEIS, até que convidei-o a participar da pesquisa e ele aceitou. Expliquei que a conversa seria com os filhos surdos de pais ouvintes, para entender como ocorre a interação com a família, momento onde a tradição oral era usada para comunicar e a escola também ensinava pelo método oral. E hoje em dia como vem acontecendo o seu contato com a comunidade surda, a Língua de Sinais e a sociedade de modo geral. Entrecruzamento cultural entre surdos e ouvintes. É possível? Como fazer?

Enquanto sinalizava, Hélio revelava pela expressão facial variadas emoções de dúvidas e conflitos vividos pelas experiências consigo e com o outro.

Hélio foi o primeiro interlocutor deste estudo. A primeira entrevista ocorreu no dia 21 de abril de 2013, com duração de 1h 30min. O local por ele sugerido foi o consultório. Para agradecer sua disponibilidade para a conversa realizada numa bela manhã de domingo, tomamos café na padaria, bem ao modo paulistano.

A conversa ocorreu com tranquilidade, mas sentimos certo cansaço no fim. Ao sairmos de lá, fomos até a ReaTech (Feira Internacional de Reabilitação, Inclusão, Tecnologia, Acessibilidade e Paradesporto) que estava acontecendo na cidade, no Centro de Exposições Imigrantes) onde Hélio ficou.

No dia 30 de outubro, fechamos o local que realizaríamos a nossa segunda conversa. Hélio escolheu a sede da FENEIS. Na semana seguinte, dia 06 de novembro gravamos a conversa, com duração de 2h 30 min.

Foi uma tarde chuvosa e bastante fria, completamente atípica para o mês de novembro. Direcionamo-nos para a sala onde ele costuma estudar e organizar o material das aulas. Ajudou-me a colocar no tripé da FENEIS na minha velha e companheira câmera de guerra. Enquanto ajustava o foco da mesma, Hélio fazia caretas de forma descontraída e divertida.

Nesta segunda conversa, deixei-o à vontade para transitar e narrar assuntos de seu interesse. Como na primeira conversa focamos nas questões da língua, da surdez, da família e do trabalho, neste segundo momento a ideia foi trazer as reflexões de um Hélio que busca se conhecer e compreender seu processo de vida.

Depois da conversa fomos para a cozinha tomar café. Momento relaxante para ambas as partes. Sempre grata pela abertura e confiança deste interlocutor que se tornou um amigo querido.

Passado o momento das gravações, estreitamos nossa relação de amizade, compartilhando reflexões da vida, do trabalho e da forma particular que cada um de nós apreende o mundo. Acompanhei-o em alguns lugares públicos, como por exemplo, um centro religioso para interpretar em LIBRAS, conforme suas necessidades de comunicação. Perguntei se ele queria enfrentar o desafio de transcrever/traduzir a segunda entrevista. Aceitou, levando para casa as imagens gravadas. Após alguns meses, Hélio devolveu-me a entrevista transcrita e solicitou que revisasse a escrita. Comentou que não teve dificuldades para tal tarefa. *“Eu olhava para a minha sinalização e digitava”*, explicou.

Quadro 2

M.M. é um rapaz de 34 anos, casado, natural da cidade de São Paulo. Formado em Letras/Libras, atualmente é bancário e professor universitário. Mora no bairro de Itaquera, região leste de São Paulo. Comunica-se oralmente ou pela LIBRAS.

Nosso primeiro contato ocorreu no dia 29 de abril de 2013. Fiz o convite para M.M. participar da pesquisa via e-mail. O acesso por este canal de comunicação facilitou o agendamento da data, horário e local da entrevista onde escolhemos a própria sede da FENEIS para a realização da mesma. Conhecemo-nos na instituição há quatro anos, porém nunca tivemos a oportunidade de conversar anteriormente. M.M. é querido na comunidade surda e admirado pelo seu trabalho de professor de LIBRAS. Joana, uma das colaboradoras da FENEIS, foi a pessoa que nos apresentou.

A primeira entrevista, portanto, ocorreu no dia 03 de maio, com duração de 2h.

Minutos antes de começarmos a conversa retomei os objetivos da pesquisa, as questões referentes aos sujeitos surdos e suas famílias ouvintes, o entrecruzamento cultural entre eles, a construção das diversas identidades, a tradição oral como forma de comunicar e receber informações da família, a caminhada profissional, enfim, alguns tópicos explicitados pessoalmente com M.M. Retirei-me da FENEIS para resolver questões pessoais e no retorno, o clique da máquina foi dado.

M.M. foi prestativo e atencioso durante a entrevista, imprimindo desta forma seu jeito de ser e pertencer no mundo. Sua fala foi sobre a convivência e a importância da família em sua vida, os conflitos de sua identidade surda, a interação social com surdos e ouvintes e a superação pessoal para vencer os obstáculos que ele mesmo lhe impôs.

No dia do evento do I Encontro de Artes e Culturas Surdas, encontramos-nos na plateia. Mais tarde, naquela mesma tarde, conversamos com calma no II Sarau Surdo entre um amendoim e outro, diverti-me com o bom humor do rapaz. Cansado de suas diversas atividades profissionais que tomam seu tempo em período integral, ou melhor, em uma tripla jornada, M.M. colocou-se à disposição para mais uma conversa. Comentei sobre a possibilidade de levar fotos, imagens ou recortes de jornal com o intuito de narrar e materializar as atividades e suas experiências de vida. Marcamos a segunda conversa para o fim de semana do dia 02 de

novembro, feriado nacional. Desta vez, ele escolheu o consultório como local para nossa interação.

A segunda entrevista durou cerca de 1h 50min. Contou com o mesmo objetivo da segunda entrevista de Hélio. Esta conversa esteve além do propósito de devolver o texto da primeira entrevista, mas abrir para outros registros que poderiam ser por nós estabelecido.

No sábado, fomos nos comunicando por SMS. A partir do metrô Santa Cruz nos deslocamos para o consultório. M.M. estava em uma atividade na igreja desde o período da manhã. Comentou que os amigos não queriam que ele fosse embora, pois estavam matando as saudades e atualizando o bate-papo. Quando arranquei o carro, ele tentou sinalizar algo, mas a habilidade para dirigir e comunicar em LIBRAS ainda não está tão bem desenvolvida por mim. (*risos*) Apenas no semáforo é que nós conseguimos conversar melhor, apesar de M.M. ter uma ótima oralidade. Mas para ele compreender-me precisava ter acesso ao meu rosto. São detalhes que nós ouvintes não nos damos conta pois, conversamos, dirigimos, trocamos ideias com as pessoas, tudo ao mesmo tempo, de forma automática. Bem como, dirigir e sinalizar com a pessoa que está sentada no banco do passageiro apropriando-se das habilidades de lateralidade visual ou olhar pelo espelho retrovisor e conversar com quem está sentado no banco de trás, para os surdos. Aspectos diferentes dentro das especificidades de cada um de nós.

No consultório, M.M. trouxe fotos suas. Fez alguns comentários sobre elas, as quais colocaremos no trabalho. São referentes ao Campeonato Nacional de Futebol da Associação dos Surdos de São Paulo. Às 19h30min iniciamos a conversa. Sobre a primeira entrevista, M.M. nada quis acrescentar ou alterar algo do texto. Considerou bom o conteúdo, mas achou necessário melhorar a forma, a estrutura da escrita. Concordei e ficamos de combinar tal revisão.

Após a conversa, agradei profundamente sua participação. De volta ao metrô, o relógio marcava quase 22h. Despedimo-nos e seguimos o rumo de nossas casas.

Quadro 3

Coyote é um homem de 52 anos, casado, tem um filho e é natural da cidade de São Paulo. Formado em Matemática e Letras/Libras, atualmente é professor universitário. Mora no bairro da Vila Prudente, região leste de São Paulo. Comunica-se tanto no uso da fala, como dos sinais, ou na combinação das duas línguas. Usa cada uma delas de acordo com a sua necessidade, dependendo de quem é o seu interlocutor.

Coyote é um amigo de longa data. Assim que cheguei a São Paulo em 2004 inscrevi-me no Curso Avançado em LIBRAS, na FENEIS. Ele era o professor. Após algumas semanas de aula, ausentei-me da cidade para tratar da pesquisa do Mestrado. A amizade ficou e ao longo dos anos fomos nos encontrando nos eventos culturais ligados à surdez.

O interlocutor apresenta uma didática própria e desenvoltura teatral na arte de ensinar a Língua de Sinais. Ensina brincando, pois para Coyote a língua visual faz parte de quem ele é. Pelas lutas sociais, políticas e educacionais na área da surdez é uma referência de militante atuante na comunidade surda.

O convite foi feito por e-mail. Ele foi o terceiro interlocutor a aceitar com prontidão o convite para o diálogo. Coyote convidou-me para ir à sua casa.

Nossa conversa ocorreu no dia 25 de agosto de 2013, com duração de 2h 30min. Era um domingo de céu azul. Cheguei à sua casa às 9h da manhã conforme combinado. Coyote estava no quintal esperando-me, pois não tinha o número do seu celular para comunicar sobre a minha chegada. Após um abraço carinhoso e acolhedor, gentilmente mostrou-me sua casa que estava em reforma. Mostrou o que estava fazendo com suas próprias mãos. É habilidoso, ativo e perspicaz. Além de entender de elétrica é uma pessoa arrojada. Mãos à obra é com ele mesmo! O pedreiro chegou e Coyote fez algumas reclamações de serviços que não foram finalizados. Em meio à sua reforma e movimentação profissional, gentilmente cedeu a entrevista. Fomos para a cozinha que é bem espaçosa e nos acomodamos ao redor da mesa. Coyote é simples no jeito de ser. Não tem frescura! Foi nesse clima descontraído que iniciamos nossa conversa.

Pedi que contasse sobre sua vida. Coyote iniciou e conduziu a entrevista a seu modo. É um líder nato e carismático na comunidade. Extremamente expressivo, nossa conversa parecia uma peça de teatro, onde foi o ator principal. Ele se denomina humorista e encarna os

personagens que fazem parte do seu dia-a-dia como se fosse o outro. Desloca-se de um lugar para outro com facilidade e fluidez, colocando-me em dúvida de quem falava e de que tratava. Seu corpo é seu instrumento de interpretação dos fatos e das emoções vividas, verdadeiro caricato dele mesmo, dos ouvintes e das situações ao seu redor. Seu ritmo é rápido para pensar e sinalizar. Foi a entrevista mais demorada para ser transcrita/traduzida, ou melhor, foi uma interpretação difícil de realizar, devido o seu lado artístico, que é irreverente, debochado e escrachado.

Coyote foi solidário, como um amigo que percebendo a dificuldade do outro, ajuda e estende a mão. Repetia às vezes o que estava falando para que pudesse entender melhor. A troca entre nós foi construtiva. Ele também fazia perguntas. Por vezes, as respondia. Por outras, queria saber a minha opinião ou estava apenas se autoquestionando. Interagimos, rimos e trocamos ideias juntos. No final da conversa, com a filmadora desligada, ele indicou um casal de amigos para participar da conversa. Mas, *a posteriori*, contou-me que o casal não aceitou.

Passado alguns meses, devolvi a entrevista para Coyote por e-mail e após ter lido, respondeu-me: *“fico admirado que você escreve de português que é igual dos surdos. A sua orientação vai aceitar o seu texto de português com estrutura diferente?”*

Alessandra: *O que devemos fazer? Eu ou tu ou juntos arrumaremos o texto?*

Coyote: *“É melhor você escreve de seu português original, pois você não é surda de origem.”*

Alessandra: *“Ok, mas considero bacana manter seu sotaque.”*

Coyote: *“Entendi. Então, seria bom você corrigir o português correto e não faça a estrutura diferente porque a sua orientadora não vai entender.”*

Alessandra: *“Sua opinião é muito importante, por isso retornei o texto a ti. Você quer que eu corrija o português?”*

Coyote: *“Eu não me importo. Se você gostou pode deixar.”*

Naquele mesmo dia sinalizamos virtualmente pelo computador e ele reiterou a necessidade de reestruturar o texto no português *original* para uma melhor compreensão dos futuros leitores. Desconsiderou uma segunda conversa, pois achou satisfatório o que foi dito.

Quadro 4

Wilson é um homem de 70 anos, casado, pai de quatro filhos. É natural da cidade de São Paulo. Atualmente exerce a atividade de artesão e também ajuda na educação e criação dos seus netos. Reside no bairro da Vila das Mercês, região sul de São Paulo. Comunica-se em LIBRAS, transmitindo tranquilidade no modo de ser. Com carinho, apresento o Wilson e a arte elaborada com as suas “mãos”, “olhos” e o “coração”.

No dia 12 de outubro de 2013, fomos a um evento em uma Escola Especial para Surdos da cidade de São Paulo, que tratou de diversas palestras sobre a Cultura Surda. Era uma manhã de primavera com um calor agradável. Mesmo sendo feriado, o auditório da escola estava lotadíssimo. Muitas pessoas ficaram em pé, encostadas nas paredes, pois não tinham mais cadeiras para acomodarem-se. Foi uma delícia rever os amigos, os profissionais da área da educação e saúde, bem como os intérpretes e a comunidade surda. Neste evento reencontrei um querido amigo. Sua participação no evento tocou-me profundamente. Era ele, Wilson! Nosso reencontro foi marcado com imenso carinho e respeito, e perguntei se ele estaria disposto a conversar comigo. Mencionei sobre a pesquisa, frisando que a sua experiência única e singular enriqueceria o trabalho. Wilson aceitou de coração aberto!

Conheci Wilson pelas andanças no universo surdo. Ele realiza uma arte própria e exclusiva que é artesanal e manual, fruto da sua engenhosa habilidade pessoal. Wilson resgatou a prática de artesanato apreendida durante a sua permanência no INES, no período da juventude. Mesclou a técnica com criatividade e inovação, inventando um trabalho diferente. Trabalhando na madeira, esculpe “mãozinhas”, dando forma visual ao nome das pessoas em LIBRAS. Utilizou-se da soletração manual ou *datilologia* para tal feito.

Imagens 3 e 4: arquivo pessoal da pesquisadora, 2013.

Exemplos das peças confeccionadas por Wilson.

A entrevista ocorreu no dia 20 de novembro de 2013, com duração de 2h. Como ele mesmo diz que não é adepto às tecnologias, por meio de e-mails enviados para sua esposa Vera, ela fez a ponte para nossas comunicações. Após algumas mensagens, conseguimos fechar o local e horário da nossa conversa.

Assim que nos cruzamos na recepção da FENEIS, Wilson convidou-me para ir à sua casa ver as fotos da sua trajetória pessoal e profissional. *“É muita coisa, melhor você ir à minha casa e assim conhecerá meu ateliê onde produzo as peças de madeira”*, sinalizou-o. Aceitei o convite com alegria e disposição.

Agradei a vinda do Wilson até a FENEIS e sua participação na construção do estudo. Deixei-o à vontade para contar do seu jeito o que lhe viesse à mente e ao coração, sobre suas passagens pelo INES, contato com a família e sua trajetória de lutas e conquistas pessoais.

Wilson é um legítimo falante nativo da LIBRAS. O fluxo e o ritmo de sua narrativa foram tranquilos e pausados, como quem não tem pressa para se expressar. Sua comunicação é “limpa”, “calma”, “clara”, “simples” e parece não contar com a presença de gírias e repetições, nem resquícios dos vícios da linguagem, seja ela, falada ou sinalizada. Apresentou-se primeiro fazendo seu sinal próprio e depois soletrou seu nome no espaço, afirmando de forma tranquila sua identidade surda, sem, contudo, impor nada a ninguém sobre o modo como se coloca no mundo. Foi a única entrevista totalmente visual. O silêncio parecia ser apenas externo, pois podia sentir o burilar da mente de Wilson que trazia suas lembranças e memórias para nossa cena atual. Sua fala fez eco, uma ressonância nas minhas próprias sensações diante da sua presença. Entrei tão naturalmente em seu mundo, que esqueci que estava fora da cena gravada, dando passagem somente a linguagem não-verbal do meu corpo. Inicialmente articulei algumas palavras em português, sem produzir som, por isso foi preciso usar da minha sensibilidade para resgatar algumas trocas comunicativas entre nós. Nosso silêncio foi invadido pelos sons da natureza marcada pelos fortes trovões de uma tarde de chuva na cidade.

Conforme combinado, na tarde do dia 02 de dezembro de 2013 fui à casa de Wilson. Quando cheguei, fui bem recebida por ele e pela família. Wilson foi buscar no seu ateliê algumas fotos já selecionadas, confiando-me levá-las para casa e devolver após registrá-las no estudo. Foi

uma tarde muito agradável. Fiquei muito grata por sua generosidade. Conheci seu ateliê, espaço onde ele cria e exerce o ofício de artesão. Ali se encontram guardadas as peças, encomendas dos mais variados desenhos. Fizemos um registro de vídeo onde ele apresenta seu espaço de criação. Creio que guardaremos este material com muito apreço, pois não será apresentado no estudo. Pelo olhar de Wilson senti profunda satisfação que ele tem ao realizar um trabalho tão particular e singular como é. Escrevendo essas ideias peguei-me refletindo se na atual “Era da Tecnologia”, as novas gerações em seu entorno, possuem o desejo de aprender a arte e o ofício artesanal do avô. Ficou a questão!

Em março de 2014, enviei para o e-mail de sua esposa o texto da nossa conversa. Em resposta, Vera sugeriu-me corrigir o texto caso ocorressem erros de português. Juntos, eles organizaram algumas ideias um pouco confusas por mim estruturadas, porém não quiseram mexer no conteúdo narrado. Surgiu uma fala muito pertinente de Vera. “*A comunicação sua e de Wilson estavam truncadas em algumas partes da entrevista.*” Ela orienta o marido de que quando ele conversa com uma pessoa ouvinte, deve perceber pelas expressões faciais se a pessoa está compreendendo ou não o que ele quer dizer. Na verdade, em alguns trechos de maior complexidade linguística de entendimento para mim, a ideia era não cortar o fluxo dos seus pensamentos, para que pudesse ser embalado em ritmo próprio, na busca de memórias e lembranças remotas. Como estratégia, busquei, *a posteriori*, a confirmação de algumas informações prestadas por Wilson. Em contrapartida, foi uma entrevista razoavelmente tranquila para ser traduzida em palavras.

Em outubro do mesmo ano, fui à sua casa devolver as fotos e também tratamos das questões éticas que envolveram sua participação na pesquisa.

Quadro 5

Emília é uma mulher de 57 anos, casada, mãe de três filhas, natural da cidade de São Paulo. Formada em Letras/Libras, atualmente é professora universitária e Presidente da Associação de Professores Surdos de São Paulo. Reside no bairro Ermelino Matarazzo, região leste da cidade. Comunica-se tanto no uso da fala, como dos sinais, ou na combinação das duas línguas. Usa cada uma delas de acordo com a sua necessidade, dependendo quem for o seu interlocutor.

Não conhecia Emília pessoalmente mas já tinha ouvido falar dela. Joana, colaboradora da FENEIS, foi a pessoa que a indicou a participar da pesquisa, afirmando ser uma mulher guerreira e de muita coragem! Por um lado, há pessoas que admiram suas opiniões contundentes. Por outro, há os que não concordam com seus pontos de vista contrastantes. Demonstra sua autenticidade de forma franca e aberta. Desejei conhecer Emília pessoalmente para ter o privilégio de ouvir e sentir o que ela tinha a transmitir. Suas ideias parecem controversas perante a comunidade surda, porém, repletas de sentido para si.

Em setembro de 2013, nos conhecemos em um evento chamado “Roda de Conversa”, realizado em uma Escola Especial de Surdos na cidade de São Paulo. A partir daí, passamos a nos comunicar por e-mail, no período de setembro a novembro do mesmo ano. Neste tempo, ela estava entrevistando alguns interlocutores para a sua dissertação de Mestrado. Devido a correria pessoal, decidimos deixar a conversa para o ano seguinte. E assim foi.

Conforme sua sugestão, no dia 23 de janeiro de 2014, fomos à faculdade que trabalha. A entrevista durou 2h 30 min. Emília estava às voltas com a sua pesquisa e mesmo assim, generosamente abriu espaço em sua agenda para que pudéssemos dialogar. Senti que ela deu voz à algumas inquietações e percepções minhas.

Em meados de março devolvi a entrevista por e-mail. Devido à defesa do Mestrado, ela pediu para ler no mês de julho. Assim que o fez, fizemos as devidas negociações de sua participação no estudo. Escreveu ela por e-mail: *“Nossa! Não percebi que tinha falado tanto!”*

Capítulo 3

O TEMPO FOI PASSANDO... FUI CRESCENDO...

3.1 Hélio: “Eu aceito a identidade surda. Eu nasci surdo.”

No quadro 6 destacarei a história pessoal de Hélio, considerando certa cronologia dos fatos que narram trechos sobre a surdez, o percurso escolar, profissional e familiar, bem como, seus gostos e desejos pessoais.

Quadro 6: História Pessoal

Comecei na escola com cinco anos. Frequentei a escola de ouvintes em Cuiabá - MT, no grupo com crianças ouvintes. Sentia medo porque eu era diferente. Não sinalizava, nem oralizava, eu silêncio! Eu estava junto com minha mãe e chorava muito. Ela queria se separar de mim e foi embora da escola. Eu fiquei sozinho, professora me pegou e eu fui junto com as outras crianças ouvintes. Eu vi o grupo, mas não entendia nada, não conhecia as crianças. Eu sentia muito medo, eu ficava sozinho, separado das crianças. Porque eu nunca vi pessoa diferente, com cabelo loiro, pele branca, pele negra. Eu era japonês diferente. Nossa! Estranho! Eu sentia medo e chorava muito. A professora começou a ensinar como aprender. Eu não aprendia nada. Só brincava de carrinho. A professora sentia medo de como estimular surdo. Difícil! Minha mãe procurou escola especial para surdos, mas não tinha em Cuiabá. Todos eram ouvintes só eu surdo. Eu não sabia o significado de nada. Professora era difícil para explicar. A professora explicava para as crianças ouvintes e elas se desenvolviam bem. Eu não! Difícil! Comecei a crescer, sempre com muito medo, brincava sempre, não aprendia nada. Professora procurou um livro com o nome “Linguagem de Mãos”, dentro da igreja que ensinava LIBRAS. Ela deu para mim. Eu li bastante e comecei entender. Eu comecei a sinalizar com dez anos. Professora via e achava estranho eu sinalizava bastante e ela não entendia. A professora pensava que eu era louco. Depois eu chegava em casa e fazia sinais, e minha mãe falava “o que é isso”? Pensava que eu era louco. Ela não entendia nada.

Com quatorze anos mais ou menos eu vim de Cuiabá para São Paulo. Comecei a estudar na escola Sol. Eu pensava que a Sol fosse igual à Cuiabá, estava com medo de sofrer de novo como no grupo de ouvintes.

Comecei no 1º até 4º ano na escola para ouvintes, em Cuiabá. Parei, depois fui para a Sol. Comecei de novo, 2º, 3º e 4º ano e parei. Porque a Sol queria que eu estudasse o 4º ano de novo. Nesta escola tinha aula sempre oral. Eu não gostava. Eu queria bimodalismo, que é sinais junto com oral. Lá na Escola Lua começaram os sinais, foi melhor. Eu mudei para a Lua e estudei o 5º, 6º, 7º, 8º. Depois, eu estava cansado, não queria estudar com ouvinte, 1º colegial, 2º colegial, 3º colegial, porque antes não tinha intérprete. Difícil! Eu pedi para a diretora da Lua, para criar 1º, 2º, 3º colegial especial para surdos... Ela parou e pensou.... e criou o colegial. Eu estudei de novo até o 3º colegial. Fiz formatura e acabou. Começou a faculdade. A primeira faculdade que eu entrei foi para o curso de Computação. Minha mãe que escolheu para mim, pois acreditava que eu devia trabalhar no banco no futuro. Eu falei que não gostava matemática.

Na faculdade não tinha comunicação. Eu não entendia nada porque o professor falava rápido. Sistemas de Computação, eu não gostava. Um, dois, três meses e larguei. Minha mãe ficou triste. Eu pensei em qual curso escolher. Fiz uma Teste Vocacional e escolhi Artes. Eu tive a influência da minha mãe que quando era jovem também pintava e aprendi com ela. Eu vi muitas fotografias de suas pinturas. Eu amei! Legal! Artes eu gostei, fui até o fim dos 4 anos e fiz formatura. No TCC, difícil! O intérprete e o professor eram complicados. Conversar e interagir era difícil. Eu avisei que eu escrevia diferente, que LIBRAS era diferente. Mas precisava escrever português certo.

Comecei a trabalhar, procurei trabalho e enviei currículo na escola Sol. Eu esperei chamar, mas nada... Fiquei triste! Um dia, um amigo surdo me convidou para conhecer a FENEIS. Eu perguntei se tinha curso de capacitação de professor. Ele respondeu: “sim”. Eu quis fazer. Estudei muito. Conseguir passar. Queria ensinar alunos. Meu primeiro trabalho foi na FENEIS, aos 18 anos. Trabalhei lá dois anos. Quando o diretor saiu eu parei e fui trabalhar em outra empresa.

A empresa Y. Eu trabalhei por cinco anos. Não trabalhei dentro da Y. Era fora, na Z. Tudo certo, assinaram contrato, carteira assinada. Tinham poucos cegos, poucos deficientes mentais e mais surdos. Eu fazia tricô, recortava papel, fazia enfeites de Natal. Trabalhava bastante, sempre fazendo a mesma coisa. Sempre fazendo tricô, costurando pano. Eu não entendia nada! O problema foi aumentando e eu sofria. Me sentia triste! Um dia o chefe mandou embora, e eu fiquei feliz! Calmo! Eu fui no sindicato. O intérprete via que faltava comunicação, interpretou para mim e conferiu que o dinheiro estava certo. Eu assinei, peguei o dinheiro e acabou!

Eu nasci no Brasil, minha mãe também, mas, eu sou mestiço. Minha mãe é pura e não mestiça. Minha mãe e minha vovó me influenciaram na cultura japonesa. Minha religião é o candomblé. Minha tradição familiar, pela minha avó e meu pai verdadeiro eram do candomblé e me puxam até hoje. Com quatorze anos eu me batizei na igreja Católica. Estava atrasado, mas como comecei a ver espíritos com essa idade, eu acabei me batizando. Para minha mãe tudo isso era bobagem, ela dizia que precisava acreditar somente em Deus. Minha mãe não acreditava em nada, nem católico e nem no candomblé. Eu estudei a bíblia e fiz a crisma. Com o tempo a igreja não me explicava sobre o fato de eu ver os espíritos e tudo mais, mas eu fiquei sabendo depois que era dom. Porque minha avó paterna era da umbanda e eu nasci com esse dom. Eu não conheci meus avós paternos porque quando eu nasci eles já tinham morrido, mas meu pai de santo disse que eles eram da umbanda. Eu perguntei se eu poderia mudar para a umbanda e ele respondeu que não, pois a umbanda não tem iniciação e no candomblé é mais rápido para abrir a cabeça. Eu aceitei e nasci de novo. Ele disse que é médium quem vê espíritos e que na igreja católica isso não acontece. Isso é confuso para mim.

Todos os dias, eu sempre sonho em morar sozinho e me esforço muito para conseguir isso. Vou esperar para ver se Deus tem um novo plano para mim com um novo significado para minha vida. *(risos)* Eu preciso mudar a minha vida para o futuro ser melhor com planejamento prévio. *(risos)*

3.2 M.M.: “Não só por mim, eu quero lutar porque eu tenho a minha identidade... Eu sou surdo, eu sou negro... Então a nossa identidade é um grande sofrimento!”

No quadro 7 destacarei a história pessoal de M.M, considerando certa cronologia dos fatos que narram trechos sobre a surdez, o percurso escolar, profissional e familiar, bem como, seus gostos e desejos pessoais.

Quadro 7: História Pessoal

Eu nasci ouvinte. Com três anos de idade eu tive perda de audição. Eu era agitado, sem perceber o que eu era: ouvinte ou surdo ou D. A. Eu não sabia de nada. Depois minha mãe descobriu que eu sou Deficiente Auditivo. Porque eu só oralizava desde que fui crescendo. Depois eu entrei em uma escola. Fiz o pré, inclusão. Dentro da família, minha mãe sempre usava comunicação igual L. M. (L-Í-N-G-U-A M-A-T-E-R-N-A). Então minha língua pegou da mãe e do pai dentro de casa. Eu comecei a usar oral: “como vai; oi; tudo bem; bom dia... vários assuntos.” Eu era teimoso, bagunceiro e aos poucos fui aprendendo a ter comportamento. Por causa da vacina S-A-R-A-M-P-O, eu perdi a audição. E com o tempo... Ouvia (*expressão negativa*) pouco. Eu comecei a perceber quando eu era pequeno... Eu assistia televisão “Sítio do Pica-Pau Amarelo” sempre longe da televisão e eu escutava. Com o tempo, eu fui perdendo e eu fui me aproximando da televisão. Meu pai comprou aparelho que vinha dos Estados Unidos.

Com o tempo eu fui crescendo mudei para outra escola. Porque na época era para eu entrar numa escola especial. Diretora não deixou porque eu morava na zona leste, Itaquera, achava que era longe de vir, ou achava que não tinha renda familiar ou achava que não tinha direito para incluir a minha deficiência. Eu procurei quatro escolas e eu não consegui. Não aceitavam. Só comecei na escola particular com idade de sete para oito. Inclusão, sempre inclusão. Estudava, comunicava, e com a família conversava normal.

Eu repeti três vezes a 3ª série. Então eu apanhava, sempre no fim do ano, eu apanhava! Mas eu aprendi. Então, eu fui passando, 8ª série, 1º, 2º, 3º colegial. Depois eu comecei faculdade. Parei, tranquei a faculdade, minha mãe pediu ajuda, de dinheiro, para a comida, eu ajudei. Primeiro a família. Depois com o tempo, eu comecei a fazer outra faculdade. A primeira foi informática, eu fiquei quatro meses e parei. A segunda era informática, rede de computador. Eu fiz um ano e tranquei no fim do ano de 2007 para 2008. Eu soube da notícia, “oh, vai ter uma faculdade gratuita.” “Qual?” “Letras/Libras.” Eu escolhi Letras/Libras e me formei. Porque eu sou o primeiro filho mais velho a concluir a faculdade. Sou o primeiro da família.

Na família éramos cinco. Pai, mãe, eu, irmão, irmã. Hoje somos quatro. Meu pai faleceu. Eu casei, ficou três. Minha esposa é surda e não temos filhos. Dentro de casa, da família, não tem preconceito com a deficiência auditiva. Eles só sentiam preocupação como comunicar comigo. Eles percebiam que era dificuldade em entender como eu falava para minha mãe e minha mãe

sempre falava para mim de frente, não falava alto, era baixo... Sempre no mesmo ritmo, no mesmo jeito.

Fui crescendo, conversando com a família dentro de casa, conversando com a família do meu pai, porque minha avó cuidou de mim. Minha avó cuidava, conversava, falava uma coisa... “olha, aqui não pode... isso aqui é bom”, entendeu? Meus primos brincavam junto, conversavam junto, eu entendia o contexto.

Lá pelos dez ou onze anos, meu pai me tirava cedo da cama para passear com ele no centro da cidade, assim aprendi a andar de metrô, ônibus e conhecer as ruas da cidade.

Comecei a trabalhar... Sempre saía nesse lugar no centro da cidade. Mas eu sempre lembrava porque a gente conhece o lugar, por onde passou na infância. Quando eu fui crescendo, comecei a trabalhar. Eu pensava, eu vou no centro da cidade que meu pai falou que esse lugar é bom. Ah, eu encontrei esse lugar! Aí ele falou palavra... É comunicação. Você consegue gravar. Você não consegue esquecer. Meu pai sempre ensinou lugar ali é bom. Então você vai conhecer diversos lugares. Meu pai sempre falava: “é bom você ir aprender sozinho e quando eu não estiver vivo, você tem que saber sozinho!” Entendeu? Aí eu comecei a aprender aquela comunicação... Porque você pegou a comunicação da Língua Materna.

Com dezenove anos comecei a trabalhar numa empresa igual ouvinte. Comunicava igual ouvinte. Dentro da fábrica eu percebia os surdos, só que eu não entendia nada. Com vinte e um anos eu conheci a FENEIS e fiz curso da Língua de Sinais.

Meu sonho é que a população de São Paulo, o Brasil inteiro tudo em Língua de Sinais. Médico Língua de sinais, motorista sabe Língua de sinais, tudo! Por quê? Para ele aprender igual. Isso faltou quebrar as barreiras. Hoje surdo sofre muito. Meu sonho era que a sociedade do Brasil unisse o negro, branco, japonês, mulato, índio. Meu sonho é que a sociedade respeite e una os negros.

Atualmente eu trabalho no Banco X, há quatro anos, e trabalho como professor de LIBRAS em quatro lugares diferentes. Eu fui ex-aluno e ex-professor da FENEIS. Hoje sempre me chamam para trabalhar lá para substituir professor. E sou atleta...

Antes, era futebol, junto com a Associação de Surdos de São Paulo (ASSP).

Imagem 5: arquivo pessoal do interlocutor M.M., 2008.

Eu comecei sócio em 2000. Eu aprendi Língua de Sinais em 97. Fui aprendendo... Conheci a comunidade surda dentro da Associação. Comecei como se fosse atleta dos surdos, mas antes eu fui jogador dos ouvintes, fui jogador profissional. Hoje jogo basquete!

Surdo fala: “você veio dos Estados Unidos?” “Porque você é alto, negro, diferente, você fala diferente.” “Não, eu nasci no Brasil”, respondo!

Sou Evangélico. Se eu não frequentar a igreja eu não me sinto bem, porque eu sinto solidão! Eu quero abrir a mente, visual diferente. Eu vou para a igreja, você vai receber a palavra de Deus, vai assistir, você vai louvar à Deus, vai encontrar a comunidade surda, você vai participar de uma peça de teatro, vai dançar, viajar, vai mostrar a apresentação dos surdos... Aí eu me sinto bem! Mas sem religião eu não me sinto bem. Então eu preciso (*signal de “seguir”*) o caminho que eu quis. Eu escolhi o caminho que eu me senti bem. Dentro da igreja ajuda! Ajuda você melhorar a sua vida.

3.3 Coyote: “Eu? Surdo! (*expressão “sei lá”*). Eu nunca percebi... Ficar pensando... “Minha identidade é surda ou ouvinte” (*expressão de “tanto faz”, “natural”, “livre”*).

No quadro 8 destacarei a história pessoal de Coyote, considerando certa cronologia dos fatos que narram trechos sobre a surdez, o percurso escolar, profissional e familiar, bem como, seus gostos e desejos pessoais.

Quadro 8: História Pessoal

Eu nasci surdo profundo. Eu tenho uma irmã também surda. Ela nasceu ouvinte e foi perdendo a audição e ficou surda. Até hoje eu nunca perguntei para minha mãe “porque eu sou surdo, porque”? Não! Minha mãe também não quer explicar sobre o passado. Fui para a escola IESP (Instituto Educacional de São Paulo). A escola foi fundada em 1954. O método era o Oralismo, na época era proibida a LIBRAS. Na época não tinha palavra “LIBRAS”, não! Era “mímica” na época. Todos os professores não aceitavam sinais (*expressão negativa*) porque era feio. Eles pensavam que prejudicava a fala. Eu! (*expressão de incompreensão*). Minha mãe me colocou junto com minha irmã. Eu tinha dois anos, minha irmã seis anos. Primário, eu fiz o pré. Fomos crescendo... Ensinavam escrever, pintura... Não eram poucas horas, era o dia inteiro. Fui crescendo, aprendendo a falar, fazer fono, escrever... Começaram os problemas, em 1966... Eu sei por que começou problema. Política. Revolução. Problema político. Época militar. Depois os professores foram expulsos porque eram contra a ditadura, foram expulsos do país.

Minha irmã escreve bem o português, lê bastante, entende melhor do que eu. Ela nunca teve problema de comunicação, porque ela fala bem, graças ao IESP que ensinou bastante oral. Eu tive um pouco de dificuldade, porque eu tinha muita preguiça de falar. Fui crescendo e indo na fono. Minha irmã não. Minha mãe arrumou escola particular “Colégio Nossa Senhora de Lourdes”, Água Rasa. Aqui perto. A maioria não aceitava. Pensavam que surdo atrapalhava, muito trabalho. Eu não! Eu nunca fui problema para os ouvintes. Eu era sapeca, bagunceiro, mas quem ensinava, eu respeitava! A freira foi bondade. Aceitou surdo! Entrei no 1º ano, em agosto. Eu tinha nove anos, estava atrasado! Passei para o 2º ano. Passei, passei... Eu sempre ficava sozinho na escola sempre. Quarenta pessoas ouvintes e um surdo. 1ºano, 2º, 3º, 4º e acabou. Meu pai não pode pagar escola particular porque era caro. Ele preferiu minha irmã. Comparou (*referindo-se a ele e a irmã*). Melhor escola particular para o futuro.

Meu pai me colocou no Estadual, na Vila Maria. Eu fui e só tinham meninos. Porque a escola era industrial na época. Agora é ETEC. Na época, o nome era “Escola Industrial”, para treinar e no futuro arrumar trabalho. Meu pai me levou, fui avaliado e aprovado. Eu era sozinho, a maioria eram ouvintes. Não tinha problema de comunicação. Fui reprovado na 5ª série. Repeti a série com o mesmo caderno, o mesmo livro. Passei para a 6ª série, e na 7ª começaram a misturar homem e mulher. Grupo misturado, que vergonha! Os homens faziam bagunça. Éramos alegres,

falávamos palavrões, tínhamos liberdade! A primeira menina apaixonada por mim era Luiza. O grupo ouvinte sempre só eu surdo!

Fui crescendo. Minha mãe era preocupada porque eu era muito agitado, elétrico. Eu comecei a ver na televisão “kung fu”. (*expressão de admiração*). Me apaixonei! Meu pai procurou e não achou. (*expressão de decepção*). Minha irmã era boa para jogar vôlei. Foi convidada a competir voleibol em Curitiba. Lá, teve campeonato de judô de surdos. (*expressão de surpresa*) Comecei a amar! Judô, campeonato... eu quero! “É em São Paulo tem muito!” Meu pai procurou Karatê. (*expressão de “não querer”*). “Nããããoooo! Antigamente era difícil, porque na época não tinha telefone. Meu pai não sabia como mais ia procurar. Achou o Tae Kwon Do, luta da Coreia. Muito feio! Não quero, quero judô!

Meu pai lembrou do clube Juventus, onde eu sou sócio remido até hoje. Não fui aceito por ser surdo, mas foi no centro da Prefeitura da Mooca que fui aceito e desenvolvi-me até a faixa preta no judô. Graduei-me em faixa preta oficial na Federação Paulista de Judô. Eu era o único surdo graduado. Bem, fui indo... Eu comecei a trabalhar com 21 anos. Meu amigo que foi passear na Europa, disse-me que teria um campeonato mundial de judô na França. Eu trabalhava... Minha mãe conversou com o diretor e ele me liberou por 15 dias. Consegui um patrocínio e eu apareci no programa do Flávio Cavalcanti, “Boa noite Brasil”. Chegou a hora, faltavam duas semanas... Passaporte pronto. Peguei o avião e fui sozinho aos 21 anos. Bem, começou o campeonato... Consegui ser campeão! Medalha de ouro.

Meu sonho alto era o que... Viajar pelo mundo. Eu vi um surdo alemão viajando de bicicleta pelo mundo. “Eu quero ir!” “Você quem sabe”, disseram meus pais. Comprei uma bicicleta “Caloi 10”. Com calma fui organizando, guardando dinheiro. Infelizmente meu pai morreu! Problema de saúde. Eu vi minha mãe sozinha, não tive coragem de abandoná-la! O tempo passou, comecei a treinar e fui para o México. (*fez sinal de “querer”, “ficar agitado”, “empolgado”*). Lá ganhei duas vezes campeão do mundo! Bi, com 26 anos. E eu aproveitei para ir aos Estados Unidos, porque tinha Olimpíadas sempre de 4 em 4 anos. Conheci Los Angeles.

Meu pai morreu, depois fiquei desempregado.

Na época era difícil encontrar trabalho para surdo. Eu pensei... Conheço uma menina que mora em Curitiba, ela estudou comigo no primário. “Tem trabalho meu pai ajuda”, disse ela. Mudei para Curitiba. Morei sozinho quatro anos. Família ficou aqui e eu fui sozinho para lá. Não deu certo, porque ela pensava em casamento e eu não. Eu gostava de aventura, liberdade!

Bom, comecei a lutar... Me desenvolver... Eu entrei na faculdade, aqui em São Paulo. Na época eu gostava agora não gosto mais de matemática. Eu pensei... Eu quero ser professor de matemática para surdos. Sorte minha fui bem nas provas, no TCC tive nota dez. Agradeço ao Bernardo que me ajudou a corrigir o português, eu pensava e arrumava. O tema era: “Ensino de matemática para Surdos.” Entreguei o material, fui aprovado. Me formei e emprego... Difícil! Eu percebi que na Escola Especial para Surdos não aceita o professor surdo, não aceita porque tem lei fraca. Eu pensei e entrei na FENEIS, eu e minha irmã abrimos as portas da FENEIS, em 87. Lutamos muito, trabalhamos e divulgamos muito. A FENEIS foi crescendo e aumentando seu poder. Eu era coordenador e as pessoas respeitavam. Minha irmã saiu, pois ficou em dois mandatos de 4 anos. Continuei dando aula particular (*fez sinal de “LIBRAS”*) continuei trabalhando na FENEIS como voluntário.

Em 2006 fundou o Letras/Libras. Letras/Libras? (*expressão de estranhamento*) Eu nunca tinha visto, era curso novo. Era da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Formei-me em 2010.

Eu trabalhei em uma empresa (*sinal de “passado”*) por vinte anos. De manhã ia na empresa B e à noite na empresa C. Eu sempre tive dois empregos ao mesmo tempo. Não lembro o nome das outras empresas. Tenho muitos registros na carteira profissional.

Hoje em dia eu trabalho em quatro lugares diferentes como professor de LIBRAS, mais orientador social em uma ONG. Eu estou cansado! Preciso terminar a casa fazer o que! Acostumei-me a trabalhar muito! É ruim, mas eu me acostumei.

Sou católico, mas não sou praticante, porque eu gosto e acredito em Deus, mas não vou à igreja. Sinto-me bem na espírita. Eu gosto porque tem filosofia bonita.

Estou casado há dezoito anos com a Rosa que também é surda. Casamos e depois de um ano tivemos nosso filho. Ele tem dezessete anos e é ouvinte. Meu filho a comunicação é com a LIBRAS... Ele usa mais oral. É bilíngue (Libras + português oral). Ela é japonesa e ele é meio japonês. Ele usa as duas formas de comunicação. Sinalizar é natural... com a nossa convivência. Não ensinamos, ele foi percebendo!

3.4 Wilson: “No INES tinha a M-A-T-R-Í-C-U-L-A com a foto. Eu (*fez o seu sinal próprio*) era o nº 94. Antes eu não tinha sinal, era o número. Aos cinco anos, os amigos da turma deram o meu sinal.”

No quadro 9 destacarei a história pessoal de Wilson, considerando certa cronologia dos fatos que narram trechos sobre a surdez, o percurso escolar, profissional e familiar, bem como, seus gostos e desejos pessoais.

Quadro 9: História Pessoal

Eu quero contar a experiência da minha família que é surda. Eu nasci como?! Meu pai e minha mãe são primos legítimos. O primeiro filho nasceu em Portugal, morreu com poucas semanas de vida. A segunda filha também. Meu pai há muito tempo, veio para o Brasil de navio. Minha mãe (*expressão de incerteza*) a primeira casa que nós moramos foi em Santos. Meu pai (*expressão de dúvida*)... Minha terceira irmã nasceu surda, o quarto também nasceu surdo. A segunda irmã que nasceu em Portugal fala, mas tem problema mental leve. Tive um quinto irmão que também morreu com um ano e meio. Meu pai tinha dúvida se ficava em Santos ou não. Um homem falou para não ficarem em Santos e indicou São Paulo. Meu pai veio sozinho para São Paulo, procurou no bairro de Pinheiros e comprou uma casa grande, boa, ótima! Mudamo-nos de Santos para São Paulo. Eu era pequeno, bebê e meu irmão era maior. Meu pai (*expressão de dúvida*)... O tempo foi passando, eu e meu irmão fomos crescendo, eu era menor e meu irmão maior. As pessoas falaram para meu pai que tinha o INES no Rio de Janeiro, que tinham surdos lá. Meu pai (*expressão de dúvida*) era dono de um restaurante, pegou o meu irmão e levou para o INES. Eu tinha quatro anos e meu irmão tinha quinze anos. Meu irmão ficou lá um ano, não gostou e voltou para casa. Meu pai: “você não gostou de lá então vai trabalhar aqui.” Meu pai me levou para o INES, eu tinha cinco anos. Aqui era uma bagunça e meu pai de cabeça cheia, me levou para lá. Eu fui! Meu pai falou para meu irmão ir junto para cuidar de mim, porque eu era pequeno. Eu era pequeno, não sabia nada. No começo eu chorava muito, mas depois fui aprendendo, me acostumando e com o tempo não chorei mais. Meu irmão viu que eu estava bem e voltou para São Paulo. Em dezembro, no Natal, as famílias vinham visitar, mas a minha ficou em São Paulo. Meu pai trabalhava muito no restaurante, e minha mãe cozinhava. Eu fiquei no INES, eu via as crianças indo para casa. Eu não entendia! Meu pai deu dinheiro para meu irmão comprar frutas para mim. Ele foi até o INES e eu perguntei cadê a mãe e o pai e ele respondeu que eles estavam ocupados, trabalhando muito. Ele levou uva, maçã,

laranja...Levou calça e blusa e me deu. Tudo bem! Eu paciência! Meu irmão ficou um pouco e no dia seguinte foi embora. Sacrifício! A professora perguntou: “tudo bem, você gosta do INES?” “Sim, eu gosto de ficar aqui, porque tem várias coisas. Futebol, vôlei, ginástica. Eu gosto vou ficar”, respondi. Eu tinha cinco anos e eu lembro. M-A-T-R-Í-C-U-L-A. Pegaram uma ficha e pediram se eu tinha foto. Disse que sim e eu fui pegar na minha mala. Era uma foto bonitinha. Escreveram minha cidade de nascimento e meus dados. Meu número era 94.

O tempo foi passando, eu fiz o 1º, 2º, 3º, 4º ano. Eu estava com treze anos. O professor falou para eu fazer outra vez o 1º, 2º, 3º, 4º ano, pois com 18 anos ia embora. Por exemplo, se eu tivesse problema e fosse “burro”, sempre com dificuldade de aprendizagem ia embora do INES. Tinha que falar, usar LIBRAS não! Naquele tempo não era série, era A-D-M-I-S-S-Ã-O. Só tinha o 1º, 2º, 3º e 4º ano. Só! Quem ficava era encaminhado para trabalhar... Pintura, entalhador, sapateiro, costura. Os alunos estudavam e trabalhavam aqui no INES. Treinavam lá. Eu fui ficando... Primeiro eu gostei de G-E-S-S-O. Fui modelando, confeccionando peças... Fazia flores... Avisei a professora que eu não estava mais gostando e ela ficou brava dizendo que não era brincadeira. Fui para a marcenaria, comecei a trabalhar, mas eu não gostei. Ela me trocou para a G-R-Á-F-I-C-A. Era um trabalho de encadernação de livros e colocar letra de ouro na capa. Era bom, mas eu voltei para o G-E-S-S-O (*risos*). Comecei a trabalhar no gesso, mas um dia eu vi um pedaço de madeira entalhada. Era o desenho de uma F-A-V-E-L-A no formato vertical. Eu fiz um trabalho na madeira, chamei a professora e mostrei o desenho para ela... Eu já estava com dezessete anos. Mais um ano no INES e acabou. Ela achou lindo e queria levar para sua casa. Eu disse que não, que depois das minhas provas, tudo terminado eu levaria para a minha casa para guardar de recordação. Eu fiz outro igual para deixar no INES, e a professora levou para a casa dela.

Sim! Bom lá! Naquele tempo, quando era I-N-S-M, eu não me esqueci (*risos*)... O dormitório que eu dormia era no 3º andar. O I-N-S-M já tinha mudado para INES. Uma vez eu abri a J-A-N-E-L-A e joguei o travesseiro na rua. (*risos*) Uma bagunça! O prato de comer... P-R-A-T-O. Eu pegava uma pilha de pratos e lançava-os na rua. Os colegas ficavam com medo e avisavam o diretor que perguntava o que tinha acontecido. Antes tinha muita bagunça!²⁴

Mas em dezembro acabou! Eu cheguei com cinco anos e fiquei até os dezessete anos. Eu

²⁴ Após desligar a máquina, espontaneamente Wilson contou sobre algumas travessuras e brincadeiras realizadas no INES. Falou sobre uma enorme fogueira que faziam anualmente nas festas juninas, onde subia no topo; do banho de mar que tomava com seus colegas nos finais de semana, dos jogos de futebol. Fotos em anexo.

fiquei onze anos no INES.

Com dezoito anos eu voltei para São Paulo. Meu pai disse: “Vai trabalhar. Vai me ajudar a cuidar do trabalho!” Eu não conhecia São Paulo! Todos nós tínhamos que ajudar o pai. Com paciência, comecei a procurar trabalho de entalhador de madeira, mas não tinha, costura era difícil. Eu me lembrei da gráfica, de encadernador. Eu vi e consegui uma vaga. Eu fui... O trabalho era bom, trabalhei oito anos e fui embora. A gráfica quebrou e fechou. Um amigo me levou para outro lugar e fiquei seis anos, depois fiquei três anos em outro trabalho e o dono morreu. Depois de trinta anos de trabalho, eu me aposentei. Fui ao INSS, assinei os papéis, conferi, estava tudo certo, livre! Eu estava aposentado! Fui para casa, estava à toa, mas eu me lembrei do trabalho na madeira, por exemplo: desenho do papagaio, da Bahia, entre outros.

Imagens 6, 7, 8 e 9: esculturas em madeira confeccionadas pelo interlocutor Wilson em seu ateliê. Fotos: arquivo pessoal da pesquisadora, 2013.

Você conhece o M-A-U-R-O? (*respondi que não lembrava*). Ele perguntou por que eu não fazia o nome das pessoas entalhado na madeira igual encontramos por aí o nome das pessoas por extenso, mas fazer diferente, para os surdos. Ele encontrou aqui na FENEIS e tinha o A, B, C... Deu-me e eu copieei o desenho. Tinham letras de vários tamanhos, uns maiores e outros menores. A letra “R” era grande, o “O” pequeno, “L” grande, “E” pequeno. Não dava! Eu precisava padronizar um tamanho. Era diferente, nos livros tinham as letras e para os surdos o A, B, C... Eu fiz uma amostra, fui comparando os tamanhos e mostrava para a Vera (*fez o sinal de sua esposa e não soletrou manualmente seu nome, pois conhecia o seu sinal*) que falava que estava bom. Mostrei para o M-A-U-R-O... Comecei a fazer e está aí até hoje.

Eu trabalho até hoje! Estou com setenta anos e comecei com cinquenta e cinco anos. Eu comecei indo para Embu. Expunha lá, as pessoas achavam bonito e compravam. Eles encomendam, eu faço e entrego.

Eu casei com a primeira esposa que era surda, tivemos dois filhos ouvintes. Com trinta e três anos me separei, fiquei por aí e com trinta e cinco anos casei com a Vera. (*risos*). A família dela era de ouvintes. Eu (*expressão de perdido*)! Nasceram nossos filhos, a Juliana surda, o João surdo. São quatro netos do primeiro casamento e seis do segundo. São dez netos! (*risos*) As três filhas da Juliana são surdas e do João dois são surdos e uma é ouvinte. A única neta ouvinte. Como?! (*expressão interrogativa*) Ela sabe LIBRAS! Uma ouvinte, como?!

3.5 Emília: “Eu tenho identidade de pessoa, ser humano! Eu sou Emília, casada, mãe (*bateu no peito com firmeza – grifo nosso*) sou surda às vezes, sou ouvinte às vezes (*senal de “tanto faz”*). Mas a minha identidade é essa. Eu acho que não tem nome para essa identidade.”

No quadro 10 destacarei a história pessoal de Emília, considerando certa cronologia dos fatos que narram trechos sobre a surdez, o percurso escolar, profissional e familiar, bem como, seus gostos e desejos pessoais.

Quadro 10: História Pessoal

Com onze anos de idade eu fiquei surda, tive meningite. Naquela época... Onze anos era 1968. As pessoas não conheciam nada sobre surdez. A minha família não conhecia nada. Então foi um susto, para mim principalmente, porque eu não conhecia surdos. Não conhecia nada! Então eu pensei... e agora, o que é que eu vou fazer? Porque o que eu mais amava na minha vida era estudar. Eu estudava em uma escola desde os sete anos de idade. Aí de repente eu fiquei surda. Eu já estava na segunda série do curso ginasial.

Eu tinha conseguido entrar em uma escola pública. Era difícil naquele tempo, porque não tinha vaga. Você precisava passar por um processo seletivo. Eu tinha conseguido passar numa escola bem pertinho da minha casa. Eu estava feliz! Já tinha feito um ano lá, feliz! (*expressão de “ok”*!) Aí eu fiquei surda. Foi horrível! Uma sensação horrível! Porque eu já não ouvia mais nada, nada! Eu perdi 100%.

Eu fiquei muito triste porque eu queria continuar naquela escola. Eu queria continuar com meus amigos, e eu não via como fazer isso. Então, eu já tinha aprendido a falar. A minha dificuldade era ouvir mesmo. Mas assim, eu fiz o ginásio, o colegial, namorei. Tive o primeiro namoradinho aos quinze anos de idade. Eu acho que foi uma experiência fantástica. Hoje, voltando assim (*fez sinal de “passado”*), eu fico pensando (*expressão de reflexão, apoiando os cotovelos na mesa e o dedo indicador direito tocando o lado de fora do olho direito*) eu acho que ele foi um estímulo muito grande, porque eu disse para ele: “olha, eu não ouço bem, eu tenho uma pequena perda.” Ele falou: “nossa que legal! Eu vou ter que falar sempre assim bem pertinho de você?” (*risos*) (*fez o movimento de aproximação com o outro*). Então isso foi muito bacana na minha vida, foi muito legal esse estímulo dele.

O que é que aconteceu depois... (*expressão de pensar olhando para baixo*). Terminei o colegial nesta escola. Aí as coisas ficaram difíceis. Porque eu comecei a perceber que eu estava bem naquele mundo, onde todo mundo me conhecia, todo mundo sabia conversar comigo, fora daquele mundo as pessoas eram diferentes, as pessoas não me conheciam, as pessoas não sabiam lidar comigo, as pessoas não tinham paciência. Eu vim de uma família muito pobre, eu tinha que trabalhar. Os meus pais estavam separados e eu queria muito estudar, para isso eu precisava de dinheiro e precisava trabalhar.

Trabalhar também foi uma dificuldade muito grande, porque tinham os processos seletivos e a dificuldade do primeiro emprego. Com dezoito anos de idade, trabalhei como auxiliar de crediário... Era década de setenta. Eu trabalhei lá mais ou menos uns quatro anos. Eu tive muitas promoções e depois fechou. Aí eu fui trabalhar em outra empresa. Lá eu não precisei mentir. Eu fiz prova, passei, depois eu fui conversar com a psicóloga. Eu falei: “oh, eu não ouço um pouquinho.” Era sempre assim. (*risos*) Eu passei, também trabalhei lá por muito tempo. Quando nasceu a minha segunda filha eu parei de trabalhar. Mas, a minha vida profissional antes da LIBRAS foi assim. Eu trabalhava sempre junto com ouvintes, sempre me sentindo assim tentando driblar esse jeito, sempre percebendo que faltava alguma coisa. Mas eu não tinha como resolver isso.

... Depois que eu entrei em contato com os surdos, com a LIBRAS, eu percebi que podia ter sido diferente a minha vida. Se naquela época o médico tivesse orientado um pouquinho melhor a minha família, mesmo que eu tivesse oralizado, mesmo que eu tivesse feito esta opção de continuar oralizando. Porque eu não sou contra a oralização. De jeito nenhum! Eu sou contra a falta de informação. Sabe, eu acho que a gente tem necessidade especial sim, mas cada pessoa tem uma necessidade diferente. Eu acho que o médico precisa saber isso, a escola, a sociedade de uma maneira geral.

Comecei a fazer (*senal de “curso de Libras”*) fiz na escola também junto com a Joana. Depois eu pensei... não era um curso assim... completo. Eu queria mais, eu queria mais conhecimento, eu queria me envolver... fui para a FENEIS. Curso de LIBRAS junto com ouvintes. Depois fiz o curso de instrutor junto com um grupo de surdos que já eram professores, já eram instrutores, já ensinavam. (*respirou fundo*) Foi difícil! Um curso de 360 horas. Eles já estavam inseridos numa comunidade.

Em 2006, o primeiro Prolibras. Muitos surdos que me falavam “você não vai conseguir”, reprovaram. Eu passei! Tudo bem! Vestibular. Mesma coisa, mesmo conselho, “não vai, você não

vai conseguir, você não vai passar.” Fui, passei. Muitos surdos nativos ficaram na fila, não conseguiram, e eu passei no curso de Letras/Libras.

Você sabe que eu tenho um sonho, quando eu comecei o curso Letras/Libras, era ensinar português para surdo, porque eu fiquei muito sentida quando eu percebi que os surdos não sabiam português. Eu gostaria mesmo era de trabalhar com crianças surdas. Gostaria, é um sonho! Ainda estou lutando para isso.

O meu trabalho é para os surdos lá da zona leste, que a família não sabe o que é LIBRAS, que a escola não está nem aí. (*senal de “tanto fez como tanto faz”*) A minha vontade é que eles tenham uma vida diferente da minha. Que eles possam ter, que eles possam entender o que se passa dentro deles, porque é muito difícil você ter alguma coisa guardada e não poder transmitir para as pessoas. Eu passei, eu digo... Eu passei a metade disso (*risos*) porque eu tenho uma identidade surda e uma identidade ouvinte (*fez em sinais como uma divisão no centro do seu corpo*).

Depois da graduação em Letras/Libras, fundamos a Associação de Professores Surdos de São Paulo. Ali a gente podia se reunir, podia trocar ideias, podia continuar pesquisando a língua porque isso é importante. Continuar a pesquisa, continuar fazendo o que você está fazendo. Na opinião da gente, nós fundamos a associação para ver de verdade o que precisava fazer. Não era para atender interesses!

Em 2010 eu comecei a trabalhar na faculdade X e hoje faço Mestrado lá. Eu trabalhei na Prefeitura, trabalhei em uma universidade pública, trabalhei em vários hospitais pela FENEIS (dava curso de LIBRAS para profissionais de Saúde) e trabalhei na FENEIS. Eu fui coordenadora do Celes. O Celes é um departamento na FENEIS que cuida de todos os cursos, da coordenação de todos os cursos.

Eu tenho a minha família, tenho três filhas. A minha filha caçula já vai ser mamãe, e eu vou ser vovó.

Eu sou... sei lá, de Deus! Eu fiquei durante muitos anos no espiritismo, no Kardecismo. Até agora eu leio muito, gosto muito. Eu vou, onde chamam eu vou (*fez sinal de “diversas direções”*). Porque eu acho muito interessante a fé das pessoas, a crença, eu acho muito legal.

Eu acho que a gente, não dá para passar pela vida sem modificar alguma coisa. Então eu acho que eu vou morrer tentando modificar alguma coisa, principalmente essa coisa, essa conversa

que não existe entre esses dois mundos.

Capítulo 4

COMO OS SURDOS OBSERVAM E INTERPRETAM O MUNDO? DE QUE FORMA TRANSMITEM AS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS CONSIGO, COM O OUTRO E COM O MUNDO?

Imagem 10

Para responder as perguntas norteadoras do estudo, que levam o nome deste capítulo, trouxe de forma contundente as narrativas dos cinco interlocutores que participaram das entrevistas. Busquei, portanto, entrecruzar trechos das suas narrativas, com as minhas memórias, observações e comentários, para criar pontes e paralelos, costurar ideias e opiniões e tecer as reflexões finais sobre a experiência aqui produzida.

Harlan Lane (1992) renomado psicólogo americano, apresenta-se como importante interlocutor para mediar a construção teórico-prática das heterogêneas narrativas aqui produzidas. Com ampla experiência profissional sobre os surdos e o entorno social que os circunda, o autor é referência para os diversos escritores surdos e ouvintes em nosso país.

Como pesquisadora, observei que alguns temas e dimensões ligados às experiências de surdos se destacaram com grande força. Para esta composição, foram criados quatro temas. São eles: 1) **Família**; 2) **Comunidade Surda**; 3) **Educação** e 4) **Representação Social da Surdez e dos Surdos**.

A seguir, a exposição do primeiro tema desenvolvido a partir das entrevistas:

4.1 Entrevistas

4.1.1 Família

Estar fora de casa, e, contudo sentir-se em casa onde quer que se encontre; ver o mundo, estar no centro do mundo e permanecer oculto ao mundo [...] (Charles Baudelaire)

A trajetória narrada a partir do lugar de estagiária de psicologia, e *a posteriori*, como psicóloga escolar desde o momento em que entrei em contato com pessoas surdas, sempre foi um lugar de muitos questionamentos e de poucas respostas.

As questões familiares chamaram-me fortemente a atenção para compreender como era a qualidade da relação afetiva entre os pais ouvintes e seus filhos surdos, já que conforme Strnadová (2000) cerca de 95% das crianças surdas nascem em famílias ouvintes. Qual o impacto da surdez de um filho na família? Quais as barreiras de comunicação a serem enfrentadas por eles? De que forma expressam sua subjetividade e como são compreendidos pelo mundo?

Tentava me colocar no lugar dos pais para compreender porque parecia tão complicado apreender uma língua visual em um determinado momento de suas vidas, onde viviam um bombardeio de novas experiências e emoções diante de um filho que era diferente do imaginado.

Neste momento, Hélio, M.M., Coyote, Wilson e Emília vão nos dar pistas para compreender quem é o outro “próximo” e o outro “distante”. Sentir-se “fora de casa” ou “sentir-se em casa” é pertencer a que lugar? Existe este pertencimento? Familiaridade com a língua, a cultura e os jeitos diversos de viver... Rupturas, continuidades ou descontinuidades com as tradições familiares. O encontro com a comunidade surda, espaço social compartilhado por pessoas que usam a mesma língua para se comunicar e extrair os significados construídos pela experiência visual de reconhecimento de si e do mundo.

Como podemos responder à pergunta deste estudo a partir deste tema que diz respeito à “Família”?

Quando pensamos na criança que nasceu surda ou que perdeu a audição antes do período de aquisição da fala oral, podemos imaginar os enfrentamentos psicológicos vividos por uma relação de mão dupla. Por um lado a criança, por outro, seus pais.

A descoberta da surdez para os pais ouvintes parece infligir neles um profundo choque emocional. Como a maioria deles não conheceram sobre surdos, ficam à mercê dos piores sentimentos. Hélio relata como foi a descoberta da surdez pela família.

Difícil. Minha mãe ficou muito preocupada. Como estimular um filho surdo, como? Eu nasci e minha mãe viu que eu era normal. Mãe acenava, ria, e eu parado. Mãe olhava eu gritar. Eu não ouvia nada. [...] Eu não conheci meu pai. Porque mãe grávida, meu pai percebeu, não gostou, pediu para se separar e foi embora. Mãe chorou muito porque se sentiu sozinha. Não tinham pessoas para ajudar. Mas, a irmã e a mãe dela ajudaram. O segundo marido veio ajudar antes de eu nascer. Eu fui crescendo, mais ou menos três anos, meu padrasto percebeu que eu era surdo. Ele avisou minha mãe, ela levou um susto! Juntos me levaram ao hospital para ver minha saúde, e o médico disse: "saúde ótima, só tem um problema, ele não ouve." Minha mãe começou a chorar muito. Não sabia como estimular surdo. Padrasto aceitou, ajudou, ficou junto para estimular eu crescer [...] Mãe angustiada, não sabia como fazer com um filho surdo. Ela nunca viu um surdo. O que fazer!

Na contrapartida da fala de Hélio, Wilson sinaliza sobre o nascimento dos filhos e netos, e sua experiência aponta para outro lado da questão. Os nascimentos das crianças surdas pareceram não ter sido motivo de desapontamento para sua família.

Diz ele:

As três filhas da Juliana são surdas e do João dois são surdos e uma é ouvinte. Você vai ver na minha casa a neta ouvinte. [...] A única neta ouvinte. Como?! (expressão interrogativa) Ela sabe LIBRAS! Mas... uma ouvinte, como?!

O estranhamento ou a surpresa de Wilson se deu pelo fato de ter nascido apenas uma neta ouvinte, sendo que a maioria dos membros familiares são surdos, onde todos falam a língua majoritária, a LIBRAS, naquele contexto familiar.

Parece inexplicável a alegria que os pais surdos sentem quando observam sua criança surda a gesticular. Wilson relata com carinho a relação e a comunicação estabelecida com a filha surda desde a tenra idade:

A Juliana era pequena, tinha dois anos. Ela era curiosa. Por exemplo (pegou a caneta para exemplificar e mostrou que escrevia o alfabeto... imitou a mãozinha dela tentando soletrar manualmente em LIBRAS, ainda sem coordenação). [...] (risos) Eu trabalhava e quando chegava em

casa ela me chamava para fazermos o soletração manual A, B, C... (risos) A avó não gostava que ela fizesse soletração manual. Brigava com ela! (expressão de brava) Mas ela era surda! A avó dizia que parecia macaco. Mas eu a ensinava. A Juliana foi para a fono. A fono ensinava a falar, mas ela fazia soletração manual. A fono dizia que não podia e contava para a avó. A avó dizia para mim que não podia, dava confusão com o trabalho da fono. Eu falava que a soletração era importante, ela aprendia rápido e era importante para a vida dela, como a fono também era bom e importante para falar.

Para os usuários das Línguas de Sinais, como por exemplo, Paddy Ladd (1989) líder britânico dos surdos *apud* LANE (1992), afirma: “a comunidade dos surdos vê o nascimento de cada criança surda como uma dádiva preciosa.” (p. 34) Porque não veem a surdez como enfermidade, mas percebem a surdez como cultura, como outro modo de ser e de estar no mundo.

A opinião de alguns líderes dos movimentos pelos direitos das pessoas consideradas enfermas nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, é que na realidade “é a sociedade quem cria as principais condições que levam, na maioria dos casos, à enfermidade, tais como a guerra e a pobreza; é a sociedade quem tem um grande poder de decisão sobre quem deve, ou não, ser considerado inválido.” (p. 33)

Infelizmente considera Lane (1992), os próprios surdos foram descartados do debate que diz respeito às vidas das crianças e adultos surdos, e excluídos socialmente por uma educação opressiva. Os profissionais surdos deixam de orientar e aconselhar os pais das crianças surdas recém-nascidas. “Os seus serviços, como por exemplo, o modelo de linguagem para a criança surda são evitados e a responsabilidade é inconscientemente entregue à mãe ouvinte da criança, a qual não tem meios para poder assumir.” (p. 37)

Em nosso país, desde 2010, foi criada a Lei Federal 12.303, sobre o Teste da Orelhinha, exame que tem como objetivo avaliar a audição dos recém-nascidos. O exame é realizado nas maternidades públicas e privadas, porém a maior parte delas não dispõe de uma equipe interdisciplinar que possa acolher, orientar e encaminhar as famílias. O papel dos profissionais surdos em programas que prestam atendimento às pessoas surdas ainda é restrito. Durante esses quatorze anos trabalhando *com e na* comunidade surda, presenciei uma luta muito grande das famílias que vão em busca de apoio, muitas vezes contando com a própria sorte, para encontrar um lugar que dê conta de abrandar suas angústias e dar um novo sentido para suas vidas.

Lane (1992) aponta para a postura dos especialistas que legitimaram o rótulo da enfermidade, com foco no contexto social:

Se perguntarmos de maneira civilizada aos adultos surdos como adquiriram o rótulo de “deficientes, incapacitados, ou diminuídos”, normalmente, apercebemo-nos que foram circunstâncias relativas à hereditariedade, ao nascimento ou à infância que marcaram a criança como um ser diferente dos seus pais e criaram a ruptura inicial na comunicação entre os pais e a criança. Os pais consideraram este fato como um desvio relativo às suas normas e levaram a criança a especialistas da matéria: ao pediatra, ao otologista e ao audiolologista. (p.37)

Hélio expressa com tristeza o sentimento de desamparo e tristeza que sua mãe sentiu ao deparar-se com a sua surdez, pois além de nunca ter tido contato com pessoas surdas parece que as informações recebidas não foram tão favoráveis quanto o que ele gostaria.

Procurou várias fonos, me levava, mas eu não conseguia. Minha mãe não conseguia ensinar coisas para mim, não! Não sabia como conversar comigo [...] Médico falou que eu era deficiente. Opinião dele.

Os especialistas acabam por diagnosticar e caracterizar que uma criança é diferente da outra, por questões biológicas e pelos modelos estigmatizados. Lane (1992) diz que os médicos geralmente falam sobre as dificuldades que a criança poderá apresentar na aprendizagem da linguagem oral, mas não comentam sobre a existência das Línguas de Sinais. O modelo que é estudado é o da enfermidade, e muitas vezes os especialistas estão mal informados sobre o modelo cultural, de língua e de linguagem que os surdos vivenciam ou estas informações não fazem parte da sua instrução. Os pais em crise, dificilmente conseguem ter uma posição crítica ao ponto de vista médico e raramente são convidados a participar na elaboração de algum plano.

Ao ficar surda aos 11 anos de idade, Emília discorre sobre a orientação médica que sua família recebeu:

O meu pai ficou preocupado, me levou no médico, minha mãe, minha família, todo mundo. Aí o médico falou: “nunca você vai usar nenhum tipo de gesto com ela, nunca! Porque se não ela vai esquecer a fala. E vai começar a gesticular.” Não se falava nada de Língua de Sinais, tudo era gesto. Bom, a minha família começou a falar comigo (fez movimento labial) sem som nenhum. E eu ficava desesperada porque eu não ouvia, eu não sabia fazer leitura labial. Meu pai pegou um caderno e eu coloquei debaixo do braço e levava comigo. Então as pessoas que iam falar comigo, elas escreviam, eu lia e respondia com voz. Fiquei anos assim. Guardei aquele caderno durante muitos anos, mas depois eu pensei: “ah lembranças tristes!” Daí eu joguei fora. Mas eu me arrependi. Eu precisava ter guardado, não é?! Eram histórias... Hoje podiam ajudar nas pesquisas, muita coisa, mas tudo bem!” [...] Aí eu conheci uma família e o homem tinha três filhos surdos. Todos bem sucedidos, formados. Os três oralizados.

Aí ele me falou: “é possível você viver oralizando. Você vai tentar, você vai olhar para as pessoas, as pessoas vão falar e você vai tentar entender. Você olha para a boca delas.” Então eu não tive apoio profissional de ninguém. Eu aprendi sozinha a fazer leitura labial, para sobreviver.

Na história de vida de Coyote, ele fala da relação com os pais...

*Meu pai era uma pessoa fria. Trabalhava, dava dinheiro. Eu precisava de ajuda, comunicação, mas ele pouco dava. Meu pai trabalhava muito. Ele era chefe de uma indústria, era técnico. A maior preocupação era com minha mãe, meu pai trabalhava muito, não tinha paciência com a comunicação. Com dinheiro meu pai era ótimo, mas por amor, contato (**expressão negativa**) porque ele trabalhava fora, viajava muito. Quem cuidava era minha mãe, ela quem orientava: “não pode”, “cuidado”, “pensa bem”! Minha mãe ficava em casa, cuidava de mim e da minha irmã. Levava para a escola, para a fono eu e a minha irmã. Minha mãe era minha motorista. Levava e ia buscar. Fazia comida. Lição era individual. Se vira! Eu nunca tive problema com a lição.*

E também das orientações que a mãe recebeu do professor ouvinte. Ideias bem próximas da orientação médica recebida pela família de Emília:

*[...] Meu antigo professor orientou minha mãe a não aprender Língua de Sinais. Porque professor acreditava que mímica prejudicava a fala, o desenvolvimento. Ele acreditava e minha mãe aceitou. [...] Minha mãe recebeu orientação da escola e até agora continua me orientando. (**expressão de “fazer o que”!**) Ela diz: “fala direito. Acento agudo. (**fez no ar com o indicador direito o acento agudo**). Fala direito”. Até agora que minha mãe está velha, porque aprendeu, gravou. O diretor da escola já é falecido, morreu há muitos anos. Mas ela não esquece, até hoje diz “fala direito”. Exemplo: a palavra café (**salientou o som agudo da última sílaba da palavra**). Eu me sentia cansado. Eu respondia: “você não é fono é dona de casa.” Mas ela não aceita, é teimosa. Minha irmã nunca teve problema porque fala bem. Sorte porque ela escuta um pouco. Usa aparelho. Eu não escuto nada, surdez profunda, zero. Coloquei aparelho e só escutava apito. Pipipipi... Porque campainha, buzina, bibibibibi, eu não sei reconhecer.*

Qual o modo que a criança desenvolve a sua personalidade dentro da família ouvinte, questiona Lane (1992). De modo geral, ela observa que os adultos ao se aproximarem um do outro movem rapidamente a boca por algum tempo que pode ser curto ou longo. Com os adultos, as crianças acabam se comunicando por gestos e se existirem crianças ouvintes em casa, seus comportamentos são do mesmo modo.

A criança recebe mensagens muitas vezes conflituosas sobre a sua própria natureza. Lane (1992) escreveu em seu livro que um amigo francês surdo falou-lhe que se deu conta que era surdo, aos oito anos de idade, quando foi levado em um lar para crianças ouvintes com deficiências motoras.

A surdez da criança surda é silenciosa apenas entre os ouvintes. Entre os surdos, a sua característica perde o seu relevo e surgem outras

características. Por isso, ironicamente, a criança aprende a ser verdadeiramente surda entre as pessoas surdas, precisamente onde a característica da surdez não é relevante. (p. 94)

Lembro-me do fato de ter “ouvido” de alguns surdos adultos lá do sul que sentiam medo de morrer ainda jovens, pois não conheciam surdos adultos. Achavam-se únicos. Desconheciam a existência de outras pessoas na mesma condição de si no mundo, bem como, sentiam a incompreensão das bocas que abriam e fechavam sem representar sentido algum na interação com o outro.

Vejam o que uma educadora surda americana citada por Lane (1992) relembrou de sua infância:

[...] Reparei em pessoas que observavam os seus rostos mutuamente [...] Porque razão eram as bocas tão interessantes? [...] Os movimentos dos lábios são raramente orientados para uma criança surda e, quando o são, são indecifráveis; os próprios movimentos dos lábios das crianças surdas são incompreensíveis. [...] (p.94)

Hélio resgata as suas lembranças quando somente aos 10 anos, percebeu que era surdo.

Eu não percebia nada. Eu achava normal. Eu brincava, mas não conversava com as pessoas, eu ficava quieto. Eu via bocas falando, mas eu não entendia nada. Eu via televisão, música alta. Mãe susto, eu silêncio. “Você não ouve”, ela perguntou. Respondi: “Não.” Eu vi que tinha algo estranho! Eu comecei a tocar na televisão, sentir vibração, e percebi que eu não ouvia. Os outros ouviam. Eu percebi e perguntei para minha mãe: “tenho problema?” Mãe: “tem problema, você nasceu surdo”. Ah, eu não percebi não. Depois comecei aos 14 anos LIBRAS com o grupo de surdos.

Assim como Hélio, mas a partir de outra perspectiva, Emília nos mostra como a surdez tornou-se invisível na sua vida.

Eu via as pessoas na rua e eu não tinha com quem compartilhar as minhas experiências, porque eu não conhecia surdo. Então eu pensava, eu sou um E.T., eu sou diferente das pessoas, porque eles tinham pensamentos diferentes dos meus, percepções diferentes das minhas. Eu percebia isso! Mas eu não tinha com quem compartilhar, ninguém entendia. O que eu via as pessoas não viam. O que eu percebia as pessoas não percebiam, ou percebiam de um jeito diferente do meu ver, do meu entender. Eu não percebia que eu era surda!” [...] Eu não achava que alguém devia alguma coisa para mim, eu não achava que tinha que acrescentar nada, eu achava que isso era uma coisa minha, eu era diferente, não tinha quem me... explicasse o que era isso. Não tinha! Então eu sentia falta de uma coisa que eu sabia que as pessoas não tinham para me dar.

No lugar de mãe, Emília tem um espaço único nesta interlocução e explicita com detalhes a vivência singular que teve com suas filhas ouvintes.

*Eu vou te falar da minha experiência como mãe. Foi difícil! Eu acho que foi uma coisa assim que mais (**sinal de “sentir”**) bateu em mim, como mãe! Por que... dificuldade com o médico. Eu ia levar as minhas filhas bebês e os médicos não tinham paciência de me explicar claro. E eu não tinha... Eu não imaginava que eu precisava de ajuda. Dá para você entender? Hoje eu olho para trás e eu pensava... porque eu não chamava minha irmã, alguém para ir junto comigo. Mas naquela época não. Eu não imaginava que eu precisava disso. Eu achava que eu conseguia me virar sozinha. [...] Com 27 anos, eu tive o primeiro filho. [...] Eu ficava muito preocupada porque ela chorava e eu não ouvia ela chorar. [...] Eu pegava um moisés (**fez em classificadores da LIBRAS o tamanho do objeto**) naquela época e eu levava junto comigo. Se eu fosse lavar roupa ela estava lá (**sinal de olhar para o bebê**). Eu olhava ela chorando aí minha mãe falava: “o bebê chora porque está com fome, está sujo ou está com dor.” A dificuldade, que depois de muitos anos eu fiquei sabendo que o choro é diferente. Se a criança está com fome ela chora de um jeito, eu não sabia! Não sabia até pouquíssimos anos atrás. Agora que eu entendi. [...] A minha filha mais velha, ela tem um emocional muito aflorado, é muito sensível. E hoje olhando para trás eu percebo quantas vezes ela falou comigo e eu não respondi. Quantas vezes ela sentiu que eu estava ignorando... Porque ela não percebia (**fez sinal de “surda”**). Eu não percebia, como que ela ia perceber? Como que eu ia explicar uma coisa que eu não entendia? Quando ela tinha mais ou menos três ou quatro anos de idade, eu tinha um bebê, a outra, porque eu tenho três filhas. [...] Um dia eu estava limpando a casa, ela desceu e me olhou brava. (**referindo-se a filha mais velha**) Não falava nada. Eu perguntava: “Gabi, o que aconteceu?” E ela (**fez expressão de olhar para a mãe em silêncio**). Não falava nada. Eu perguntava, perguntava e ela não respondia. Eu perguntei de novo, com a voz mais alta, o que aconteceu me fala? Porque você está brava com a mamãe, o que aconteceu? “Porque o bebê está chorando!” Eu falei: “porque você não me avisou?” “Mamãe, ele está gritando já faz um tempão.” [...] Eu não sentia essa necessidade de falar. Eu não percebia mesmo! [...] Não tinha a consciência! Apaguei isso, apaguei! (**sinal de “esquecer”**) Eu dificilmente lembrava que eu não ouvia. Eu lembrava só quando alguma coisa acontecia assim... mas eu me envolvi naquele mundo. Aí eu subi... o bebê já (**sinal de olhos inchados e soluçando**) vermelho de tanto chorar. [...] Aí eu olhei para ela e pensei... eu preciso explicar, porque o que ela pensou, “a minha mãe é má, despreza o bebê, coitadinho do bebê”. Não é?! Eu senti necessidade de explicar. Eu expliquei para criança de três, quatro anos de idade. Como que eu ia explicar uma coisa que eu não entendia?!*

A narrativa emocionante de Emília expressa o quanto a falta de consciência da condição em quem ela se encontrava e do que acontecia ao seu redor deixaram marcas expressivas em todos os envolvidos, bem como, as barreiras na comunicação marcaram negativamente a experiência de Hélio com sua mãe:

*Eu converso pouco com minha mãe. Ela não tem saco. Reclama muito. Preocupada muito. Ela pergunta: “aonde você vai?” Eu respondo: “vou ao shopping encontrar amigo surdo.” Ela: “ah, você esqueceu da casa da vovó?” (**expressão boquiaberto**) Eu não me sinto bem. Eu gosto mais do grupo dos surdos, conversamos melhor. Eu respondi: “eu e você conversamos pouco.” Ela ficou brava. Eu escolho sempre sair só com o grupo de surdos, eu me sinto feliz porque todos conversam fácil, é gostoso contar piada, tem animação (**expressão sorriso**). No grupo familiar todos falam e eu não sou feliz. Eu não entendo. “O que ele falou?” “Depois.” “O que ele falou?” “Depois”. (**expressão de chateado**) Vou fazer o que?*

Quando a família se nega a aprender a LIBRAS como no caso de Hélio, parece que se firma um distanciamento efetivo e a falta de uma relação mais íntima entre as pessoas:

*Pai e mãe sempre falam o que... Que estão ocupados, que não tem tempo para aprender. Trabalham muito, precisam pagar a casa, faculdade, filho... não precisam! Minha opinião... Toda escola... se você tem filho surdo, homem, mulher, não importa. Se é pai ou mãe, precisa fazer curso de LIBRAS, porque precisa se comunicar com o filho. Conversar, passar carinho, amor, estimular, ser feliz! Se não... deixa! (**expressão desprezo**) A criança cresce com trauma. Somente vai para o grupo surdo. Despreza o pai, despreza a mãe, despreza a família da mesma forma como se sente desprezada, por falta de comunicação.*

Quando referi-me aos conflitos familiares ocorridos a partir da sua identidade surda, ele respondeu:

*Eu comecei a sentir e perceber que a família não ajudava. Por exemplo: Todos conversavam e eu ficava quieto. Eu percebia que a minha identidade era diferente da deles. Minha identidade é o que, LIBRAS. Eu sentia angústia. Não tinha vontade de ir às festas porque tinha trauma. Primeiro, dei um livro de LIBRAS para uma tia, e eu pensei em dar para ela estudar na casa da vovó. Depois de um mês eu fui à casa da vovó, estava feliz para ver como minha tia estava com a Libras (**expressão de expectativa, feliz**). Eu olhei para ela (**fez sinal de LIBRAS para ela**). Ela: “eu perdi o livro”. (**expressão atônito**). Perguntei: “você perdeu o livro?” A tia respondeu: “sim, desculpa.” Eu desisti e comecei a me afastar. Família fala para mim: “saudades.” Eu não sinto saudades. Se eu vou na casa da vovó, não tem conversa, não tem piada, eu só vejo televisão, como, bebo. Não, não quero! [...] Eu percebo que minha identidade não é igual da família. Se a identidade surda e a família surda, melhor! Porque seria fácil conversar, trocar e interagir. Aceitaria ficar junto e feliz! Se o grupo é ouvinte, e eu só surdo, não! Confusão, não tem ajuda, não tem conversa.” [...] Minha família não se preocupa nada com minha língua. Se eles se preocupassem comigo aprenderiam a minha língua, estudariam para falar em LIBRAS comigo e me fariam feliz! [...]*

Hélio é uma pessoa que sentiu e ainda sente fortemente certa exclusão dentro da família, e por não partilhar da mesma língua que eles, grave questão existencial surgiu em sua vida:

Antes eu era um jovem gótico. Comecei com 15 anos. Porque sentia depressão, chorava muito. Porque a família não ajudava. Comecei na escola Santa Terezinha. A Madre me ensinava, explicava e eu comecei a entender claro. Eu mudei a minha vida. Troquei a cor preta, por verde, amarelo, azul. Fiquei mais animado. Eu tinha vontade de morrer. Eu muito triste! Comecei a tomar remédios diferentes junto com bebida de álcool. Eu tentei, mas não consegui morrer. Minha mãe percebeu que eu tomava remédios. Mas eu parei, para tentar viver. Na depressão eu sonhava em querer pular no mar. Eu imaginava amarrar uma pedra no pé, saltar e me afogar. Tinha muita vontade, e todo dia eu pensava em morrer. Porque não queria viver. Sofria, não era feliz!

Lane (1992) explica que o enfraquecimento dos vínculos com a família ouvinte ocorre pelo fato de que o filho surdo acaba sendo recebido por uma “nova família” que partilha da mesma linguagem, a história e a cultura. Grande parte dos pais de crianças surdas, “não partilha com os filhos a mesma e única herança linguística e cultural e não se apercebe do quanto a afirmação dessa herança tem para oferecer ao desenvolvimento dos seus filhos.” (p. 157)

Quando duas culturas se defrontam como heterogêneas formas de existir, esclarece Bosi (1992), uma é para outra uma revelação. Quem está “dentro” e quem está “fora” da cultura? Cultura de quem? Famílias ouvintes e filhos surdos. A que mundos pertencem?

A precoce ruptura dos laços afetivos, e o não compartilhar da mesma língua materna, fez com que Wilson se sentisse “fora de casa”. Em seu depoimento, ele nos conta do choque emocional quando voltou para casa aos dezoito anos de idade, após ter ficado 11 anos em um internato para surdos no Rio de Janeiro:

*Difícil voltar! Por exemplo, quando eu voltei todo animado com o material de estudo/diploma, meu pai disse: “Vai trabalhar!” Como?! (**expressão de incompreensão**) Carinho não tinha! [...] Os dois eram frios, pai e mãe! Eu cheguei para abraçá-los, mas foram distantes, então eu deixei para lá! Diferente! Agora só eu! Eu falei para a Vera, ela sabe que eu não tenho família, só restou eu.” [...] Morreram todos, só fiquei eu. A família acabou... Eu falo para minha esposa, eu não tinha família antes, era difícil. Por sorte, meu pai foi bom, ajudou-me com quatro casas que estão no Butantã. Meu pai foi bom! Meu pai ajudou-me, mas não tinha diálogo, era difícil o português. [...] Eu tive sorte de ir morar no INES porque lá eu aprendi LIBRAS e me desenvolvi. [...] Eu tive sorte de ir e me desenvolver lá, pois quando eu voltei para casa eu percebi que eles não conheciam a LIBRAS, usavam entre si sinais caseiros. Tive de ter paciência com meu pai, com meus irmãos... Muito sacrifício... E agora acabou! Só ficou eu! Entendeu?*

Na contrapartida da experiência de Hélio e de Wilson, M.M. diz que a língua materna foi o que o manteve dentro dos símbolos, dos valores, da afetividade e aprendizado gerados no núcleo familiar, da seguinte forma:

*Muito importante, porque família não pode esquecer. Não pode esquecer, porque família significa quem cuidou! Quem ensinou! Onde você aprendeu! Se você aprendeu errado, significa que foi lá fora, não dentro. Agora, se você tiver um jeito diferente lá fora e dentro de casa igual... a família sabe. [...] É difícil de você cortar o umbigo. Sabe? É difícil! Você vai... (**expressão de dor**) Eu não estou acostumado porque a família me ensinou. Você aprendeu a L. M. Língua materna da família. Então, a vida é junto da família, não é separado. Você casou... mas é diferente, está acostumado*

com a família, mas, a família nunca falta. Nunca pode esquecer. Tanto que precisa estar sempre visitando a vovó se está tudo bem, se o primo está tudo bem...

M.M. parece conservar suas afinadas lembranças com o solo familiar que o amparou nos momentos difíceis de sua vida.

*Você aprende na família. Família já me cuidou, porque na época que eu era pequeno eu estava com muito mal-estar, muito mal! A família ficou muito preocupada. Porque não queriam que eu piorasse. [...] Então eu comecei: ah, eu lembro que ele me cuidava, então eu tenho que cuidar dele. Isso significa: família, tio, tia. Tio cuidou de mim, porque ele me levou para o hospital, para eu não ficar mal. Porque a audição é muito grave... da pressão, a audição você pode... totalmente (referindo-se a **perde-la totalmente**). Mas hoje eu estou salvo!*

Ecléa Bosi (1987, 1992) aborda a questão do enraizamento. Enraizamento familiar, cultural, social dos indivíduos pertencentes à uma coletividade.

O enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana e uma das mais difíceis de definir. O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. Simone Weil (1979) *apud* BOSI (1992, p. 16)

Para a autora, a troca de opiniões, o diálogo, as histórias transmitidas de geração a geração e as lembranças do grupo doméstico guardam vínculos difíceis de separar. Pela história da família repetidamente contada é transmitida a moral do grupo, seus valores, atitudes e comportamentos. “Os vínculos podem persistir mesmo quando se desagregou o núcleo onde sua história teve origem. Esse enraizamento num solo comum transcende o sentimento individual” (p. 344)

Reforçando os laços afetivos *com* a família ouvinte, M.M. compara-se aos surdos sinalizadores que buscam seus referenciais de vida fora da família, juntamente com os surdos adultos da comunidade.

Eu aprendi minha vida junto com a família, eu aprendi com a minha história e você aprendeu com quem, eu pergunto para os surdos? “Ah, eu aprendi fora, com os surdos”, eles dizem. Você pergunta... É tudo diferente! Agora, o que eu aprendi da família é Língua Materna. Da Língua Materna você aprendeu a comunicação, você aprendeu a buscar os seus passos... [...] Valorização, aprendizagem, tradição também...

Questionei-o: “Então com o surdo que sinaliza você acha que tem uma...” M.M. repentinamente responde: “Tem uma quebrada, parada!”

A imposição não é somente da família para que o surdo se comunique pela língua oral, mas também da sociedade de modo geral, pois o discurso de Hélio, M.M.,

Coyote, Wilson e Emília aponta para essa direção, mesmo reconhecendo que nem todas as crianças surdas ou os adultos surdos terão recursos para se apropriar e transitar com fluidez pela língua oral. Hélio e Wilson sentiram mais fortemente a exclusão por não conseguirem vivenciar e interpretar as situações ocorridas no âmbito familiar. Os diálogos entre pais e filhos se davam de forma simplificada e rápida, perdendo-se muito do partilhar das ideias e emoções que a vida convoca. Fruto dessa exclusão, o afastamento ocorreu naturalmente, pois por não compartilhar da mesma língua dos pais, estes não conseguiram ser um modelo de identificação para seus filhos surdos.

Para as pessoas que nasceram surdas e que não compartilharam da língua materna com os pais, Emília faz um sensível desabafo como mãe e como pesquisadora:

A gente carrega tudo, toda a responsabilidade (tocou nos ombros). A gente tem um poder muito grande para um filho, não é?! A gente é poderosa, tudo a gente pode! E para o surdo a mãe não pode! Ela não pode nada porque ela não entende, né? Eu já mostrei isso para vários ouvintes e eles não entendem dessa forma. [...] Então não adianta entender o surdo na Academia de Letras. Não adianta os linguistas ficarem estudando a Língua de Sinais e ficar por aí incentivando o uso da língua, o ensino da língua para a família, a importância da LIBRAS. Isso é fato! Acabou! [...] Não é só aprender uma língua. Não é?! [...] Uma criança começa em casa, ela já começa a ser socializada. Quando ela chegar na escola ela já traz uma bagagem... Ela já tem uma história de vida. Ela chega na escola... Eu fico pensando na criança surda. Ela tem? Não tem! Quando ela chegar na escola, o professor ouvinte sabe ou o professor surdo sabe o que ele precisa passar para ela, para ela viver em um mundo que não é surdo?!

A comunidade surda e os amigos surdos acabam sendo o referencial, o modelo de identidade e de valores transmitidos, efetivando uma relação de troca e o sentimento de pertencer a um grupo que fala a mesma língua. A comunidade surda é um lugar simbólico carregado de sentidos e significados.

Enquanto que a criança surda, filha de pais surdos, descobre as preocupações do mundo ouvinte ao entrar numa escola de surdos, a criança surda, filha de pais ouvintes descobre com alegria a solidariedade do mundo surdo, a qual substitui a incompreensão e a alienação do seu lar ouvinte e, geralmente da escola para crianças ouvintes. A descoberta de uma comunidade surda tem muitos significados de ordem simbólica e emocional: é um nível de transição narrado inúmeras vezes na autobiografia dos surdos: a metáfora mais comum é o regresso a casa, uma nova família. (LANE, 1992, p. 96)

4.1.2 Comunidade Surda

Imagem 11: charge humorística que explicita a cultura surda e o uso da LIBRAS por seus usuários.

Para os diversos autores brasileiros envolvidos com as questões concernentes aos surdos e à surdez, como: Ronice Quadros, Carlos Skliar, Eulália Fernandes, Lucinda Ferreira Brito, entre outros, fica clara a posição que defendem quanto à Língua de Sinais dizer respeito a uma cultura, bem como, os líderes surdos nas comunidades surdas também defenderem esse ponto de vista como forma de sustentar a identidade de grupo. Mesmo a surdez sendo a característica que os identifica, podemos dizer que os surdos possuem a mesma “tribo” e que falam a mesma “língua”?

Como é o “mundo dos surdos”? O que os surdos observam sobre os seus processos identitários e a comunidade dos surdos? Vamos sentir dos nossos interlocutores, qual o sentido que tal tema representa para suas vidas.

Ser uma pessoa surda não quer dizer que ela convive com pessoas surdas desde a tenra idade, nem que partilha das mesmas crenças, língua, objetivos da comunidade surda e nem que se sinta culturalmente surda. Por isso, ao adquirirem a consciência da própria surdez, Hélio, Emília, Coyote e M.M. conheceram pela primeira vez o “mundo dos surdos” ou tiveram contato com pessoas surdas adultas no período da juventude ou na fase adulta de suas vidas.

M.M. verbaliza:

Eu entrei na comunidade surda quando eu comecei a trabalhar. Eu comecei a aprender a Língua de Sinais, com 19 anos. [...] Aqueles surdos do trabalho estavam rondando... Aqueles surdos do trabalho que iam junto com a mãe, perceberam que você era diferente porque você ia sozinho. Eles não entendem o que eles estão falando para ele... da palavra. E aí como eles me ensinaram, alguma coisa como se fosse “gestos”, só que eu não entendia Língua de Sinais. [...] Porque eles não entendem, mas eu estou acostumado a ouvir. Quando eu percebi... Eles não falam! Começaram a me ensinar, eu comecei a ensinar palavra, eles começaram a me ensinar Língua de Sinais, eu comecei a ensinar palavra. Foi uma troca. Assim eu aprendi Língua de Sinais.

Para Hélio o primeiro contato com surdos foi aos 14 anos, na primeira Escola Especial para surdos que frequentou, assim que chegou a São Paulo.

*Eu vi... Todo mundo surdo, fazendo sinais. Igual a mim! (**expressão de surpresa**). Eu olhei para os outros. Eles olharam para mim. E sinalizamos. Eu comecei a fazer amigos. Bom! Sinalizar. Eu me senti feliz! Porque todos eram iguais a mim.*

Coyote também nos revela que aos 13 anos teve a primeira interação com os amigos surdos da sua irmã também surda.

*Eu e minha irmã encontramos um amigo dela, que estudou na mesma classe. Um amigo surdo que encontrou a Associação de Surdos de São Paulo (ASSP). Estranho! Chamou a minha irmã, porque minha irmã era boa para jogar vôlei. Minha irmã: “Associação de Surdos, aonde”? Era na Mooca, Rua do Oratório. (**expressão de surpresa e estranheza**). Eu quis conhecer. Meu pai... (**expressão de incompreensão**) [...] Eu e minha irmã fomos conhecer a Associação de Surdos. Todos sinalizando (**expressão facial e sinal de “sentir”, “admirar”**). Na comunicação, um velho conversou comigo e teve paciência porque eu era bagunceiro, alegre. Ele me ensinou sinais, comecei a aprender... Comunicação fácil. Minha mãe nunca reclamou, mas por sorte ela percebeu os velhos da associação (**expressão de surpresa ou estranheza**), então (**sinal de “liberdade”**) ela nunca proibiu. Não teve problema. Minha mãe não sabe LIBRAS, mas ela respeita eu e minha irmã que felizes sinalizamos. Comecei a aprender com quatorze, quinze anos. Não tinha contato com amigo surdo. Eu e minha irmã, amigo dela, eu ia junto, eu era criança. Minha irmã achava um saco, “meu irmão... moleque”... (**expressão de indignação**). Eu percebia que ela não queria. Ela saía com os amigos dela e eu ficava em casa. Eu ia na casa dos primos, tia. Não tenho primo da mesma idade, o único primo mais novo tem família, todos adultos e eu sou o caçula. [...]*

Emília conta como entrou em contato com a LIBRAS e narra o antes e o depois desse momento.

*[...] Eu me envolvi muito com os ouvintes e eu não me sentia discriminada. Porque eu continuei na mesma escola. [...] Eu não dizia “eu sou surda”. Eu nunca usei este termo! Eu dizia... “eu tenho uma pequena perda.” E nunca foi pequena. Eu tenho surdez profunda. Mas eu aprendi sim, a minha família me falava: “Você nunca fala que você tem (**fez o sinal de “surdez profunda”**) que você é surda. Porque senão eles não te dão oportunidade!” Então como eu consegui (**fez sinal de “oralizar”**), eu aprendi a fazer uma leitura boa (**referindo-se a leitura labial**), eu conseguia fingir. Eu me saía*

bem em muitas situações, porque eu olhava para a pessoa e a pessoa olhava (sinal de “oralizar”) de frente para mim. [...]

Quando a minha filha caçula, tinha mais ou menos... Isso foi em 2004... (expressão de lembrar) [...] Eu fui a uma reunião na escola dela e tinha um cartaz: “Curso de Libras.” Eu perguntei para a diretora: “o que é isso”? Era aquele projeto “Escola da Família”, sabe? [...] A diretora me falou que é um curso que ensina aqueles gestos de surdo-mudo. Eu falei: “que interessante”, porque eu já tinha visto. Eu vi uma vez, aí eu perguntei para a minha mãe o que é aquilo, ela falou: “não é nada, não é para você!” Eles são surdo-mudo, você não. Você consegue...” Tudo bem, mas eu tinha ficado curiosa para saber.

Depois de entrar em contato com a Associação dos Surdos, Coyote fez uma escolha em sua vida. Migrou do grupo dos ouvintes para a convivência do grupo dos surdos. Ele descreve o antes e o depois desta decisão.

[...] Eu sempre tive convívio com ouvinte... Cinema, discoteca, saía com amigo ouvinte. Surdo nada! Não encontrava nada! Eu pensei... Outro mundo! (expressão de não saber). Eu preciso de amigo surdo, eu sou triste... Não! Nada disso, eu frio, sempre tive amigos, porque eu falo bem... Com 17 anos... Sabia me comunicar. Comecei a namorar ouvinte na escola. A escola queria animação... Combinávamos e íamos... Campeonato, vôlei, futebol. Precisava torcer. Eram ouvintes e eu era o único... Problema de comunicação eu nunca tive. Até hoje! (expressão facial de “nada”) [...]

Meu amigo: “vamos ao shopping Ibirapuera.” Entramos no carro e chegamos lá. (movimento balançando os ombros imitando um caminhar rápido e expressão de olhar para algo, com sobrancelhas unidas). Porque tinham as meninas bonitas. Eu vi um amigo da infância, eu lembro. Não mudou o visual (referindo-se ao rosto dele). Ele usava sinais. (expressão de prestar atenção em alguma coisa). Meu amigo disse: “ele não fala, ele é mudo, vamos cair fora!” Meu amigo não queria que eu encontrasse com meu amigo de infância. Ele: “ele é surdo, vamos embora!” (mexeu as mãos mostrando que o moço usava sinais). Eu falei: “espera aí.” Eu tive coragem e fui... E disse: “eu lembro de você.” Ele me olhou... Era o Giovani. Porque era o único loiro, amigo da infância. O único amigo que eu tinha. Giovani! Coyote! (expressão de surpresa) Ele lembrou do que? Quando eu era pequeno e tinha quebrado o braço e coloquei tala (sinal de “enfaixar o braço direito”) [...]

Eu e ele nos reaproximamos e papeamos. Meu outro amigo perdeu a paciência e disse: “vou embora”. [...] Ele não tinha paciência com surdo. (querendo dizer, com os surdos sinalizadores, pois Coyote é surdo oralizado - grifo nosso). Eu perdi o amigo. Não tem problema, tudo bem! [...] Antes não tinha metrô. Em 77 não tinha metrô. Ele foi e eu fiquei com meu amigo. Comecei a conviver. Os ouvintes ficaram de fora. Eu preferia surdo. Eu saía com surdo. (fez um movimento com as mãos que representava que o convívio com os ouvintes foi esfriando, distanciando). Frio! Eu não fiquei preocupado com o ouvinte, eu me sentia bem. Foi indo...

M.M. também comenta:

Até hoje, meus amigos ouvintes me procuram e eu não vou procurar eles. Porque eu estou na outra comunidade.

Coyote afirma que foi um amigo surdo quem passou valores e ensinamentos da vida, lhe ensinou a controlar e guardar o dinheiro, e a pensar no futuro.

Eu fui aprendendo sinais e me sentindo bem. [...] Os outros surdos (fez sinal de “muitos”, “vários”) me chamavam. Eu ia... Ah eu vi e lembrei quando era pequeno, ele era o Presidente da Associação. Foi ele quem me ensinou como viajar para a Europa. Ele é um surdo inteligente, desenvolvido. Eu aprendi... Foi ele o fundador da Associação de Surdos de São Paulo. Conhece o mundo. É rico, o avô dele morreu e tinha bastante dinheiro. A família dele é de executivo. Ele me ensinou: “é bom você ir para a França. Lá é a primeira Língua de Sinais, a primeira escola de surdos do mundo.” Ele sabia a história. [...] Falei para meu pai... (expressão de horror)! “Viajar é só para rico.”

Outra pessoa importante que passou pela sua vida, transmitindo valores e conhecimento, foi o “italiano”. Pensando no próximo mundial de judô no México, o amigo italiano que conheceu na França lhe orientou...

Eu precisava divulgar, lutar, estimular os surdos e os ouvintes precisavam acordar. Ele começou a me ensinar. Aqui, todos quietos, passivos (expressão de ombros curvados e caídos). O europeu tem poder, força, não existe surdo inferior. A palavra I-G-U-A-L-D-A-D-E. O italiano dizia: “surdo (fez sinal de “inferior”) e ouvinte (fez sinal de “superior”) Não! Igualdade, força! Diferente... eu não ouço... e o outro ouve. Nós dois não ouvimos, mas cabeça com igualdade. Língua de Sinais forte! Surdo chorar ficar triste (expressão de fraco) não”, disse ele! “Você trabalha de que”, perguntei? “Engenheiro.” (expressão boquiaberta em relação ao italiano) Ele viajava pelo mundo, era engenheiro, arquiteto, era professor de karatê na academia própria dele, ele era surdo. Como pode? Ele me ensinou, me ensinou!

Uma pessoa que cresceu sendo surda, integrando-se na comunidade dos surdos, apresenta certo ponto de vista. Lane (1992) explica:

Estas pessoas consideram-se essencialmente visuais, com uma linguagem visual, uma organização social, uma história e com valores morais que lhe são próprios, ou seja, estas pessoas têm a sua própria maneira de ser e possuem uma linguagem e cultura próprias. A investigação que tem sido levada a cabo neste campo desde os anos 1970, bem como a linguística, a antropologia, a sociologia e a história apoia-os nestas suas considerações. Sem qualquer dúvida a criança surda enfrenta muitos obstáculos durante toda a sua vida, mas a falta de comunicação em casa, a educação de nível inferior nas escolas, a discriminação no emprego são obstáculos colocados no seu caminho por pessoas ouvintes, que caso conhecessem a comunidade dos surdos, os retirariam de imediato. (p. 21)

Quando falamos da comunidade surda, nos referimos às Associações, os Clubes, as Entidades e as Federações que se organizam para lutar pelos direitos e a cidadania de seus membros. Considera Lane (1992):

A comunidade dos surdos é uma abstração; mas precisamente a esse nível, ela tem a sua linguagem, costumes e história, as suas instituições – por exemplo, o clube dos surdos, as quais podem constituir um melhor auxiliar do que qualquer indivíduo, surdo ou ouvinte, elas têm um conteúdo simbólico. (p. 92)

A Associação de Surdos de São Paulo (ASSP) é uma das mais antigas representações da cultura surda em nossa cidade. Teve e tem o importante papel de transmissão cultural, artística, esportiva, e principalmente política para a comunidade surda, através dos líderes surdos de diversas gerações. Foi fundada no dia 19 de março de 1954. Em 2014 completou 60 anos de existência.

Wilson contou que foi Presidente da Associação por dois mandatos e participou de diversos campeonatos de futebol, depois que saiu do INES. Representou o Estado de São Paulo nos campeonatos estaduais de futebol para surdos no Brasil. M.M. também foi jogador de futebol pela associação e atualmente joga basquete seguindo os mesmos objetivos e conquistas esportivas.

Outra entidade de grande importância é a CBDS (Confederação Brasileira de Desportos dos Surdos) pois organiza e promove campeonatos entre as diversas associações de surdos em nosso país.

Coyote relembra:

Conheci a Associação, foi importante fazer amizades na Associação de Surdos. Conheci pessoas do Rio, Curitiba, e tinha uma troca, culturas diferentes. Quando ia para o Rio já conhecia alguém de lá para ficar hospedado. Competição de futebol de salão.

As comunidades podem ser de “vida” e de “destino” define o sociólogo Zygmunt Bauman (2005), sendo que seus membros “vivem juntos numa ligação absoluta” e outras que são “fundidas unicamente por ideias ou por uma variedade de princípios.” (p. 17). É neste ponto que a questão da identidade é evocada, porque existe mais de uma opinião a ser transmitida, mantendo unida a “comunidade fundida por ideias” em nosso mundo multicultural e repleto de diversidades.

Comunidade de destino? Quais os traços preponderantes que ligam os surdos e suas trajetórias de vida? Lane (1992) traz interessantes representações do momento de familiaridade com a comunidade dos surdos.

Na juventude, a solidariedade com a comunidade dos surdos é confirmada pela rejeição, por parte da criança, da incompreensão em casa e na escola, e pela sua inegável atração por uma comunicação clara e simples e pelas

amizades entre os surdos. Na idade adulta, a força repulsiva é frequentemente a incompreensão e rejeição no local de trabalho e, uma importante força de integração é o casamento com outra pessoa surda. (p.96)

Cerca de 90% das uniões entre pessoas surdas envolvem dois cônjuges surdos, independente do grau de instrução. As razões de tais uniões compreendem uma “comunicação simplificada, uma experiência partilhada e o fato de os amigos de um membro do casal se tornarem mais facilmente amigos do outro.” (Ibidem, p. 149)

O autor salienta a existência de uma fantástica lealdade de grupo. Seus membros acreditam, assim como os membros de outros grupos culturais, que o casamento deve acontecer com uma pessoa que pertence ao mesmo grupo, pois a união com uma pessoa ouvinte é desaprovada. A escolha de casar-se com pessoas surdas ocorreu com M.M., Wilson e Coyote. Wilson diz: *“Fácil... Tranquilo! Com a Vera é fácil em nosso convívio!”*

Um estudante surdo do Instituto Técnico Nacional para Surdo relata sobre a sua decisão de casar-se com uma mulher surda:

Se me casasse com uma mulher ouvinte, o que é que lhe aconteceria? Visitaria ela o clube dos surdos? As pessoas ouvintes vão para o clube dos ouvintes – eles vão para os clubes e dançam. Seria capaz de me integrar no meio dos ouvintes? De modo algum. Eles não me conhecem... Por isso, ficaria apenas sentado a um canto sem fazer nada. Diria: “eu não quero ir para o clube de ouvintes”, e a minha mulher diria, “eu não quero ir para um clube de surdos”, tornar-nos-íamos opostos. Culturas opostas e vidas opostas! (Ibidem, p. 96)

Hélio e Coyote declaram abertamente suas sensações quando estão em contato com os amigos surdos e o significado de se sentirem em *casa*, em *família*.

Hélio sinaliza:

[...] *Eu quis parar de ir na casa da vovó. Eu escolhi ir no grupo surdo. Shopping, restaurante, bar, conversar, animado, porque todos falam igual Libras. Entendeu? Conversar, piada, feliz. Parecem que todos são a minha família.* [...]

Após anos de experiências compartilhadas socialmente na comunidade dos surdos, depois do contato com os diversos artefatos culturais, através da história e da arte, por exemplo, os surdos adquiriram uma consciência maior da sua própria comunidade e cultura, como nos aponta Lane (1992).

[...] Existe também na comunidade dos surdos uma propensão para a tomada de decisões em grupo, ajuda mútua e para uma reciprocidade, características

estas que são aspectos muito importantes na cultura do surdo.” [...] “Os surdos abraçam-se, frequentemente, nos encontros e principalmente nas festas – verdadeiros abraços! Eles fazem troça dos abraços tradicionais dos ouvintes. As despedidas podem ser muito demoradas e desenrolar-se por fases. As despedidas repentinas e mesmo temporariamente inexplicáveis são inaceitáveis. [...] (p. 32)

As vivências de Coyote e M.M. apontam para a mesma direção, e diferenciam culturalmente o comportamento de surdos e de ouvintes.

Coyote considera:

[...] *Um vai à casa do outro como uma família! Ela (sua esposa) na família dela (chega à casa da família dela, senta, braços cruzados, toma café). Perguntam: “Quanto tempo? E o trabalho?” Eu na minha família... Problema de dinheiro, banco protesto, imposto, pápápá... Não falam! (expressão de quietude, parado). Os surdos contam piada, fofoca, riem, provocam. O ouvinte não, ele fala: “é feio, é feio! Isso é falta de educação! Fala baixo!” O surdo (fez movimento de dinamismo, de combinar comer no shopping ou voltar para comer em casa, chamar pizza ou esfria, escolhe o sabor que quer comer, divide a conta). [...]*

M.M.:

Surdo vê todo dia. [...] Vê em qualquer lugar. Vê numa festa: “ah, eu encontrei.” Vai à outra festa: “ah eu vi ele, a gente se encontrou.” Ouvinte não! Ouvinte você vê uma vez, amanhã some! Aí passou o ano, seis meses aí encontrou. [...] Surdo não! Surdo é igual a que você vê aquela comunidade, encontrou uma vez... e depois nos vemos de novo... Oh, vamos manter contato, a gente encontra todo dia e conversa todo dia.

Coyote continua:

[...] *Um conhece o outro, porque os surdos são minoria. Os surdos nunca somem e os ouvintes sempre somem, não conseguem manter contato. Os surdos não! Sempre procuram contato! [...]*

[...] *Eu na casa do Fabrício ficamos horas juntos (fez movimento de dinamismo, de comunicação natural) como uma família. Abro armário, como... Tudo natural, espontâneo. Nós somos padrinhos do menino e padrinhos do casamento deles. Somos como uma família, a mesma união. Não tem desprezo, somos unidos. Eu falei... Os surdos são mais unidos do que os ouvintes. O surdo vai à casa dos outros e os outros vêm aqui. Ouvinte chega toma café (fez movimento de cruzar as pernas e braços) e diz: “não, obrigado!”.*

[...] *O ouvinte olha no relógio e fala: “eu preciso ir embora, cuidar do meu filho.” Eu digo: “aparece!” Ele responde: “ahã!” O ouvinte vai embora, já o surdo fica horas juntos, fica batendo papo até madrugada e já combina: “amanhã vou à sua casa, às 16h.” Um vai à casa do outro. Já o ouvinte não! (expressão de olhar parado, corpo duro). [...]*

[...] *Por exemplo... Eu preciso pintar a parede. É uma troca. Ele veio, arrumou e pintou (apontou mostrando a parede pintada). O ouvinte: “é feio pedir, é feio!” O surdo... “eu preciso de ajuda, como?”, “buscar aonde?” (fez movimento de trabalhar manualmente e ter ajuda mútua). Ele ajudou a descarregar a areia. Depois eu fui à casa dele. Ontem eu*

arrumei o fio, ela ajudou no armário. É uma troca! Ouvinte não! “Como? Pintar? Eu não posso, eu tenho compromisso, desculpa, não deu para ir!” [...]

Na contra-mão da familiaridade sentida e vivida, Coyote salienta os diferentes costumes e hábitos vividos em família.

*[...] Surdo não está nem aí. O ouvinte (**expressão de chateação**) fala: “levanta a cadeira”. Minha mãe fica nervosa. Quando corto um alimento (**fez movimento e barulho como se estivesse com os talheres na mão**). Eu não escuto! Minha mãe reclama. Surdo (**bateu forte na mesa para chamar sua esposa e mostrar que os surdos tem esse costume**). Minha mãe se irrita e diz: “olha para o barulho, o que tem na boca.” Quando mastigo a carne (**fez movimento com as mãos imitando o triturar e o barulho do alimento na boca**) eu não escuto! Minha mãe: “para com esse barulho, coisa feia! Vai riscar o prato!” Surdo... (**bateu na mesa, acenou com a mão para chamar alguém... demonstrando o jeito dos surdos**). Meu filho já acostumou porque cresceu com a gente. O ouvinte se irrita! [...]*

Hélio também tece importantes considerações sobre a qualidade das trocas comunicativas entre ele, o primo ouvinte e a família nas datas comemorativas:

Uma vez, na ceia de natal, todos comeram à vontade, deram risadas, contaram boa piada, conversaram muito, menos eu. Meu primo contou uma piada, todos deram altas risadas e se sentiam muito felizes. Eu não compreendia nada porque eu não escutava nada o que eles falavam. Eu perguntei para minha mãe porque eles davam risada? Minha mãe falou que era só uma piada. Perguntei, “que piada”? Queria saber o que ele falava na piada. Ela falou que depois me explicava. Fiquei bravo porque ela queria me explicar depois? Eu acabo de descobrir que ela prestava mais atenção aos ouvintes do que eu, surdo. Eu pedi que ela me explicasse sobre a piada. Ela me falou que não tinha como explicar. “Você não vai entender nada. Essa piada só ouvinte vai entender. Você é difícil para entender”, respondeu. Fiquei chocado de saber que ela falou assim. Eu acabo de descobrir que cada comunidade é diferente. Eu me sinto ofendido e muito magoado, por isto, perdi a vontade em ver a minha família.

Metaforicamente expressa seus profundos sentimentos quando estava em contato com o entorno familiar.

Eu frequentava a casa da vovó, e só me beijavam e diziam “oi”, mas, não me falavam muita coisa como história, piada e novidade. Eu me sentia como um cachorro que ficava quieto, comia, bebia, abanava o rabo, alguém passava a mão na cabeça do cachorro... Eu não fazia nada, só recebia carinho...

Bem, falar do grupo de surdos é trazer à baila a heterogênea experiência vivida por cada um deles. Emília traz relevantes considerações de como se percebeu “dentro” deste mundo.

*Comecei o curso de instrutor junto com um grupo de surdos que já eram professores, já eram instrutores, já ensinavam. (**respirou fundo**) Foi difícil! Um curso de 360 horas. Eles já estavam inseridos numa comunidade. Essa comunidade o que... Pontos de encontro, casa de cada um, festa de família,*

aniversário. Eu não era convidada, eles não me conheciam. Eu estava em outro mundo! Então eu não estava dentro dessa comunidade. Muito difícil a aceitação. Mas, eu terminei o curso de instrutor. Nesta ocasião aconteceu o Prolibras e o vestibular para o Letras/Libras.

Sendo a comunidade surda composta por diversos grupos, as pessoas parecem não comungar das mesmas ideias, nem das mesmas identidades e propósitos, pois existem práticas culturais de um grupo dentro de um grupo. Eles divergem nas opiniões e nas participações ético/políticas em diversos segmentos. Com isso Emília questiona:

Eu não sei o que a gente pode dizer comunidade, sabe? [...] É bem assim, eu não sei o que, eu não sei definir o que é essa comunidade surda! Eu entendo comunidade, um grupo de pessoas que pensam da mesma forma, lutam pelas mesmas coisas, se encontram periodicamente em alguns locais para resolver, decidir o que vai ser feito em benefício de alguma coisa que eles acreditam! Eu não vejo isso. Eu vejo duas ou três pessoas decidindo em nome de muitos! Não sei!

As diferenças existentes entre os grupos levam a conflitos de identidade. Numa possível crise identitária, Augé (1997) considera que

[...] toda identidade era construída por negociação com diversas alteridades e que, por consequência, havia sempre, acima dos fenômenos apresentados como ligados a uma crise de identidade, uma crise mais profunda, de alteridade. É por não conseguir mais elaborar um pensamento do outro que indivíduos ou grupos declaram-se em crise. [...] Quem diz “crise de alteridade”, diz “crise de sentido”, na acepção antropológica do termo, e a Antropologia é, naturalmente chamada a estudar”. [...] (p. 144-5).

Quadros (2006) diz que: “a identidade e a cultura das pessoas surdas são complexas, já que seus membros frequentemente vivem num ambiente bilíngue e multicultural.” (p. 111). É uma comunidade que atravessa fronteiras, afirma a autora, pois, de um lado, as pessoas surdas fazem parte de uma comunidade surda, de um grupo visual que pode se estender do nível nacional, ao mundial, e por outro lado, as pessoas surdas estão inseridas em uma sociedade nacional, possuem uma língua de sinais e partilham culturas com as pessoas ouvintes da sua nacionalidade.

Para Veiga-Neto (2006), a cultura e a identidade surdas trazem alguns marcadores que nos permitem falar em alteridades marcadas por heterogêneas experiências, podendo estar relacionadas ao olhar, à arte, à Língua de Sinais, à poesia surda, à noção de luta e à necessidade de conviver em grupo.

Lane (1992) considera que,

[...] A identidade dos surdos é ela própria muito importante, os surdos parecem concordar que uma pessoa que não seja surda nunca pode adquirir na totalidade aquela identidade e tornar-se um membro habilitado da

comunidade dos surdos. Mesmo que essa pessoa tenha pais surdos e um domínio nativo da ASL, ela nunca terá tido a experiência do crescer surda nem do frequentar uma escola para surdos, é como se estivesse dividida entre as duas culturas. Falar e pensar como uma pessoa ouvinte é negativamente considerado na cultura dos surdos. O surdo que adota os valores do ouvinte é menosprezado e considerado traidor pelos outros surdos. [...] (p. 32)

Os conflitos de identidade de M.M, são assim apontados: “*Mas eu nasci deficiente auditivo está dentro de mim, por fora eu aceito ser surdo.*” [...]

Alguns frequentadores da comunidade surda, assim como M.M., buscam frequentemente dar um nome a uma identidade que dê um sentido existencial para suas vidas: O que eu sou: “*D. A. ou surdo*”? Mas, como ocorreu a definição de *Deficiente Auditivo*? E o que representa *ser surdo*?

Conforme Lane (1992), “a classificação foi inventada e divulgada nos finais dos anos 1960 pela instituição audista, defendendo que as crianças surdas deviam ser melhor tratadas se fossem designadas como deficientes auditivas.” (p.90) O rótulo, portanto, trata do modelo de enfermidade.

Para a comunidade surda, o termo “deficiente auditivo” tem um valor pejorativo, negativo, enquanto que “surdo” não tem. [...] “Surdo” faz referência a uma cultura, linguagem e experiência partilhadas; “deficiente auditivo” faz referência à deficiência física que alguém fora da cultura dos surdos possui.” [...] (Ibidem, p. 90)

M.M. assinala genuinamente:

D. A. e surdo é diferente. D. A. para mim é aquela pessoa que escuta um pouco, que fala bem, consegue comunicar, mas tem local perdido, tem! É que você fica solidão. D. A. significa uma pessoa que tem dificuldade de comunicação, tem! [...] eu já sofri, um tempo, um pouquinho de tempo, solidão!

Que identidade eu tenho, questiona Emília? Sobre este prisma, a interlocutora considera:

O curso de Letras/Libras eu convivi com surdos de identidades muito diferentes. Surdos que oralizavam, outros que não oralizavam nada e outros que usavam as duas línguas, como eu. Eu percebi o que. O surdo oralizado, para ele ser aceito naquele grupo, ele tem o direito de utilizar a língua deles. (sinal de “aspas”) Precisava (sinal de “parar de oralizar”). Eu não fiz isso, não faço, nunca fiz. Eu uso a língua... Você percebe?! (sinal de “agora”) Se chegar antes (sinal de “português”) eu falo, se a LIBRAS chegar antes eu falo também. Porque na minha cabeça, o que é importante é que agora eu consigo me comunicar. Só, só! A língua, LIBRAS é muito legal. Eu amo, luto, divulgo, ensino com muito carinho, mas eu acho que eu

não posso esquecer que eu falo. Que a minha primeira língua é português que eu também adoro.

Essa ideia de que você tem que tirar uma criança ou uma pessoa de um mundo. Por exemplo, vamos tirar por mim. Eu tenho onze anos de idade hoje, amanhã eu fiquei surda. Eu não pertencço mais àquele mundo (referindo-se ao ouvintes – grifo nosso) Eu pertencço a esse mundo (dos surdos – grifo nosso). Todos os valores que eu tinha desse mundo acabaram. Eu tenho que adotar os valores, a língua desse mundo, as ações desse mundo. [...] Tenho que levar todo mundo. Porque quando eu entrei para a comunidade surda, até o fato de um surdo se casar com um ouvinte não era aceito. Eu falava “pera aí, como isso? Como que vocês podem rejeitar, sem os ouvintes? São seus pais, suas mães, são seus professores. 95% de surdos são filhos de ouvintes, todo mundo sabe disso, não é? Como você pode rejeitar isso que você conheceu? Como você pode pedir para um surdo oralizado para ele não falar mais?! Porque o fato dele falar não dá para ele uma identidade. Que identidade?! De que identidade a gente está falando?! (expressão de “não saber” ou “dúvida”)

A percepção sobre a questão cultural é a seguir comentada por Emília e a relação que faz com a experiência visual dos surdos como forma de conhecimento de mundo.

Mas eu acho que são mundos diferentes, que não são unidos, que não conversam. [...] Dentro do mundo dos surdos, tem muitos mundos. Não é um mundo! [...] Não é uma comunidade. Não é uma cultura. Isso é coisa que os ouvintes criaram e os surdos aceitaram. [...] Eu não vejo que tem a ver com cultura. Essa questão de cultura é muito difícil para mim. Eu não gosto de problematizar, porque eu não nasci surda, aí nesse sentido eles têm razão. Eu não nasci surda, mas eu não consigo entender... porque o surdo nasceu em família de ouvinte, ele viveu junto com ouvinte, ele participou do mundo do ouvinte, não é? Ele aprendeu LIBRAS... tudo bem! Mas, só se a cultura for a Língua de Sinais. A única coisa que eu vejo como cultura é essa percepção visual, que a gente tem e o ouvinte às vezes não tem. É muito difícil para o ouvinte entender isso. Eu percebo, é muito difícil! Então eu acho que isso pode não se enquadrar dentro de um conceito de cultura, mas é a única diferença que eu vejo.

Geertz (1983) *apud* AUGÉ (1999), diz que a análise da cultura deve tender para

a busca dos símbolos reveladores, de um grupo e de grupos de símbolos – que acarretam percepções, emoções, entendimentos – assim como para a definição das regularidades implícitas em sua formação e que estão na base da experiência humana. A concepção que Geertz tem da cultura não é nem fixa nem uniformizante; para ele pode haver oposição ou contradição entre um grupo de símbolos e um outro. [...] (AUGÉ, 1999, p.71)

Hélio dá exemplos da diferença cultural dos surdos através da experiência visual no modo de estar no mundo:

Nossa cultura surda, por exemplo, o ouvinte grita o nome das pessoas, escuta quem o chamou. O ouvinte grita para o surdo, não precisa, é só tocar no ombro ou levantar a mão se veem chamando, mas, precisa tocar suave e não é para bater, apontar o dedo ou puxar a roupa. Pode desligar e ligar a luz como é chamado para surdo. Se não faz assim, faz de seu jeito e deixa os surdos bravos. Falta informação.

Faz referência aos índios do Amazonas, quando fala que falta informação:

Falta informação. A maioria dos ouvintes não conhecem sobre a cultura surda porque a comunidade surda é pequena como uma minoria como os índios do Amazonas. A mesma coisa, a maioria das pessoas não conhece os índios do Amazonas.

Os diferentes grupos que se entrecruzam na comunidade são descritos por M.M. e Coyote. Eles falam da aceitação e também do preconceito existente entre as pessoas.

Para M.M. existem 4 grupos:

Surdo tem grupo de surdos diversos. Surdo implante, surdo sinalizado, surdo oralizado e D. A. São quatro. Surdo oralizado e D. A. é diferente. Porque tem uma comunidade diferente. Então eu percebi... Nossa! Qual comunidade que eu vou entrar? Todas. Todos esses são meus amigos. Implante, sinalizado, oralizado e D. A. são meus amigos.

[...] *Falam assim: “surdo oralizado, mas ele mora na favela.” Não tem nada a ver! “Surdo oralizado mora lonnnnnnngue, lá perto de Embu das Artes.” É oralizado, é sinalizado, é amigo! Então as pessoas confundem D. A. que também mora longe. Preconceito! Ah meu Deus mora longe!” [...] Classe social. Não é só classe social. Também a cor. A cor também.*

Coyote entende que:

Implante precisa aceitar LIBRAS. (fez expressão de rejeição dos ouvintes que não aceitam a LIBRAS). O médico proibiu LIBRAS. Precisa respeitar minha língua! Você é surda, tudo bem... Colocou implante... Você pode falar, pode usar LIBRAS... Á vontade! Você escuta você sabe LIBRAS, ótimo! O médico (bateu na mão significando proibir o uso da LIBRAS) não! Não pode!

Hélio, M.M. e Coyote consideram que alguns amigos não combinavam com eles, não faziam o seu tipo, por exemplo os jovens que usavam boné, que vestiam certas marcas de roupa, eram vistas por Hélio como pessoas que não tinham educação.

Para Coyote:

[...] *Eu percebi que surdo tem mais união, alguns tem cultura diferente e não combina (sinal “eu”). Os surdos não são todos iguais. Eu tenho meus amigos, mas existem outros grupos que não combinam (sinal “eu”). Inveja, ciúme, as pessoas tem culturas diferentes. [...]*

Hélio diz que tem influência dos ouvintes no modo de ser da pessoa surda.

Tem influência, o surdo vê boné, jeito, roupa, gosta de copiar. Mas falta aprender na escola. Precisa pesquisa antes. Tem grupos diferentes. Por exemplo, tem grupo de gay; grupo de lésbica; grupo de travesti; grupo gótico que usa roupa preta, representando morte; grupo rock (fez movimento de tocar guitarra). Depende de qual grupo o surdo quer entrar. Se entrar no grupo que copiar igual.

Abrangendo as questões institucionais, Emília faz referência aos grupos que vivenciam diferentes realidades sócio-econômicas:

Os órgãos representativos das comunidades surdas são compostos por surdos de famílias já com um poder aquisitivo melhor (sinal de “dinheiro”). A gente pode dizer assim, os surdos da elite. É diferente! Aí você vê a comunidade principalmente a mais pobre, os surdos que moram lá onde eu moro, na zona leste, nas escolas lá onde eu visito... Nossa, é uma realidade muito diferente!

Nos diferentes grupos existentes, a luta para as melhorias de acesso por um espaço onde “todos” possam ser reconhecidos como pessoas livres que manifestam suas escolhas ético/político, é assim dito pela interlocutora:

Eu acho que as entidades representativas dos surdos como se diz... é um modelo... é uma coisa... eu não sei dizer o nome, mas é aquilo... é o sonho dos surdos... é a casinha dos surdos! Então eu acho que tinha que ser estruturada dessa maneira, tem que estar aberta para todo mundo! Mas quem é todo mundo? É todo mundo mesmo? São todos os surdos, independente dele ser pobre, dele ser rico, dele ser gay, dele não fazer parte daquele grupo, acho que tem que ser aberto para isso!

4.1.3 Educação

Imagem 12

A educação é motivo de grande preocupação, lutas e embates políticos por parte dos líderes surdos que defendem nas últimas décadas os direitos pelo reconhecimento de uma Educação Bilíngue de qualidade para as crianças surdas brasileiras.

Poucas comunidades, comenta Lane (1992), apresentam uma história de opressão tão trágica e longa como os grupos de surdos que se expressam pelas diversas Línguas de Sinais. Pela própria história dos surdos, temos duas explicações plausíveis:

1) porque a linguagem e a cultura não poderiam ser transmitidas primeiramente pela família, porque a maioria dos pais são ouvintes, e 2) porque acaba sendo na escola que a criança encontra a sua linguagem e as suas “raízes”.

Para melhor assimilar as ideias acima citadas, nos aproximaremos das reflexões e vivências dos interlocutores, para remontar algumas partes da história universal dos surdos a partir do particular das suas próprias histórias educacionais. A heterogênea representatividade dos mesmos é rica pelas diferenças geracionais que marcam as diferentes épocas vivenciadas na História da Educação de Surdos.

Campello (2007) escritora surda, observa historicamente, que não há registro antes do século XVI que documente o processo educacional das pessoas surdas. Sabe-se que na época, pela diferença da língua, não havia escola especializada para surdos. Algumas pessoas surdas vindas de famílias nobres eram educadas por padres para se tornarem pessoas letradas e educáveis. A primeira pessoa interessada em instruir os surdos foi o italiano Giralamo Cardamo. Inventou sinais para ensinar aos educandos surdos a ler e escrever, e assim comunicar-se com eles. Em seguida, Pedro Ponce de Leon, monge beneditino espanhol, descobriu um treinamento de voz e leitura labial, pois percebeu que os surdos podiam oralizar. A partir daí, com base na criação da primeira escola pública francesa, o abade Charles Michel de L’Epée, em 1760, começou a ensinar crianças surdas em Língua de Sinais que se falava nas ruas de Paris, alfabeto manual ou datilologia, metodologia que obteve sucesso e foi muito respeitada, abrindo então, o *Instituto de Surdos e Mudos*, em Paris. Atualmente chama-se: *Instituto Nacional de Jovens Surdos*.

No século XVII, o médico suíço Jan Conrad Amman citado por LANE (1992), escreveu:

A respiração da vida está na voz. A voz é a intérprete dos nossos corações e expressa o seu afeto e desejos... A voz é a emanção viva daquele espírito que Deus insuflou no homem quando lhe criou uma alma viva. (p. 105)

Portanto, naquela época, considera Skliar (2005) ser surdo significava não ter acesso à palavra, ser incapaz de aprender e pensar e, portanto, não constituir-se humano. Por muitos séculos acreditamos na falsa crença de que a oralidade era o único meio de linguagem, por isso podemos compreender os preconceitos que cercam os surdos até hoje.

Segundo Capovilla (2001), durante o século XVIII na Europa, surgiram duas tendências distintas na educação dos surdos: o método francês, acima citado, do abade L'Epée, em Paris, baseado no ensino de sinais e o método alemão de Heinicke, em Hamburgo, que priorizava a oralização. A grande maioria dos surdos defendia a Língua de Sinais, enquanto que apenas os ouvintes apoiavam o Oralismo, por exemplo, Alexander Graham Bell, nos Estados Unidos, fazia campanha a favor deste método, entre muitos outros professores, médicos, etc.

No Brasil, no século XX, a educação dos surdos se baseava no método de ensino do Oralismo. Como não existiam escolas para surdos, muitas crianças eram institucionalizadas. Elas saíam da casa dos pais para morar grande parte da sua infância e juventude nos internatos. Em meados dos anos 1950, Wilson viveu essa experiência e nos retrata como foi a sua chegada ao Instituto:

Lá no INES antigamente tinham crianças de 3, 4 e 5 anos. Eu cheguei com 5 anos. Os pais largavam lá para trabalhar. [...] tinham muitos pais que não tinham dinheiro, eram pobres, estavam separados e o que eles iam fazer com o filho surdo? Levavam para o INES. Os pais assinavam um papel que ia para o juiz, onde ficavam sob a tutela do INES até seus 18 anos. E depois dos 18 anos vão para a rua? Não pode! Iam trabalhar, ou conseguiam dormir em hotel ou procuravam uma tia, um parente. O INES estava de fora. [...] o INES aceitava muitas crianças, de vários tamanhos que eram deixadas lá.

Wilson não estava no lar doméstico, mas fez do INES a sua morada, pois foi lá que construiu o início da sua história pessoal, educacional e profissional.

Tínhamos que responder as frases interrogativas, era difícil. Precisávamos aprender e estudar. Eu ia para “casa” (equivocou-se, quis dizer e disse “INES”) (risos). Eu subia para o quarto, tinha que ler e estudar, não podia brincar. Depois teve prova, eu fui mal. Naquele tempo as notas eram: 10, 20, 30, 40, 50. Melhor, era 100, 90, 80. Cinco e seis era abaixo da média. Eu fui mal, abaixo da média. Os outros ficaram na média e um colega tirou nota acima da média. Seguimos com o mesmo grupo. Em dezembro de novo eu fiquei aqui, não fui para São Paulo. Muitos foram para as férias. Eu guardei meu caderno, fiquei à toa, estava triste! Em março todos eles voltaram novamente para estudar.

Pelas suas memórias, o interlocutor conduz à história de fundação do Instituto e conta o que “ouviu” falar sobre tais fatos.

Quando o INES foi fundado o governo não ajudava, não tinha, não sabia... Um homem surdo francês veio para o INES, os surdos daqui não sabiam se comunicar. [...] Esse surdo francês voltou para Paris e explicou que os surdos brasileiros não sabiam nada. Antes não existia Brasília, a capital brasileira era o Rio de Janeiro. O francês voltou para o Brasil e conseguiu uma verba com o governo para fundar o INES. Eu li na história do INES, Dom Pedro I era o pai e Dom Pedro II, o filho. (levantou-se da cadeira e

foi até a parede para mostrar o tamanho da foto de Dom Pedro II que tem no INES. Pega a metade da parede) (posicionou-se conforme Dom Pedro está na foto com os braços cruzados na frente do corpo). Foi assinado um acordo com o INES e até hoje nunca saiu. Antigamente o inspetor E-S-T-E-V-E-S, explicou a história do INES para mim. O INES nunca saiu do lugar que foi fundado. O Marechal Lott queria a casa, desejando que os surdos saíssem de lá, para ocupar o espaço com seu armamento e fazer alojamento para comer e dormir. Conhece J-K? [...]

[...] Juscelino Kubistchek? (respondei) [...] É. Continuou a mandar verba para os surdos. Eram 900 surdos no total que moravam no INES, desde as crianças até os mais velhos utilizando os três andares da escola. O J-K pensou: “o L-O-T-T quer tirar os surdos do INES, para que?” J-K foi ler a história do INES e viu que foi um surdo francês no tempo de Dom Pedro II que assinou esse contrato com a escola. Ele proibiu qualquer ação de L-O-T-T e disse que os surdos ficariam ali até a sua morte. O tempo foi passando... Por exemplo, você morre, eu morro, mas crianças novas continuarão a frequentar o INES. (risos) Entendeu?

Naquele tempo a chamada era oral. Questionei-o: “*Oral*”? E ele explicou:

O estudo era O-R-A-L. Todos os alunos juntos não! Era só o professor e o aluno. [...] O professor dava várias perguntas para ser aprendidas em casa. Era história, geografia, matemática, português. O professor entregava o material e dizia: “amanhã prova.” [...] Sorteiei uma questão, abri o papel e li. Era difícil! Fiquei olhando para o teto. O professor disse que não era para brincar, era para responder certo. Ele estava sério! Ah, eu lembrei e escrevi. (risos) Era sobre história, Dom Pedro I, II. Peguei o lápis e escrevi. O professor desconfiado pediu para eu levantar da cadeira. Perguntei “por que”? Ele disse para eu levantar. Eu levantei, e ele ficou procurando a cola. Não encontrou nada. Eu falei que não tinha nada comigo. A próxima pergunta foi de matemática. Eu tirei outro papel, abri, li e respondi. O professor ficou me olhando com expressão de surpresa e disse: “bom!” Respondi mais algumas perguntas e tirei nota 10. Que alegria! Voltei para a sala com meus colegas.

A educação dos surdos baseava-se em preparar o aluno para o trabalho, pelas técnicas manuais de marcenaria, sapataria, costura, entre outros.

[...] Antes a gente crescia igual burro. Por exemplo, eu que sou surdo... Eu trabalhava de sapateiro, o estudo ficava de lado. Era inteligente no que fazia, mas no estudo eu não sabia. Por exemplo, trabalhar de marceneiro, era perfeito! Trabalhar com as mãos para o surdo, muito bom, era inteligente! Mas ler? Não sabia! Por exemplo, você no futuro trabalha de marceneiro, aí o homem pergunta um nome e você não sabe. Por exemplo, eu quero a pintura em V-E-R-N-I-Z, mas o surdo não sabe o que é V-E-R-N-I-Z. Como?! Ele sabe fazer o trabalho, só sabe o sinal, mas, a palavra C-E-D-R-O ou M-O-G-N-O, e outros nomes de madeira, ele não aprendia!

Wilson singelamente faz apontamentos do ensino de seu tempo em referência ao momento atual:

Antigamente os surdos não sabiam, agora estão mais inteligentes. Atualmente eles têm acesso a computador, aula de informática, eu vi lá no INES. Fiquei admirado! Antes não tinha. Tem fonoaudióloga lá que trabalha a oralidade, antigamente não tinha. Antes era só escrever, copiar, era fraco o estudo. Hoje em dia eles são mais inteligentes. Antigamente era

só até o 4º ano. Agora vai até o 9º ano e tem o 1º, 2º e 3º colegial, e faculdade também.

[...] Os surdos inteligentes, não eram! Dos 900 alunos, mais ou menos 20 alunos eram inteligentes, só. [...] Por exemplo, na aquisição dos conhecimentos eu demorava, meus colegas também. Eram mais ou menos 3 ou 4 mulheres, que escreviam e se desenvolviam. Tinham 15 homens na sala de aula. [...] Eu vejo o surdo mexendo no celular, no computador, se desenvolvendo bem. Antigamente não! Agora está melhor. [...]

Emília, Coyote, Wilson e Hélio explicam que não existia a palavra LIBRAS. Falava-se “gesto”. Wilson exemplifica:

Por exemplo, o sinal de C-A-C-H-O-R-R-O (dedos curvados e abertos tocando o meio do rosto). Antigamente era batendo a mão na coxa direita (fez um biquinho com a boca, como quem chama o cachorro – grifo nosso). Com o tempo foi evoluindo e os sinais foram mudando.

Coyote também resgata as lembranças vividas na década de 1960:

Na minha época não tinha LIBRAS. Eu e minha irmã só leitura labial, gestos. Exemplo: calor, frio, comer, fome, sono, cansado. (fez os gestos e expressões faciais que representam estas palavras e também o gesto da palavra “trabalhar”, tirando o suor da testa, assim usado na época, pois Coyote não sabia o sinal da palavra “trabalhar” em LIBRAS).

Aí eu comecei a entender. Mímica, continuava a palavra a ser usada. Não se conhecia “Linguagem de Mãos”. Eu perguntei sobre a palavra “mímica”. Eu lembro que eu disse: “Você faz mímica, que coisa feia! Você tem que aprender a falar... mímica, mímica, mímica.” Com o tempo, se tornou “Linguagem de Mãos”, aí fundou a Comunidade de Surdos. Não tinha a FENEIS. Não tinha nada, só a Associação. Combinamos de fundar a Língua de Sinais. Por quê? Tinha uma mulher que viajou para a Europa, na Dinamarca e aprendeu a Língua de Sinais e veio para cá em um Congresso. Ela é a Ana Regina Campello, atual Presidente da FENEIS.

E lembra-se que para se referir aos ouvintes, usava-se a palavra “normal”.

Na época não se falava “ouvinte”, falava “normal”. Exemplo: “Ela é normal” (referindo-se às pessoas que falavam e escutavam). Depois é que mudou para a palavra “ouvinte”. Na época não tinha a palavra “ouvinte”, tinha “pessoa normal”. A comunidade surda era contra a palavra normal x anormal. Confusão! A palavra “normal” foi modificada para “ouvinte”. A leitura labial era confusa, aí mudou e colocou “ouvinte”. Surdo e ouvinte. Comecei a aprender a palavra. Antes era: “minha namorada é normal.” Minha amiga disse: “você é normal.” Eu disse: “não, eu sou surdo.” Minha amiga: “você é normal. (e olhou para ele da cabeça aos pés). Você é diferente. Surdo não ouve. Você fala. Você é normal.”

Para estar na norma da sociedade majoritária regida pela normalidade, citamos no início deste trabalho que a lógica da civilização priorizava o ouvir e o falar. Neste contexto, conforme Skliar (2005), o ouvinte foi visto como o colonizador que diante do outro surdo colocou uma falta, uma inferioridade, e a necessidade de terem a fala igual aos ouvintes. A lógica do ouvinte contribui para criar um perfil de normalidade. A invenção do outro anormal está implicada neste processo. Para o autor, a ideia do

progresso das tecnologias em ver o surdo falar, escutar e ser igual aos ouvintes, tem um discurso médico pautado na normalidade que se refere a ter audição e ser falante em potencial.

Contudo, “o ‘mudo’ do ‘surdo e mudo’ surge não só para fazer referência à mudez, como também à fraqueza da mente.” (LANE, 1992, p. 24). Por muito tempo, a surdez foi vista como uma deficiência do intelecto.

Wilson traz sobre a história de fundação do INES, importantes movimentos políticos dos jovens alunos surdos, para mudar a expressão “surdo-mudo” para “surdo”.

O INES antigamente... Era INSM (I-N-S-T-I-T-U-T-O N-A-C-I-O-N-A-L D-E S-U-R-D-O-S-M-U-D-O-S). O INES foi fundado no dia 26 D-E S-E-T-E-M-B-R-O de 1857 com a sigla de INSM. Com o tempo, os surdos mais antigos morreram e vieram outros no lugar. Eu e você nem os conhecemos. Isso é bem antigo. Eu cheguei lá em 1949, era pequeno não sabia de nada. Em 1952, os alunos do INSM faziam protestos para mudar o nome do Instituto, pois era feio o nome “Surdo-Mudo”. Alguns oralizavam e outros não. Eu não oralizava. Era horrível o nome “Surdo-Mudo”, tinha que tirar. Aí mudaram para INES. O que é a letra “E”? Educação para Surdos! Entendeu? INES! [...] Antigamente a educação não era boa, mas agora vem evoluindo, a comunicação em LIBRAS está melhor. Os professores de antigamente já morreram. (fez o sinal da professora Márcia) Naquele tempo não tinha uma boa comunicação. Por exemplo, o professor escrevia no papel, dava para o aluno e ficava de papo. Com o passar do tempo, quando começou a ser chamado de INES em 1953, entrou uma mulher nova, que se chamava S-A-N-D-R-A. Ela começou a mandar e exigia que se tivesse educação, LIBRAS, oral. [...] Ela era dura! Em 1960 acabou, e eu fui embora! Em 1970, eu voltei lá. Os surdos estavam evoluindo. O uniforme tinha mudado de cor. Antes era bege e depois mudou para camiseta branca e calça azul. Estavam melhores as coisas por lá, mas eu voltei para São Paulo e não voltei mais lá. [...]

Enfim, todos os professores tinham falecido, e eu já era adulto. Há um ano eu voltei no INES. Eles me chamaram. Devido ao meu trabalho de entalhador, eu precisava de uma certificação comprovada. Nossa, estava um L-U-X-O! As paredes pintadas, o chão reformado, bonito! A S-A-N-D-R-A não estava mais lá, faleceu. Agora é um homem que manda, organiza a escola. Antes não tinha piscina, agora tem. Antes a quadra de futebol estava posicionada de um jeito, e mudou para construir a piscina. Muita coisa mudou. Os dormitórios não existem mais, acabaram. Tem dentista, aulas variadas, gesso... Tem o 1º, 2º e 3º andares... Eu olhei com admiração. Deu-me vontade de voltar, perfeito! Senti-me bem, calmo, lá dentro. Eu chorei um pouquinho, fiquei emocionado de ver tudo aquilo. A mulher não sei se era a diretora, me levou na biblioteca e perguntou o que eu queria. Pediu para eu escolher os livros e revistas. Sai com uma pilha de coisas. (risos) Voltei para casa e guardei.

Dos últimos cem anos até o final do século XX, a abordagem clínico-terapêutica marcou de forma preponderante o ensino dos surdos. A hegemonia dos discursos nas escolas ligava a surdez a uma ideologia clínica de práticas reparadoras e de normalização pela habilitação da fala.

Historicamente, muitos rótulos se deram pelo insucesso das crianças em aprender, no contexto brasileiro, o português falado. Antigamente, a tarefa do educador não era somente de educar, mas oralizar os surdos com as terapias da fala realizadas nas salas de aula.

De maneira frustrante, Wilson e Hélio realizavam as terapias da fala e nos apontam como se sentiam em sala de aula. Para Wilson:

Tinha que falar, usar LIBRAS não! Com os amigos era normal. [...] Era aberto. Só que na sala quando a fono entrava (antigamente não se usava esta palavra para designar o profissional qualificado, então o professor encarregado ajudava os surdos a pronunciar palavras corretamente, mostrando a diferença entre os sons das letras V ou F. Por exemplo: vaca e faca – grifo de sua esposa) era proibido sinais. [...] Se alguma palavra eu não sabia, era difícil escrever, eu chamava o professor, ele vinha até a mim e colocava a mão no meu rosto que era para sentir as sílabas, só! Por exemplo: bá-bá-bá... [...] Mas os surdos eram ruins (risos) Eu e os meus colegas não gostávamos. Erámos fracos. (risos) Eles mandavam e orientavam a gente em relação ao treinamento oral...

No final dos anos 1980, M.M. e Hélio foram para a Educação Infantil em escola regular para ouvintes. Somente Hélio frequentou a escola especial para surdos no período da adolescência, e tinha como metodologia a oralidade.

Hélio sinaliza:

Escola Sol horrível! Soletrar oral: A, E, I, O, U. (fez os movimentos corporais de braços que acompanhavam o som de cada vogal). Todo dia de manhã, começava o aprendizado. [...] Professor, um saco... Obrigava todo dia a oralizar bem. (expressão de decepção)

Como o processo de educação não dava conta de “fazer falar” as crianças surdas, elas por sua vez, não conseguiam se integrar ao grupo escolar, sentindo-se “estrangeiras” em sua própria pátria. Não advindo de outras terras, o que ocorria era que os surdos não podiam ter acesso à linguagem gestual, e a dificuldade em usar adequadamente a língua oral de seu país, colocava-os em um lugar de rebaixamento intelectual.

A sensação de se sentir “estrangeiro”, é relatado na vivência de Hélio com as pessoas no entorno social:

[...] A maioria dos ouvintes pensam que os surdos são burros e que não entendem muita coisa, mas, não é assim, eles tem dificuldade para comunicar. Uma vez, um homem pensou que eu era estrangeiro, nascido em outro país. Eu falo outra língua porque escrevo algumas frases erradas, pensou que eu não morava no Brasil, mas falei que não, que nasci no Brasil. Eu expliquei para ele que ser surdo não é como ouvinte. Ele me

chamou de burro porque não conheço o significado de algumas palavras, e me mandou estudar no dicionário de português. Tenho problema de entender as palavras que não consigo explicar. [...]

M.M. sentia-se diferente e estranho perante os colegas ouvintes. Como se sentir aceito no grupo das crianças?

*[...] meu pai comprou aparelho que vinha dos Estados Unidos. Era um aparelho de caixinha, colocava fone no ouvido e microfone, “pê-pê-pê-pê-pê.” [...] Comecei a usar, levava para a escola, estava no pré. Comunicação com criança... Diferente! Elas achavam estranho. “Essa pessoa não é igual a mim.” Porque ela achava que a pessoa que não tem língua 1... Língua diferente, língua de outro país. Criança percebe. [...] Outra criança falava alguma novidade [...] “eu vi o pica-pau amarelo e o homem jacaré” [...] Aí eu (**expressão de perdido**) perdia o contexto na fala, mas o contexto visual você entendia.*

E remete-se ao seu diferente sotaque em relação às outras pessoas:

Meus primos brincavam junto, conversavam junto, entendia o contexto. Porque eu achava que surdo igual... Não! Porque o surdo é diferente. A fala é diferente. Sotaque diferente. Então a pessoa percebe, “ah tem sotaque diferente.”

Falando das experiências infantis, Hélio narra como foi a convivência com as crianças em sala de aula:

*Na escola ouvinte eu estudei quando criança e era o único surdo. Depois aos 14 anos eu começar escola melhor entender. Antes grupo ouvintes feliz não ter. Porque pessoas não querer brincar comigo. Medo porque eu não falar não ouvir. Criança aproximava e perguntava: “como você fala? Você não ouve? (**expressão de negativa**) Coitado!” Afastar. Colega grupo informar: “ele surdo, ele surdo, coitado, coitado!” Começar conversar comigo. Grupo conversar porque todos falavam igual, oral todos grupo, oral fácil. Eu não. Eles afastar de mim!*

Na infância, geralmente as crianças são forçadas pelos pais a usar as próteses auditivas, com o objetivo de auxiliar no desempenho da leitura oro-articulatória e melhorar na qualidade do estímulo sonoro recebido. Hélio revela suas aflições vividas com as próteses:

Minha mãe me obrigava a usar aparelho. Antes aparelho era uma caixa pendurada no peito. Depois trocou, era um aparelho na orelha. Ela obrigou até meus 15 anos. Eu tirei. Não quis mais! [...] Aparelho dava dor na cabeça. Todo dia dor cabeça. Depois quando ia dormir sempre vibrava o ouvido, começava a dor cabeça. Eu nervoso, arranquei o aparelho. Quase quebrei! Sentia raiva. Minha mãe falava que precisava usar. [...] Com aparelho não ouve perfeito, não! 100% igual ouvinte não. Só barulho pê-pê-pê... pê-pê-pê....

E da vivência escolar no Ensino Fundamental II:

[...] estudei com uma nova professora, mas, ela não sabia falar em LIBRAS, mas somente na língua oral, não sabia como ensinar em LIBRAS para

ajudar a estudar. Por isto, perdi muitas coisas importantes e os ensinamentos de conhecimentos do mundo para aprender. Sendo assim, não recebi muito esclarecimento para aprender.

Os interlocutores deste estudo comentaram que em algum momento de suas vidas, sentiram solidão, rejeição e discriminação social. Para se integrarem aos colegas ouvintes, muitas vezes copiavam as lições de seus cadernos, fingiam que entendiam, falavam o menos possível quando estavam junto com os mesmos.

Coyote revelou que nunca teve problemas com a comunicação juntamente com o entorno ouvinte, porém encontrou formas de interagir com eles.

[...] Eu entendia comunicação com crianças maiores. Eu triste, revoltado, problema, nunca! Eu não falava muito. Eram poucas palavras, frase não tinha! “Vamos”, “tudo bem”, “vamos”, “não”, “feio”, “não pode”, “ok.” Poucas palavras. Eu sempre ficava sozinho na escola. Quarenta pessoas ouvintes e um surdo. [...]

*[...] Tinha um colega, nome... (**expressão de pensar e lembrar**) Jean. Era a única pessoa que me ajudava. [...] A professora dizia para copiar ao lado dele. Os outros não ajudavam, eram folgados, mas ele me ajudava. A prova era individual. Agora eu percebo diferente. Agora, os surdos precisam de intérprete, apoio. Na época, meus amigos nunca precisavam interpretar. Eu sempre estudei sozinho. Eu forte! Agora eu percebo diferente. (**expressão de estranheza**). As pessoas são muito dependentes das outras. Na época com meus amigos não tinha dependência. Sou surdo, eu aceito! Até hoje eu nunca reclamei. Eu aceito ser surdo, fazer o que! Minha mãe não tem culpa. Eu preciso trabalhar, enfrentar o caminho, a vida é assim. Eu percebo as pessoas com medo, assustadas, dependentes de intérpretes, pedindo socorro!*

O interlocutor entrou em um terreno delicado e frágil vivido na relação entre as pessoas surdas e os intérpretes/tradutores da LIBRAS. Mas antes de adentrarmos em tais questões, retomaremos a forma em que entrou em contato pela primeira vez com o significado da palavra “intérprete”. O fato ocorreu quando Coyote questionou o amigo italiano de como iria se comunicar em terras estrangeiras, já que se preparava para o mundial de judô.

O italiano escreveu no papel a palavra “intérprete”. Eu li e respondi: “tradução”. “É”, disse ele. Por exemplo, (o italiano fez movimento demonstrando que o ouvinte oraliza, ao mesmo tempo em que o intérprete faz sinais, e que o surdo sinaliza e o intérprete faz a voz do surdo). [...] Não tinha sinal de intérprete no Brasil.

Começou a perceber a importância do intérprete quando foi para os Estados Unidos, em 1985.

*Tinha professor que ensinava Língua de Sinais para ouvinte (**expressão de estranho**). “Para que?” (alguém fez para o Coyote o sinal de “comunicação”) “Quem é você”, perguntou? “Sou professor da*

Universidade.” (expressão de “surpresa”) Advogado surdo. Como? (expressão de espanto) Ele não fala... Pior do que eu (fez sinal de que ele só sinalizava com as mãos). Advogado mudo. Americano mudo, só Língua de Sinais, advogado! Formado em Direito! Eu: “eu não acredito, comunicação, como?” Tinha intérprete. Eu comecei a entender a importância do intérprete.

O tempo foi passando, e com ele surgiram os questionamentos para buscar ou não uma formação superior. Inicialmente este não era o desejo de Coyote e Hélio, mas um amigo e a mãe, respectivamente, lhes apontaram a importância do estudo e os incentivaram, como mostram as falas a seguir.

Por exemplo, Coyote comenta:

O fundador da FENEIS, disse: “é para você entrar na faculdade.” (expressão de horror) “Não gosto de estudar, saco cheio dos ouvintes, pressão na cabeça.” Ele: “precisa pensar no futuro você pode ser professor igual ouvinte.” (fez sinal e expressão de “intérprete ruim”). “Paciência, você entende lábio melhor do que eu.” Geraldo não fala bem. Eu entendo movimento labial sorte porque eu fui treinado de pequeno. (fez sinal de “faculdade” e expressão de “não querer”) Ele: “importante é a formação.” (expressão de tudo bem)

Para Hélio:

Começar faculdade. Eu pensei, eu não quero. Minha mãe falou que precisava fazer faculdade, porque eu precisava me desenvolver. Eu pensava... todos serão ouvintes. Ela dizia: “tenha paciência, lute para mostrar que tem capacidade.”

Os professores e o pai de Emília foram seus grandes incentivadores. Disse o pai:

[...] e... vai procurar um emprego! E eu: “mas pai, aonde?” “Você vai procurar onde todo mundo procura!” E foi o que eu fiz. Para mim foi mais difícil, eu tive que manipular um pouco, mas eu (trecho incompreensível) acabei agindo... acabei sendo eu mesma (tocando no peito – grifo nosso), porque eu não me afastei... ah, coitadinha de mim! Eu nem deixo que as pessoas façam isso, porque eu não sou coitadinha... eu sou do meu jeito! Então foi um incentivo muito grande do meu pai, dos meus professores também. Os meus professores foram maravilhosos! Maravilhosos!

Enquanto que os colegas liam dez livros durante o ano, o professor de português indicava quinze livros para ela, pois sabia dos desafios que enfrentaria no caminho.

Porque ele já entendeu o que eu ia encontrar no futuro. Eu escrevo bem, eu falo, eu consigo não dar muitas gafes no português, porque os meus professores me estimularam, entenderam a minha necessidade. Eles não precisaram fazer curso nenhum. Eles não precisaram passar por capacitação. A pessoa que entendeu a necessidade de outra pessoa!

Após passarem pelo TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) nas faculdades, Hélio e Coyote falam de certa erudição na escrita, a busca do aprimoramento intelectual. Para Hélio:

O professor me pediu novas palavras, palavras difíceis, ricas e não queria palavras pobres. Por exemplo, “morrer” é feio, palavra pobre. “Falecer” é bonita, palavra rica. Eu aprendi nessas palavras ricas na faculdade pela primeira vez. Na escola, não me ensinaram as palavras pobres e ricas. Tem frase que é informal e formal. Eu estava escrevendo um texto com as palavras ricas. Minha mãe leu, gostou do meu texto. [...] Perguntei para minha mãe, para que servem as palavras ricas? Ela explicou que as palavras ricas combinam com palestra ou discurso, que fala bem bonito, com palavras difíceis, chiques, sabedorias e inteligentes. Se falar palavra pobre, as pessoas se sentem incomodadas e pensam que tem nível baixo de inteligência, as pessoas não se interessam nesse discurso, podem ir embora e não sentem prazer com essas palavras pobres.

E complementa, queixando-se da falta de informações:

Nunca vi regras de ABNT. Ninguém me explicou. Eu estava vendo nesse texto, preparei tudo o que me pediram. Acabo de descobrir tudo porque parece igual um livro. Perguntei para minha mãe, ABNT é fazer igual um livro? Ela me falou que sim. No TCC é obrigatório usar ABNT. Eu não sabia disso. Minha mãe falou que para mim é muito difícil... Surdo! Todos os ouvintes sabem, menos eu. Eu pensei como ouvintes sabem tudo e surdos não. Quem informou? Eu compreendo essa socialização, por exemplo, ouvintes podem escutar na televisão, jornal, rádio, a fala das pessoas, e outras coisas para aprender melhor. Surdos não, não tem como escutar para aprender melhor, só vê a legenda, não podem escutar no rádio.

A dificuldade para a aquisição da Língua Portuguesa na modalidade escrita, se dá pelo fato de que para os surdos de nascença há uma descontinuidade na correspondência grafo-fonêmica que os auxilie na leitura e escrita alfabética.

Para Capovilla (2001),

enquanto a criança ouvinte pode fazer uso intuitivo das propriedades fonológicas naturais de sua fala interna em auxílio à leitura e à escrita alfabéticas, a criança surda não. [...] Esta, tende a recorrer às propriedades visuais e quiroarticulatórias que constituem a forma de sua sinalização interna. (p. 1.492)

Emília falou anteriormente que seu sonho era ensinar português para os surdos, pois percebeu que eles apresentam muitas dificuldades na aquisição desta segunda língua.

Eu fiquei pensando, como, o que, os professores dentro das escolas estão fazendo? Como, até agora os surdos não sabem português? É impossível! Porque você vai no metrô, tem LIBRAS? Não tem? Você lê um jornal, não tem! Informação, o conhecimento não é só (fez sinal de “visual”, “LIBRAS”), não é? Não é só LIBRAS! O conhecimento aqui nesse país é o que? É o que você lê.

A interlocutora compreende a dificuldade que os surdos possuem em aprender a Língua Portuguesa, tal como o aprendizado da Língua Inglesa está para ela. Como aprender uma língua oral que nunca se escutou, questiona-se?

A maioria dos surdos não consegue o português e até pela minha dificuldade de aprender o inglês eu percebia a dificuldade dos surdos em aprender o português. Quando eu fiquei surda eu já tinha o português, mas o inglês não. Eu não consigo, Alessandra, é uma coisa assim... até me dá (olhou para o braço esquerdo passando o indicador sobre ele querendo dizer “me dá arrepios”) você falar uma língua que você nunca ouviu! É horrível! É horrível! Eu entendo o surdo que não quer oralizar!

Para Hélio:

[...] os surdos desprezam a Língua Portuguesa, para eles, é complicado porque eles não entendem e tem confusão com o significado das palavras.

E sinaliza como se sentia emocionalmente quando frequentava a graduação do curso de Belas Artes e faz comparações aos velhos tempos da escola especial:

[...] não me senti muito feliz dentro da Faculdade, porque a maioria dos ouvintes não sabe falar em LIBRAS e não nos comunicamos nada. Foi muito difícil! A maioria dos ouvintes não quer aprender a falar em LIBRAS. Somente escrevemos no papel como comunicar para fazer trabalho, pesquisar e estudar. [...] Na escola, eu estudei com surdos, sentíamos muito felizes, conversávamos muito, conseguíamos integrar muito fácil porque nós falávamos a mesma língua como LIBRAS, por isto, comunicamos muito fácil para entender melhor. Dentro de faculdade, eu era o único surdo, mas tinha 50 ouvintes e não tinha como integrar fácil. [...] valeu me esforçar para estudar. Não quero largar nada porque é meu sonho, e não quero desistir facilmente nesse sonho.

As diferenças linguísticas foram infrutíferas para estabelecer um entrosamento mais próximo entre o interlocutor e seus colegas e professores, porém a presença do intérprete em sala de aula não resgata a necessária socialização e inclusão do aluno surdo.

A necessidade da presença do intérprete em sala de aula faz com que o aluno surdo muitas vezes não estabeleça uma ligação mais próxima com o professor:

[...] a criança deve fixar o olhar no intérprete por longos momentos, enquanto que os acontecimentos na sala de aula se desenrolam, de um modo adequado para os seus colegas de turma ouvintes: os mapas são expostos, os diapositivos são projetados, os quadros de números são acionados e, enquanto o professor fala, o intérprete interpreta e a criança surda não pode nunca desviar o olhar do intérprete. (LANE, 1992, p. 128)

O aluno surdo Jesse Thomas citado por LANE (1992) diz que a aprendizagem através do intérprete é difícil e socialmente desvantajosa, pois o aluno surdo inserido com outros colegas ouvintes não se sente confortável na sua condição de ser surdo e não se sente na sua própria escola.

Imagem 13: Atuação do intérprete da Língua de Sinais em sala de aula.

Comenta Hélio:

Prefiro uma professora que fala em LIBRAS e ensina a Língua Portuguesa sem intérprete da LIBRAS. Se uma professora não sabe falar em LIBRAS, e tem um intérprete da LIBRAS ao lado dela, não consigo prestar atenção em duas pessoas ao mesmo tempo, para mim é muito complicado. Meus olhos cansam de ver as duas pessoas ao mesmo tempo. A maioria dos professores não sabe falar em LIBRAS e nem são especializados. Foi muito difícil!

E sinaliza sobre o sonho de estudar em uma universidade como a “Gallaudet”, que foi a primeira Universidade da América para surdos:

Meu sonho é ter faculdade para surdos porque comunicamos e integramos muito fácil como na escola. É igual nos EUA porque tem faculdade só para surdos e não ouvintes, todos os professores sabem falar em ASL, comunicam e integram muito fácil.

A Universidade Gallaudet, localizada em Washington, é a principal instituição em nível mundial de ensino superior para estudantes surdos. A Revolução de Gallaudet²⁵, em 1988, resgata Lane (1992), foi o evento mais significativo na história contemporânea dos surdos, pois ocorreu a escolha do primeiro presidente surdo na história da universidade. Os surdos assumiram o controle da primeira instituição de ensino para surdos na América.

Coyote também ouviu falar da universidade americana quando foi para os Estados Unidos e lá conheceu um dos professores surdos.

Eu percebi pessoas americanas também superiores, alguns inferiores. Ele era empresário, rico, cargo alto (sinal de “admiração”). Universidade Gallaudet? (fez o sinal da universidade) (expressão de incompreensão). Ele respondeu: “universidade própria para surdo.” “Onde”, perguntei?

²⁵ “A revolução incutiu orgulho nas crianças e nos adultos surdos. Apresentou aos pais ouvintes de crianças surdas, muitos pela primeira vez, profissionais surdos de sucesso. Aumentou o ímpeto do desenvolvimento de programas educacionais bilíngues e biculturais para as crianças que utilizavam a ASL.” (LANE, 1992, p. 171)

“Perto de Nova York.” Eu estava em Los Angeles, não tinha tempo para ir. Um surdo me deu um livro da Gallaudet. “Quero muito levar para o Brasil”, eu disse.

Bem, aqui no Brasil em 2006, surgiu o curso de Letras/Libras criado e estruturado pela equipe de docentes surdos e ouvintes da Universidade Federal de Santa Catarina, em diferentes pólos brasileiros. Um deles foi aqui na cidade de São Paulo.

M.M., Emília e Coyote formaram-se no curso de Licenciatura/Bacharelado em Letras/Libras, no ano de 2010. Eles contam o que vivenciaram no decorrer do curso desde o momento do vestibular. Os embates políticos que contornam as relações de poder e as lutas sociais por espaços igualitariamente conquistados, aqui representados na sinalização de Coyote:

Bom, eu, minha irmã, Juliana, Carlos, Kátia, Beatriz, Fernanda, Leonardo e Alexandre²⁶, fomos fazer a prova. (foi contando nos dedos o número de pessoas). Fomos... Nossa! Tinham muitos intérpretes. A maioria das pessoas eram ouvintes. Eu os conhecia! [...]

Perguntei: “O que estão fazendo aqui”? (expressão de olhar para os lados reconhecendo as pessoas que lá estavam). Responderam os ouvintes: “vamos estudar faculdade.” “Letras/Libras é próprio para surdo!” “Não, é livre para surdos e ouvintes. O importante é passar, responderam!” Nós combinamos entre os surdos que nós ficaríamos forte e precisávamos passar. Não aceitávamos os ouvintes tomar conta. LIBRAS é próprio do surdo! “Não tem lei proibindo, vale aqui a democracia”, reforçaram! Precisávamos passar para tomar conta da vaga. Fizemos reunião. Chamamos os surdos e falamos para ficarmos fortes e passar na prova. Ouvinte tem seu lugar (fazendo sinal “fora”), surdo precisa ter um lugar próprio para surdo. Estudamos muito, lemos muito. Fomos para a prova. [...] Ouvinte perdeu e saiu. Os surdos passaram na maioria aqui em São Paulo. [...]

Mas os problemas com os intérpretes ficaram acentuados, acrescenta Coyote:

Começaram as brigas, problemas... Surdos e ouvintes começaram a se distanciar. Antes, surdos e ouvintes eram unidos, se ajudavam mutuamente. Com o Letras/Libras começou uma crise, um distanciamento, problemas... [...] A maioria dos surdos está reclamando que os intérpretes querem dar aula de LIBRAS.

Pensando que a partir da graduação encontraria lugar para desenvolver o trabalho, Emília relata:

Aí quando eu comecei o curso eu fiquei feliz. Eu falei, “poxa, licenciatura em Letras. Acho que eu vou poder ensinar português para os surdos.” Então os surdos oralizados que tem um pouquinho mais de conhecimento do português poderão se formar e ensinar os surdos. Mas nós não temos esse direito. A gente ensina só LIBRAS, só. O professor ouvinte, mesmo que ele não saiba LIBRAS ou um curso de 30 horas, ele pode ensinar LIBRAS. Mas o professor surdo, ele não pode ensinar português. [...] Se uma pessoa

²⁶ Todos os nomes são fictícios.

ouvinte formada em qualquer coisa com um curso de 30 horas de LIBRAS, se inscreve. Uma pessoa surda formada em Letras/Libras, mas não tem pós, é só formado em Letras/Libras, e é surda, a faculdade escolhe essa pessoa ouvinte.

E preocupa-se com a força que os cursos de LIBRAS adquiriram em nosso país:

*A coisa tomou um rumo tal que a preocupação dos ouvintes hoje é mais financeira com relação a LIBRAS e a dos surdos da elite também. Eu percebo assim. Eu acho que a gente precisa olhar um pouco mais baixo, né?! As crianças surdas, o que a gente fez com elas? O jovem surdo sem informação. (**expressão de questionamento**) Essa é a febre de curso de LIBRAS. Legal, mas a gente faz o que com eles? Dar o curso de LIBRAS, ótimo! Maravilhoso! Mas a gente precisa ver com que objetivo a gente dá o curso. O que a gente está formando? Como a gente está formando? Para que?*

A questão que Emília explicita, não é apenas abrir cada vez mais escolas para o ensino de LIBRAS, mas o que faremos com as histórias pessoais de cada pessoa surda e suas famílias? O que faremos com as crianças que tem intérprete na escola, mas não sabem LIBRAS? O que faremos com a falta de conversa dentro de casa? Tem muita coisa para fazer, diz ela.

As questões que abordamos até o momento, vem ao encontro de um importantíssimo, e porque não dizer, traumático marco histórico na Educação dos Surdos, que foi o Congresso de Milão ocorrido em 1880.

M.M. diz que a história é igual até hoje sobre o Congresso de Milão e acredita que os surdos sofreram no passado e continuam sofrendo até hoje. Todos os interlocutores citaram esta passagem nas entrevistas e as possíveis marcas deixadas na vida de cada um deles.

Emília considera que o Congresso passou, mas os surdos continuam se sentindo colonizados pelos ouvintes. Cita a faculdade de Letras/Libras e a falta de espaço para trabalhar.

*[...] sabe essa coisa... aquela tradição... o que eu via na faculdade, eram os surdos falando dos ouvintes como colonizadores, como carrascos, como... à medida que isso vai passando e eu vivia falando isso, “gente o Congresso de Milão foi em 1880, a gente está vivendo outros tempos, a gente está tendo espaço aqui.” Mas o que aconteceu com o nosso espaço no curso de licenciatura também acabou provando para os surdos que os ouvintes são colonizadores mesmo! Porque o que fizeram com a gente?! Não é?! O nosso curso deu uma formação que não dá oportunidade para a gente trabalhar. Fizemos muitas pesquisas que não foram usadas, não foram devolvidas para a gente. Criamos sinais e hoje a gente vê o que? Uma porção de ouvintes, uma porção de linguistas famosos com o material que a gente fez. Não tem como contrapor isso! Então hoje... naquela época eu (**expressão e gesto de “críticava”, “falava mesmo” – grifo nosso**) e hoje*

quando o surdo fala “o ouvinte é colonizador”, eu (fiz sinal de “ficar quieta”). O que eu vou contra argumentar... não tem! Então eu acho que é muito importante essa conversa entre esses dois mundos!

E comenta sobre a posição dos professores surdos nas salas de aula.

Os professores surdos que trabalham nas escolas especiais procuram transmitir os conhecimentos que eles têm, mas não tem força! Por quê? O poder é dos professores ouvintes que dominam e não aceitam a opinião deles. Então, precisa melhorar muito! Então quando eu vou defender a escola especial eu preciso ver isso, eu não posso falar para todo mundo: “nossa! é uma maravilha, é a melhor coisa do mundo”, não é! Precisa melhorar a educação dos dois. A escola inclusiva pode ser boa também, mas precisa melhorar, precisa mudar. Eu acredito ainda, que é na escola especial. Acho melhor, até uma certa idade. Porque eu acho que o surdo, o professor surdo, a visão que ele tem do mundo, a visão que ele tem que ter do mundo ouvinte... porque legal você falar “eu preciso ensinar para o ouvinte a cultura surda, o ouvinte tem que aprender.” Precisa ensinar para o surdo a cultura ouvinte também. Não é?! Porque era isso que eu falava na faculdade. (trecho incompreensível) Um mundo surdo, gente!

[...] Um mundo surdo não tem! Não é?! Como não tem um mundo ouvinte, como eu falei para você. [...] Dentro da escola de surdos não precisa ensinar a cultura ouvinte para o aluno surdo? (silêncio) Precisa! Para o professor surdo não precisa? O professor ouvinte tem capacitação em LIBRAS e o professor surdo tem capacitação em Língua Portuguesa?

A maioria dos surdos acabam se direcionando para a área da educação, mesmo faltando uma boa formação de professores.

Considera Emília:

Eu tinha medo, sabe? Eu dizia: “eu vou fazer o que na administração? O que eu vou fazer com isso?” Todo mundo vai para lá (mostrando uma direção). Aí o coordenador, o mesmo que me contratou, falou assim: “todo mundo vai para cá, por isso que você tem que vir para cá (apontando para direções diferentes), alguém tem que ir para lugar diferente.” [...] Quando eu comecei a conhecer administração eu comecei a fazer muitas leituras... Muita sociologia, muita coisa envolvida com psicologia, com tratamentos, relacionamentos de pessoas. Os surdos não sabem disso, a gente precisa disso também.

Como professora universitária, a interlocutora fala da sua experiência em sala de aula com os futuros alunos que se graduarão.

O objetivo é o que, é transmitir para os futuros administradores a responsabilidade que eles têm na inclusão social. Tem pessoas diferentes. Então, o curso de LIBRAS é obrigatório, todas as faculdades precisam ter. [...] A minha disciplina é eletiva, então eu tenho uma média de 15 alunos por semestre, mas é opção deles. São alunos de Administração e são alunos de Direito. O curso tem 30 horas. Eu tenho consciência que é impossível ensinar LIBRAS para eles. Então eu faço o que, eu transmiço mais conceitos de como é a vida da pessoa surda, as dificuldades que ele tem desde que começa com a família, as diferenças (fiz sinal de “identidades”).

Eu tenho duas horas de aula. A metade da aula a gente conversa, troca, faz estudo de caso, na outra metade eu ensino o alfabeto, eu ensino os sinais

principais para que eles possam pelo menos se aproximar de uma pessoa surda. [...] Para desmistificar, desconstruir aqueles preconceitos...

Hélio também descreve a experiência como professor de LIBRAS e corrobora com a ideia de que deve haver uma troca entre surdos e ouvintes:

Uma vez, como sou professor de LIBRAS, pedi para os alunos que são ouvintes, que escrevessem normal um texto de língua portuguesa, e deveriam fazer a tradução para LIBRAS. Foi muito difícil eles fazer uma tradução, sendo assim, como os surdos, sofremos para fazer tradução da Língua Portuguesa. Então, os surdos não sabem como escrever português certo, por isto, surdos e ouvintes precisam trocar para se ajudar, e hoje, chamamos isto de inclusão.

Com a conclusão do Congresso de Milão, a educação dos surdos nas últimas décadas foi sendo dominada pelos professores ouvintes e parece que é assim até hoje. Coyote e Emília trazem importantes considerações sobre este ponto. Muitos desses professores não dominam a LIBRAS, comenta Hélio.

Coyote sinaliza:

Antigamente não tinha lei, era fraca. Com o tempo foi aprovada a Lei da LIBRAS. Me formei e emprego... Difícil! [...] Eu percebi que na Escola Especial para Surdos não aceitava o professor surdo, não aceitava porque tinha lei fraca.

Na tentativa do governo municipal fechar as escolas especiais na cidade em São Paulo, no ano passado, surgiu uma manifestação pública para o NÃO fechamento das mesmas, pois os surdos querem assegurar a educação, a identidade, os valores e costumes da comunidade surda dentro das escolas especiais. Para Coyote, a posição política dos professores ouvintes é vista da seguinte forma:

A comunidade ouvinte trabalha na Escola Especial para Surdo, mas não apoia o surdo! Preocupados em ficar desempregado, fechar as escolas, mas não foram! [...] O surdo se preocupa em não fechar as escolas... Os surdos se preocupam com o que? Que a comunidade surda venha a desaparecer. Com a inclusão, a comunidade surda acaba. Também com o implante coclear. Eu sou a favor do implante, mas vai acabar o mundo... Já pensou os surdos?

Lane (1992) comenta que a *British Deaf News* criticou o Congresso Internacional que ocorreu em 1985 sobre a Educação do Surdo e sua preocupação com o implante coclear.

Os implantes cocleares não são a solução para a questão social; em conjunto com outras próteses, são um instrumento para a vida, um entre muitos outros, adequado para alguns, mas não para todos. O fato de serem apresentados como um aparelho que cura todos os surdos e de serem adotados pelos educadores, evidencia uma vez mais o programa central de assimilação forçada e a rejeição da diferença. (p. 127)

Na verdade, sempre que um método falha coloca-se outro no lugar. Podemos observar este fato ao longo das últimas décadas, pelas diversificadas orientações que os pais receberam da escola no modo de conversar com seus filhos, sendo que um método foi sendo substituído por outro. Emília fala que é difícil criar leis generalistas que colocam os surdos no mesmo patamar de potencialidades e necessidades linguísticas/comunicativas.

Para a comunidade surda, escreve o linguista surdo M. J. Bienvenu (1990) *apud* LANE (1992): “os métodos não se adquirem naturalmente como as linguagens, eles são inventados por indivíduos para determinados propósitos.” (p. 134) Para ele, mantem-se firme a única verdade, que é a sustentação da identidade, da linguagem e da cultura dos surdos.

A manutenção da escola especial como forma de sustentar a identidade grupal, vem mostrando a luta das lideranças surdas para combater decisões extremistas de políticas educacionais em nosso país, que desejam transformar a educação prioritariamente inclusiva. O questionamento gira em torno de qual é a melhor escola para o letramento das crianças surdas. Porém, de quais crianças estamos falando? Emília aponta para as diferenças educacionais e sociais vivenciadas nas escolas:

Eu fui visitar a escola especial. É legal... eu acho realmente que é o melhor caminho. Mas está bom? Não, ruim, precisa melhorar aquilo. A escola especial é um ponto de encontro, de crianças que usam a mesma língua, é gostoso! Você percebe que eles se sentem bem ali. Você vai para a escola inclusiva, é angustiante, porque é um surdo no meio de uma porção de ouvintes. Os objetivos são diferentes, mas se você me perguntar, vou focar como professora... a “educação”, é a mesma coisa. [...] Em termos de aceitação de vida, a escola especial é muito melhor. A escola inclusiva já não vai dar porque o surdo não tem com quem trocar, mas o surdo aprende aqui e também aprendi ali (referiu-se visualmente e corporalmente à essas duas vertentes) [...] A questão de conhecimento.

Sobre a inclusão educacional eles tecem seus pessoais comentários.

Para Hélio:

Hoje é pior, muito pior, porque tem a inclusão. A inclusão é confusão. Por exemplo: as frutas: morango, mamão, uva, bate-las juntas no liquidificador. Beber, é bom, é gostoso? Misturar não é gostoso. Separar é mais gostoso. Uma uva sozinha, bater, beber, é melhor! Pegar várias frutas, misturar e beber... Não é gostoso! Igual escola, misturar, cego, cadeirante, problema mental. Como uma professora conseguir ensinar, como? Não pode porque cada um tem suas questões especiais. Por exemplo: surdo tem especial o que... LIBRAS; cego tem especial o que... Braille; problema mental precisa estimular, cuidar. Cada um é diferente. A professora precisar ensinar, pois cada um é diferente. Mas o governo quer juntar todos e misturar.

Wilson discorre sobre a inclusão que atualmente ocorre na faculdade de Pedagogia do INES.

[...] É uma inclusão, mistura de surdos e ouvintes. [...] Eles trocam e interagem entre si. Os professores são ouvintes e tem intérprete lá. [...] Tem alguns surdos que não são muito inteligentes, mas depende, alguns se esforçam e conseguem entrar na faculdade e vão se integrando com os ouvintes. [...] O surdo pergunta para o ouvinte algo que ele já aprendeu, e o ouvinte vai ajudando o surdo a compreender, e assim vão interagindo. O surdo precisa se elevar. Proibir o surdo de ir para a faculdade, não pode! Tem que trazê-lo junto! Isso é a inclusão!

Emília segue com algumas reflexões,

Dentro da educação o surdo pensa que ele não tem nada para oferecer, mas que ele só tem para aprender e nada para oferecer. Eu acho que nesse sentido dentro da educação o surdo tem que lutar porque ele pode ensinar para surdo e pode ensinar para ouvinte também.

A interlocutora considera que é preciso ter desejo, empatia e principalmente sentir-se confortável no trabalho com crianças surdas. O grande desafio está em aprender e ensinar um com o outro. Nada precisa ser imposto. Em termos práticos, significa que os profissionais surdos e ouvintes necessitam uns dos outros e devem manifestar a vontade de uma aproximação recíproca.

Afinal, conhecer os surdos apenas pelos teóricos, não dá a base da experiência, falta a vivência da relação dialética construída cotidianamente, conforme Emília.

Quando eu quero conhecer os surdos eu pego os teóricos, não é?! Eu pego os teóricos, eu pego os periódicos, eu vou ler os artigos, dos doutores. Aí eu leio, pronto, eu já sei como é surdo! [...] Mas não tem uma vivência!

Para isso, a interlocutora acredita que falta na comunidade surda uma liderança de *(fez sinal de “mente aberta”)*

Principalmente aqui em São Paulo. Uma liderança que se envolva mais com a problemática dos surdos e não se preocupe tanto em agradar os ouvintes. Se preocupe com essa problemática dos surdos, do surdo pobre, o problema das famílias, a questão da língua, a questão da diferença, a questão da identidade! É muito difícil!

Alguns momentos históricos brasileiros²⁷:

²⁷ Ver: www.pead.faced.ufrgs.br/sites/.../historia_surdos

1977 - FENEIDA: Fundação da Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficientes Auditivos.

1987 - FENEIS: Fundação da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, no Rio de Janeiro, sendo que a mesma foi reestruturada da antiga ex-FENEIDA.

1994 - Foi fundada a **CBDS:** Confederação Brasileira de Desportos de Surdos, em São Paulo.

1996 - Lei Municipal Nº 7.857 de 30 de setembro de 1996, Porto Alegre. A câmara municipal de Porto Alegre aprovou a lei e a Língua de Sinais foi oficializada.

1999 - Lei Estadual Nº 11.405 de 31 de dezembro de 1999, Rio Grande do Sul. O governo do Estado do Rio Grande do Sul aprovou essa lei que reconhece a LIBRAS como meio de comunicação para os surdos.

2002 - Lei Federal Nº 10.436 de 24 de abril de 2002, Brasil. Lei que oficializou a LIBRAS no país.

2002 - Formação de agentes multiplicadores para o ensino da LIBRAS em Contexto, MEC/FENEIS.

2006 - Curso de graduação em Letras/Libras sob a coordenação da Universidade Federal de Santa Catarina, com a participação de nove pólos situados em diversos estados brasileiros.

2008 - Curso de graduação em Letras/Libras, licenciatura e bacharelado, coordenado pela Universidade Federal de Santa Catarina, sendo a UFRGS em Porto Alegre, um dos pólos. No total há 15 pólos, em diferentes cidades brasileiras.

4.1.4 Representação Social da Surdez e dos Surdos

A gente, para a gente mesmo, é a gente. Raramente consegue ser o outro. A gente para o outro, não é a gente; é o outro. Deve estar confuso. Tento de novo: cada um de nós vive numa ambiguidade fundamental: Ser a gente e ao mesmo tempo, ser o outro. Pra gente, gente é a gente. Para o outro, a gente é o outro. Temos, portanto, dois estados: ser o “eu” de cada um de nós e ser o outro. Na vida de relação, pois, temos que saber ser o “eu-individual” e ao

mesmo tempo aceitar funcionar em estado de alteridade, ou seja, de “outro”.
(Rubem Braga)

Neste tema, entraremos em contato com a representação social que geralmente as pessoas surdas ou não surdas fazem de si mesmas e do outro, pelo viés de nossos interlocutores e do entorno social que os circunda.

A maioria das pessoas ouvintes tenta dar um salto do seu mundo para o mundo dos surdos para tentar imaginar como seria o mundo sendo surdo. Sem uma base de estudos e conhecimento, muitas pessoas nunca leram sobre a vida, a linguagem e cultura dos surdos, por isso, “esta passagem imaginária do mundo ouvinte para o mundo surdo é o único meio a que podem recorrer para tentarem obter um conhecimento mais real.” (LANE, 1992, p. 22)

Lane (1992) considera que, se por acaso, uma pessoa ouvinte conhece uma pessoa surda, existem outros caminhos para compreender a surdez, baseados nas características dessa pessoa. Por exemplo: conheço uma pessoa surda que compreende-me quando converso diretamente com ela. Isso pode nos levar a imaginar que todos os surdos fazem leitura labial.

Percebo na prática do cotidiano que as pessoas em geral têm a ideia de que os surdos são exímios leitores labiais. Na verdade, tal afirmação é um engano. Tais representações acabam por rotular os surdos dentro de um mesmo padrão comunicativo onde todos supostamente se enquadrariam. Desejamos marcar a diferença de linguagem e das diversas possibilidades de ser e estar no mundo, bem como, de desnaturalizar os surdos que são rotulados por estereótipos comportamentais e intelectuais, por vezes, negativos.

Na sociedade majoritária ouvinte, conforme Lane (1992), a surdez é estigmatizada e qualquer desvio contribui para colocarmos muitos estigmas quando encontramos somente um. Aos surdos são atribuídos os estigmas nos quais fisicamente são vistos como pessoas deficientes, suas personalidades vão desde a comportamentos impulsivos e raciocínios confusos. “Os ouvintes podem também considerar os surdos como indivíduos pertencentes a uma comunidade específica, chegam mesmo a considerá-los um mundo à parte, indesejável, causando-lhes deste modo distúrbios sociais” (p. 23), como as prostitutas, os ciganos, os delinquentes, os toxicodependentes, entre outros.

Nas representações sociais e no estereótipo do ouvinte, a surdez marca a falta e não a presença de algo. Para o ouvinte, o silêncio é sinônimo de vácuo e representa o lado obscuro do surdo. “Quem é surdo não pode ter a mesma orientação e segurança no seu ambiente que nós temos no nosso; com certeza, que não podem apreciar música, dizemos a nós próprios; nem participarem numa conversa, ouvir anúncios ou utilizar o telefone.” (Ibidem, p. 23)

Ao tentar imaginar como é ser surdo, os ouvintes imaginam um mundo sem som, em uma comunicação complicada, como se algo faltasse aquela pessoa. Sobre este prisma, Lane (1992) escreve que estes pensamentos são frutos do nosso egocentrismo, e dos estereótipos sociais impregnados sobre os surdos.

Vamos compreender pelo ponto de vista de Emília, a impressão que ela teve quando viu surdos pela primeira vez:

*Mas, a impressão que eu tive é que eles tinham problema mental. Sabe? Eu tive uma impressão muito ruim. A primeira vez que eu vi dois surdos, pápápá (**querendo dizer “dois surdos sinalizando”**) eu perguntei para minha mãe... Eu tive uma sensação muito ruim! Muito ruim daquelas coisas, sabe? Aqueles trejeitos, aqueles gestos, aquelas coisas, me fez muito mal. (**expressão de sentir coisas ruins**) Mas eu ignorei, esqueci, apaguei. Depois em 2004 quando ela me falou é aquele curso de gestos de surdo-mudo... Eu falei: “ah interessante, eu não sabia que isso podia aprender.” Ela falou: “pode”. (**expressão de surpresa**) Tudo bem!*

M.M. também fala da sua observação quando entrou em contato com os surdos sinalizadores e se coloca como uma pessoa D.A., que fala e que oraliza.

*[...] Dentro da fábrica eu comecei a trabalhar, eu percebia os surdos, só que eu não entendia nada. Eu estava no meio, num grupo de surdos, era uma revolta. Eu não entendia o que eles estavam falando e nem olhava para ver o que eles estavam falando. Porque eu uso aparelho e não achava que era igual. [...] Nesse tempo eu comecei perceber porque é diferente. Porque ele tem ação (**fez movimentos amplos com os braços referindo-se aos surdos sinalizadores**) movimentos sem parar, de conversa. Quando o ouvinte chamava meu nome, eu fui e o outro surdo ia acompanhado junto com a mãe e eu ia sozinho. Eu aprendi sozinho. Minha mãe me ensinou e eu aprendi sozinho. Com o tempo para frente, eles perceberam que eu sou ouvinte. Não! Eu sou deficiente auditivo! D. A. Eu falo metade.*

Ele mostra o valor que a palavra representa para si e para sua família, assim como os castigos que recebia para que falasse corretamente.

[...] A palavra é importante, para mim é! [...] Só que não podia falar nenhuma palavra errada. Era castigo. Se você falou errado. Era castigo. Então sempre foi castigo. [...] Apanhava sim, porque falava errado.

[...] *Porque surdo não conhece palavra, não conhece o que é significado, não tem um ouvinte para ajudar o surdo. Ouvinte sempre seguindo, surdo não!*

E a importância que a LIBRAS teve para comunicar-se com a primeira namorada surda.

[...] *Quando ela foi embora eu comecei a pensar, o que a Língua de Sinais significa para me comunicar com ela? E porque a família está acostumado a oralizar comigo? Porque não tive amigo na época que tinha Língua de Sinais. Comecei a aprender junto com eles. [...]*

Quando perguntei sobre a importância da oralidade para sua vida, Coyote responde:

*Valeu a pena! Antes não tinha intérprete. Eu ficava preocupado... Como vou falar e me comunicar! Agora tem intérprete, Lei da LIBRAS (**expressão de reflexão**). Foi importante para mim, mas eu percebo que sou surdo, quando vou em algum lugar, não falo muito, só o pedido.*

Para os surdos nativos usuários das Línguas de Sinais, ser oralizado, é algo que não é bem visto perante o grupo, pois representa a escolha de valores que privilegiam a fala. Para Lane (1992) a fala é privilegiada na sociedade americana, bem como, na nossa sociedade brasileira, visto que a gesticulação não contém o mesmo valor.

Quando a irmã de Coyote conheceu o atual marido, que é um surdo sinalizador, a família teve as seguintes impressões:

[...] *“Minha irmã conheceu homem na Associação e começou a namorar. Minha mãe: (**primeiro fez sinal referindo-se a mãe que nada falou**) e depois a mãe disse... “ele não fala bem, mas é uma boa pessoa.” (**fez sinal de “deixa ir”**). Eu (**expressão de não gostar**). “Ele não fala bem... Mas se não incomodar minha irmã...” (**expressão de desconfiado**). Eu não gostei... Meu pai... Eu... (**fez sinal de “ficar de fora”**). Toda minha família fria.”*

Depois da sensação desconfortável que sentiu ao se deparar com os surdos sinalizadores, Emília quis conhecer a língua e a cultura que os diferenciam. Ela fala do preconceito e rejeição que sofreu frente a sua oralidade. Desejava encontrar outra forma de se comunicar depois que conheceu os surdos e isso foi importante para ela.

A Joana me ajudou muito, porque ela já tinha contato com a FENEIS, ela já conhecia surdos. Foi ela quem me levou para o Shopping Tatuapé²⁸, também fui muito rejeitada lá, muito, muito, muito. Mas tudo bem! Chegava em casa e chorava, mas continuava! Foi ali que eu comecei o curso de instrutor numa sala junto com ouvintes.

²⁸ Ponto de encontro entre surdos, ouvintes e simpatizantes da LIBRAS. Outro *point* é o Shopping Metrô Santa Cruz.

Muitas pessoas a cada ano perdem suas capacidades auditivas por diversas causas, a contar: trauma, infecção viral, acidentes, senilidade. A maioria delas não busca uma inserção na comunidade dos surdos.

Emília buscou. E continua nos contando como sentiu na pele a rejeição dos surdos nativos. Foi na comunidade surda lugar que ela sofreu mais discriminação. Buscou apoio, acolhimento e compreensão, mas não encontrou.

É muito difícil, eu assumir uma liderança porque eu não sou surda... (de nascença). Eu me sinto muito mais surda dentro dessa política de surdez do que muito surdo nativo. Porque eu assumi isso, eu luto por isso. [...] Eu sou muito resistente, eu sou muito teimosa, mas eu conheci muitos surdos iguais a mim que desistiram. Eu posso falar para você, com conhecimento desta história, que a maioria dos surdos oralizados não aprenderam LIBRAS até agora, ou, são contra a LIBRAS porque foram muito rejeitados pelos surdos nativos e dentro da casa que os devia acolher. Muito difícil! Foi um choque! Eu mudei muito a minha vida depois que eu conheci a comunidade surda, porque eu comecei a ver coisas que eu achei que não combinavam com nada que eu conhecia, com nada com o que aprendi na escola, com os meus professores, com a minha família, com meus amigos. [...]

Donnell Ashmore (1990) *apud* LANE (1992) líder dos surdos, descreve na sua autobiografia, como ocorre a orfandade cultural dos jovens surdos oralizados.

Uma pessoa surda parcialmente falante é vista com reservas pela comunidade dos surdos. Afinal, a comunidade dos surdos, e os surdos adultos individualmente, têm atrás de si uma história de opressão de profissionais falantes que não comunicam gestualmente. Quase todos os surdos adultos cresceram tratados pelas pessoas ouvintes como um ouvido inútil agarrado a uma criança. Se o jovem surdo parcialmente falante der “sinais de audismo”²⁹, escreve Ashmore, “o que prova as tentativas de impor os valores do mundo dos ouvintes à comunidade dos surdos, [isso] resultará numa reprimenda hostil e silenciosa. Esta reprimenda, por sua vez, é sentida pelo jovem surdo falante sob a forma de rejeição. (p. 205)

Da mesma forma, o grupo das pessoas implantadas também apresentam questões conflituosas e por vezes, contraditórias³⁰. Coyote revela:

²⁹ Diz Lane (1992): “Seria oportuno ter um nome que traduzisse o esforço dos ouvintes que apregoam estar ao serviço dos surdos; pedindo emprestado um termo do educador e autor americano surdo Tom Humphries, denominá-lo-ei *audismo*. O audismo é a instituição corporativa para lidar com os surdos, fazendo declarações sobre eles, aprovando opiniões sobre eles, descrevendo-os, dando lições sobre eles, orientando o local em que frequentam as aulas, e em muitos casos, onde moram; em suma, o audismo é a forma de dominação dos ouvintes, reestruturando e exercendo a autoridade sobre a comunidade surda.” (p. 52)

³⁰ Conforme Capovilla (2001) “o implante coclear é um aparelho eletrônico que funciona como uma prótese, na medida que desempenha a função das células ciliares ao fornecer a estimulação elétrica às células ganglionares espirais remanescentes no nervo auditivo da cóclea.” (p. 1.523) É um procedimento cirúrgico, altamente invasivo e irreversível.

Eu acho que tecnologia é bom, mas de pequeno. A criança precisa conviver com os surdos... Com o implante fala bem, usa LIBRAS, mas nasceu surdo. O implante é para se comunicar com os ouvintes. Falar, perguntar e se informar. A pessoa nasceu surda, mas não precisa afastá-la da comunidade surda. Não está certo! Eu nasci surdo, coloquei o implante, mas precisa afastar da comunidade surda? Errado! [...] Os surdos precisam se afastar... O ouvinte não se afasta... O ouvinte participa do campeonato com os ouvintes deficientes, mas o surdo implantando é obrigado a ficar longe dos surdos, porque? (expressão e sinal de “bobagem”).

E narra o exemplo de um amigo surdo que desejou que a filha fosse implantada com um ano de idade.

Meu amigo surdo, tem uma filha surda implantada. Ele não quer que a filha conviva com surdo. Meu amigo era solteiro, viajava junto comigo, alegre, solto... Namorou uma mulher surda que usa aparelho, fala bem, casou e depois teve uma filha surda. Ele não aceita, sente vergonha, quer um filho perfeito. Então implantou a esposa também. [...] Conheceram-se, casaram... Normal... Comunicação em LIBRAS, tudo bem! A gente viajava campeonato pela Associação, festas juninas... Ela engravidou... Nasceu surda! Implantou. O médico mandou afastar dos surdos. Ela afastou!

Crescer surdo escreve Lane (1992), é outra história, como para a maioria dos surdos que recorrem à ASL.

[...] Saber o significado de se ser membro da comunidade dos surdos, é o mesmo que imaginar como pensaria, como se sentiria e reagiria se tivesse crescido surdo, se a linguagem gestual fosse o seu principal meio de comunicação, se os seus olhos fossem as portas da sua mente, se a maior parte dos seus amigos fosse surda. [...] (p. 27)

A plena consciência da identidade do surdo e da comunidade não é facilmente ou completamente adquirida, ressalta Lane (1992). Para ele, há duas questões fundamentais e óbvias durante o período de desenvolvimento da criança surda: 1) que os valores dos ouvintes são diferentes dos seus, e 2) que geralmente, os ouvintes têm sucesso. Para Sartre (1973) *apud* LANE (1992, p. 96): “o oprimido aceita o julgamento do outro” [...] “incorporando nele próprio o modelo que lhe decreta a sua condição de inferior. Na realidade, ele consente a opressão. Em resposta ao olhar do outro, ele olha para baixo.” O autor faz referência às pessoas afro-americanas que há muito tempo se sujeitam ao conceito de inferioridade africana.

A necessidade da aprovação e do julgamento do outro faz com que algumas pessoas se fragilizem dentro dos seus valores, como ressalta Jeff McWhinney (1991) *apud* LANE (1992) “devemos ultrapassar o nosso próprio medo de nos tornarmos incapazes face ao poder aparente dos ouvintes.” (p. 97)

Variadas narrativas a este respeito foram feitas pelos interlocutores. Por exemplo, o sentimento de opressão sentido por M.M. no trabalho quando ele não suportava a pressão dos ouvintes que o ofendiam ora pelo racismo, ora pela surdez; Wilson ao reencontrar seus amigos surdos do INES no campeonato de futebol em Santa Maria – RS. Percebeu que um deles parou de sinalizar quando retornou ao lar, pois o pai o proibiu e outros tantos que deixaram ou diminuíram o uso da LIBRAS e pioraram sua comunicação. Hélio relatou que quando seu amigo realizou o implante coclear, ficou chocado ao reencontrá-lo e perceber a tristeza em seu olhar. Notou que não usava mais a LIBRAS, estava com identidade diferente e com isso, sentiu a falta de comunicação e entrosamento entre eles.

Hélio, M.M., Coyote, Wilson e Emília expressam que pelas barreiras de comunicação o surdo já se sente inferior em relação ao ouvinte. As comparações que os próprios surdos fazem, tendem a colocá-los para baixo, numa posição assimétrica de menos valia.

As observações feitas por M.M. apontam para...

Porque o ouvinte consegue ter mais experiência, conhecimento, ter faculdade, entendeu? Tem conhecimento e consegue buscar o conhecimento. E eu ainda estou buscando... Mas eu não posso parar. Eu preciso ler livro, ler jornal, sim! Para buscar o que o ouvinte está ali, então eu preciso encontrar ele lá. [...] O ouvinte está na frente, e eu estou... (fez sinal como que caminhando e alcançado o outro). Eu falo... Sonho, sonho... Eu queria que surdo fosse igual à ouvinte. Não o surdo lá trás, o surdo tem que ir na frente, tem que ir caminhando lá na frente.

Sobre o mesmo prisma, Hélio explicita:

Eu aceito a identidade surda. Eu nasci surdo. Eu entendo que o ouvinte é melhor, porque? Telefone, música, cantar, tudo, o jeito diferente de ser ouvinte. Eu surdo não posso, telefone não posso. Normal, eu tenho vontade de copiar e ser igual ao ouvinte, mas impossível. Eu quero, mas eu penso... É impossível!

Metaforicamente o interlocutor comenta sobre a sua condição de não ouvir.

Por exemplo, eu imagino... O mar, a água, o peixe que nada... E o passarinho que voa. Eu posso mudar o peixe? O passarinho pode virar peixe e nadar? Não! Igual eu. Você é peixe porque ouve, eu sou passarinho porque não ouço. Eu quero mudar você igual passarinho... Impossível! Você tem vida na água, a minha vida é no galho. Diferente. Eu aceito as diferenças.

Importante observar o lugar imaginário que colocamos surdos e ouvintes no contexto social e cultural. Desnaturalizar os lugares colocados por ambas as partes, é a reflexão feita por Emília:

[...] quando eu comecei a conhecer o mundo surdo, eu percebia os ouvintes dizendo: “os surdos são assim... eu ouvia... e eu não gostava... eu brigava. Mas quando eu vou para o mundo dos surdos “é coisa de ouvinte”! Eu também não gostava. Porque eu sei que o ouvinte não é assim como o surdo pensa. O surdo também não é o que o ouvinte pensa. Então falta o que?! Falta mesmo uma conversa, falta mesmo conhecimento entre os dois mundos. Isso me magoava muito, me magoava [...] esse tipo de crítica, sabe... esse tipo de separação de mundos. [...] Não pode dar nome para toda a comunidade ouvinte, porque um, dois, três... tem, mas surdo também tem um, dois, três que é assim. Tudo igual! A gente precisava entender também essa limitação do ouvinte de entender isso. Assim como muitas vezes o surdo entende essa limitação... o ouvinte entende essa limitação do surdo. A gente não entende a limitação do ouvinte, né?!

Alguns exemplos dessas generalizações ditas pelos interlocutores: “nas técnicas manuais os surdos são melhores que os ouvintes”; “os ouvintes querem que a identidade do surdo seja igual a do ouvinte”; “antes de conhecer os surdos eu achava que eles não tinham capacidade de se desenvolver”; “os ouvintes são melhores que os surdos”, “surdo é muito bravo ele não entende porque não tem limites”, entre outros.

Emília também ratifica com certa indignação as comparações que viveu.

O que eu mais odeio é quando as pessoas me dizem assim: “você é surda?! Nossa, você parece ouvinte! Você é tão inteligente, você tem uma cabeça aberta.” Eu fico pensando, olha lá... Eu pareço ouvinte porque o ouvinte é inteligente, o ouvinte tem cabeça aberta, não é? O surdo não tem então eu não pareço surda eu pareço ouvinte, por causa disso? Ou então... o “apesar de”. “Você fez isso, apesar de ser surda?” Caramba, a pessoa é o que é?! Não é o que ela é (na visão estigmatizada, surda, negra, etc...) que é o resultado do que ela faz, o resultado do que ela faz é o que ela é, não é?!

Podem os surdos ser diferentes dos ouvintes sem serem opostos a eles? Skliar (2005) pontuou profundas reflexões a partir dos contrastes binários: ouvinte/surdo, normalidade/anormalidade, eficiente/deficiente, oralidade/gestualidade, maioria (ouvinte)/minoridade (surda) para pensar na complexidade das relações e na construção da identidade dos surdos. É possível superar ou desconstruir tais binarismos estabelecidos a partir do padrão de normalidade, que polarizam tais relações? Como transitar entre mundos diferentes contornando as fronteiras culturais e linguísticas? Podem, quem sabe, surdos e ouvintes se complementarem e se ajudarem mutuamente?

Emília entra na questão dos estereótipos criados pela própria comunidade surda, onde ser surdo é não oralizar e não se submeter ao implante coclear, mas sim, apenas usar LIBRAS.

A comunidade surda também dificulta o processo de educação, de inclusão... é isso! Eu digo que dificulta porque cria estereótipos para a pessoa surda, como por exemplo, surdo só usa LIBRAS, não oraliza, etc... É

essa dominação da liderança, junto é claro, com aquele mundo ouvinte que também parece que tem... Não sei! Um tratado nessas duas partes. Então a gente vê que os objetivos não é realmente incluir o surdo.

Sobre a identidade surda e a necessidade do pertencimento, os surdos nativos da comunidade surda sinalizavam que Emília não tinha uma identidade definida e que era preciso escolher a que mundo pertencer.

Às vezes eu me angustiava com essa questão, quem sou eu, dizia Emília?!

[...] Um surdo me falou: “você precisa escolher a que mundo você pertence.” E isso era discutido dentro dos fóruns de discussão da faculdade. Eu falei para ele: “ah, eu pertencço a esse mundo mesmo, o mesmo mundo que o seu. Eu pertencço a esse mundo, porque eu não vejo dois mundos. Eu vejo um único mundo. O mundo surdo eu conheci com mais de 40 anos de idade. Mas eu já vivi nele. Hoje o que eu fiz. Eu só acrescentei mais um conhecimento na minha vida. Mudei, mas eu continuo sendo a mesma pessoa, vivendo no mesmo mundo. [...] Eu acho impossível para mim! E acho impossível para qualquer pessoa. Eu percebo os meus amigos surdos, o sofrimento deles com esta questão. Porque a maioria não consegue enfrentar assim como eu enfrento. Eu não sei se é porque eu já tenho mais de 50 anos e eu não preciso provar mais nada para ninguém. E eles ainda tem que viver de alguma forma então eles tem que ser dominados, porque a comunidade surda é muito poderosa! E tem um poder de dominação com os outros surdos. Se você me perguntar hoje o que me dói mais hoje... hoje é isso!

M.M. começou a sentir um grande conflito dentro dele em relação às diversas possibilidades de estar no mundo, questionando-se: “para qual mundo eu vou?”

*Nossa! Qual caminho que eu vou? Eu vou para ouvinte... Eu vou para surdo... Mas todos os dias, eu sempre fui para os dois. Porque nos ouvintes, eu era pagodeiro. Cantava, tocava junto. Depois de um tempo eu saí e fui encontrar os surdos, para começar a ter amizade. Com o tempo, eu comecei a namorar, primeira namorada surda. Eu falei... Namorar surda é diferente de ouvinte. Porque eu estou acostumado a falar. Eu percebi... Ela não fala, ela só fala Língua de Sinais. Nossa! Minha família está acostumada a falar. (**expressão de surpresa**) Como vou apresentar para a família?*

Na FENEIS, em um dos cursos de LIBRAS por ele frequentado, lhe foi dito que:

[...] eles me contaram uma história. Da história da comunidade surda e a comunidade ouvinte. Falaram assim que a população é diferente. O que é grupo ouvinte é grupo ouvinte, o que é grupo surdo é grupo surdo. Cada cultura diferente.

Recordo-me de um bate-papo gerado entre Iris e Franco³¹, em agosto de 2013 na FENEIS. A jovem comentou entristecida: “*eu estou em cima do muro. Na comunidade*

³¹ Iris e Franco (nomes fictícios) são dois jovens surdos por volta dos trinta anos. Os conheci na FENEIS. Eles estavam de passagem por lá. Ambos são surdos oralizados. Franco é gaúcho e fez o implante coclear. Registre essa conversa ocorrida em uma roda de bate-papo entre nós.

ouvinte não me aceitam porque sou surda, e na comunidade surda não me aceitam porque sou oralizada. Não sei para onde vou.” Franco retrucou: “não, o que existe é apenas uma linha. E eu vou para os dois lados, para lá e para cá.”

Não dá para formatar as necessidades de cada surdo e dizer que todos são iguais.

Pontua Emília:

[...] Pesquisar a pessoa surda, porque se você for ver bem, não se sabe ainda quem é surdo, o que é uma pessoa surda, o que ele precisa e o que ele quer, é o que as entidades mostram? Será? Existe uma pesquisa empírica com grupos diferentes? Dá para pegar meia dúzia de surdos e colocar em uma sala de aula... todo mundo, os professores vão usar LIBRAS para trabalhar com ele? Ou então fala, “não, você vai para cá, você vai oralizar.” Não dá para fazer isso! São surdos diferentes, família diferente, surdo que nasceu de família de surdo, surdo que nasceu de família ouvinte, surdos iguais a mim com onze anos de idade que de repente fica surdo e não sabe. Como você vai trabalhar com isso? Dá para você fazer uma política de educação, com regras, baseados em regra? Você é surdo você precisa de LIBRAS. Será que é assim? Não sei! Eu acho que não é assim! Eu acho que é uma coisa que tem que ser construída. Tem que valorizar o professor surdo que está pesquisando isso, que está vivendo isso, que tem contato com outros professores. Tudo isso a gente conversava. [...]

Acredito que pela falta de conhecimento e informação que se tem sobre surdos, e pelos estereótipos negativos que os rotularam por um longo período pela História da Educação... Trarei as lembranças de uma palestra dada pela equipe da FENEIS em uma universidade particular da cidade de São Paulo, no curso de Psicologia. Uma das alunas perguntou ao Hélio como ele fazia para atravessar a rua. Ele respondeu: *“igual a você. Espero o semáforo fechar e assim atravesso.”* Hélio sentiu-se “chocado”, marcando sua perplexidade pelas variadas emoções em seu rosto. Ele não acreditou que alguém pudesse levantar tal questão. *“O que pensam que eu sou? Apenas não ouço”*, desabafou enquanto saíamos da instituição.

Hélio, M.M., Coyote, Wilson e Emília falam de modo contundente sobre a necessidade de aquisição de conhecimento e a possibilidade de fazer escolhas nos diversos segmentos da vida. Nas palavras de Emília:

Os surdos querem o que?! Conhecimento! Até agora, é o que o surdo mais quer. É isso que a sociedade não dá. A sociedade quer o que, quer mudar, quer que a gente seja igual (trecho incompreensível). A gente quer conhecer e ver se a gente quer participar (trecho incompreensível). Ter escolha dentro das religiões. É um absurdo o que fazem com os surdos. Eu frequentei todas elas, eu tive opção, mas eu vejo que a maioria dos surdos não tem. Ele vai lá naquela, porque aquela tem intérprete.

Além da busca de conhecimento, quem sabe podemos cada vez mais suavizar as imposições sociais colocadas por todos nós e compreender a necessidade de aprender

um com o outro. “*Não somente surdo aprender, mas também ensinar, como uma troca de experiências*”, comenta Emília.

Hélio, Emília, Wilson, M.M.e Coyote falam de seus desejos de integração e da quebra de barreiras entre as duas comunidades. Sonham com uma conversa entre os “dois mundos” para reduzir a distância estabelecida, e alcançar uma condição humana mais igualitária. Construindo a ideia de complementaridade sem precisarmos ser opostos uns aos outros.

Emília arremata a questão:

É porque você ouvinte, vocês pensam só na possibilidade de ensiná-los mas nunca na possibilidade de aprender com eles. Já começa por aí. Isso a comunidade surda às vezes também não vê. Eu percebo que não vê. Algumas leis que foram criadas pela própria comunidade favorece o ouvinte, desprestigia o surdo. Quando eu digo para você desfavorece não é no sentido de briga, não de... luta, não é isso. Desfavorece em termos de igualdade. Coloca o ouvinte sempre em uma condição de superioridade. [...] O surdo precisa lutar pelo direito de ser intelectual, pelo direito de aprender e ensinar também.

Coyote a sustenta:

Eu sofri com fono para treinar leitura labial e ele não pode aprender comigo? Eu é que preciso aprender com ele? Não! Igual! [...] Falta compreensão por parte dos ouvintes. Parecem ter medo de surdo. Qual é o problema? Não pode!

As limitações humanas são diferentes, mas estão postas para todas as pessoas. “*Todos tem defeito ninguém é 100%*”, observa M.M. Muitas vezes as pessoas ouvintes sentem na pele as suas próprias limitações e se sentem incomodadas perante as pessoas surdas por não saberem como se comunicar com elas.

As pessoas que não são surdas sentem-se mais à vontade no relacionamento com as que se tornaram surdas (que não são surdas de nascença) e que fazem um esforço para falar inglês e ler os lábios para assim tentarem ultrapassar as dificuldades da sua incapacidade, do que no relacionamento com os membros da comunidade dos surdos com os seus modos e linguagem totalmente diferentes. (LANE, 1992, p. 24)

Emília fala de aceitação e da não imposição da sua língua e da sua diferença:

Eu não posso chegar aqui e falar assim: “todo mundo tem que aprender LIBRAS porque eu sou surda, porque vocês tem que me respeitar.” Eu acho que eu tenho que respeitar o limite deles, não é? Eu não posso sentar numa mesa onde todas as pessoas usam uma língua e eu impor a minha língua ou impor a minha diferença. Nada precisa ser... Eu acho que nada tem que ser imposto, não é ?! Eu acho que eu não posso obrigar todos os ouvintes a aprender a Língua de Sinais e não posso obrigar todo professor a querer trabalhar com surdo... [...]

Então acho que eu não posso impor isso, eu tenho que mostrar para a sociedade, a aceitação tem que ser dos dois lados. Eu acho que o surdo também precisa conhecer esse lado dos ouvintes, a dificuldade que ele tem de entrar (fez “entre aspas”) nesse “mundo dos surdos”, tão fechado, tão escondido, tão traumático!

Os interlocutores comentam que o Brasil está atrasado em termos de lei. E assim deixam suas mensagens finais:

Hélio:

No Brasil, sempre atrasado. No EUA, preparam bem o surdo, tem escola e faculdade só para surdos, tem policiais, professores, médicos e outros profissionais que sabem falar em ASL e ajudam melhor entender surdos e terem boa vida. Os EUA estão melhor preparados do que o Brasil porque ainda não tem desenvolvimento para ajudar os surdos. [...]

Coyote:

O Brasil está atrasado! Ser surdo é ter boa vontade para se comunicar, mas o problema é que falta compreensão das pessoas. Ele é surdo (fez sinal de “rir”). Falta respeito! Não entendem! Por isso que o Brasil está atrasado, porque a lei é fraca. Se fosse lei forte, alguém rir, eu posso processar.

Emília:

[...] eu acho que todas as representações falta muita coisa... [...] Porque falta união! Eu não sei do que os surdos tem medo, eu não sei! Eu não sei o que temem tanto, eu não sei o que segura tanto, eu não sei! É complicado!

M.M.:

Eu já sofri preconceito E-T-N-I-A, de raça negra. E por causa da deficiência e da cor, não por causa da comunicação. [...] Antes, na época, eu pior. Eu pior! [...] Hoje criou uma Lei. Respeitar! Uma cota, pessoa racial. Então, é importante! Eu comecei a falar: “o caminho para mim está indo, mas eu vou quebrando, eu vou lutando.”

4.2 Diário de Campo

4.2.1 Cultura Surda

Imagem 14

No contato que obtive no universo cultural surdo, como pesquisadora/participante, conheci pessoas interessantes que falaram por si só sobre as práticas cotidianas na construção das suas histórias pessoais atravessadas pela cultura. Deixei-me envolver pelas observações e vivências de cada momento em que estive próxima das experiências dos outros, pelos eventos, balada, sarau, palestras, entre outros. As pessoas deixaram transparecer as ideias e os sentidos que tais práticas culturais tem para suas vidas. Contarei o que consegui desvendar desses encontros, desencontros e algumas descobertas nossas.

“Quais são os valores, os costumes, as formas de arte, as tradições, as organizações interdependentes e a linguagem que caracterizam esta cultura”? (LANE, 1992, p. 33)

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo. (STROBEL, 2009, p. 27)

Dia 12 de outubro de 2013. Evento em uma Escola Especial para surdos, na cidade de São Paulo, sobre “Cultura Surda”.

Naquela manhã agradável de sábado, palestraram profissionais surdos/ouvintes, brasileiros/americanos/sul-americanos, inseridos na área da surdez, trazendo na bagagem as diferentes linguagens e culturas. Os profissionais da interpretação/tradução estiveram lá para possibilitar que a acessibilidade de comunicação chegasse a todos. Antônia, uma professora surda, abriu o evento apresentando os palestrantes convidados e explicou sobre as exposições culturais que ali ocorreriam.

Um jovem surdo com conhecimento na ASL (Língua de Sinais Americana) traduzia para a LIBRAS a sinalização do palestrante americano e um intérprete ouvinte fazia a sua voz para o grande público. Fiquei perplexa com a necessidade de variadas interpretações que ocorreram naquele evento. Pela profusão de intérpretes, suas vozes, mãos, corpos e expressões ganhavam vida e as ideias eram comunicadas.

Por exemplo, um intérprete traduzia da ASL para a LIBRAS, como já citei; outro intérprete traduzia do português oral para o inglês oral e vice-versa; outro que fazia a voz dos surdos; dois outros revezam-se para um rapaz surdo-cego que segurava nos pulsos e mãos do intérprete para fazer o reconhecimento dos sinais. Eram diversas fontes de transmissão ao mesmo tempo. Para os surdos-cegos também existem outras modalidades de comunicação. Por exemplo, quando a pessoa toca lateralmente a boca do intérprete para compreender pelos movimentos labiais o conteúdo narrado. De acordo com a língua de quem falava, os diversos intérpretes voluntários realizavam a complicada tarefa de dar voz e sinais às complexidades linguísticas que o evento impunha. Por ser um evento com certas formalidades, cada um deles esperava a sua vez para atuar, seguindo um organizado revezamento.

Como se tratava de um evento sobre Cultura Surda, a sinalização calma, pausada e objetiva do professor e pesquisador americano, pautava-se no título: “Valores Culturais dos Surdos.” Elencou os “olhos”; as “expressões faciais” por conterem elementos gramaticais e linguísticos nas línguas sinalizadas; a “fala” (citou como não muito importante) e o “toque” (abraço, contato afetivo) como importantes elementos aos

surdos. Comentou que dentro da comunidade surda há diferentes culturas. Trouxe-nos de forma muito valiosa um exemplo que experienciou dentro de uma comunidade surda muçulmana. Explicou que os homens eram separados das mulheres, e estas usavam a burca. Portanto, apenas seus olhos ficavam descobertos. O professor perguntou a uma dessas mulheres como poderiam usar a Língua de Sinais de seu país se elas estavam com o rosto coberto? Pois sabemos a importância que as expressões faciais possuem para a compreensão linguística das línguas visuais. Elas responderam: “*nós percebemos através de nossos olhos*”. Ele se sentiu sem graça em fazer uma pergunta dessas. “*É claro que elas se comunicam com seus olhos*”, ponderou. A singular e relevante contribuição do professor ilustrou que as diferenças culturais surdas estão presentes no mundo todo.

Antônia, apresentadora do evento também deu seu depoimento sobre como vive a cultura surda e o sentido que faz para sua vida. Exemplificou como as diferenças culturais entre surdos e ouvintes ocorrem no dia-a-dia, na família e na sociedade³². Ressaltou a fundamental relevância que a Língua de Sinais tem para a vida dos surdos. E um dia, um aluno surdo lhe perguntou: “*Deus sabe LIBRAS?*” A jovem não estava entendendo o questionamento e perguntou por que. O menino respondeu: “*quando eu morrer Deus vai conversar comigo? Ele vai saber que sou surdo? Que a minha língua é LIBRAS?*” Respondeu a ele dizendo que Deus sabe LIBRAS e que vai acolhê-lo com amor, tranquilizando assim as angústias e os temores do seu coração.

Outro marcante exemplo sinalizado pela palestrante foi em relação à sua convivência familiar. Disse que já falou para sua mãe que não se sente bem nas reuniões familiares onde todos são ouvintes e ela a única surda da família. Nos últimos anos tem viajado com suas amigas e não passa mais as festas de fim de ano (Natal e Ano Novo) com a família porque não consegue trocar afeto com eles.

A imagem de como se vê perante a família ouvinte, é metaforicamente revelada:

³² Descrevi as ideias e reflexões trazidas na palestra, anotadas em casa, tentando ser o mais fiel possível.

Sinto-me como um “vaso de flor”! Fico parada em um canto da sala ou vendo televisão sozinha, algum familiar aparece e oferece uma bebida ou comida, passam a mão na minha cabeça e saem. A família faz isso. Ninguém pergunta como estou me sentindo ou da minha vida. Igual uma flor no vaso. As pessoas sabem que o vaso existe que necessita de hidratação, vão até ele, regam, mas o deixam em um canto da casa.” Questiona: *“surdo é igual a um vaso de flor para ficar isolado?”* Ela mesma responde que não. *“Eu estou fora, não me sinto bem, não tem com quem conversar, então eu prefiro estar com meus amigos que falam a mesma língua que eu. Minha mãe não aceita e entramos em conflito sempre. Para ela eu sou teimosa, nervosa, difícil! Mas não tem jeito, não me sinto bem dentro da minha família.*

A palestrante retratou exatamente a fala de muitos surdos que sentem no convívio familiar, certa exclusão do contato social que a mesma deveria proporcionar. Ressaltou que uma das diferenças marcantes entre surdos e ouvintes, é que os surdos são mais diretos, falam sem constrangimento o que querem transmitir. Deu um exemplo pessoal em relação à sua saúde. Após uma fase de emagrecimento, reencontrou uma amiga surda que lhe dirigiu a seguinte pergunta: *“o que aconteceu? Como você está magra? Está doente? Está com AIDS?”* Ela respondeu que não! E complementou para a plateia: *“é assim mesmo, essa é a nossa cultura, nosso jeito de ser. Nós surdos somos diretos, sem rodeios e falamos o que pensamos. Já os ouvintes são diferentes. Nunca perguntaram se eu estava doente. São mais discretos, comedidos, reservados. Elogiaram-me, dizendo que estou bonita e só!”*

Sem intervalo, o círculo de palestras seguiu seu curso, bem como, o entrecruzamento das vozes, mãos e anseios da platéia através de perguntas feitas aos palestrantes.

Ao término das apresentações, Hélio subiu ao palco conforme anunciado no início do evento e tranquilamente realizou a sua performance contando uma piada em LIBRAS. Foi dito que as piadas não seriam traduzidas para a Língua Portuguesa oral, por trazerem elementos culturais e linguísticos próprios da LIBRAS. Quem conseguiu compreendê-las obteve um melhor proveito do momento e quem sabe pôde desfrutar da diversão com as pessoas ali presentes.

A Literatura Surda Brasileira narrada em Língua de Sinais, diz respeito à própria história de sofrimento, lutas e conquistas das pessoas surdas e se apresenta sob diversos gêneros: piadas, literatura infantil, clássicos, história de surdos, poesia, contos, romances, lendas, teatro, entre outros.

É por meio da literatura, considera Lane (1992), “que uma geração passa à seguinte a sua sabedoria, os seus valores, e o seu orgulho, reforçando deste modo os laços que unem a geração mais jovem.” (p. 31)

Contar piada para os surdos é algo muito apreciado, e nas palavras de Strobel (2009), as piadas “são consideradas extraordinárias na comunidade surda.” Elas exploram a expressão facial, a dinâmica corporal e o domínio da Língua de Sinais. Muitas vezes as piadas são contadas repetidamente, pois envolvem toda a temática humorística das dificuldades de compreensão sobre a cultura dos surdos e a cultura dos ouvintes. Um bom exemplo, é a piada popular intitulada: “A árvore surda.”

O lenhador que grita “madeira” para uma árvore surda e ela não cai, e a árvore só cai quando o lenhador aprende a soletrar “M-A-D-E-I-R-A”. O sujeito surdo, ao contar esta piada, incorpora os personagens com as expressões corporais e faciais e os diálogos, usando a língua de sinais, o que faz com que os espectadores prendam a respiração no desenrolar da história humorística para depois caírem na risada. (Ibidem, p. 65).

A autora considera que muitas vezes as piadas surdas não são compreendidas ou parecem não ter graça para as pessoas ouvintes, bem como, os surdos não entendem também as anedotas contadas pelos ouvintes, pois são contadas a partir de versões sonoras.

Quanto à performance de Hélio... Ele foi muito aplaudido. Alguém convidou outras pessoas da platéia para contar piada. As pessoas que se manifestaram eram surdas, com diferentes faixas etárias. Dependendo do grau de dificuldade, tempo de duração, ritmo e pronúncia da sinalização, confesso que compreendi somente algumas transmissões. Cada um dos seis participantes contaram do seu jeito, uns com certa timidez outros com maior desenvoltura corporal e artística. Eles aceitaram o desafio do campeonato que teve como premiação algumas barras de chocolate. No final, todos os participantes subiram no palco e pela intensidade dos movimentos das palmas visuais ou vibracionais, com as batidas dos pés no chão, os candidatos foram selecionados ou eliminados da premiação.

Comentei das palmas. Hoje ocorreu um fato muito interessante e até então desconhecido por mim e por outras pessoas. Um dos participantes que voluntariamente contou piada foi um rapaz que é surdo-cego. A tradutora/intérprete posicionou-o no palco orientando seu corpo de frente para a platéia. Sua piada foi a mais longa do grupo de contadores. Foi sinalizada com bastante desenvoltura expressiva e corporal. De

repente, um fato inusitado ocorreu. Quando findou sua apresentação, a platéia começou a bater os pés. Perguntei para uma amiga ao lado o que estava acontecendo. Ela explicou-me que para este rapaz as palmas sonoras e vibrantes dos ouvintes não chegariam até ele, e nem as palmas visuais que também são vibrantes para os surdos onde balançam as mãos no ar. Bater os pés no chão gera uma vibração e assim ele sentiria o reconhecimento do público. Dito e feito. Quando ele desceu do palco e colocou seus pés no mesmo plano em que estávamos, esboçou um sorriso e disse: “*obrigado*”! Nossa, foi comovente! Nos olhávamos emocionados. Nenhuma palavra, nenhum gesto, nenhum sinal precisava ser dito ou feito naquele momento. O ato transmitiu a emoção!

Decorrente a este evento, escrevi para Hélio perguntando qual o sentido que tem para ele e a comunidade surda o ato de contar piadas. E assim respondeu:

É muito importante para surdos e surdas porque eles precisam entender o que contam sobre piada, poesia, a história que acontece, por exemplo, no Jornal de São Paulo ou televisão, que falam sobre acontecimentos de crime, assalto, sequestrador, estuprador, doença, vírus Ebola, e outros, por isso, são informações visuais. Eles não costumam ler na revista Veja ou no jornal, não entendem a Língua Portuguesa e adoram ver o que falam em LIBRAS para informar os acontecimentos da história. A televisão não tem legenda ou tem uma tela pequena de Tradutor e Intérprete de LIBRAS. Muito raro, tem alguns surdos que entendem a Língua Portuguesa e tem influência de ouvinte porque gostam de ler para entender o que cada palavra significa e o que explica. Infelizmente, a maioria dos surdos adora ver o que as pessoas falam em LIBRAS, assim, conseguem imaginar para ver no espaço-visual como a televisão, o teatro, do que ler o livro, que não tem sentido, não conseguem ver o livro para imaginar no seu espaço-visual. [...]

No dia 29 de setembro de 2013, acompanhei Anne na Balada Surda “Vibração”, organizada por jovens surdos. É um evento cultural e social bastante badalado por surdos paulistas e paulistanos, de diversas tribos, origens e preferências. A noite foi embalada por jogos, bate-papo, dança, e porque não dizer, de reencontros...

O trajeto da caminhada realizada por nós iniciou-se no metrô Consolação na Av. Paulista, e seguiu pela Rua Augusta. Percorremos 1 km a pé até avistarmos o bar Blitz³³. Os desafios já estavam colocados. Conversar com Anne em Língua de Sinais e caminhar ao mesmo tempo na cidade requer habilidades motoras e lateralidade visuais, bem desenvolvidas, para nós ouvintes. Para ela, tudo feito de maneira muito simples. Descemos a rua desviando das pessoas e do comércio ambulante nas calçadas. Curtimos o movimento e as fachadas das novas construções. Conhecemos e reconhecemos bares, restaurantes, teatros... Todos com seus tons ecléticos. Apreciamos as pessoas com seus variados estilos de se vestir e se comportar. Captamos as imagens visuais que vinham dos bares, lugares e pessoas que ali se divertiam. Ufa! Deu certo. Essa aventura não trouxe nenhum contra-tempo, dado pelo interjogo do equilíbrio e manejo visual e corporal para tal empreitada.

Chegamos ao local do evento percorrendo o trajeto pelas ruas da cidade. Conforme Magnani (1992) a noção de *trajeto* é vista como “cruzamentos não totalmente previstos, para encontros (dentro de certos limites) inesperados, para combinatórias mais variadas.” (p. 201)

A categoria *trajeto* para o autor, surge para

[...] dar conta de uma outra maneira de apropriar-se do espaço urbano em sua complexidade e tirar partido de sua diversidade. *Trajeto* une pontos complementares, alternativos ou antagônicos na paisagem urbana como resultado da aplicação de uma lógica de compatibilidades.” [...] (Ibidem, p. 201)

Ao adentrar o espaço onde ocorreu a balada, percebemos que ele era dividido em três andares. A entrada no bar mostrava que estávamos no andar do meio e nos fundos dele, tinha o restaurante. O piso superior era composto por diversos jogos eletrônicos, mesas de sinuca, pebolim, entre outros. E no andar inferior estava a pista de dança. Devido ao ambiente escuro, era difícil a manutenção da comunicação visual. De um lado estava o DJ, e no outro extremo, o bar. Compunham o cenário muitas luzes coloridas, laser, gelo seco e o teto era todo iluminado com luzes coloridas em formato retangular. Vejam seus efeitos!

³³ Espaço escolhido pela equipe organizadora para esta edição.

Imagens 15 e 16: Balada Surda “Vibração” - pista de dança. Foto: arquivo pessoal da pesquisadora. Setembro de 2013.

A experiência que cada pessoa tem com a música é bem peculiar. A música não mudou o tempo todo. Era o “tecno” das baladas atuais. Com fortes tons, sentíamos vibrar em nossos corpos, porém o chão não era apropriado para os surdos captarem a vibração. Parece que não existem muitos espaços apropriados para tal fim, como, por exemplo, contar com um tablado de madeira, pois esse material é um ótimo condutor de vibração. Para os surdos com surdez profunda, a vibração musical é melhor sentida pelos tons graves.

Temos um exemplo de como a tecnologia tem transformado as baladas surdas no mundo. Em São Paulo, no ano de 2011, ocorreu a primeira edição brasileira da *Sencity Club*.

Imagem 17: Balada multissensorial para surdos no MAM. Fonte: <<http://corpo-sinalizante.blogspot.com.br/>> Acesso em: setembro de 2014.

“*Balada para Surdos leva noitada multissensorial ao MAM*”, escreveu uma revista brasileira. “*Música para vibrar e sentir*”, a versão londrina da *Sencity*, encontrou uma solução tecnológica que ainda não está disponível no Brasil, onde o piso da pista do clube que organiza a festa, vibra de acordo com a música. Parecem ser diversos os estímulos que estão presentes em algumas baladas para surdos pelo mundo.

Porém, a questão que envolve a música e a dança, muitas vezes é polêmico e controverso na comunidade surda. Strobel (2009) relata em seu livro sobre cultura surda, certo comportamento de pessoas surdas que predominava antigamente, ou quem sabe, ainda atual nos eventos da comunidade surda...

Nos bailes e festas promovidos pelas associações de surdos, geralmente, no salão, há poucos sujeitos surdos dançando e a grande maioria está conversando em seus cantos, pois os sujeitos surdos, quando reencontram seus amigos de muitos lugares do país, sentem mais necessidade de colocar em dia as conversas para saber as novidades do que de dançar. E aqueles que dançam no salão, ou são sujeitos ouvintes – amigos ou familiares de surdos – ou são sujeitos surdos que sentem vibração da música e gostam de dançar. A maioria procura imitar os passos, tentando adivinhar o ritmo musical, observando os outros dançando; ou então dançam livres à sua maneira; afinal, nesses bailes e festas de cultura surda não há regras de ritmo musical correto e muitas vezes acontece que quando acaba a música, eles continuam dançando. (Ibidem, p. 70)

Para a comunidade surda, a música é parte integrante da cultura de ouvintes. A autora comenta que a música não faz parte da cultura surda, “os sujeitos surdos podem e têm o direito de conhecê-la como informação e como relação intercultural. São raros os sujeitos surdos que entendem e gostam de música, e isto também deve ser respeitado.” (p.78) Muitas vezes as crianças e os jovens surdos são obrigados pelas escolas a apresentar danças, ballet e corais sinalizados a partir da imitação do “maestro” ouvinte. Como não podem controlar auditivamente os ritmos e as melodias sonoras, copiam as danças ou os sinais que são controlados pelos professores ouvintes.

Porém, sabemos que as informações não são recebidas somente pelas vias auditivas. Conforme Almeida (2000), as vibrações sentidas no corpo, servem de apoio ao processo de percepção corporal e sonora para as pessoas surdas. A pele é o agente condutor responsável por essas sensações, sendo capaz de responder às ondas sonoras e pressões que lhe são impostas.

De forma poética e inspiradora, Fux (1996) no lugar de bailarina e coreógrafa, corrobora as colocações acima,

[...] O caminho verdadeiro para fazer com que a música fale ao corpo e possa mobilizá-lo é escutar através da pele e escolhê-la de forma *individual*, de acordo com o que é cada um de nós. Essa entrega tem de ser investigada, com a sensibilidade aberta para a percepção musical, que não se realiza unicamente pelo ouvido, embora ele seja uma primeira ponte para penetrar no corpo. [...] Busquemos a música que corresponde a cada um de nós e tratemos de dar-lhe o elemento criativo, com nossos movimentos. Só assim a música e o movimento terão uma unidade criadora e será a vivência real de nós mesmos. (p. 66-7)

Coyote nos conta da experiência em sala de aula com a música e não concorda que os ouvintes a usem para ensinar LIBRAS às pessoas ouvintes.

Bonito... Música! Os professores ouvintes ensinam música. A minha comunidade é contra música em sala de aula. [...] O ouvinte ensina música (fez gestos de um maestro). Para que isso? (expressão de incompreensão). Aula de LIBRAS precisa incluir a música? Não combina!

M.M. revela a sua conexão com a música desde a tenra idade,

A música eu sinto como se fosse imaginação. [...] Meu pai e minha mãe me levavam no Parque Ibirapuera de pequenininho. Naquela época eu sentia conforto, tranqüilo, ouvia aquela lagoa fazendo barulho que para mim significava relaxamento. [...] Ah, eu gosto de ver a natureza, o céu, nuvem bonita, o sol, os pombos. Eu procuro a música do Djavan, “Oceano”. [...] Essa música me dá calma, me dá pensamento bom, positivo [...] Aí eu pensei... A música faz parte para mim!

M.M. começou a perder a audição aos quatro anos, e citou o ato de imaginar a música para sentir-se calmo. Vera Strnadová (2000), escritora tcheca surda, perdeu a audição aos seis anos. Ela escreveu sobre a memória auditiva e a fantasia para explicar sua relação com a música:

[...] Parece que a minha voz era muito bonita, porque minha mãe adorava quando eu cantava “*Ontem foi dia de domingo...*” E orgulhava-se de mim, diante dos conhecidos, pela forma como eu cantava bem a música... E depois me beijava... [...] Até hoje consigo lembrar a melodia e sei que a música é linda. Quando alguém está tocando o violão e permite que eu coloque a palma da minha mão nele, sinto as vibrações e de acordo com elas fico imaginando como é aquela música. Isso é possível. Por causa disso penso que realmente existe a memória auditiva e a fantasia. Imaginar a música é uma experiência interessante. Fico sempre muito emocionada. (p. 83)

Conforme Strobel (2009) há variados artistas envolvidos com as artes visuais, como: bailarinos, mágicos, atores, pintores, poetas, contadores de história, escultores, entre outros, que respeitando a cultura surda, substituem a música a outros elementos artísticos. Mais adiante, traremos a experiência do ator surdo chamado Rimar R. Segala, que em parceria com sua irmã Sueli Ramalho, fundaram a *Cia Arte e Silêncio*, de teatro.

Retomando a balada... Circulamos pelos diferentes andares, porém a pista de dança foi a menos badalada. Percebi que o pessoal aproveitou a festa para colocar a conversa em dia, paquerar, beijar, namorar e reencontrar velhos conhecidos de guerra. Os jovens pareciam “estar em casa” e animadamente interagiam entre si.

Imagens 18 e 19: Balada Surda “Vibração” - sala de jogos. Foto: arquivo pessoal da pesquisadora, 2013.

Interessante notar que os intérpretes/tradutores da LIBRAS que lá estavam não atuavam como profissionais, mas nesse espaço informal, parecia um encontro entre amigos e/ou conhecidos, porém, pessoas simpatizantes da cultura surda, dos surdos e da Língua de Sinais. As pessoas estavam descontraídas naquele ambiente que parecia não ter um teor formal para as trocas comunicacionais.

Ouvintes, surdos e as tribos se misturavam a todo instante. Acredito que a representatividade dos surdos foi maior do que a dos ouvintes. Mas diferentes grupos estavam por lá. Já que a Língua de Sinais predominou no ambiente, nós recorriamos a uma infalível pergunta para saber quem era quem: “*surdo*” ou “*ouvinte*”? A maioria dos ouvintes sabia LIBRAS.

Dentro da comunidade surda, os sujeitos surdos não se diferenciam uns dos outros através do grau de sua surdez, e sim, porque tal fulano é “*surdo*” ou “*ouvinte*”, pois isto demonstra as suas identidades culturais de pertencimento à comunidade surda. (STROBEL, 2009, p. 68)

Aqueles que não sabiam LIBRAS sentiam-se como um peixe fora d’água neste lugar tão marcado pela experiência visual no modo de se comunicar e interagir com o outro. Algumas pessoas verbalizavam essa sensação de incompreensão, de não saber nada do que o outro estava comunicando. Fiquei pensando que os surdos sinalizadores vivem essa questão cotidianamente, sem muita trégua em suas vidas. Quantas vezes por dia eles passam por momentos de entaves na comunicação com os falantes das línguas orais?! Lembrei-me de uma frase que li no folder da FENEIS a respeito do ensino da LIBRAS: “*Não é porque você fala Português que todos os brasileiros entendem a sua língua.*”

Estavam presentes pessoas de diferentes níveis socioeconômicos e com diversidade de orientação sexual. Estilos singulares de ser, pensar e estar no mundo.

A representação da militância surda também se fez presente no evento. Já no final da festa, encontrei o pessoal envolvido fortemente com os movimentos políticos da comunidade surda. Um deles, candidato a vereador da cidade de SP e o outro coordenador do setor de cursos de uma importante organização filantrópica e social da cidade. A dupla tinha recém-chegado do CONAE (Confederação Nacional de Educação), realizado em Serra Negra - SP. Estavam animados, pois participaram ativamente das discussões acaloradas que ocorreram neste evento político/educacional, sendo que quatro projetos sobre a Educação Bilíngue foram aceitos e serão levados até Brasília, para aprovação no Congresso. Um deles comentou que os surdos não podem ficar de fora desses momentos tão importantes para a comunidade.

4.2.2 Acessibilidade

O evento ocorrido no dia 22 de outubro de 2013, intitulado I Encontro de Artes e Culturas Surdas – **MAM**, teve como objetivo promover as artes e as culturas surdas, possibilitando o encontro de realizadores, artistas e pesquisadores com o público dessas produções simbólicas das comunidades surdas. O evento ocorreu na cidade de São Paulo, contando com a interlocução de pessoas de diversas partes do mundo.

Imagem 20: I Encontro de Artes e Culturas Surdas – MAM. Foto: arquivo pessoal da pesquisadora, 2013.

A tarde de palestras foi aberta por uma apresentação de dança. O grupo era composto por pessoas ouvintes que faziam parte de uma Companhia de Teatro e Dança

da cidade. *“Neste projeto não cabem traduções, e sim articulações entre palavras expressas em línguas distintas num espaço comum, onde os desenhos dos gestos se mesclam a vozes que igualmente desenhavam formas e sentidos”*, dizia o folder explicativo da Companhia.

Imagem 21: Apresentação de Dança no MAM. Foto: arquivo pessoal da pesquisadora, 2013.

Em seguida, a plateia foi se acomodando no auditório do MAM, entre reencontros, abraços e bate-papos de todos os tipos. Ouviámos desde conversas na Língua Portuguesa, estrangeiros ouvintes de diversas nacionalidades que aqui nem saberia dizer de que países eram, porém a língua inglesa predominou no recinto. A comunicação precisava chegar para todos e parece que quase chegou. Havia um rapaz surdo de Singapura, porém não teve um intérprete que soubesse a Língua de Sinais do seu país. Na platéia, sentou-se próximo aos ouvintes estrangeiros uma tradutora que transliterava do português oral para o inglês oral. Continuamente os intérpretes da LIBRAS revezavam-se, para dar voz aos surdos da plateia e aos palestrantes, da mesma forma que sinalizavam visualmente as vozes dos ouvintes.

Na mesa, composta por palestrantes surdos brasileiros, foi a vez de alguns jovens contarem a sua experiência de trabalho. Junior do Museu de Arte Moderna; Flavio do Museu Afro Brasil; Larissa do Centro Cultural Banco do Brasil e Samanta da Pinacoteca do Estado de São Paulo. De forma envolvente e emocionante eles contaram como os serviços destes espaços culturais estão disponibilizados para a população e como a acessibilidade está a favor dos surdos nestes ambientes culturais. Cada um deles faz a ponte, para o acesso à informação, cultura e conhecimento de mundo para a população surda.

Junior deixou claro que a arte contemporânea é livre, livre, livre! Falou do projeto do MAM, “Aprender para Ensinar”, porta de acesso para o trabalho cultural. O projeto que iniciou em 2008, preparava jovens surdos para atuar como educadores nas visitas às exposições do museu. Dessa forma, quando crianças, jovens e adultos surdos iam até o MAM, eram recebidos por educadores surdos que utilizavam a Língua Brasileira de Sinais. Esse deslocamento ou descentralização para ensinar surdos sobre exposições de arte criou um grupo de ação artística que facilitou a acessibilidade de surdos em tais ambientes culturais. Por corte de verbas o curso se encerrou, mas veio a ideia de criarem o grupo CorpoSinalizante.

Senti-me como em um jogo de tênis. Meus olhos corriam para lá e para cá. Eram diversos intérpretes, tal qual comentei anteriormente em outro evento cultural. A acessibilidade por meio da comunicação, precisava chegar para todos! Público surdo, público ouvinte, público estrangeiro, sem excluir aqueles que transitavam livremente entre as línguas.

Acessibilidade ³⁴ é possibilitar o acesso tanto à locomoção quanto à comunicação de forma independente e segura. [...] A acessibilidade melhora com o avanço de novas tecnologias. [...] (p. 21-2)

As chamadas tecnologias assistivas, são os apoios ou recursos de adaptação, que ajudam as pessoas a se sentirem incluídas no ambiente de trabalho, na escola, nos espaços públicos, entre outros.

Isso é garantia que uma pessoa surda pode assistir livremente os programas de televisão, frequentar cinema, eventos artísticos, com o recurso de legendas ou com a presença do intérprete da LIBRAS?

Cíntia, uma das coordenadoras ouvintes do grupo de trabalho “CorpoSinalizante” explicou que o objetivo do grupo é lutar pelos direitos dos surdos através da arte e da cultura, bem como, quebrar as barreiras de comunicação da comunidade surda.

A jovem citou diversas ações realizadas por eles e da campanha para acabar com a história do cinema nacional não ter legendas: “*queremos legendas nos filmes*”

³⁴ In: Clemente, C. A. Espaço da Cidadania. O trabalhador com deficiência: inclusão pela Lei de Cotas/Espaço da Cidadania. São Paulo: Espaço da Cidadania, 2012.

nacionais”. O governo e a sociedade ouvinte em geral não apoiam os surdos, por isso o grupo se organizou com criatividade, e através da arte, fazemos protestos, disse ela. Em um dos vídeos sobre o assunto, um jovem surdo sinaliza: *“legendas em filmes, a população surda tem esse direito. Filmes provocam nos surdos, compreensão, reflexão e imaginação, oferecendo metáforas, poesias e outras coisas.”*

Resgato aqui a segunda conversa realizada com Hélio, onde ele fala da sua indignação sobre a falta de legenda nos filmes nacionais e canais de TV.

Eu tenho ódio por causa do cinema, por que não tem legenda. Por exemplo, eu tenho interesse em ver um filme, quero ir ao shopping, comprar meu ingresso e o homem pergunta: “você é surdo”? Digo que sim e questiono porque da demora em vender o ingresso. Ele diz que o filme não tem legenda. Eu fico bravo, pois como não tem legenda? Só dublado. [...] Por exemplo, a TV a cabo, tem variados filmes, canais de culinária, viagem, muitas coisas e quase todos não tem legenda. Eu fico bravo e comento com minha mãe que não tem legenda. Como eu vou entender? Minha mãe tentou ligar lá e disseram “sinto muito, mas não tem legenda”.

Para agregar aos comentários feitos sobre a acessibilidade ou muitas vezes, pela falta dela, Rimar R. Segala falou no evento sobre a criação da *Cia Arte e Silêncio*. Pela gravação do áudio, registrei sua sinalização através do intérprete que dizia:

O Girassol e a Mão são os símbolos que representam a companhia, porque o girassol acompanha o sol para se iluminar, receber luz e viver, e nós surdos somos iguais. Não precisamos do som, não acompanhamos o som e sim a luz. Por isso que a Companhia Arte e Silêncio tem esses dois símbolos. Quando a criamos, a finalidade era...

A história pessoal e familiar do ator, se entrecruzam com a necessidade de buscar acessibilidade cultural. E por intermédio da piada e do humor...

Quando éramos crianças, fomos ao circo com a família. Sentamos nas arquibancadas contentes para saber o que iria acontecer. Aí surgiu o palhaço. Ele começou a brincar com aqueles enormes sapatos, todo enfeitado na sua vestimenta de palhaço e ele mexia a boca e todos davam risada. Mas como toda a família era surda, não entendíamos o que estava acontecendo. Porque todos riam? Olhávamos em silêncio. Não sabíamos o que estava acontecendo na arena. Quando o palhaço caía a gente ria e os ouvintes não! Porque era o contrário deles?! Eu não conseguia entender isso. Quando a Sueli teve um filho, ele era estranho na família, porque era uma família de surdos e só ele era ouvinte. Tivemos a ideia de levá-lo ao circo. O filho da Sueli tinha uns 5 anos de idade. Chegamos lá, era o mesmo palhaço da nossa infância, que estava mais velho. Quando o palhaço falou, todos riram de novo. Perguntei para o meu sobrinho porque ele também estava rindo. O menino respondeu: “espera um pouco, deixa eu terminar de rir.” Queríamos saber o que o palhaço tinha falado. O menino disse: “ele falou boa tarde.” Dissemos: “todos estão rindo porque o palhaço falou “boa tarde”? Só por causa disso?” Com o tempo e com a ajuda de Deus, conseguimos criar essa companhia. A companhia serviu para mostrarmos nossas capacidades, e que precisávamos de

acessibilidade, já que as piadas eram feitas para ouvintes. A ideia era ter um palhaço que pudesse fazer piadas também para os surdos.

E nos fala sobre a arte no papel de tradutor cultural...

O legal da companhia é que os ouvintes também conseguem entender o que é a cultura surda e como os surdos agem, de acordo com as peças apresentadas. Eles percebem os contrastes da cultura surda e da cultura ouvinte. As peças servem tanto para os surdos e como para os ouvintes, para que possam se entender. Vice-versa. Para existir uma troca entre as duas culturas e quebrar as barreiras, preconceitos e criar espaço para a comunicação. As peças trazem interação entre todos. Esse é o objetivo da Cia Arte e Silêncio. Muitas escolas nos convidam para apresentar as peças teatrais. [...]

[...] Eu e minha irmã adaptamos uma peça para o ambiente escolar, para tratar das questões da inclusão, principalmente se na escola tiverem muitos ouvintes, para que as crianças possam rir com a situação. A ideia era levar um caráter cômico para a peça para que as crianças pudessem entender um pouco da cultura surda e um pouco da cultura ouvinte. Havia muitos conflitos dentro dessas escolas. A peça traz a importância da Língua de Sinais, a importância da acessibilidade, através de jogos e recreação para que as crianças possam brincar.

Rimar criou uma peça que trabalha com a mímica, mas sentia que faltava algo...

Considerava a mímica importante para que todos pudessem entendê-la, mas faltava algo. A expressão corporal já estava dentro das regras da expressão. Faltava uma especificidade surda. Eu fiz o “1001”, que eram diversos personagens que integrava a cultura surda junto com a mímica. As pessoas diziam que Língua de Sinais não tem mímica e eles sabem que a Língua de Sinais é uma língua. Integrar mímica e LIBRAS parecia estranho, mas a mímica está associada, porque ela faz parte da cultura surda.

O ator surdo traça um paralelo entre a música apreciada pelos ouvintes e a mímica apreciada pelos surdos.

Um paralelo da emoção da música, por exemplo, a melodia da música é muito apreciada pelos ouvintes e a mímica para os surdos também é algo muito apreciado. A mímica é muito importante. Esse teatro dá aos surdos esse tipo de prazer que a melodia da música transmite aos ouvintes e a mímica transmite aos surdos. Além do teatro, a Cia também oferece oficinas, para trabalharem as diferenças, a importância da cultura surda.

E ratifica sobre a falta de práticas inclusivas na área da cultura, como por exemplo, no teatro.

Há um tempo vieram leis muito fortes sobre a educação dos surdos, que vem trabalhando na área da política. Onde entra a cultura? Parece que fica um pouco apagada. Luta-se muito pela educação, mas ainda carece o campo da cultura. Por isso que o trabalho das oficinas serve para ampliar não só os campos da educação, mas da cultura também. [...] Devido a lei de acessibilidade, trabalhamos com acessibilidade, mas não existe uma lei que coloque a LIBRAS dentro dos teatros. A lei tem um foco muito específico em relação a interpretação, mas não há nada relacionado ao teatro.

Quando observo o trabalho dos intérpretes, percebo certo rigor ético/metodológico que a própria profissão lhes impõe. Porém, como pontou Rimar, quando relacionamos a atuação do intérprete como ator, atribuímos a ele mais um quesito, que está além da formação de tradutor/intérprete da LIBRAS. Habilidades pessoais e artísticas que necessitam ser trabalhadas, desenvolvidas, encenadas. Intérprete/ator se misturam na interpretação ou não...

Existem alguns intérpretes que são especializados somente na educação e falta na área de cultura, na parte teatral e tudo mais. Como o intérprete assume o papel dos personagens e às vezes o intérprete não condiz com o que o ator está contracenando. Às vezes ele é morto! O surdo vê o intérprete e vê o ator e não consegue discernir o que está acontecendo.

E finaliza...

Nosso trabalho quer transmitir que o surdo é um cidadão brasileiro, não adianta reclamar querendo alguns direitos, se não aplicarem nada na prática. A prática é extremamente importante.

“A prática é extremamente importante...” As singulares ideias e experiências artísticas de Rimar, contribuíram fortemente para pensarmos sobre a necessidade de criar acessibilidade cultural, além das práticas educacionais que já marcam a grande luta e preocupação dos líderes surdos em nosso país. Os campos/espços culturais precisam ser cada vez mais ofertados e disponibilizados para os poetas, artistas e criadores de ideias que desejam expressar-se pela arte de uma forma geral.

Iara, do MAM São Paulo, sintetiza:

A LIBRAS é performática e faltam espaços de silêncio. Precisamos encontrar e criar espaços visuais e não só espaço onde a oralidade acontece. Trabalhar em nós o silêncio. A acessibilidade deve estar para todos, inclusive para os ouvintes quando se tem um evento ou espaço em que a LIBRAS esteja presente. A ideia não é marcar a deficiência, no caso de promover saraus surdos. Arte é arte! A arte dos surdos precisa penetrar no universo ouvinte. Destacar, valorizar a potência dos corpos!

Vivian, do British Council e mediadora da mesa, finalizou a tarde de conversa:

A língua e o corpo, ambos são como região de fronteira, de limites e contornos. O corpo marca uma presença no mundo, marca a experiência de cada um. É estar no mundo e inventar espaços. Os saraus de poesia são lugares onde os jovens podem contar suas histórias. Não tem surdos nos saraus, pois sempre foi um evento na voz. Mas agora desejamos transformar em evento performático em LIBRAS, espaços para compartilhar histórias.

Após o evento no MAM, nos deslocamos para o espaço cultural de uma ONG da cidade, onde ocorreu o II Sarau do Corpo. A ideia foi reunir pessoas para fazer poesias.

Fomos nos espalhando e encontrando um lugar para assistir as apresentações.

Imagens 22 e 23: II Sarau do Corpo. Fotos: arquivo pessoal da pesquisadora, 2013.

Junior se apresentou, fazendo o seu sinal e um intérprete deu voz à sua sinalização.

Todos aqui presentes fazem parte do CorpoSinalizante. A gente pesquisa muito profundamente alguns assuntos relacionados à poesia para que consigamos adaptar à LIBRAS. Poesias em Língua Portuguesa, algumas metáforas que são próprias da Língua Portuguesa são adaptadas à LIBRAS para que elas sejam de uma forma visual apresentadas a vocês. E caso queiram participar podem fazer suas poesias e ficar à vontade.

Descreverei em palavras algumas poesias sinalizadas.

Junior poetizou com o corpo, e as palavras seguem conforme a forte narrativa de tons e acordes vocais do intérprete da LIBRAS:

“Você que ouve,
você que não ouve,
você que fala,
você sinaliza,
você que pensa,
que sente,
que cria,

você que gritaaaaaaaaa.

Bem-vindos a esse canto do mundo.

Voltem seus olhos e a sua atenção

para uma cultura onde o nosso corpo é nossa língua.

Nossos corpos vozes,

fizemos e faremos muitos setembros azuis.

Para que todo coração poetize

e essa casa da poesia se abre para vocês.

Pra você, pra você, pra você, pra você...”

Lívia sinalizou a quatro mãos com Erika:

“Para que serve a poesia?

Disponibilizar-se, disponibilizar-se, disponibilizar-se...

Não ser deficiente, ser diverso

Desconstrução da representação

Linhas de fuga... Comunicação!

Vamos libertar as palavras

Os padrões servem para vender os produtos

Mas o corpo, a casa da poesia.

E a poesia minha morada

Não possuo palavras

Sou palavra

A magia vive nas palavras!”

Laís sinalizou a poesia de uma amiga que faltou nesta noite.

“Meus ouvidos são como um sonho profundo

Sem barulho e escuro

Meu cérebro nunca para de borbulhar

Tenho meus sentimentos que recebem sons secretos
 Sem perceber, entendo
 O som do gritar, rir, cantar e conversar
 São todos sons em silêncio!”

O grupo elaborou uma lista com os respectivos nomes dos interessados para tais performances. Alguns coordenadores do sarau, distribuíram papéis com poesias brasileiras já escritas e conhecidas pela maioria dos participantes. Alguns, às transformaram em poesia com o corpo, mas não necessariamente usaram a LIBRAS. Algumas performances foram bem ecléticas e contaram com a improvisação; outras com piadas em Língua de Sinais; duas pessoas ouvintes sinalizaram em LIBRAS a música *Aquarela* de Toquinho, com diferentes interpretações; uns poetizaram a quatro mãos, outros a duas mãos e algumas vozes; uma senhora surda falou sobre a sua história de vida; um outro convidou as pessoas para interpretar e sinalizar ao mesmo tempo uma música infantil brasileira.

Todas as apresentações foram registradas em vídeo. A singularidade expressiva de cada um dos participantes/artistas foi ali explicitada. Narrativas, exclamações, piadas, contação de histórias pessoais, poesias e tantas outras aparições humanas e artísticas que surgiram espontaneamente, sem receio de mostrar o que são, o que pensam, ou o que sentem.

Às 21h as apresentações se encerraram. O bate-papo continuava quente e agitado. A noite foi bem animada e cheia de novidades para todos. As pessoas ainda beliscavam os últimos comes e bebes até que aos poucos o espaço foi esvaziando.

4.2.3 Corpo que Sinaliza

No vai-e-vem dos encontros e desencontros na comunidade surda, deparei-me com o criativo ator surdo, Junior, também coordenador do grupo CorpoSinalizante.

Junior convidou-me para acompanhar as atividades do grupo, e desta forma, entrei em contato com algumas de suas ideias e linhas de trabalho. Buscando conhecê-los, acessei na página virtual do grupo, que eles integram o Programa Igual Diferente do setor de Acessibilidade do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM).³⁵

Corposinalizante é um grupo de trabalho que pesquisa e produz arte, aberto à jovens surdos e ouvintes que se interessam pela Língua Brasileira de Sinais. Considerando a dimensão pública da arte e nosso constante interesse por inventar formas de comunicação, desde 2008 desenvolvemos projetos culturais, documentários, performances e intervenções poéticas que dão visibilidade à identidade surda e à cultura dos jovens. [...]

No primeiro encontro com o grupo, em outubro de 2013, cheguei no meio de uma conversa sobre como transformar poesia em LIBRAS. Seja a poesia de algum artista famoso escrito em português, ou a poesia feita em diversas Línguas de Sinais de outros países. Mas a ideia era criar poesia direto em LIBRAS. Houve um debate sobre este tema e cada um dos participantes opinava em como desenvolver o trabalho e o que eles fariam naquela tarde.

Os encontros do CorpoSinalizante geravam conversas onde as variadas linguagens se faziam presente e circulavam no grupo. Produziam arte e experiências em conjunto, no coletivo, porém, eram singularmente “escutados”. Democraticamente, o grupo composto por surdos e ouvintes criava possibilidades para entrecruzar ideias e desejos de expressão. Suas ecléticas presenças conduziam e dirigiam o trabalho, tornando-o bastante diversificado.

Organizados politicamente, os coordenadores dão espaço para que todos os participantes se expressem a seu modo. O grupo é aberto e seus frequentadores tem algum contato com a LIBRAS. Foi criado para dar vez e voz para pessoas se expressarem. Atualmente querem buscar na poesia a expressão dos surdos. É um trabalho intelectualizado, nas palavras da coordenadora Cíntia. O método de construção das intervenções artísticas, o modo de tomar decisões, pelo aspecto político da participação de todos é realizado com dinamismo e cuidado. E eles deixam claro através de posturas e atitudes demonstradas nos encontros que ocorrem semanalmente.

³⁵ <http://corpo-sinalizante.blogspot.com.br/>

Naquela tarde, registraram em vídeo cada uma das diferentes performances corporais, realizadas com o intuito de acompanhar o desenvolvimento artístico das pessoas. O respeito e o silêncio eram gerais.

Junior e a intérprete de LIBRAS Vanda, acompanhavam o processo de criação dos pequenos grupos. Cada um deles escolheu uma imagem dos livros de arte surrealista. Em seguida, contaram uma história a partir dessa imagem. Vanda disse para um dos grupos que na obra de arte já existe uma poesia ali contida. *“A obra provoca uma estranheza em nós. E quando alguém vai fazer poesia também pode provocar um incômodo, uma estranheza no outro. A obra provoca algo em nós e nós podemos provocar alguma coisa no outro, ressaltou.”*

Vanda comentou que eles devem explorar os movimentos que foram criados hoje. E que na verdade, quando se faz poesia com os surdos não precisa de intérprete, porque a poesia cria uma imagem. Disse que seria interessante o grupo começar a trabalhar a expressão corporal com atividades ali mesmo desenvolvidas. Porque não é importante comunicar somente pela LIBRAS, mas pela expressão do corpo. Linguagem acessível a todos.

A elaboração conceitual do trabalho é bastante interessante. Na página virtual do grupo eles esclarecem,

O grupo paulistano Corposinalizante convida as pessoas da cidade a repensarem e a refletirem sobre a surdez, provocadas pela força (estética/política) da arte. Um esforço coletivo de formação e transformação, multiplicando (com poesia!) as produções artísticas e as lutas por direitos das comunidades surdas.

Há um cuidadoso olhar em fazer arte a partir da LIBRAS e a expressão corporal, não particularmente para apresentar uma arte para as pessoas, mas para dar a conhecer o modo próprio de expressão artística do surdo que, no entanto, tem uma intenção que seja acessível e compreensível para os diversos públicos.³⁶

³⁶ Comentário feito pela Profa. Dra. Maria Luisa Sandoval Schmidt em uma das nossas conversas de orientação.

Participei de cinco encontros até encerrarem as atividades no mês de dezembro de 2013. Em um deles nos desencontramos, pois o grupo realizou atividades de “oficina de poesia”, em ambiente externo ao MAM.

Teatro - Improvisar com o corpo

Em novembro de 2013, acompanhei Junior em um dos desafios que lhe foram colocados pelos organizadores da festa de comemoração dos 60 anos da ASSP (Associação de Surdos de São Paulo), que ocorreu no mês de abril de 2014.

Em uma das escolas especiais para surdos da capital paulistana, Junior selecionava pessoas surdas para compor o elenco teatral que será apresentado no evento social de surdos. O jovem teve a incumbência de escolher, criar e treinar o seletor grupo para a futura apresentação.

Em círculo, fizeram exercícios de aquecimento corporal, brincadeiras, improvisação, para estimular a criatividade e a espontaneidade de cada um dos participantes, em relação aos desafios que estavam por vir. As atividades foram realizadas individualmente e em duplas, com o intuito de avaliar os potenciais criativos de cada um deles. Junior liderou o grupo, dando as diretrizes do trabalho e também encenando para ajudá-los a compreender o que deles se pretendia. Filmei-o em algumas de suas atuações. Para o jovem artista tudo parece natural, dançado e poético! A maioria das pessoas estavam na faixa dos 20 anos, sendo que quase todos eram surdos. Apenas uma mulher era intérprete e, portanto, ouvinte.

[...] a criatividade não entra no corpo pelo que escutamos, mas abre-se um canal diferente no espaço, em que o ouvido não é o apoio para o movimento. O que existe são ideias, palavras, pontes de comunicação por meio das formas sensíveis que todo ser humano tem em seu interior. O importante é encontrar a ponte. (FUX, 1996, p. 18)

Espontaneidade, criação, sensibilidade e habilidade corporal para tais expressões artísticas são desafios colocados para as pessoas de uma forma geral. Aqueles que demonstraram maior intimidade e tranquilidade para criar com o corpo, se divertiram naquele momento, porém todos estavam ali por um desejo singular. Esperavam ser

escolhidos para participar de um evento cultural, social e histórico importante para os surdos e para a comunidade surda brasileira.

Para se expressarem criativamente e falar com o corpo não era possível copiar ou imitar alguém, mas a improvisação deveria acontecer pela movimentação livre e criativa de cada um. Com o sentido de exteriorizar ideias, conceitos, expressões, a partir de imagens interiorizadas.

Através de certas técnicas teatrais coordenadas por Junior, improvisar e criar foram as palavras de ordem. Além disso, o jovem educador encorajava e auxiliava individualmente cada participante instrumentalizando-os para que superassem suas dificuldades.

Para o professor de Educação Física, Antonio Carlos Almeida (2004), improvisar significa,

[...] dar forma espontânea, executar algo que não foi previamente planejado, como, por exemplo, se adaptar às dificuldades de temas, músicas, objetos ou grupos. [...] improvisação significa o momentâneo relacionamento espontâneo, experimental e livre, com movimentos anteriormente conhecidos e coletados, por meio de um tema ou da motivação individual. [...] Quando se está improvisando é possível perceber e conscientizar aspectos emocionais, a partir da percepção do próprio comportamento ou do comportamento do outro. [...] Em improvisação consideramos a transformação de ideias, comportamentos e reações, os quais se afastam tanto do controle cotidiano quanto da objetividade [...] A improvisação livre se processa sem modelo, estando os participantes em igualdade de condições em um mesmo grupo. (p. 17-8)

Retomando as atividades no MAM...

No segundo encontro do CorpoSinalizante, o grupo retomou ideias conversadas anteriormente, e demonstrou preocupação em relação a acessibilidade e visibilidade pública do trabalho. Vanda observou que é preciso criar peças que tenham acesso à todas as pessoas. Por exemplo uma apresentação no Ibirapuera: surdos, cegos, cadeirantes, idosos, jovens, crianças, e a comunidade de forma geral, precisam compreender o que se pretende comunicar. O que os sinais podem trazer para a voz? Fazer o inverso. Os efeitos estéticos da LIBRAS na hora de contar uma história. Devem provocar reações diferentes. O que provoca na pessoa que vai ver a poesia? Não se sabe como as pessoas sentem e recebem a poesia.

Naquele momento o teor da conversa mesclou questões práticas e metodológicas de como elaborar, construir e transmitir poesia em diversas formas de expressão. Os

participantes demonstraram bastante envolvimento com as questões discutidas. Eles realizaram pesquisas e trouxeram novidades. Compartilharam coisas novas, analisaram conjuntamente os achados, trocaram experiências e transbordaram suas subjetividades únicas e particulares. Surgiu uma conversa no sentido de repensar o que pode ser apresentado nos saraus, e uma certa crítica sobre o II Sarau do Corpo. Vale tudo para fazer sarau?

Pelas atividades que o grupo desenvolve fora do espaço cultural do ateliê do MAM, ou melhor, na cidade, estavam articulando como organizariam a “virada inclusiva”. Essa conversa da interação com as pessoas na cidade parece-me uma proposta interessante e cheia de riquezas a serem exploradas por todos. Eles abrem possibilidades de expressão com o público em geral, para que subjetividades comuniquem singularmente jeitos de ser e estar no mundo.

A ideia para a “virada inclusiva” era estabelecer comunicação com qualquer pessoa que cheguesse até o grupo. Portanto, usariam a proposta da “Escola de LIBRAS Móvel”, criado pelos integrantes do CorpoSinalizante.

Cíntia: “Não é dar aula, mas estabelecer comunicação em LIBRAS, englobando todas as idades, crianças, idosos... Até um coreano apareceu da última vez. Usamos papel, canetas, livros como recurso para tal fim. As pessoas aprendiam vocabulários, palavras, que se transformavam em sinais. Vocabulários que surgiam do encontro.”

“Agora, o desafio será estabelecer uma interação com a poesia”, ressaltou Junior, sugerindo que o itinerário com o carrinho seja do MAM em direção ao Museu Afro, dentro do parque mesmo.

O coordenador explicou o que é a “Escola de LIBRAS Móvel”: *“são carrinhos de madeira pintados de vermelho, sendo que cada um deles tem três andares. Serve para colocar os materiais.”* Nos saraus anteriores eles levaram livros para as pessoas interagirem com as imagens, mas agora a ideia era levar imagens soltas.

A conversa girava livremente entre as descobertas do grupo em organizar certa metodologia de trabalho que coubesse nos objetivos do evento. Na verdade, o grupo sentia dúvidas, mas estava construindo possíveis caminhos com base nas experiências passadas.

Cíntia: *“Trazer a imagem para o corpo. Criar alguma performance, bem simples, através da imagem escolhida pela pessoa.”*

Caio: *“Não podemos esquecer que a ideia é não nos afastar da LIBRAS. Deve ser um espaço para aproximar as pessoas da língua, deixando claro que é a língua oficial dos surdos. Vamos treinar? Que tal a gente iniciar um ensaio? Coloquemos as figuras no andar superior do carrinho, bem à vista das pessoas.”*

O grupo estava em pé ao redor do carrinho. Eram 15h30min. Caio deu as coordenadas e todos prestavam atenção. Eu também participei da experiência.

Caio: *“Vou dar uma imagem para cada um.”* E assim, distribuiu aleatoriamente as figuras para nós.

Caio: *“Olhem para a imagem que vocês têm... Pensem em uma palavra que possa representar esta imagem.”*

Passado alguns breves minutos, cada um expressou sua subjetividade.

Caio: *“Podemos sugerir que cada pessoa fale três palavras sobre o que está vendo da imagem. E assim poderemos ensinar o sinal.”*

Alessandra: *“Precisamos ter o cuidado para não interpretar o que vem das pessoas, se não podemos direcionar para onde nós queremos e não aonde a pessoa quer ir.”*

Cíntia: *“Poderíamos espalhar não muito longe um do outro, os quatro carrinhos disponíveis que temos. Dois deles como uma atividade básica de LIBRAS e os outros dois trabalhando com a poesia.”*

Nana: *“E se a gente ficasse apenas com um carrinho e tentasse fazer o melhor apenas com um?”*

Pelo olhar, Junior demonstrava certo incômodo com os nossos comentários: *“Não concordo com a ideia de começar do zero de novo. Quem quer aprender LIBRAS precisa buscar curso fora daqui. Aqui nós vamos avançar. Partir para a poesia. Por isso vamos divulgar para as pessoas que já conhecem nosso trabalho e já conhecem LIBRAS. A atividade vai abranger quem já tem noção de LIBRAS.”*

Silêncio!

E acrescenta: “*Quem chegar, vai participar junto com as pessoas que já estão ali criando e desenvolvendo a atividade, da melhor forma que der.*”

Nana concordou com Junior.

O grupo olhava para as imagens, olhavam entre si e ninguém tinha a resposta. Como fazer?

O movimento do corpo e as expressões faciais de surpresa de Cíntia chamaram-me a atenção. Naquele momento, como que por um insight, ela descobriu o que estava acontecendo e verbalizou para o grande grupo: “*Não sabemos como fazer. Isso é novo. Nunca fizemos performances de poesia com as pessoas. Estamos perdidos. Por isso que foi importante a gente treinar, porque percebemos em nós mesmos que não sabemos como fazer. Temos muito para caminhar, descobrir, avançar...*”

Foi muito interessante esse momento de tomar consciência do não-saber grupal, como um processo de construção e reflexão de todos os envolvidos. Um incômodo geral mobilizou-os para quem sabe, refazer caminhos, criar hipóteses, pensar em outras possibilidades de produções artísticas para os próximos encontros e trabalhos.

No último encontro do ano, a coordenadora Cíntia fez uma retomada geral para que Vanda tomasse ciência das aflitivas discussões do encontro anterior:

Semana passada apareceram nossas dúvidas quanto à oficina a ser oferecida na virada. A oficina usará o carrinho inspirado na “Escola de LIBRAS.” A ideia do primeiro sarau trazia o uso de imagens, leitura labial, escrita, papel, LIBRAS, para estabelecer comunicação com as pessoas. Penduramos no varal poesias escritas. Agora, queremos estimular as pessoas a criar poesias corporais, a partir da imagem e não mais de textos. Não sabemos quem virá. Vamos divulgar e convidar o pessoal que conhece o trabalho do CorpoSinalizante. Assim, teremos uma experiência com a poesia do corpo com o grupo. Será uma performance poética relacionada ao corpo. O grupo está no momento de ir além do básico, de ensinar LIBRAS. Queremos partir para a performance poética com mais intensidade. Tem que ser algo legal para nós também!

E para fechar o ano... A coordenadora sugeriu ao grupo uma confraternização fora do MAM. Intitulou: “*vamos fazer uma ‘balada poética’ em um sarau que acontece na Vila Madalena, na próxima terça-feira...*”

Capítulo 5

5.1 Transcrição/Tradução das entrevistas

A linguagem é meu esforço humano. Por destino tenho que ir buscar e por destino volto com as mãos vazias. Mas – volto com o indizível. O indizível só me poderá ser dado através do fracasso de minha linguagem. Só quando falha a construção é que obtenho o que ela não conseguiu. (LISPECTOR, 1988, p. 176)

Neste capítulo a intenção não foi realizar um estudo linguístico das línguas visuais e orais, mas quem sabe, tentar traduzir as descobertas, interpretações e trocas de ideias vivenciadas por mim e pelos interlocutores. Pela desafiante tarefa do tradutor, exemplificarei como transitamos não só entre as línguas e as diversas linguagens humanas, mas também entre as culturas.

Quando iniciei o árduo trabalho das transcrições, deparei-me com o enorme desafio de transmitir em palavras a mensagem que visualmente me foi comunicada. Mais do que transcrever, esta tarefa foi um ato de tradução, de interpretação!

Primeiramente, quero dizer que as línguas espaço-visuais são completas, abstratas e complexas, como as línguas orais/auditivas, por exemplo: o Português, o Inglês, o Alemão, o Italiano, etc. As línguas orais e de sinais utilizam-se de canais articulatórios diferentes.³⁷ O trabalho pioneiro realizado sobre a complexa estrutura das línguas visuais foi do linguista americano William Stokoe, em 1960³⁸, provando que as línguas visuais possuem critérios linguísticos e estrutura gramatical própria: sintaxe, semântica, fonológica, pragmática e morfológica. O autor propôs que os sinais, em particular da ASL (Língua de Sinais Americana) poderiam ser analisados por partes, seguindo os parâmetros de: “configuração das mãos”, “localização” e o “movimento”.

Mais adiante, outros pesquisadores da ASL incluíram os parâmetros da “orientação da palma da mão” e as “expressões faciais”. A diferença entre as duas modalidades de língua são: “a linearidade, mais explorada nas línguas orais, e a

³⁷ Ver Capovilla (2001); Brito (1995); Sacks (1998).

³⁸ Stokoe (1960) *apud* SACKS (1998).

simultaneidade, que é característica básica das línguas de sinais.” (Klima e Bellugi, 1979 *apud* BRITO, p. 36, 1995). As línguas de sinais são línguas humanas totalmente independentes de outras línguas.

Oliver Sacks (1998) neurologista e escritor inglês ressalta que nós ouvintes temos uma incrível dificuldade para imaginarmos uma gramática espacial, uma sintaxe espacial, pois não dispomos das experiências pessoais para “gramaticar” o espaço e nem de substrato cerebral para tal feito. O estudo feito a partir da ASL equivale ao reconhecimento gramatical do estudo da LIBRAS em nosso país, porque as duas línguas foram influenciadas pela Língua de Sinais Francesa.

Retomando a questão das transcrições. Diversas reflexões invadiram-me os pensamentos. Como devo transcrever as entrevistas? De que forma vou devolver para os interlocutores suas narrativas?

Meihsy (2002) aborda a questão da transcrição como a mudança do estágio da gravação oral (e/ou visual, como neste estudo) para o escrito. Não tinha um roteiro a seguir, porém, comecei fazendo. A parceria com os interlocutores ajudou-me a tomar consciência do processo da escrita, a corrigir os textos e a refazer as rotas de trabalho. Quando iniciei, tinha em mente que deveria ser o mais fiel possível no momento da transcrição. Digitar palavra por palavra? Sinal por sinal? Descrever as expressões faciais e corporais, erros de linguagem, risos, sons e movimentos que marcaram as narrativas? Inicialmente, foi o que me propus a fazer.

Sabidamente, Meihsy (2002) explica que “editar uma entrevista equivale a tirar os andaimes de uma construção quando esta fica pronta.” (p.58) Aponta para a necessidade de quebrarmos a tradição do mito de que a transcrição “palavra por palavra” expõe a realidade da narrativa. É impossível imaginarmos que a transcrição revele tudo o que aconteceu na entrevista. Para o autor, a entrevista deve ser corrigida, mantendo o sentido intencional dado pelo narrador. Palavras repetidas, vícios de linguagem, erros de gramática devem ser corrigidos, porém, é importante manter a caracterização do vocabulário de quem narrou a história, para sentir o seu sotaque e o tipo de narrativa.

Pelo próprio fazer, percebi que se tratava de algo complexo, pois além da tarefa de transcrever de uma língua para outra, eu estava dando voz aos interlocutores através da interpretação consciente e inconsciente que fiz. Nossas conversas foram um canal de

passagem de sensações, de línguas e linguagens. Tradução de mundos particulares e únicos, mundos de gestos e sons! Como ressaltam, Mara Lúcia Massutti e Silvana dos Santos, no livro *Estudos Surdos III*,

[...] “muito mais que tentar um conjunto de equivalências que possibilitam o trânsito de significados, a tradução implica operações que afetam a subjetividade dos envolvidos e uma política cultural abrangente.”
(MASSUTTI; SANTOS, 2008, p. 160)

Procurei interromper o menos possível as entrevistas. Isso permitiu que as lembranças, memórias, nostalgias dos interlocutores pudessem navegar com naturalidade e fluidez. Digo isso, porque surgiram dificuldades minhas no meio do caminho, devido aos diversos sotaques, ritmos e jeitos pessoais de comunicar dos interlocutores, bem como, a interação com a Língua de Sinais que foi uma segunda língua aprendida por mim na fase adulta. No momento das transcrições destaquei alguns trechos do texto que foram de difícil compreensão. Um exemplo disso foi na conversa com o Hélio. Após a entrevista estar no papel, marcamos um encontro na FENEIS para que ele me ajudasse a compreender com mais detalhes sua experiência profissional em uma dada empresa. Desejava entender como o trabalho e as relações humanas aconteciam naquele ambiente profissional. Tranquilamente Hélio explicou-me.

As entrevistas foram devolvidas por e-mail aos dois primeiros interlocutores, Hélio e M.M., da mesma forma como eles narraram. Ao lerem, não quiseram mudar o conteúdo, porém, o feedback de ambos foi idêntico. Sinalizaram que a forma escrita deveria ser revista. Hélio, de forma contundente sinalizou que estava ruim de ler. M.M.comentou que precisava melhorar a escrita do texto. Orientaram-me a tirar os excessos, os vícios de linguagem e as palavras repetidas. Na verdade eu o fiz literalmente, como um texto bruto que precisava ser lapidado. Coloquei no papel literalmente o discurso narrativo de cada um deles, mesmo sabendo que a estrutura gramatical da LIBRAS é diferente das línguas orais. As observações dos interlocutores que a mim chegaram foram refletidas com bastante atenção.

Ambos marcaram em suas devolutivas que não é possível transliterar de uma língua visual para uma língua oral, palavra por palavra, ou frase por frase, já que

possuem estruturas diferentes. Precisávamos tornar o texto *limpo*³⁹ para ser lido pelos futuros leitores interessados no assunto.

As Línguas de Sinais apresentam uma estrutura gramatical na modalidade de língua gesto/visual/espacial sustentada pelas expressões faciais e corporais. Como traduzir a beleza e a riqueza que as Línguas de Sinais revelam sem perder sua originalidade? Como descrever as frases prolongadas por olhares, exclamações e gestos tão peculiares dos surdos? Como traduzir a língua viva que é movimento e expressão, transmitida com naturalidade por seus “nativos”? Entonação, voz, marcadores faciais, pronúncia, encenação, olhares, ritmos, sotaques, postura corporal parecem esvaziar ou perder sua riqueza quando passam para o papel, enfim, da forma visual para a estrutura gráfica da escrita. Como manter a legitimidade da língua e da fala do outro, passando pelo viés da tradução?

Novamente Massutti e Santos (2008) trazem importantes lições quando escreveram que “muitas vezes, o que se pensa a respeito da língua, da cultura e da subjetividade do outro, no ato tradutório se desmonta como um castelo de areia” [...] (p. 151).

Por isso consideram que,

[...] A diferença requer tradução sem o delírio ilusório de que é possível capturá-la em um texto estável e homogêneo. Viver a diferença é se arriscar o tempo todo em um intervalo que se produz de instante a instante, recolocando acentos, recriando formas. A primeira lição a aprender é que não existem fórmulas em relação à alteridade, mas abertura de sentidos para produzir relações de hospitalidade. (Massutti 2007, p.3, *apud* MASSUTTI; SANTOS, 2008, p.151)

No prefácio do livro de Susana Lages, *Walter Benjamin – Tradução e Melancolia*, Jeanne Marie Gagnebin apresenta as ideias da autora, falando sobre a tarefa do tradutor como mestre das passagens e dos intervalos.

Dividido entre o desejo de dar vez e voz ao *outro*, ao autor do *original*, e o esforço próprio necessário à acumulação de múltiplos saberes (linguísticos, históricos, culturais, psicológicos) para cumprir sua tarefa, o tradutor oscila, todo o tempo, entre duas atitudes opostas e complementares: ele é ou um “coitado” ou um “herói” (Paulo Rónai), ele passa da “humildade” à “soberba” (José Paulo Paes) e da depressão à mania como, justamente, um

³⁹ Compreendi que o texto precisava ser *limpo*. Esse termo é usado nas escolas de dança de Ballet Clássico, para referir-se aos movimentos *sujos*, isto é, que não estão claros, bem definidos, que não tem certa clareza dos movimentos por parte dos bailarinos.

exímio melancólico. Na medida em que ele admira o outro, o original, a autoridade do autor, ele se apaga a si mesmo para melhor deixar brilhar-lo; ele insiste em dizer que não consegue, por princípio e malgrado seus hercúleos esforços, devolver na sua língua a riqueza do texto original; seu empreendimento é, desde sempre, fadado ao fracasso, já que ele não pode se tornar transparente (Meschonnic) ou invisível (Venuti) e que, mais fundamentalmente, as línguas são sistemas autônomos fechados, portanto intransponíveis (Mounin). (LAGES, 2002, p.14)

Para a autora, o ofício da tradução se torna emblemático das dificuldades do verdadeiro trabalho espiritual e intelectual, não se definindo por técnicas complexas e abstratas, mas pelo pleno reconhecimento da alteridade, na dialética entre o reconhecimento do outro e a afirmação de si.

Conforme Lages (2002) os textos benjaminianos, que falam sobre a “Tarefa do Tradutor”, ressaltam a “impossibilidade de se entender a tradução em termos de uma recuperação” plena de significados e enfatizam a aceitação da perda de uma *origem* estável, encarnada pelo texto *original* – ou, mais ainda, a aceitação “da perda de uma suposta origem tão estável como inefável” que o trabalho do tradutor deveria, como se diz às vezes, “resgatar”. (p.16)

E afirma que a diferença entre as línguas, só pode ser apreendida na passagem de uma para a outra:

Cada uma à sua maneira, as línguas dizem essa promessa de perfeição que as fundamenta em sua falta e em sua grandeza. E isso não tanto no nível do sentido ou do “conteúdo”, mas porque são diversas “maneiras de querer dizer”, são “meios de densidade diferente”, ou, emprestando o termo de Humboldt, formas distintas umas das outras. Ora, a forma de uma língua, o que ela visa na sua especificidade, só pode se mostrar na passagem – *tradução*, *Über-setzung* – para uma outra língua: só na diferença entre as línguas, nesse intervalo doloroso que o tradutor pretende, à primeira vista, preencher, mas que, na verdade, ele revela na sua profundidade, neste intervalo então pode se expor a verdade das línguas. (Ibidem, p. 195)

Parti para as próximas transcrições/traduções. O retorno que obtive de Hélio e M.M. foram muito importantes para refletir sobre o trabalho que estava em andamento. Vieram as entrevistas com Coyote, Wilson e Emília. Depois da transcrição literal passei para um trabalho mais harmônico na estrutura da Língua Portuguesa, tomando o cuidado para não perder a pronúncia de comunicar de cada um deles. Tentei dar nome, um significado às sutis expressões faciais que surgiam. Fui tomada pela sensibilidade de Hélio no qual as expressões de sua emotividade foram presentificadas com bastante naturalidade. A leitura corporal realizada mantém-se viva em minha memória visual. As

expressões de susto, decepção, raiva, angústia, dor, alegria, entre outros, eram transmitidas com profunda sensibilidade em um corpo que parecia reviver não só os fatos vividos, mas, as emoções que marcaram suas passagens!

As expressões faciais, segundo Brito (1995), são utilizadas para transformar uma sentença em perguntas, afirmações, pedidos, funcionar como advérbios, obtenção da negação, ordens, quantificar e outros atos da fala. Sherman Wilcox (2005) ressalta que as pesquisas realizadas com crianças surdas filhas de pais surdos, reconhecem que elas fazem uma distinção entre o uso das expressões faciais que expressam emoções e a sua utilização para expressar as funções linguísticas das línguas visuais.

Surgiram expressões faciais que falavam por si só, difíceis de expressar em palavras. Os rostos refletiam variadíssimas emoções humanas. Um exemplo desse momento foi quando Wilson narrou o desenvolvimento e o aprendizado natural da sua filha surda com a Língua de Sinais. Ele então olhou para o lado como se ali ela estivesse e singelamente trouxe a sua vivência. Interpretei seu olhar revelado de profunda admiração, encantamento e emoção!

5.2 As entrevistas e suas linguagens

A primeira entrevista com Hélio, realizada em LIBRAS, apoiou-se sutilmente na oralidade para suas transmissões. A segunda entrevista com M.M. e a terceira entrevista com Coyote, o uso foi da comunicação Bimodal (são práticas que envolvem combinações do uso concomitante das duas modalidades, os sinais e a fala), porém com a prevalência da oralidade. A quarta entrevista com Wilson foi LIBRAS “pura”. Uso esse termo para dizer que Wilson não trouxe resquícios da Língua Oral, e a quinta e última entrevista com Emília foi predominantemente oral.

Emília, Coyote e M.M. utilizaram a Língua Oral para suas narrativas, apresentando um jeito e sotaques peculiares. Muitas vezes, são considerados “estrangeiros” pelos ouvintes em nosso meio social. Nestas entrevistas já não escrevi mais as repetições e os vícios de linguagem. Exemplo: “*então assim*”, usado no início das frases. Comecei a *limpar* o texto e deixá-lo mais coeso. A segunda entrevista de Hélio e M.M. transformou-se em outras conversas de suas experiências de vida, como já explicitado anteriormente. Com Emília, Coyote e Wilson as entrevistas foram

devolvidas para alguma correção da estrutura do português, para rever o conteúdo das mesmas e negociar as questões éticas que envolvem as pesquisas participantes.

Na comunicação Bimodal, geralmente há uma superposição da fala em detrimento dos sinais. Como se fosse “português sinalizado”. Um estudo de Marmor e Petitto (1979) *apud* GÓES (2002), tratou da adequação do uso da comunicação simultânea por professores. Os resultados indicaram que os professores preservaram relativamente a língua falada, usando parcialmente os sinais, acarretando descompasso das articulações nas duas modalidades, omissões de sinais em relação ao ritmo da fala que não são facilmente apreensíveis à leitura oro-faciais. Além da agramaticalidade, o estudo revela que não há uma correspondência entre as duas modalidades de comunicação, pela diferença na velocidade de articulação da fala e dos sinais para a obtenção da simultaneidade, ou seja, os professores ouvintes acabaram impondo maior prejuízo à modalidade sinalizada. Brito (1995) complementa as ideias abordadas, afirmando que os estudos linguísticos também apontam para a impossibilidade do uso concomitante das duas línguas, já que a estrutura conceitual referente a cada uma das línguas é própria de diferentes visões de mundo.

As observações acima descritas foram vivenciadas por nós no momento das conversas. Cada interlocutor escolheu a forma de comunicação que quisesse utilizar em nossas conversas, havendo o uso do Bimodalismo com a predominância da fala. Um dos aspectos culturais de pessoas surdas é que quando conversam com seus pares usam os sinais e na presença dos ouvintes que não possuem fluência na LIBRAS usam predominantemente o “português sinalizado”, ou usam sinais desconhecidos quando querem excluir os ouvintes da conversa.

Em um dos nossos bate-papos na FENEIS, Coyote revelou-me este fato. Confesso que em momentos pretéritos já vivenciei esta situação⁴⁰.

⁴⁰ “Sempre que duas línguas entram em contato, é comum ver uma variedade de língua aparecer, o chamado pidgin. Os pidgins surgem da necessidade de duas comunidades linguísticas comunicarem-se entre si. Eles são caracterizados pela mistura das estruturas das duas línguas, pelo aparecimento de estruturas que não estão presentes em nenhuma dessas línguas, e por uma simplificação de estruturas existentes nas línguas em contato. Por definição, os pidgins não são a língua materna de ninguém [...] Quando as pessoas Surdas descobrem que a pessoa com quem conversam em ASL é ouvinte, elas mudam para uma forma de IPS (inglês pidgin sinalizado) [...] Uma explicação mais razoável é que uma função da ASL é manter a identidade da comunidade Surda. Mudar para uma forma de IPS é um modo de restabelecer os limites culturais violados por um ouvinte utilizando a ASL.” (Kannapell, 1989 *apud* WILCOX, 2005, p. 68-9)

Em alguns momentos das entrevistas sinalizava e falava ao mesmo tempo, para que, *a posteriori*, pudesse ter acesso à minha voz para transcrever/traduzir, já que estava fora do foco da filmagem. Pelo meu amadorismo nesta função, e sem contar com a simplicidade do equipamento de gravação, tentei no primeiro contato com o Hélio um enquadramento nosso, mas confesso que ficou desconfortável fisicamente para assim conversarmos, devido à proximidade corporal. A partir daí, decidi sair de cena, e usei a minha voz como instrumento de localização em nossas interações comunicativas e afetivas.

5.3 Breve apanhado sobre o sistema de transcrição dos enunciados da Língua de Sinais

Vamos acompanhar a seguir, como funcionam algumas regras estruturais da LIBRAS, bem como seu sistema de transcrição de enunciados. Busquei como principal fonte de pesquisa, o livro da Linguista Brasileira, Lucinda Ferreira Brito, *Por Uma Gramática de Línguas de Sinais* para elucidar tais conceitos.

Na estrutura gramatical da LIBRAS o tempo verbal não é conjugado, porém, o sinal de *passado* ou *futuro* ou *agora* acompanha um verbo. O eixo do corpo também serve de referência temporal. “As referências temporais são feitas a partir do eixo do corpo – para frente, indicando o futuro, para trás, referindo-se ao passado e, no centro, indicando o momento presente, que também representa o espaço neutro.” (QUADROS e SOUZA, 2008, p. 176).

O plural é demonstrado muitas vezes pelo uso do sinal *muito* ou por movimento semicircular abrangendo as pessoas ou os objetos narrados ou dos sinais indicativos dos números. Os nomes não apresentam flexão de gênero. A indicação do sexo é feita pelo sinal *masculino* ou *feminino*, antes ou depois do pronome.

Muitas vezes não compreendia se os interlocutores se referiam a “ele” ou “ela”, “meu” ou “minha”, “diretor” ou “diretora”, “professor” ou “professora”, pois o sinal que os diferenciava não aparecia nas narrativas. Quando iniciei, e como dito anteriormente, transcrevia todas as repetições de sinais. Coyote fez sinal de *lutar*, quatro vezes. Ao invés de escrever repetidamente a palavra *lutar*, transcrevi como *lutou muito*. Essas repetições se configuraram na sinalização de Hélio na primeira entrevista. Exemplo: “*preciso ter paciência, paciência, paciência*”. Transformou-se em: “*preciso ter muita paciência*”, que caracterizam os advérbios de intensidade reforçados pelas

expressões faciais. Os artigos, conjunções e preposições não estão presentes nas línguas visuais e também não são representados na sua transcrição.

Exemplo: RATO GATO COMER. Primeiro surge o objeto; em segundo o sujeito e em terceiro a ação. No Português, a ordem de estrutura é: sujeito + verbo + objeto. Na LIBRAS e nas diversas línguas gesto-visuais, a ordem das palavras é diferente. Neste caso, em português ficaria: O gato comeu o rato.

O escopo da negação pode variar, mas geralmente mantem-se a negativa no final da frase, como visto na fala de alguns interlocutores. Singelamente Wilson nos traz alguns exemplos. “*Surdo inteligente não, mais ou menos...*” “*Carinho não-ter*”. *Não-ter* é separado por hífen por ser representado por um único sinal em LIBRAS.

Outros exemplos da construção de frases em LIBRAS na conversa com Wilson: “*Surdo três amigo*.” Em português ficaria: “*Meus três amigos surdos*.”

Exemplo 2: “*Documento prova juiz*.” Em português: “*O documento assinado era a prova perante o juiz*.” OBS: *Documento-assinado* representa apenas um item lexical, ou melhor, um sinal.

Exemplo 3: “*Meu ouvinte filho dois estudar bem desenvolver casar casar acabou!*” (risos) Em português: “*Meus dois filhos ouvintes estudaram, se desenvolveram, ambos casaram e acabou!*” (risos)

A autora exemplifica que na transcrição dos enunciados e textos da Língua de Sinais, utiliza-se o seguinte sistema de notação:

* Letra maiúscula em português para conceitos da LIBRAS. Exemplo: MULHER CAMINHAR POUCO.

* Não há flexão do gênero *homem* ou *mulher*. Exemplo:

PROFESSOR@, Me@, MÉDIC@, DEL@

* O verbo é escrito na forma infinitiva. Quando é direcional, utilizam-se os números de 1 a 3 para marcar as pessoas no singular ou 1p, 2p, 3p para o plural. Exemplo 1: 1EMPRESSAR2 BOLSA (Eu emprestei a bolsa para você).

Exemplo 2: 3pAVISAR1 AGORA (Eles/elas me avisaram agora).

* Os pronomes obedecem a seguinte escrita. Exemplo: pro3 NÃO-OLHAR pro1 (Ele/ela não olha para mim).

* As expressões faciais e corporais podem expressar. Exemplo: (--?--) interrogação, (--!--) exclamação, (--n--) negação, (--int--) intensidade.

* Quando se usa a “datilologia” ou “soletração manual” de uma palavra ela deve ser escrita em letra maiúscula e separada por hífen. A datilologia é linear e segue a estrutura oral-auditiva. Pode-se dizer que este é um empréstimo linguístico do Português usado pelos usuários da LIBRAS. Pela “datilologia”, o alfabeto é utilizado para traduzir nomes próprios, nomes de ruas ou palavras que não encontram equivalentes em LIBRAS ou para explicar o significado de um sinal para um ouvinte. Exemplo: A-N-A. A entrevista de Wilson foi a única que seguiu mais fielmente este sistema de transcrição.

Exemplo da datilologia:

Imagem 24

Outro exemplo de sistema de escrita visual das línguas de sinais é o *Sign Writing*, criado por Valerie Sutton, em 1974, na Dinamarca. O *Sign Writing* expressa os cinco parâmetros morfológicos da Língua de Sinais, como: movimento, configuração de mão, ponto de articulação, orientação da palma da mão e as expressões faciais⁴¹.

Exemplos:

⁴¹ Ver Capovilla (2001)

Imagens 25 e 26

Como puderam perceber, foi demonstrado de forma sucinta e breve os estudos linguísticos que abordam o sistema de transcrição dos enunciados da Língua de Sinais aqui no Brasil. Existem outras formas de transcrição, porém neste momento, limitei-me a apresentar tais representações de escrita visual. As entrevistas neste estudo não estão escritas nesta estrutura de transcrição, bem como, não foi uma solicitação dos interlocutores para seguir tais especificações.

5.4 Sobre a escrita

No livro da pesquisadora surda Karin Strobel (2009), *A imagem do outro sobre a cultura surda*, sutilmente apareceu um modo legítimo de comunicar e escrever. A forma de escrever de pessoas surdas apresenta um sotaque especial, e o texto da escritora foi respeitado quando passou pelos olhos da revisora, pois ela lembrou-se das buscas de Karin ao “romper as barreiras linguísticas que o português, sua língua de fronteira, impunha entre ela e os conhecimentos teóricos.” [...]

[...] Agradeço-lhe a oportunidade do exercício de buscar inverter a lógica normalizadora que marcou sua história, deixando falar seu português surdo que se reveste de palavras-imagens em uma sintaxe própria, regrada, repleto de verdades sobre os modos de produzir sentidos em uma língua estrangeira. (Ibidem, p. 9)

Observei que diversos orientadores de nível superior de alunos surdos estimulam para que o aluno escreva e que sua marca pessoal fique ali impressa. Hélio confirmou isso quando fez seu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) reeditando diversas vezes seu texto sem perder sua autenticidade.

Trazendo à tona as questões concernentes à escrita, podemos pensar que as próprias pontuações e vírgulas podem alterar o sentido de uma frase, de uma ideia, sendo por si só uma interpretação. Como estruturar as frases? Onde a ideia começava e terminava? Tomava o cuidado para acentuar as “vozes”, por exemplo, quando as entonações e posicionamentos eram mais contundentes. Tornei algumas frases exclamativas para representar por escrito, a exteriorização de expressões ou de emoções fortes. As reticências no final das frases marcavam algo de uma reflexão ou silêncio, uma ideia continuada, inacabada ou não dita.

No capítulo 4, dos trechos narrativos extraídos das entrevistas, constam entre parênteses, em itálico e negrito, breves comentários e explicações que fiz, bem como, complementos da sinalização ou da fala dos interlocutores. O item (***trecho incompreensível***), referiu-se à minha dificuldade para compreender a narrativa do interlocutor. Senti que era conveniente “tentar” trazer para a escrita, comportamentos, gestos, atitudes, movimentos e expressões faciais que não apareceriam de outra forma, se não fosse descrevendo-os.

Perceber a diferença quando o interlocutor mudava rapidamente a sua narrativa da primeira, para a terceira pessoa, foi um empreendimento nada fácil e repetidamente analisado, mas compreendia geralmente pelas expressões faciais e sutis movimentos do corpo.⁴² Às vezes, um leve movimento dos ombros⁴³ indica quem está falando. E quem estava falando? Perguntava-me algumas vezes. Não desconsidero que devo ter me equivocado em alguns momentos e que detalhes podem ter passado despercebido. E com certeza passaram.

Observei que Emília transitava pelas duas línguas a seu modo. Três momentos diferentes marcaram sua comunicação: 1º) quando apenas oralizava, repousando suas mãos sobre a mesa; 2º) quando a LIBRAS e a oralidade ocorriam concomitantemente; 3º) quando incorporava os sinais como complemento da fala. Exemplo 1, do 3º item: “o

⁴² Voltava às vezes quatro a cinco vezes a gravação e sempre encontrava elementos gramaticais que tinham passado despercebidos. Apoiei-me no próprio conteúdo narrado, o qual avançava na gravação para compreender quem falava ou buscar o sentido que o interlocutor queria dar a sua narrativa.

⁴³ No Curso Intermediário de LIBRAS na FENEIS, os alunos aprenderam sobre os elementos gramaticais. As variações do corpo correspondem à pessoa que fala, seja em primeira ou terceira pessoa. Aprendemos a usar os Classificadores.

*que ela julgava importante **para mim...***” Exemplo 2: *“como eu aprendi a fazer uma leitura **labial** boa...”* Exemplo 3: *“Hoje eu voltando assim **passado**.”* Em negrito o complemento da frase realizado em sinais.

Coyote também nos dá exemplos dos sinais que são incorporados à fala: *“ela ganha menos do que os **ouvintes** e no trabalho tem muita responsabilidade.”*

Exemplo da narrativa de Emília, com o uso concomitante da LIBRAS + oral: *“mamãe tem gente”* (oral), *“pessoa chegou”* (LIBRAS). Neste caso, as informações se complementam ao mesmo tempo, provenientes dos dois diferentes canais de linguagem.

Foi preciso ter certo grau de fluência na LIBRAS para compreender sua complexidade. Exemplo: enquanto Coyote fazia os *números* em sinais, ele trazia concomitantemente o sinal lexical de *anos*, referindo-se à quantidade de anos trabalhados na empresa. Em outro momento, Wilson, usou ao mesmo tempo a mão direita para quantificar as notas tiradas nas provas pelos colegas e com a mão esquerda qualificou-as em “mais ou menos” ou “boas”. São informações lexicais diferentes representadas em cada mão, mas que se complementam no discurso narrativo.

É belo perceber toda a dinâmica da LIBRAS, sua complexa sintaxe espacial e a beleza dos corpos que parecem deslizar no espaço ao narrarem-se, apropriando-se também dos Classificadores.

Como citei anteriormente, “os classificadores são morfemas que existem em línguas orais e línguas de sinais” [...] Existem variados tipos de classificadores, “explorando também morfologicamente o espaço multidimensional em que se realizam os sinais” (BRITO, 1995, p. 102). Podem ser: descritivos, locativos, semânticos, do plural, das partes do corpo, de objetos com ou sem movimento, etc. Servem para descrever paisagens, diferentes perspectivas de profundidade, altura e largura, formato e tamanho dos objetos, figuras com sequência narrativa, por exemplo: os *gibis*, ações, seres animados e inanimados. Um exemplo do seu uso foi quando Wilson descreveu o ambiente externo do INES, mostrando o posicionamento da quadra de futebol, da piscina e a disposição das árvores. Outro exemplo, foi quando o mesmo interlocutor mostrou a diferença de idade entre seus netos, pela altura correspondente a cada um deles.

Um aspecto importante que lancei mão para produzir o texto escrito foi a leitura labial, pois diversas vezes não compreendia auditivamente o que oralmente os interlocutores queriam transmitir. Fazer leitura labial não é uma tarefa simples para a maioria das pessoas sejam elas ouvintes ou não. Porque a visibilidade dos sons da fala é de aproximadamente 25%. O resto da mensagem é entendido por dedução ou adivinhação, causando muitos mal-entendidos. Exemplo: leve/leva (a articulação oral é igual, mas o significado é diferente).

Sacks (1998) explicita esta questão,

[...] a leitura labial não é apenas uma habilidade visual – 75% dela é uma espécie de adivinhação inspirada ou conclusão por hipótese, dependendo do uso de pistas encontradas no contexto. É mais fácil para as pessoas com surdez pós-linguística, que conhecem a fala, “lê-la”; é muito mais difícil para as que têm surdez pré-linguística [...] (p. 82)

Na entrevista de Emília, estruturada na língua oral fundamentalmente, além do recurso auditivo apoiei-me na leitura labial, pois às vezes uma palavra não era clara, dificultando o entendimento. Exemplo 1: quando ela verbalizou uma frase que falava do “*processo seletivo*”. Parecia que tinha uma palavra a mais que eu não consegui captar. Exemplo 2: “*Como fazer?*” “*Como vai ser?*” Se falarmos rápido perceberemos que o som das duas frases é bem parecido. Depois de repetidas escutas compreendi que a segunda frase era o que Emília queria dizer.

Um exemplo da leitura labial para compor a escrita: “*eu comecei a fingir*”, foi o que entendi inicialmente, mas Emília disse “*eu conseguia fingir*”. Como sinalizou e oralizou ao mesmo tempo, percebi pelo sinal que referia-se ao verbo *conseguir*. Outro exemplo: “*não ouço telefone*”, parece “*não uso telefone*”.

O tempo para transcrever/traduzir cada entrevista não variou muito. Confesso que as entrevistas mais trabalhosas foram aquelas onde a junção das duas línguas esteve presente. A cada cinco minutos de entrevista na modalidade Bimodal, foi aproximadamente uma hora trabalhada. Já a conversa de Wilson, puramente em LIBRAS (*sem som ou apoio na oralidade*), levou 45 minutos a cada cinco minutos de conversa. Revi cada frase pelo menos três vezes nas gravações para perceber detalhes, como por exemplo, quando as mãos sinalizavam uma ideia e a oralidade revelava outra, para descrever expressões faciais e pensamentos em ritmos diversos.

O ritmo mais calmo e timbre de voz baixa contrastavam com movimentos e verbalizações mais rápidas em um tom mais alto. Cada um dos interlocutores se expressou no seu ritmo e no seu tempo, e as falas se alteravam dependendo dos assuntos que pareciam resgatar lembranças, vivências, mobilizando emoções. Com Emília essas variações de intensidade foram marcantes.

5.5 Diferenças culturais existentes nas heterogêneas narrativas

Além do uso das diversas modalidades de língua, já anteriormente explicitadas, estiveram presentes no modo de comunicar as nossas diferenças linguísticas pela intersecção da cultura dos gaúchos e dos paulistas inseridos em uma cultura nacional⁴⁴.

Quando comunicava-me por e-mail com os interlocutores referia-me a eles pelo pronome pessoal “tu”. Algumas pessoas queriam saber o porquê de usar o pronome e ficavam surpresas em saber que não era paulistana. A contar, todos os participantes deste estudo são nascidos na capital paulista. O regionalismo gaúcho pode ser marcado pela pronúncia e vocabulário próprio (oral), mas também pela diferença na sinalização. Pela falta de convivência com os surdos gaúchos acabei apropriando-me dos sinais de São Paulo.

Chamamos de *regionalismo* ou *variação geográfica*, os diferentes sinais usados nos diversos Estados e cidades Brasileiras. Não existe certo ou errado. Existem sinais diferentes fruto do regionalismo cultural de cada lugar, que são criados pelos próprios surdos nas comunidades surdas.

Muitas pessoas pensam que as Línguas de Sinais são universais, sendo iguais em todo mundo. Essa ideia é um engano. “Talvez isso ocorra porque muitas pessoas pensam erroneamente que as línguas de sinais são baseadas em expressões universais de emoção ou em linguagem corporal.” (WILCOX, 2005, p. 13). Tanto não são que cada país tem a sua língua própria, tanto oral, como de sinais. [...] “Existem centenas de linguagens de sinais diferentes, as quais surgiram independentemente sempre que houve um número significativo de pessoas surdas em contato umas com as outras.” [...] (SACKS, 1998, p.30).

⁴⁴ O Deit Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (2009), escrito por Fernando Cesar Capovilla, Walkiria Duarte Raphael e Aline Maurício, registra as diferenças linguísticas e culturais dos diversos Estados Brasileiros, de norte a sul do País.

Outras pessoas também imaginam que a Língua de Sinais não seja uma língua que ocorre naturalmente, “mas que ela tenha sido inventada por pessoas ouvintes para ajudar os surdos a se comunicar.” (WILCOX, 2005, p. 13) Na verdade, ninguém as inventou, pois trata-se de uma língua natural.

O alfabeto manual também não é universal.

Brasil

Inglaterra

Imagens 27 e 28

A apropriação cultural está presente para além das línguas oralizadas ou sinalizadas. Considero uma diferença cultural, a forma como as pessoas surdas se referem às outras pessoas. Muitas vezes eles não usam o nome próprio das pessoas para representá-las, mas os reconhecem com maior facilidade pelo sinal próprio. Existe outro jeito de referência pessoal. Por exemplo: uma amiga que se refere ao ex-marido sinalizando-o de “*homem*”. Na entrevista, Coyote chamava o amigo de “*o italiano*”, referia-se à sua esposa como “*ela*”. Outros chamam um amigo de “*homem*”, uma ex-namorada de “*mulher*”.

Coyote gesticulava com a mão, como um atributo bem típico da cultura italiana dentro da cultura brasileira. (*os dedos unidos pelas pontas balançando a mão*). Como quem quer dizer: “*Mamma mia! Como não?*” Cada pessoa tem a sua própria pronúncia na arte de comunicar com o corpo e é preciso treinar ou acostumar “os olhos” a captar e admirar os diversos estilos narrativos.

Podemos falar também de uma cultura paulista. Emília usava a expressão “então”, quando iniciava uma ideia. Quando um paulista pronuncia esta palavra tem-se uma melodia própria no modo de falar, singularizando-o por seu regionalismo linguístico e cultural.

Outra questão interessante é a importância do movimento e do gesto nas comunicações para as pessoas surdas. Percebo que às vezes os sinais não são suficientes para tal empreendimento. É preciso lançar mão da mímica e da ação. Algumas vezes, Wilson levantou-se e caminhou pela sala para demonstrar com o corpo os fatos que queria informar. Por exemplo, quando fez a pose de Dom Pedro II com os braços cruzados, demonstrando sua imponência. Este quadro encontra-se na sala da diretoria do INES, na cidade do Rio de Janeiro. Memórias resgatadas no agora através das ações corporais. Essas expressões enriqueceram nosso diálogo e encontro, denotando certa facilidade de Wilson para contextualizar suas ideias. Ele também lançou mão de papel e caneta para rabiscar as novas e atuais reestruturações físicas do INES. Assim, pelo registro gráfico ele também ofereceu-me certa facilidade para compreender os seus pensamentos.

Importante notar que Wilson separa o nome do sobrenome das pessoas (*separa-se as palavras no espaço para não embolarem aos olhos*). Como faz isso? Soletrando uma palavra no espaço e arrastando-a para o seu lado esquerdo para em seguida soletrar outra palavra sempre iniciada a partir do eixo central do corpo (*da esquerda para a direita, na mesma direção da escrita gráfica*).

Quando Wilson se refere a alguma pessoa, primeiro mostra o sinal próprio e em seguida, sinaliza o nome pessoal. Com a referência espacial da LIBRAS, muitas vezes, os interlocutores separavam os grupos ou pessoas no espaço. Exemplo de Wilson: o lado direito do seu corpo representava seu primeiro casamento e o lado esquerdo, o segundo casamento. Para Emília, o lado direito era representado pelos surdos e o lado esquerdo pelos ouvintes. Conforme a direção apontada já compreendia de qual grupo ou pessoas eles tratavam.

5.6 Tecendo algumas considerações

Na Dissertação de Mestrado⁴⁵, trabalhei com um teste que avaliou as paragrafias ortográficas, semânticas e quirêmicas na modalidade do português escrito para nomear os sinais⁴⁶. Por exemplo: quase troquei a palavra “*calça*” por “*sacola*”. Pelo recurso do vídeo, assisti as imagens diversas vezes para encontrar coerência na fala de Wilson. Outra troca quirêmica ocorrida entre os itens lexicais: *à toa* ou *triste*. A expressão facial ajudou a confirmar o equívoco e a referência correta era do sinal *à toa*. Troquei o sinal *aposentadoria* por *recebimento*. Voltei no texto porque mais adiante Wilson fez o sinal de *aposentadoria*, então percebi que deveria rever a fala anterior. Inicialmente pensei que fosse o sinal da palavra *sozinho*, mas era o sinal do número um, pois em seguida o número oito foi sinalizado. Com o Wilson, meus maiores equívocos foram quirêmicos. Por exemplo: sinal de *Bahia* inicialmente eu tinha entendido *macaco*, quando ele explica que na cidade de Embu solicitam em suas encomendas o desenho da *Bahia*. As trocas semânticas, como na palavra *árbitro*, não acentuada oralmente parecia soar como *apito*.

Consegui registrar alguns equívocos ou mal-entendidos ou dificuldades de compreensão vividos por nós. Não sei o nome que posso dar a algumas passagens aqui escritas e tantas outras que passaram por nós, inconscientes e inacessíveis de tradução.

Uma dessas situações foi numa frase dita por Emília: “*desde que começa com a família*.” Eu tinha assinalado inicialmente “*desde que começa e termina*”... O sinal *família* serviu-me de apoio para a compreensão da frase. Os sons das palavras se parecem quando a frase é falada rapidamente. Alguns equívocos de Emília: sinalizou em um dado momento “*muito bom*”, porém verbalizou “*muito ruim*”.

Mal-entendidos, por exemplo na fala de Emília: “*não é exigido deles*” e compreendi “*não é esse o jeito deles*.” Em outro momento, entendi primeiramente “*fugir*”, ao invés de “*fingir*”.

Cada transcrição/tradução exigiu um olhar diferenciado. A maior dificuldade foi compreender algumas falas ainda mais quando elas foram a base da conversação. A sensação de fluidez ocorreu na transcrição da entrevista de Wilson. Ficou o registro de

⁴⁵ Ver GIACOMET (2007)

⁴⁶ Paragrafia quirêmica: os movimentos, a localização espacial e a configuração de mão que representam um sinal são parecidos, mas o significado deles é diferente.

uma linguagem clara por considerar o envolvimento único de uma língua nas suas comunicações, como citei anteriormente. Quando as duas línguas (oral + sinais) se entrecruzavam os desafios de compreensão eram maiores. Foi preciso ler o semblante, as mãos, os lábios para tentar desvendar os “sinais” que queriam transmitir. Assim, reciprocamente participamos da conversa.

No texto “Compreender” do livro “A Miséria do Mundo”, Pierre Bourdieu (1999) escreveu sobre os sinais corporais ou verbais de interesse, atenção, de agradecimento, como sendo boa condição da continuação da troca entre pesquisador e interlocutor. O autor diz que a distração do olhar ou a desatenção por parte do pesquisador pode causar embaraço ao interlocutor, perdendo sua concentração. Diz ainda que estes sinais, colocados no momento correto, confirmam a participação afetiva e intelectual do pesquisador. A sustentação do olhar entre duas ou mais pessoas que se comunicam pela LIBRAS, é um marcador fundamental que demonstra interesse e a boa disposição para continuar no diálogo.

Considere o texto como documento a ser publicado, quando aprovado e autorizado por cada um dos interlocutores. Pelos complexos processos de tradução, as questões éticas que envolveram escolhas, decisões e as relações intersubjetivas, foram cuidadosamente pensadas por nós.

O nosso retorno ao texto ocorreu repetidamente. Tivemos tempo para a leitura, releitura, o olhar de novo. O que não ocorre com os intérpretes da LIBRAS, que em tempo real interpretam simultaneamente de uma língua visual para outra oral e vice-versa. Estes não tem tempo de gestar ideias e de se apropriar das mesmas para compor suas versões. Algumas considerações para ilustrar o desafio a que os intérpretes estão colocados:

Não são fáceis e nem tão raras as situações de intérpretes que passaram pelo constrangimento de ficarem emudecidos diante de um sinal que não conseguiam capturar no instante da interpretação. O bloqueio psicológico de não suprir a demanda do surdo, ansioso por desvelar o sentido imediatamente, e nem a do ouvinte que, às vezes, questiona de forma reiterativa “o que está sendo falado, o que está sendo falado?” deixa cicatrizes nos intérpretes. Acrescida a essa responsabilidade de ter que acertar, alguns intérpretes sabem que muitas vezes são monitorados por surdos que são hábeis em leituras labiais e ali se instaura uma guerra de significados. Outras vezes, o olhar surdo torna-se uma oportunidade ímpar para aprimorar o conhecimento desse intérprete. É nessa corda bamba de relações tecidas diariamente que o intérprete sofre seus impactos emocionais e se habilita a se desconstruir para se hibridizar. (MASSUTTI; SANTOS, 2008, p.162)

O que a linguagem não dá conta de comunicar? O que escapa do mundo das palavras, contradizendo-se, mas o corpo não pode esconder? Corporeidade que manifesta, comunica saberes e experiências. O que está inscrito no corpo vivenciado e experienciado? Os conflitos, equívocos, lapsos, dúvidas, insistências, ambiguidades, contradições, emoções, mal-entendidos da linguagem parecem ocorrer pelas passagens inconscientes de uma pessoa para outra pessoa.

O estudo das línguas e das linguagens humanas é complexo e profundo. Aqui explicito fragmentos de situações vivenciadas por nós, na certeza de que são possíveis representações da experiência vivida, pensada ou imaginada. Penso que várias questões escaparam da nossa linguagem e não deram conta de traduzir o que é intraduzível do ser humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] é através do esforço de recapturar e perscrutar o eu, é através da permanente tensão de sua liberdade, que os homens serão capazes de criar condições ideais de existência para um mundo humano. (BHABHA, 1998, p.101)

Para elaborar as considerações finais, resgatarei os questionamentos e indagações que surgiram ao longo da construção deste estudo, para apresentar quem sabe, outras possibilidades de reflexão e expressão que se abrem neste momento final.

O percurso do trabalho se iniciou com perguntas para compreender como os surdos observam e interpretam o mundo, e como transmitem as experiências vividas consigo e com o outro.

Meses antes de encerrar o estudo, enviei um e-mail aos interlocutores, desejando compreender suas perspectivas a partir do seguinte título dado à tese: *“O que e como os surdos observam e interpretam o mundo?”* Alguns deles não se manifestaram e outros apontaram para a seguinte direção, no qual resgatei este comentário: *“Alessandra, eu acho que os surdos observam do mundo as mesmas coisas que os ouvintes, a maneira de observar e interpretar é que é diferente.”* Fiquei um bom tempo tentando abstrair e ampliar a dimensão dessas palavras, para trazer aqui as possíveis representações das pessoas surdas na forma de observar e interpretar o mundo.

Primeiramente, recorri aos escritos dos Estudos Surdos, pelos diversos autores já citados nesta tese, a contar: Carlos Skliar, Alfredo Veiga-Neto, Gladis Perlin, Ronice Quadros, Karin Strobel, entre outros, pois frequentemente citam que a experiência visual é o meio principal para compreenderem o mundo e marcar assim as singularidades e especificidades no modo de ser e estar sendo surdos.

Sobre este prisma, Strobel (2009) traz contundentes considerações sobre o primeiro artefato cultural explicitado em seu livro, que são as experiências visuais dos surdos.

A autora relata que perceber o mundo pela experiência visual provoca reflexões sobre suas subjetividades: “Quem sou”? “Qual a minha identidade”? “Para onde vou”?

Faz referência à identidade cultural como forma de pertencimento a uma cultura, bem como, a interação dos surdos com a sua comunidade.

As percepções visuais se destacam pelas expressões faciais e corporais, sobre as atitudes e comportamentos das pessoas e dos objetos. Os autores surdos, Miranda e Perlin (2003, p. 218) *apud* STROBEL (2009), ressaltam:

Experiência visual significa a utilização da visão, em (substituição total à audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. A cultura surda comporta a língua de sinais, a necessidade do intérprete, de tecnologia de leitura. (p. 41)

O debate pode se dar pelas diversas possibilidades de expressão que se abrem pelos canais visuais ao invés do foco no canal auditivo. Para Padden e Humphries (2005) *apud* CUNHA (2007), a discussão está para além da participação de surdos em práticas que estejam relacionadas à visão, mas certas práticas ligadas a história de vivência cultural com o mundo.

Para os autores,

As práticas de “olhar” não são necessariamente naturais ou lógicas, no sentido que os surdos têm um sentido visual aguçado, mas as formas pelas quais eles “olham” derivam de uma longa história [que] envolve as escolas que eles frequentaram, as comunidades nas quais eles se engajaram depois de sair da escola, os empregos que tiveram, a poesia e o teatro que criaram, e finalmente, o vocabulário que se deram para descrever o que eles sabem. (p. 2, tradução livre da autora) (Ibidem, p. 57)

O objetivo desta tese foi apresentar as múltiplas experiências humanas e subjetivas dos interlocutores surdos, e seus modos singulares de viver, sentir e refletir a vida. Para compreendermos como interpretam o mundo, é importante observar como estabelecem as relações com os outros e qual o sentido que tem para suas vidas. Quem é o outro “próximo” ou os outros “distantes” para os surdos?

Sobre o mundo das relações simbolizadas e instituídas, define assim o antropólogo francês Marc Augé (1999),

A antropologia trata do sentido que os humanos em coletividade dão à sua existência. O sentido é a relação, e na ocorrência essencial das relações simbolizadas e efetivas entre humanos pertencentes a uma coletividade particular. Falar do sentido, neste contexto, é falar do sentido social. (p. 43)

Vivemos no mundo de relações, onde estamos ligados com outros mundos de forma consciente ou inconsciente. O que podemos entender por “mundo”?

Vejamos o que considera Augé (1997),

[...] é preciso que falemos dos mundos e não do mundo, mas sabendo que cada um deles está em comunicação com os outros, que cada um possui pelo menos imagens dos outros – imagens eventualmente truncadas, deformadas, falsificadas, às vezes reelaboradas por aqueles que, ao recebê-las, procuraram nelas os traços e os temas que lhes falavam primeiramente deles mesmos, imagens cujo caráter referencial é, no entanto, indubitável, de forma que ninguém mais pode duvidar da existência dos outros. [...] (p. 141)

Para o autor, a pluralidade dos mundos deve ser entendida com diversos sentidos, remetendo-nos sobretudo, ao de “singularidade” e de “autonomia relativa”, e para designar as coletividades que compartilham alguns valores, hábitos, referências e atividades, por exemplo. Pela heterogeneidade dos mundos, há a dimensão individual que constituiu em si própria um mundo e os mundos sociais que ela estrutura e atravessa e que, portanto, não são homogêneos. Existe o mundo dos milionários, dos punks, dos budistas, dos palmeirenses, bem como, o mundo de Hélio, de Emília, de Wilson, etc...

Existem múltiplas formas de compreender e transmitir o que se observa do mundo. O mundo criado, imaginado e vivenciado por cada um de nós. Acredito que cada pessoa tem o seu próprio rastro. Como existe a história educacional, política e social dos surdos, marcada pela cronologia dos fatos, dos imperativos e das dominações, há também a história pessoal de cada surdo. Fizemos aqui uma viagem por universos distintos e construímos imaginariamente as experiências vivenciadas por nós e por eles. Mundos desconhecidos para muitos daqueles que parecem “escutar” no mundo.

O ser humano acontece na história e é história, ressalta Safra (2009). Para o autor,

O homem é história encarnada e no bojo de si mesmo vive não só o sofrimento decorrente dos encontros e desencontros vividos ao longo de sua biografia, mas também vive o testemunho da dor de todos os homens ao longo da história. O seu mal-estar é também afetado pelas condições de vida inerentes ao seu tempo. (p. 159)

Safra (2009) diz que precisamos compreender o ser humano, “consciente de que ele é a singularização da história de sua família e de sua comunidade. Ele é história encarnada.” (p. 169) Experienciar a história é questão ética. A falta de compreensão da historicidade do ser humano faz com que o percebamos como uma pessoa desenraizada, sem referência das gerações em si. O ser humano necessita eticamente ser

compreendido pela história de seu ser. O autor considera que compreender que o ser humano é atravessado por significações que estão para além dele e que atravessam a história, é entender que ele pode em algum momento de sua vida mudar a sua história.

A Língua é outro elemento fundamental para a transmissão de sua história. É ela que proporciona a interação com o outro e as trocas comunicativas sociais entre as pessoas, não apenas como um tradutor linguístico, mas como interpretação subjetiva e simbólica. Para possibilitar que as narrativas surdas emergissem neste fazer, entramos em contato com a língua do outro para compreender o que ele podia nos dizer sobre si mesmo e sua existência no mundo, possibilitando-o o reconhecimento como sujeito narrador da própria história.

A maneira como utilizamos a linguagem, afirma Safra (2009), mostra nosso modo de ser, nossos medos e anseios, nosso estilo de ser e estar no mundo. No encontro com o outro, há a necessidade de nos familiarizarmos com o seu idioma, com a sua “semântica existencial”. Assim poderemos visitar o mundo do outro, do vivido ou do ainda não, na busca do ser humano pelo seu devir.

Falar com o outro em seu idioma pessoal, não só o permitirá sentir-se compreendido, mas auxiliará a perceber o que sustenta o seu idioma.

Apropriar-se do seu idioma permite à pessoa recuperar a capacidade de dizer em um mundo configurado pela hegemonia do dito. A recuperação do idioma pessoal adensa o sentido de honra e de inserção no mundo dos homens.” (Ibidem, p. 168)

Pelos temas desmembrados neste estudo: *Família; Comunidade Surda; Educação; Representação Social da Surdez e dos Surdos; Cultura Surda; Acessibilidade e Corpo que Sinaliza*, destacaremos a seguir alguns apontamentos.

No tema “**Família**”, os interlocutores discursaram sobre as experiências com a família nuclear ouvinte; as descobertas da surdez por eles próprios e pela família; resgataram emoções positivas e negativas sobre os acontecimentos cotidianos; falaram do aprendizado tranquilo ou traumático pelo fato de crescerem ao lado de pessoas que falam uma língua diferente deles; comentaram sobre as vivências sociais nas datas comemorativas com os parentes; dos conflitos de identidade sendo os únicos surdos da família, como foi o caso de Hélio, M.M. e Emília; da busca familiar pelos especialistas

para tentar sanar os déficits auditivos, entre outras questões. Remontaram as suas trajetórias e nós revisitamos as suas histórias. Para cada um deles, as significações familiares parecem se diferenciar pelo modo como as experiências foram construídas. Por isso, o convívio familiar pode ser um espaço compartilhado pelos ambíguos sentimentos de solidão, acolhimento, rejeição, segurança, falta de aceitação, afeto...

As famílias são por si só tribos, pois possuem suas próprias linguagens e formas de comunicar, criando sua própria cultura. Pessoas de fora do âmbito familiar podem não compreender ou aceitar essas diferenças. Para cada um dos interlocutores, a família marcou suas vidas de forma diversa. Hélio sentiu fortemente a rejeição e a falta de acolhimento pela negação da família em aprender a sua língua, marcando intensamente o seu estado d'alma na forma de estar no mundo. Para M.M. a língua materna foi o que o manteve dentro dos valores familiares, sentindo-se acolhido e amparado nos momentos difíceis de sua vida. Coyote disse que seu pai era uma pessoa fria, e não tinha paciência com a comunicação e sua mãe foi uma cuidadora atenciosa, porém sempre exigiu uma boa oralidade. Emília encontrou a força que precisava na família ouvinte, quando a surdez fez parte de sua vida, principalmente pelo apoio e incentivo do pai. Viveu situações de negação da sua surdez, experimentando momentos angustiosos ao encarar a função materna. Wilson, após viver o período da sua infância e juventude em uma instituição, sentiu a frieza vinda do coração de seus pais quando retornou ao lar, aos dezoito anos de idade. Wilson, Coyote e M.M. casaram-se com mulheres surdas. Wilson e Coyote parecem ter encontrado no casamento um sentido de maior pertencimento em suas vidas.

Anne, no início destes escritos também deixa claro o lugar de exclusão vivido no seio familiar por não ter tido o direito de participar das decisões, opiniões e dramas de seu grupo. Não pôde ser reconhecida em sua singularidade e intuitivamente sentia que as histórias não chegavam até ela. Esteve fora do discurso familiar porque não conseguiu acesso ao mesmo código linguístico que os membros de seu grupo doméstico.

Hélio utilizou metáforas poéticas e criativas para falar do sentido existencial de sua vida. Ilustrarei neste momento, a metáfora dos “animais” criada por ele, pois trata de questões humanas de preservação e morte.

Como todas as pessoas sabem que os pais vão morrer, não vão viver para sempre e tem que preparar tudo antes, por isto, eu preciso me esforçar para

pagar sozinho as contas de casa como ouvinte faz assim. Se uma pata nasceu, um pato, ensina como é comer, andar, nadar, depois deixa que ele vá sozinho para liberar, procurar para comer, nadar e morar. A mesma coisa com os gatos, que ensinam tudo até crescer, vão sozinhos para procurar, comer, morar. Os gatos procuram matar ratos, para comer, aprendem a subir na árvore, se esforçam e procuram morar num lugar bem quente. Eles aprendem como ouvintes que fazem assim, tudo o que é metáfora. [...] Eu me sinto preso na casa da minha mãe como prisão de uma gaiola. [...]

Safra (2006) afirma que toda imagem registra um *sentido existencial*. E fala da importância das pessoas se apropriarem de sua singularidade, “que aparece pela forma como ela concebe o viver, pelo modo como sonha um sentido de vida.” (p. 45) Considera que pelo idioma pessoal nos deparamos com as metáforas usadas pela pessoa e a forma como elas concebem sua origem e o fim de sua existência.

Acredito que as potentes metáforas sinalizadas por Antônia sobre sentir-se um “vaso de flor” e a do “cachorro”, por Hélio, seja o retrato fiel e comovente de como não somente eles, mas muitos surdos se sentem perante o grupo familiar ouvinte, que percebe e observa o mundo com os “olhos” diferentes dos seus. Eles fazem parte de um mundo não “falado”, não dialogado e muitas vezes sufocante. É o recolhimento das imagens que as pessoas surdas trazem de suas impressões nos ambientes familiares ouvintes. Essas metáforas são elementos preciosos de apresentação da experiência surda.

Chamou-me a atenção mais uma vez quando entrei em contato com a metáfora do “cachorro”, agora no livro Estudos Surdos II. Um professor surdo participante da pesquisa, mostra a importância que a LIBRAS tem na vida dos surdos e diz que seriam como “cachorros” se não utilizassem a língua visual. A autora surda Carolina Silveira (2007) faz uma analogia entre o ensino comportamental de fazer os cachorros obedecerem, recebendo castigos ou prêmios, sem gramáticas de comunicação, com essa questão...

Também foi assim durante anos passados, quando surdos deveriam aprender como se comportar, falar, igual à sociedade de ouvintes, sempre no esquema de treinamento, etc... Possivelmente surdos rotulados como agressivos ou nervosos na história tinham essas atitudes por causa do problema da falta de comunicação. Ainda hoje alguns surdos mostram mau comportamento por causa da falta de comunicação com a família e por isso não sabem se comportar adequadamente. (p. 154)

A não familiaridade com a língua oral materna, ou a falta de reciprocidade linguística, ou ainda, a não abertura da família para o aprendizado da LIBRAS, parece de fato afastar mais do que linguisticamente, mas, psicologicamente os surdos

sinalizadores de seus lares, e “*ter uma quebrada, parada*”, como pontuou M.M. Como falar de um mundo no qual não puderam se identificar?

Refletir o tema do “conforto de estar entre iguais”, entre surdos, é bastante relevante. As piadas contadas na beira da mesa, a animação por contarem histórias e serem compreendidos, as risadas em conjunto, a língua compartilhada, a sensação de fazer parte são práticas que parecem aproximar cada vez mais os surdos sinalizadores. Muitas famílias ouvintes passam praticamente a vida toda sem estabelecer um diálogo mais profundo com seus filhos surdos, sem conhecer de fato o que eles pensam, como estão percebendo o mundo, quais são seus sonhos, gostos, preferências e temores. Pelos contornos linguísticos e culturais que a falta de comunicação entre eles lhes impôs, ou pela falta de tantas outras coisas, ficou a sensação de não sentir-se em casa. De uma maneira geral, muitos pais e filhos, hoje em dia, parecem estar fora da vida íntima um do outro.

Foi forte quando Emília verbalizou: “*Eu aprendi sozinha a fazer leitura labial, para sobreviver*”, e quem sabe, para conviver “satisfatoriamente” com os ouvintes, em sua nova condição. “*A comunicação é muito importante porque ajuda a conviver e faz ser muito feliz*”, sinalizou Hélio. Por mais que ele busque força, apoio e integração nos amigos surdos para se sentir pertencente ao mundo, Hélio não perde a esperança de um dia sua família despertar a consciência para as suas gritantes necessidades de comunicação, acolhimento e amor.

As questões familiares refletidas à luz de um trabalho social são assim analisadas pela interlocutora Emília: “*Quem são as crianças surdas brasileiras? Quem são suas famílias?* Fazendo menção às famílias que não aparecem na mídia, que passam despercebida pelas ruas da cidade, invisíveis aos olhos sociais. “*Eu acho que a gente precisa olhar um pouco mais baixo, né?! As crianças surdas, o que a gente fez com elas?*” Emília não se remete aos surdos da elite, mas aqueles advindos da periferia, que com poucos recursos e informações, tentam sobreviver e encontrar uma morada ética e humana no mundo. “*Quem olha por eles?*”, questionou-se.

No tema “**Comunidade Surda**”, surgiram diferentes posicionamentos dos interlocutores, sobre seus processos identitários, e a representação que a cultura e a comunidade surda tem para suas vidas. Em momentos diferentes, Hélio, M.M., Emília, Wilson e Coyote entraram em contato com a comunidade dos surdos, registrando assim,

suas primeiras impressões a partir do acolhimento ou não que receberam. Para Hélio, a entrada na escola especial provocou um sentimento de pertencimento, fato ocorrido aos quatorze anos. Para M.M. a entrada ocorreu aos dezenove anos, idade em que começou a trabalhar. Para Coyote aos treze anos, quando conversou com os amigos surdos de sua irmã. Emília conheceu os surdos quando buscou o curso de LIBRAS na fase adulta e Wilson quando foi morar no INES, aos cinco anos de idade. Para Wilson, Hélio e Coyote, as experiências no encontro com seus pares foram positivas e acolhedoras. Coyote disse abertamente que migrou do grupo dos ouvintes para o grupo dos surdos, por uma questão de escolha própria, e que estes amigos lhe transmitiram variados e importantes conhecimentos de mundo.

Indaguei *a posteriori*: como transitar entre mundos diferentes circundando as conflitivas fronteiras culturais existentes?

Na comunidade surda a LIBRAS não é a única língua de acesso usada por seus frequentadores. Cada um deles vai utilizar a linguagem que necessita e que está ao seu alcance. O surdos oralizados também usam a Língua Portuguesa na modalidade oral para se comunicarem, e essa questão torna-se sensível para a comunidade surda sinalizadora, pois coloca em xeque os heterogêneos processos identificatórios de seus frequentadores. A fragilidade e a tensão que inúmeras pessoas vivem a identidade de fronteira, é sentida na pele por M.M. e Emília em diferentes situações.

Muitos surdos parecem viver o conflito da identidade de fronteira por transitarem concomitantemente no mundo dos surdos e no mundo dos ouvintes, caracterizado pelo uso distinto das línguas e culturas. Porém, a necessidade humana de comunicar, conviver e pertencer é o que os move para buscar na relação com o outro, um sentido para sua vida.

M.M. e Iris, vivem este conflito e os contornos culturais e linguísticos, ao se questionarem, “*eu vou para cá ou vou para lá?*”. Franco adquiriu certa flexibilidade emocional para transitar nos diversos mundos. Quando Emília foi questionada por um colega surdo sobre o mundo que ela deveria escolher e fazer parte: “*A que mundo você pertence?*”. Ela se viu na urgência de dar um encaminhamento para a sua identidade, questionando-se: “*afinal, quem sou?*”

Estar aqui ou lá ou permanecer na fronteira ressalta a instabilidade e a complexidade da identidade. As linhas, limites e contornos dessa fronteira vão marcar ainda mais a sua fragilidade.

Quadros (2007), coloca a situação vivida pelos CODAs brasileiros (filhos ouvintes de pais surdos) por se encontrarem constantemente na zona fronteira de contato. Por um lado, a convivência na comunidade surda com o uso da LIBRAS e por outro, o encontro com a comunidade, a família e a sociedade ouvinte que usam o Português como língua de acesso a suas subjetividades.

Trouxe este exemplo para ilustrar como a convivência de surdos oralizados, que transitam entre os conflituosos mundos abordados, também os colocam em uma situação de constante tensão. A autora ressalta que é preciso construir espaços de negociação para sobreviver nestes contextos de contornos muito bem delineados. “A negociação é um espaço de tensão constante na vida do CODA nas relações com os outros surdos e outros ouvintes.” (p. 264)

E complementa:

Não é um espaço confortável, porque estar “entre” gera conflito, gera embate. Por outro lado, estar “entre” também é estar em ambos lugares com duas línguas. Isso pode dar ao CODA uma posição vantajosa nos processos de negociação. No entanto, os conflitos são sempre tensos e podem ser perversos. (Ibidem, p. 264)

Paralelamente, para ilustrar os conflitos identitários das pessoas de diferentes origens, trouxe a narrativa de um cidadão americano de origem oriental. Parece que muitas pessoas vivem esses questionamentos. Afinal, quem sou?

Pensava que era americano. Tinha ideais americanos, lutaria pela América, venerava Washington e Lincoln. Depois, no liceu, descobri que me chamavam “Jap”, me tratavam mal e me punham de lado. Afirmei que não conhecia o Japão, não sabia falar a língua nem conhecia heróis ou a história do Japão. Contudo, diziam-me constantemente que eu não era americano, não podia ser americano e não podia votar. Sinto-me profundamente triste. Não sou japonês e não me é permitido ser americano. Pode dizer-me, ao fim de contas, aquilo que sou? (Bogardus, 1926, p. 164) ⁴⁷

Nossos interlocutores nos deram indicações para perceber que a busca pela identidade de grupo é uma forma de afirmá-los como membros de uma comunidade, esperando que esta lhe dê a segurança e o desejo do pertencimento.

⁴⁷ In: BOGDAN, R.; BIKLEN, S., 1994, p. 28.

Bauman (2003) analisa:

uma vida dedicada à procura da identidade é cheia de som e fúria. ‘Identidade’ significa aparecer: ser diferente e, por essa diferença, singular – e assim a procura da identidade não pode deixar de dividir e separar. (p. 21)

Na comunidade, há variados sentimentos, ora de pertencimento e de reconhecimento entre iguais para uns, ora de exclusão e rejeição, para outros. Seriam os surdos grupos separatistas, com a necessidade de compartilhar seus mundos individuais com outros mundos surdos? Estariam ligados por uma comunidade de destino? Quais os traços preponderantes que conectam os surdos e suas trajetórias de vida?

Bauman (2005) entende que as comunidades de destino são “fundidas unicamente por idéias ou por uma variedade de princípios.”

Poucos de nós, se é que alguém, são expostos a apenas uma ‘comunidade de ideias e princípios’ de cada vez [...] de modo que a maioria tem problemas em resolver [...] a questão da *la mêmète* (consistência e continuidade da nossa identidade com o passar do tempo). (p.19)

M.M. trouxe explicitamente este conflito, vivendo a incerteza das suas escolhas para esta ou aquela direção. “*Para onde vou?*”, questionou-se. Será que o interlocutor precisa escolher um caminho único já que fez e ainda faz parte de heterogêneos mundos: dos pagodeiros, do futebol, dos negros, dos surdos, da família ouvinte, dos professores de LIBRAS, entre outros?

Parece que por não conseguir estabelecer laços mais profundos com o grupo familiar, alguns surdos buscam na “comunidade fundida por ideias”, a convivência com os pares, o seu lugar de pertencimento e bem-estar, como forma de sustentação de sua identidade. Sobre este prisma, Bauman (2005) destaca questões importantes sobre “identidade” e “pertencimento”.

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto a “identidade”. Em outras palavras, a ideia de “ter uma identidade” não vai ocorrer às pessoas enquanto o “pertencimento” continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa. Só começarão a ter essa ideia na forma de uma tarefa a ser realizada, e realizada vezes e vezes sem conta, e não de uma só tacada. (Ibidem, p. 17-8)

Sentir-se “fora de casa” ou “sentir-se em casa” é pertencer a que lugar? Existe este pertencimento?

Estar total ou parcialmente “deslocado em toda parte, não estar totalmente em lugar algum [...] pode ser uma experiência desconfortável, por vezes perturbadora. Sempre há alguma coisa a explicar, desculpar, esconder ou, pelo contrário, corajosamente ostentar, negociar, oferecer e barganhar. [...] As “identidades” flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. Há uma ampla probabilidade de desentendimento, e o resultado da negociação permanece eternamente pendente. Quanto mais praticamos e dominamos as difíceis habilidades necessárias para enfrentar essa condição reconhecidamente ambivalente, menos agudas e dolorosas as arestas ásperas parecem, menos grandiosos os desafios e menos irritantes os efeitos. Pode-se até começar a sentir-se *chez soi*, “em casa”, em qualquer lugar – mas o preço a ser pago é a aceitação de que em lugar algum se vai estar total e plenamente em casa. (Ibidem, p.19-20)

Sobre identidade o autor ressalta que,

[...] a “identidade” só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, “um objetivo”; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais – mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta. (Ibidem, p.21-2)

A ideia de “identidade” nasceu da crise do pertencimento e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o “deve” e o “é” e erguer a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela ideia – recriar a realidade à semelhança da ideia. (Ibidem, p. 26)

Falar de identidade e pertencimento é trazer à tona os conceitos sobre comunidade. Bauman (2003) considera que a palavra “comunidade” sugere uma sensação boa: “o que quer que ‘comunidade’ signifique, é bom ‘ter uma comunidade’, ‘estar numa comunidade’.” (p. 7) Para começar, considera o autor, a comunidade é um lugar aconchegante e confortável e promete segurança. É um lugar que podemos relaxar, pois lá estamos seguros a maior parte do tempo. Não somos estranhos uns aos outros e nos entendemos bem. Discutimos de forma amigável, pois temos interesses em comum no grupo e somos levados pela mesma vontade de melhorar nossas vidas. Sempre haverá pessoas para nos estender a mão em momentos difíceis. Nosso dever é nos ajudar mutuamente.

A palavra “comunidade” segundo a concepção de Bauman (2003) evoca tudo aquilo que sentimos falta e que necessitamos para viver com confiança e segurança. Porém, “comunidade” é o tipo de mundo que não está ao nosso alcance, mas lá no fundo gostaríamos de viver. Atualmente, podemos considerá-la como outro nome do paraíso perdido. E assim, acabamos por criar a comunidade imaginada, tão sonhada pelas pessoas.

Emília questiona se realmente os surdos vivem “a comunidade dos sonhos” ou a “comunidade real”.

Eu não sei o que a gente pode dizer comunidade, sabe? [...] É bem assim, eu não sei o que, eu não sei definir o que é essa comunidade surda! Eu entendo comunidade, um grupo de pessoas que pensam da mesma forma, lutam pelas mesmas coisas, se encontram periodicamente em alguns locais para resolver, decidir o que vai ser feito em benefício de alguma coisa que eles acreditam! Eu não vejo isso. Eu vejo duas ou três pessoas decidindo em nome de muitos! Não sei!

Nas comunidades de uma forma geral, aparecem questões do controle de uns e a exclusão de outros. Parece-me um contraponto importante as considerações feitas por Emília, quando ela questiona a comunidade no sentido de unidade.

Segundo Bauman (2003), a diferença entre a “comunidade de nossos sonhos” e a “comunidade realmente existente”, é

uma coletividade que pretende ser a comunidade encarnada, o sonho realizado [...] exige lealdade incondicional e trata tudo o que ficar aquém de tal lealdade como um ato de imperdoável traição. A “comunidade realmente existente”, se nos achássemos a seu alcance, exigiria rigorosa obediência em troca dos serviços que presta ou promete prestar. Você quer segurança? Abra mão de sua liberdade, ou pelo menos de boa parte dela. Você quer poder confiar? Não confie em ninguém de fora da comunidade. Você quer entendimento mútuo? Não fale com estranhos, nem fale línguas estrangeiras. [...] (p. 9-10)

Paga-se um preço por viver em comunidade. O preço pago é pelo direito à “auto-afirmação”, “autonomia” e à “identidade”. Quando fazemos nossas escolhas, ganhamos e perdemos algo.

Não ter comunidade significa não ter proteção; alcançar a comunidade, se isto ocorrer, poderá em breve significar perder a liberdade. [...] jamais encontraremos em qualquer comunidade autoproclamada os prazeres que imaginamos em nossos sonhos. A tensão entre a segurança e a liberdade e, portanto, entre a comunidade e a individualidade, provavelmente nunca será resolvida e assim continuará por muito tempo; não achar a solução correta e ficar frustrado com a solução adotada não nos levará a abandonar a busca - mas a continuar tentando. Sendo humanos, não podemos realizar a esperança, nem deixar de tê-la. (Ibidem, p. 10-1)

Essas reflexões me levam a pensar que a tão sonhada segurança no mundo contemporâneo é instável e não nos dá a garantia de que precisamos. A busca pela comunidade tende a nos escapar. E Bauman (2003) questiona se as comunidades oferecem o que se espera delas: “um seguro coletivo contra incertezas individualmente enfrentadas” [...] (p.21)

No tema “**Educação**”, M.M, Hélio, Coyote, Emília e Wilson, contextualizaram a história da educação dos surdos pela esfera pública/coletiva e também privada/particular de suas trajetórias.

Alguns interlocutores apresentam forte militância e liderança política na comunidade surda, fazendo pontes entre as questões políticas e educacionais, histórica e artística/cultural. Vivenciaram momentos de transformação social em nosso país. Marcaram a história pelas suas presenças atuantes nos movimentos políticos realizados nas ruas, pois no ombro a ombro com seus iguais, lutaram contra o fechamento das escolas especiais. Ajudaram a fortalecer as instituições representativas de surdos, na busca por igualdade, melhorias de cidadania, estímulo no esporte e o reconhecimento da LIBRAS. Fundaram a Associação de Professores Surdos de São Paulo, com o objetivo de melhorar a formação profissional da classe e para “olhar” com cuidado a educação das crianças, jovens e adultos, que há tempos se evadiram das classes escolares.

Diversas questões avançaram na educação de surdos e eles resgataram essa trajetória. Antigamente não existia a palavra LIBRAS e os sinais eram vistos como “mímicas” ou “gestos”. As Línguas de Sinais eram percebidas como linguagens pobres que não davam o acesso pleno aos pensamentos abstratos de seus usuários. Com o avanço dos estudos no campo da Línguística, as Línguas de Sinais tiveram o reconhecimento de seu status como Língua. Wilson trouxe preciosas lembranças dos tempos do INES, quando os embates políticos dos surdos versavam sobre a luta para modificar o termo “surdo-mudo” para “surdo”. Com isso, Wilson nos diz que os surdos não são mudos, e que não há problema algum com seus aparelhos fonadores, apenas lhes falta o feedback auditivo que os faça falar de forma natural e espontânea.

Bem, nossos interlocutores transitaram por heterogêneos espaços educacionais sendo que muitos desses lugares foram escolhidos ou sugeridos por seus pais, conforme as concepções do que acreditavam ser o melhor para seus filhos. Wilson frequentou a instituição-internato que objetivava ensinar técnicas manuais como meio profissionalizante; Hélio fez parte de escolas especiais que na época poderíamos chamá-las de clínicas-escolas, que buscavam medicalizar ou até “curar” os alunos surdos por métodos de treinamento oro-articulatório e pelas tecnologias de normalização da audiologia. M.M, Coyote e Emília transitaram pelas escolas “normais”.

Eles nos contaram sobre as conflituosas relações de poder e os embates políticos com os intérpretes/tradutores da LIBRAS, nos espaços educacionais e no mercado de trabalho. Narraram suas entradas nas universidades em diferentes cursos, e o reencontro de M.M., Emília e Coyote no curso de Letras/Libras. Hélio trouxe o relato da falta de domínio que alguns professores ouvintes tinham com a LIBRAS para a transmissão dos conhecimentos, e também, das dificuldades sociais vividas nos bancos universitários.

Quero falar de um ponto importante, que se refere à forma como as escolas eram chamadas antigamente, “normais”. Atualmente as denominamos “escola regular” ou “escola comum”. Conforme a explicação de Coyote, os ouvintes eram chamados de “normais”, porque não existia, naquele tempo, o termo “ouvinte”. Evoluímos para os termos “surdo” e “ouvinte”, pois é desta forma que os militantes da causa surda desejam ser reconhecidos.

A busca do conhecimento, da erudição, por uma educação de qualidade, pelo direito do surdo ser intelectual, são as lutas e conquistas de muitas pessoas, como sinalizaram os interlocutores Hélio, Coyote, Emília, Wilson e M.M. Desejam não somente a socialização nos espaços educacionais, mas conhecimento e informação acima de tudo. Porém, não podemos esquecer que a instrução recebida pela Língua Portuguesa (oral ou escrita), é a língua de fronteira dos surdos nativos e que esta questão é particularmente sensível para eles.

Por isso, Emília nos faz pensar na possibilidade de oferecer uma escola que caiba no mundo de cada surdo. E não ao contrário. As escolas são lugares potencialmente ricos de diversidades humanas e podem ofertar um espaço de ação/criação para todos aqueles que desejam manifestar-se criativamente. As propostas educacionais das diferentes escolas parecem-me importantes, se pensarmos nas crianças como sujeitos plurais, que carregam consigo heterogêneas necessidades comunicativas, de aprendizado, de histórias familiares e de vida.

Vale refletir que certas questões precisam ser descentralizadas de um problema individual dos surdos, como é o caso da educação, para serem vistas como questões sociais sobre a surdez.

Emília nos dá provas de sua experiência:

[...] a gente vai visitar uma escola e os surdos jovens falam assim para a gente: “nossa! Você está fazendo mestrado e você é surda? Dá para fazer faculdade? Consegue?” Então a gente vê os olhinhos deles brilharem como um modelo que a gente transmite.[...]

Diminuir as barreiras de comunicação entre as famílias ouvintes e filhos surdos, e na sociedade de uma forma geral, invertendo o entendimento construído pela história da educação dos surdos. Como bem disseram os interlocutores, “*pelos barreiras de comunicação, os surdos já se sentem inferiores*”.

No tema “**Representação Social da Surdez e dos Surdos**” apareceram os estereótipos construídos pelos surdos e ouvintes ao longo da história. Os interlocutores citaram as generalizações que buscam diferenciá-los, nas classificações de características comuns a todos os surdos em oposição a características comuns a todos os ouvintes. Acredito que as narrativas construídas neste estudo possuem elementos ricos para entendermos as dinâmicas identitárias das pessoas surdas. De forma contundente, Antônio, Coyote e Hélio deram exemplos claros de como vivem a diferenciação cultural com os ouvintes e com os outros surdos, cotidianamente. Surgiu também a construção imaginária que surdos e ouvintes fazem uns dos outros, a partir dos diferentes grupos linguísticos e culturais. E sem dúvida, a complexidade das relações de poder estabelecidas nas interações sociais entre eles.

Podemos pensar também que as “palavras” (representadas pela fala) e a “expressão do corpo” (representada pelos sinais) são linguagens tão fundamentais para surdos e para ouvintes, que não precisariam mais ser vistas como concorrentes (superior/inferior), mas complementares, por mais que sejam percebidas pelos diversos grupos como conflituosas.

Hélio, Emília, Wilson, M.M.e Coyote falaram de seus desejos de integração e da quebra de barreiras entre as duas comunidades. Sonham com uma conversa entre os “dois mundos” para reduzir a distância estabelecida, e alcançar uma condição humana mais igualitária. Construindo a ideia de complementaridade sem precisarmos ser opostos uns aos outros, e assim superarmos os binarismos criados socialmente e culturalmente. Emília nos dá o exemplo quando diz: “*um ensinar o outro como troca de experiência.*”

Durante muitos anos, os surdos foram vistos como uma ameaça, uma vergonha social e a tentativa de afastá-los da sociedade era uma forma de negar as suas diferenças

e necessidades de comunicação. Quando disse inicialmente que a reflexão ético/política deste estudo era olhar para os padrões generalistas criados socialmente sobre os surdos, foi com a intenção de nos distanciar de uma suposta *Psicologia do Surdo*, que tende a achatar e reduzir as experiências subjetivas de pessoas surdas. Conforme Lane (1992) o termo criado por especialistas ouvintes, pelos estereótipos paternalistas, consiste em “representar a criação de uma patologia para as diferenças culturais, a interpretação da diferença como desvio.” (p. 70) Foi preciso encontrar portas de saída para as identidades surdas e dar outro significado à experiência de ser e estar no mundo. Os surdos não mais vistos com os estereótipos do “primitivo” ou “exótico”, mas como interlocutores ativos da construção do conhecimento.

No tema “**Cultura Surda**”, “**Acessibilidade** e “**Corpo que Sinaliza**”, destaquei alguns eventos realizados pelos surdos, para pensarmos o sentido que tais práticas culturais tem para suas vidas. Os espaços culturais que percorri levaram-me a observar os potenciais artísticos das pessoas surdas e seus desejos de expressar com sensibilidade e criatividade, as diversas formas de arte.

Neste momento, falaremos do “corpo” como experiência singular do ser humano no mundo.

A Língua de Sinais é uma língua constituída no corpo e no modo de olhar. Ela está presentificada no corpo. A sua manifestação corpórea realiza as ações/criações. O reconhecimento da LIBRAS em espaços culturais/artísticos como o do Grupo CorpoSinalizante mostra como a língua visual é um potente canal criador de expressões, formas, pensamentos, imagens e emoções. A arte surda é potencialmente rica, diversa e poética, e a Língua de Sinais pode ser um desses recursos de comunicação e expressão.

Os participantes do CorpoSinalizante destacaram a ideia de que o importante é dar abertura para as variadas linguagens, de uma forma livre e acessível para todas as pessoas, conhecedoras ou não da LIBRAS. A companhia de teatro de Rimar, as poesias e performances do CorpoSinalizante, as piadas encenadas pelos surdos, o teatro de Júnior, a contação de histórias por outros são importantes pontes de acessibilidade e tradução cultural nas interações sociais entre surdos e ouvintes, para quebrar barreiras, preconceitos, falsas crenças e criar espaço para a comunicação. Seus corpos são a passagem para as diversas formas de comunicar e transmitir algo de si.

Gilberto Safra (2006) fala que o fenômeno poético está para além do psíquico. O poeta é tocado pela sua sensibilidade.

E a sensibilidade lhe revela algo para além dela mesma. O corpo, por meio de sua sensibilidade, nos revela o histórico, o que possui para nós significado, e nos revela algo para além: o Real. O poeta consegue ir além de sua sensibilidade ao nos mostrar algo de transcendente, que é verdade para todos os homens. (p. 41)

“Tudo o que o homem cria ou recria, o faz a partir de seu corpo. O repertório da criatividade do ser humano é a sua corporeidade.” (Ibidem, p. 42).

Conforme o autor, por termos um corpo vivo, quando estamos próximos de alguém, além de o *escutarmos* e *vermos* nós também o *sentimos*. “Somos *afetados em nossa sensibilidade*, em nossa corporeidade por aquilo que ele diz ou faz.” Quando alguém se expressa, não somente produz sons, “produz também campos sensoriais que afetam o corpo daquele que a escuta.” Há, portanto, a dimensão discursiva e dimensão imagética na fala de alguém. (Ibidem, p. 43)

Lembro-me com carinho do trabalho do grupo CorpoSinalizante, a partir do recolhimento que certas imagens representavam para cada um dos participantes, surdos e ouvintes, com suas variadas composições de linguagem para desenvolver poesia corporal, a partir da arte surrealista. O espaço de produção cultural do grupo estava disponível para a acessibilidade das pessoas por comporem um grupo aberto. As heterogêneas necessidades de expressão surgiam entre os diferentes mundos, das pessoas ouvintes que não conheciam LIBRAS, surdos oralizados que estavam aprendendo LIBRAS, surdos sinalizadores, intérpretes e as pessoas dispostas a produzir poesia com seus corpos. Estavam lá porque desejavam criar imagens corporais pela sensibilidade criadora, poética e comunicativa.

Para Safra (2006), a sensibilidade que se opera pelo registro imagético é de suma importância para a comunicação. Na comunicação humana o uso de determinadas imagens produz uma sensação no corpo do outro.

Resgato aqui as palavras de Vanda, intérprete da LIBRAS, em um dos encontros do grupo: “A obra provoca uma estranheza em nós. E quando alguém vai fazer poesia também pode provocar um incômodo, uma estranheza no outro. A obra provoca algo em nós e nós podemos provocar alguma coisa no outro.” Os participantes sempre

traziam profundas reflexões para que pudessem, a seus modos, abstrair novos conceitos e outras percepções de si e do outro.

Safra (2006) também traz importantes considerações quando diz que somos tocados pela materialidade do mundo. “A materialidade do mundo sempre nos afeta na sensibilidade de nosso corpo” [...] (p. 47)

Nossa corporeidade, relata o autor, revela um sentido que se desvela perante a materialidade de certos fenômenos, indo além da experiência pessoal, pois todo ser humano vivencia algo parecido frente a esses fenômenos.

Se estivermos frente a um lago, poderemos usá-lo como símbolo de serenidade, mas temos, factualmente, a experiência de serenidade diante do lago, em nossa corporeidade. Trata-se de uma serenidade que nos é ofertada pelo modo como o lago aparece à nossa corporeidade. (Ibidem, p. 46)

M.M revela a experiência vivida pela sensibilidade de seu corpo.

Meu pai e minha mãe me levavam no Parque Ibirapuera de pequenininho. Naquela época eu sentia conforto, tranquilo, ouvia aquela lagoa fazendo barulho que para mim significava relaxamento. [...] Ah, eu gosto de ver a natureza, o céu, nuvem bonita, o sol, os pombos.

Outras passagens...

A partir do que existe e é oferecido aos surdos o que pode ser inovador?

Abrir possibilidades de expressão são questões que estão além das línguas, é quem sabe, estar com o outro em espaços compartilhados por variadas linguagens, imagens, movimentos, abstrações e desejos. Inventar espaço de ação/criação para valorizarmos as potencialidades dos corpos. Trabalhar com o corpo é possibilitar que a expressão de cada pessoa possa ser destacada em sua subjetividade.

Utilizar o movimento como forma de expressão e auto-conhecimento, mas também como meio de comunicação entre as pessoas. Porque não criar movimentos que possam comunicar? Quebrar barreiras e limites que se apresentam pela Língua de Sinais na sociedade. Ela não precisa ser a única forma de transmitir. Inventar novas formas de comunicação. Fazer com que o corpo execute e crie as suas próprias imagens mentais, sua própria música, embalada ou criada por um ritmo interno e particular. Pela sua música corporal a pessoa dá o seu tom. Potenciais criativos e sensíveis devem ser cada

vez mais despertados e estimulados. A música dos sons internos, pode criar movimentos intensos e únicos. O corpo todo assume as expressões, os movimentos e o desejo de manifestar-se, disponibilizar-se.

E assim vamos caminhando e compondo outras formas de expressão que podem ser reinventadas e amadurecidas.

Não é música nem dança... é som e movimento!

Tomemos o corpo como morada!

As reflexões da chegada...

A minha intenção nesta tese foi apresentar o inventário de parte de nossas trajetórias, pelo registro das narrativas aqui resgatadas. O ponto de partida deste trabalho ocorreu pelo meu desejo em buscar no encontro com o outro, o compartilhamento das experiências humanas vividas em nossas andanças no universo da surdez. Porém, não sabia exatamente o caminho da construção deste pensar/fazer, que ocorreu em uma composição plural. Revivi conflitos, tensões e paradoxos no universo surdo, agora atualizados com outros discursos e interlocutores.

Quando parti para o doutorado, desejava muito resgatar as histórias familiares que ouvi ao longo dos anos na convivência com os surdos e suas famílias, porque elas sempre me tocaram profundamente, como ser humano e psicóloga. Este feito foi concretizado, pois as escutei pelas “mãos” dos nossos interlocutores. Quanta gratidão senti! Hélio, M.M, Emília, Coyote e Wilson não foram narrados pelos outros, mas falaram pelas próprias lentes subjetivas o modo como pensam, sentem e refletem a vida. Narraram suas histórias pelo seu idioma, possibilitando essa conversa onde tão genuinamente expressaram a força de seus corpos/pensamentos/ações em suas experiências consigo e com o mundo. Os interlocutores deram vida e corporeidade a esta tese, e tenho convicção que representaram as vozes de muitos surdos em nosso país. Foram companheiros dessa comovente viagem existencial, carregadas de histórias, sonhos e esperanças.

Além da minha narrativa, Hélio, M.M., Coyote, Emília e Wilson, teceram suas histórias como os artesãos tecem seus trabalhos manuais. Escutamos com empenho,

esforço e amor, a dos outros também. Nossas histórias entrelaçadas por vínculos de amizade, afeto e respeito por aquilo que cada um é.

O que ficou em mim desta instigante viagem humana foi ter a consciência de que participar do mundo do outro é não exigir que ele seja outra coisa do que realmente pode ser. Nunca poderei viver o que eles vivem, mas posso me colocar em lugar de alteridade para sentir e imaginar como eles se colocam no mundo. Falei em um lugar por vezes difícil de delimitar, como pesquisadora/participante “próxima” e “distante” deste fazer e de certa militância com minha identidade ouvinte.

As noções de ação/intervenção, de especificidade teórica/metodológica de pesquisas participantes é destacada por Schmidt (2006), pelos desdobramentos que questionam as relações entre o “pólo pesquisador” e o “pólo pesquisado”.

E, mesmo, é possível que estas matrizes, lidas sob certa perspectiva, interroguem, criticamente, tais noções de ação e intervenção, pois não deixa de ser uma pretensão do pesquisador – psicólogo, sociólogo, educador ou antropólogo – achar que um grupo ou uma classe social necessita de sua ajuda para agir politicamente, criar cultura e educar-se para a consciência de seus direitos. Há uma espécie de respeito pelo outro que se concretiza no interesse por seus modos de viver, sentir e pensar, sem cobrar que ele seja o que não é. (SCHMIDT, 2006, p. 17)

Tenho a sensação de que minha caminhada permanecerá com as inevitáveis incertezas das escolhas do caminho, porém, com a certeza de que não me é possível interromper a viagem que se iniciou há alguns anos no universo da surdez.

Vale ressaltar que busquei dialogar com vários autores e campos de saber com o objetivo de ampliar entendimentos, para as perguntas que foram feitas. Foi assim que Lane, Bauman, Safra, Skliar, Strobel e Quadros participaram da conversa e puderam encaminhar algumas ideias. Observei que não é possível dar conta de responder as questões levantadas em sua totalidade, dada as suas dimensões e variadas interpretações. E pelos próprios limites do fazer/pensar e da teoria/prática.

Quais serão os limites das nossas histórias? Penso que os mundos de Hélio, Coyote, Emília, Wilson e M.M, podem ser usados para educar, capacitar e humanizar as pessoas. Todas as histórias que os interlocutores contaram, fazem eles serem o que são. Por isso, a composição de singulares “olhos”, “mãos” e “almas” deram vida a esta tese.

Concluir sem ponto final...

Como os surdos observam e interpretam o mundo são questões amplas e subjetivas que pontuarei possibilidades que foram perceptíveis de observar e apresentar, a partir da minha subjetividade. Cada um dos interlocutores desenvolveu formas diferentes para olhar o mundo. São maneiras muito particulares estabelecidas pelo que foi oferecido e construído por cada um deles, por isso impossível de qualificá-las em termos de respostas uniformizantes, totalitárias ou acabadas.

Vamos considerar inicialmente que cada pessoa está no cruzamento com os diversos outros mundos que buscamos ao longo da vida: o mundo da família, dos amigos, dos vizinhos, da escola, do trabalho, do casamento. No encontro com outros surdos e ouvintes, a singularidade de cada um está posta.

A experiência visual dos surdos são especificidades próprias na maneira de participar no mundo, mas o modo como “olham” o mundo é o que os diferenciam. É esse olhar que os singularizam em suas ações.

E parece que a subjetividade no modo de interpretar o mundo pode se dar pela maneira com que cada um viveu suas experiências afetivas e humanas com o núcleo familiar; o encontro com o outro que os colocam em diferentes posições de alteridade; as diversificadas realidades e classes sociais que circundam suas vidas; a maneira como utilizam a linguagem e se comunicam no mundo; as experiências do corpo vivenciado e experienciado; as premissas culturais conscientes e inconscientes que conduzem suas vidas; o conjunto de crenças que direcionam seus caminhos; escolhas que correspondem a diversas formas de conduzir a vida mas que nem sempre foram feitas por eles, mas por seus pais, pelo outro ou pela própria história; as regras e normas impostas pela sociedade; aspectos particulares e universais de sua historicidade; o “saber” dos especialistas, dos teóricos, da escola, da família.

Quem sabe, observam o mundo pelo que já muito ouviram e viram falar. Pela espiritualidade que os coloca em contato com o sagrado e com a essência do que são. Pelo contato sensível com a arte, a poesia e com as diversas possibilidades de expressão humana.

Estas são apenas algumas indicações deixadas pelos interlocutores, e captadas por mim pelos limites deste fazer/pensar, existindo certamente, centenas de outras

formações subjetivas que podem levá-los a observar e interpretar o mundo, mas que me parecem inacessíveis de alcançá-las.

De uma forma abstrata e vaga, sabemos que outras pessoas vivem de maneira diferente; mas não conhecemos as premissas que suportam essas diferenças, não vemos os elos de ligação entre as diferenças e não conseguimos dar o salto em frente que nos permita ver o mundo de outra perspectiva privilegiada. (LANE, 1992, p. 150)

E assim...

As contribuições deste estudo não se limitam a simplesmente transmitir informações sobre surdos, mas apresentar e refletir as pluralidades existentes, pois falamos de mundos tão diferentes e tão iguais quanto às condições humanas que os unem. O singular/coletivo, público/privado, particular/universal postos para nós, para eles e para os outros.

Parece-me que há uma urgência humana de buscarmos cada vez mais espaços de comunicação para que nossos “corpos/vozes” sejam participantes ativos da construção de um mundo melhor. Cada história, seja de uma pessoa, de um grupo ou de uma nação, possui sem sombra de dúvidas múltiplas interpretações, pelas diversas maneiras como são vistas e construídas.

Com isso, abrem-se questões para pensarmos na necessidade ou não de ampliarmos os contornos das nossas crenças, e quem sabe, resistir ou superar as nossas intolerâncias linguísticas, sociais e culturais. São portanto auditivas tais limitações? Creio que não.

Existe um barulho interno em cada um de nós, e este barulho nos ensurdece para o mundo. Como estão as nossas “vozes” e “olhares”? Estamos gradativamente perdendo o dom de narrar nossos “causos” da vida, e com isso, olhando cada vez menos para as pessoas ao nosso lado. Estabelecemos menos contato visual e corporal, resultando em interações e trocas comunicativas com pouca qualidade entre nós. Essa é uma discussão humana, pois estamos falando de nós mesmos.

Diz Lane (1992), “é minha convicção de que a nação americana é mais rica com o seu pluralismo.” [...] (p.213). Concordo com Lane, quando penso que a nação brasileira é rica pela sua diversidade humana e cultural... e assim lutamos para que as nossas diversas línguas e linguagens possam encontrar espaços de diálogo no mundo comum. Entre todos. “*Mas quem é todo mundo? É todo mundo mesmo*”, como disse

Emília, referindo-se aos diversos grupos sociais que de alguma forma são discriminados, afinal, nossas lutas e infindáveis necessidades humanas jamais terão ponto final.

Por isso, é necessário que políticas públicas bem intencionadas possam ofertar um trabalho de acolhimento às famílias ouvintes de crianças surdas, isto a partir do diagnóstico de surdez nas maternidades públicas e privadas do nosso país. Para que as famílias não precisem mais contar com a própria sorte, e ficar à mercê das piores notícias sobre o rumo de seus filhos. Para que as famílias não escutem mais a história única contada pelos especialistas até hoje sobre surdos. Histórias de silêncio, incapacidade e dor. Acolher, informar e cuidar das famílias, significa possibilitar que seus filhos também possam encontrar morada pelo acolhimento humano de seus pais, e assim venham a existir de fato como seres potencialmente falantes. Para que seus vozes/corpos possam ser escutadas primeiramente no seio familiar. Para que as necessidades da condição humana possam ser minimamente supridas. Para que o encontro entre pais e filhos possa ocorrer. Para que outras histórias também possam ser narradas. Para que o sofrimento humano seja de alguma forma amenizado.

Precisamos ampliar o diálogo nas esferas públicas sobre as necessidades comunicacionais de surdos sinalizadores pelo trabalho dos intérpretes/tradutores de LIBRAS, favorecer o engajamento da acessibilidade cultural e social pela passagem das diversas formas de expressão, não apenas porque existe a lei, e os seus dirigentes são obrigados a cumpri-la, mas porque *“a pessoa entendeu a necessidade de outra pessoa”*, conforme a narrativa de Emília. E isso nos humaniza enquanto grupo social. Com o desejo mútuo de participação, como seres pertencentes a uma coletividade que somos. *“Nada tem que ser imposto”*, ressaltou a interlocutora.

Em termos práticos, significa termos a consciência e a aceitação de que necessitamos uns dos outros, surdos e ouvintes. Com a manifestação da vontade de uma aproximação recíproca, menos defensiva e amedrontada.

Como disse Emília: *“Não somente surdo aprender, mas também ensinar, como uma troca de experiências.”* Podemos trocar conhecimentos sobre as línguas de que tanto falamos, usamos e gostamos. Podemos nos aventurar pelas incríveis histórias humanas que nos singularizam e nos ligam uns aos outros.

Afinal: “que importa a surdez do ouvido, se o espírito continua a ouvir. A verdadeira e incurável surdez é a surdez do espírito.” (Victor Hugo *apud* LANE, 1992, p. 151)

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. C. Dança: comunicação, expressão e criatividade. In: **III Congresso Internacional e IX Seminário Nacional do INES**. Educação de Surdos: múltiplas faces do cotidiano escolar. Rio de Janeiro, 2004.

_____. **Surdez, paixão e dança**. São Paulo: Olho d'Água, 2000.

ASHMORE, D. **Ultrapassando os conflitos culturais entre o surdo e os mundos ouvintes: domesticando uma relação tempestuosa**. Relatório não publicado m.s., University of Tennessee, p. 53-61, 1990.

AUGÉ, M. **O sentido dos outros**. Tradução: Francisco da Rocha Filho. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

_____. **Por uma antropologia dos mundos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BAUMAN, Z. **Identidade. Entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. **Comunidade. A busca por segurança no mundo atual**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Obras escolhidas**. Vol. I, p. 197-221. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BHABHA, H. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BIENVENU, M.J. **Carta ao editor**, 40, 133. Deaf American, 1990.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em pesquisa**. Portugal: Porto Ed, 1994.

BOSI, A. Plural, mas não caótico. In: BOSI, A. **Cultura brasileira: temas e situações**. 2ªed., p.7-15. São Paulo: Editora Ática, 1992.

BOSI, E. Cultura e Enraizamento. In: BOSI, A. **Cultura brasileira: temas e situações**. 2ªed., p.16-41. São Paulo: Editora Ática, 1992.

_____. **O tempo vivo da memória**. Ensaios de Psicologia. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

_____. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 1987.

BOURDIEU, P. **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BRAGA, R. **O velho tema do Eu do Outro**. Crônica.

BRASIL. **Presidência da República. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm>. Acesso em: 17 mar de 2014.

_____. **Presidência da República. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 17 mar de 2014.

_____. **Presidência da República. Lei nº 12.303, de 2 de agosto de 2010. Dispõe sobre a obrigatoriedade de realização do exame denominado Emissões Otoacústicas Evocadas.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12303.htm>. Acesso em: 15 out de 2014.

BRITO, L.F. **Por uma gramática de Línguas de Sinais.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1995.

CAMPELLO, A. R. de S. Pedagogia visual/sinal na educação dos surdos. In: QUADROS, R. M.; PERLIN, G. (Orgs.) **Estudos Surdos II.** P. 100-131. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira - LIBRAS.** Vol. I e II. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

_____. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue - Deit-Libras (Língua de Sinais Brasileira).** Vol. I e II. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2009.

CUNHA, P. M. A. Cenas do atendimento especial numa escola bilíngue: os discursos sobre a surdez e a produção de redes de saber-poder. P. 38-85. In: QUADROS, R. M.; PERLIN, G. (Orgs.) **Estudos Surdos II.** Florianópolis, Editora Arara Azul, 2007.

DALCIN, G. Um estranho no ninho: um estudo psicanalítico sobre a constituição da subjetividade do sujeito surdo. P. 186-215. In: QUADROS, R. M. (Orgs.) **Estudos Surdos I.** Florianópolis, Editora Arara Azul, 2006.

FUX, Maria. **Dançaterapia.** Tradução: Beatriz Canabrava. São Paulo: Summus Editorial, 1988.

_____. **Formação em dança terapia.** Tradução: Beatriz Canabrava. São Paulo: Summus Editorial, 1996.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIACOMET, A. **Ritmo, dança, movimento... Como forma de expressão e auto-conhecimento de meninas surdas**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade de Caxias do Sul, 2000.

_____. **Análise de paragrafias do surdo na nomeação de sinais por escrita livre: teste de nomeação de sinais por escrita de palavras. Versões 1.2 e 2.2 com 5.086 estudantes surdos de 1ª a 13ª série de 14 Estados Brasileiros**. Dissertação de Mestrado, São Paulo: IP-USP, 2007.

GOÉS, M. C. R. **Linguagem, surdez e educação**. 3ª ed. revista. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

GRAMSCI, A. Cadernos do cárcere. In: Plural, mas não caótico. BOSI, A. **Cultura Brasileira: temas e situações**. 2ªed., p.7-15. São Paulo: Editora Ática, 1992.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. **Da diáspora identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

KATZ, J. **Tratado de audiologia clínica**. 3ª ed., São Paulo: Manole, 1989.

KOLTAI, C. **Política e psicanálise. O estrangeiro**. São Paulo: Escuta, 2000.

LADD, P. In: Oliver, M. Educação condutiva: se não fosse tão triste até era engraçado. **Disability, handicap, and society**, 4, 197-200, p. 199, 1989.

LAGES, S. K. **Walter Benjamin: tradução e melancolia**. São Paulo: EDUSP, 2002.

LANE, H. **A máscara da benevolência - a comunidade surda amordaçada**. Tradução: Cristina Reis. Lisboa: Horizontes Pedagógicos, 1992.

LISPECTOR, C. **A paixão segundo G. H.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MAGNANI, J.G.C. **Da periferia ao centro: pedaços e trajetos**. Revista de Antropologia. São Paulo, USP, v. 35, p. 191-203, 1992.

MASSUTTI, M. L.; SANTOS, S. A. Intérpretes de língua de sinais: uma política em construção. In: QUADROS, R. M. (Orgs). **Estudos Surdos III**. P. 148-167. Petrópolis, RJ : Arara Azul, 2008.

MC WHINNEY, J. **A consciência surda**. Signpost, 2, 13-15, 1991.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. São Paulo Loyola : 2002.

PERLIN, G. T. **O ser e o estar sendo surdos: alteridade, diferença e identidade**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003.

QUADROS, R. M. (Orgs.) Poesia em língua de sinais: traços da identidade surda. In: **Estudos Surdos I**. P. 110-165. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006.

_____.; SOUZA, S. X. Aspectos da tradução/encenação na Língua de Sinais Brasileira para um ambiente virtual de ensino: práticas tradutórias do curso de Letras Libras. In: _____. (Orgs). **Estudos Surdos III**. P. 168-207. Petrópolis, RJ : Arara Azul, 2008.

_____. R. M.; MASSUTTI, M. L. CODASs brasileiros: Libras e Português em zonas de contato. In: _____. (Orgs). **Estudos Surdos II**. P. 238-266. Petrópolis, RJ : Arara Azul, 2007.

QUEIROZ, M. I. P. Relatos orais: Do “indizível” ao “dizível. In: VON SIMSON, O.M. (Org.) **Experimentos com história de vida**. São Paulo: Vértice, 1988.

SACKS, O. **Vendo vozes. Uma viagem ao mundo dos surdos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SAFRA, G. **Desvelando a memória do humano: o brincar, o narrar, o corpo, o sagrado, o silêncio**. São Paulo: Sobórnost, 2006.

_____. In: BINGEMER, M. C. L. **Simone Weil e o encontro entre as culturas**. Rio de Janeiro: Ed. PUC –Rio: Paulinas, p. 159-169, 2009.

SARTRE, J. P. In: SMITH, T. **O Idealismo e a guerra do povo: Sartre na Argélia**. Political Theory, I, 426-49, p. 437, 1973.

SCHMIDT, M. L. S. **Pesquisa participante: alteridade e comunidades interpretativas**. Psicologia USP, São Paulo, SP, v. 17, p. 11-41, 2006.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SKLIAR, C. (Org.) **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. 3ª ed. Porto-Alegre: Editora Mediação, 2005.

_____. (Org.) **Educação & exclusão. Abordagens sócio-antropológicas em educação especial**. 2ª ed. Porto-Alegre: Mediação, 1997.

SPINK, P. K. **Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista**. Psicol. Soc. [online] Vol. 15, n. 2, p. 18-42. ISSN 1807-0310. <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822003000200003>>.

STRNADOVÁ, V. **Como é ser surdo**. Tradução: Daniela Richter Teixeira. Petrópolis: Babel Editora, 2000.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis, Editora da UFSC, 2009.

VEIGA-NETO, A. **Foucault e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____.; LOPES, M.C. Marcadores culturais surdos: quando eles se constituem no espaço escolar. **Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação**. Florianópolis, v. 24, nº Especial - jul/dez., 2006.

WILCOX, S.; WILCOX, P.P. **Aprender a ver**. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2005.

LISTA DE PUBLICAÇÕES DE AUTORES SURDOS

A listagem de publicações abaixo, conta com a participação de escritores surdos na confecção de autobiografias, histórias de vida, artigos, livros, capítulos de livros, teses e dissertações. Grande parte das indicações foi encontrada a partir das referências bibliográficas dos livros por mim pesquisados. A maioria dos autores são educadores, linguistas e líderes das comunidades surdas. Certamente esta listagem não se limita às publicações existentes. A relevância está em divulgar e apresentar ao leitores, diversas possibilidades de expressão a partir das publicações de autores surdos nacionais e internacionais.

ADRIANO, N. de. A. **Sinais caseiros: uma exploração de aspectos linguísticos.** Dissertação de Mestrado. Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2010.

AGRELLA, R. P. **Língua, subjetividade e opressão lingüística: interrogações a uma pedagogia surda.** Dissertação de mestrado. Departamento de Educação. Campinas: UNICAMP, 2010.

_____. **Análise do desenvolvimento linguístico de uma criança surda filha de pais surdos.** Doutorado em andamento na área da Educação. Universidade Estadual de Campinas. UNICAMP.

ALMEIDA, E. B. **O papel de professores surdos e ouvintes na formação do tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Metododista de Piracicaba, UNIMEP. Piracicaba - SP, 2010.

ASHMORE, D. (1990). **Ultrapassando os conflitos culturais entre o surdo e os mundos ouvintes: domesticando uma relação tempestuosa.** Relatório não publicado m.s, University of Tennessee, p. 53-61.

AVELAR, T. F. **A questão da padronização de sinais nos atores-tradutores surdos do curso de Letras-Libras da UFSC.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011.

BARROS, R. L. **Política linguística: a terminologia da Libras como veículo de cultura em concursos públicos.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade de Brasília. Brasília, 2013.

BAHAN, B. A night of living terror. In: WILCOX, S. **American deaf culture: an anthology.** Silver Spring, Md.: Linstok Press, 1989a.

_____. Notes from a “seeing person”. In: _____. **American deaf culture: an anthology.** Silver Spring, Md.: Linstok Press, 1989b.

_____. Total communication – a total farce. In: _____. **American deaf culture: an anthology**. Silver Spring, Md.: Linstok Press, 1989c.

BIENVENU, M.J. **Carta ao editor**, 40, 133. Deaf American, 1990.

CALDAS, A. L. P. **O filosofar na arte da criança surda: construções e saberes**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.

CAMPELLO, A. R. e S. **Aspectos da visualidade na educação de surdos**. Tese de Doutorado. Departamento de Educação. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

_____. **Constituição histórica da língua de sinais brasileira**. Monografia. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.

_____. Pedagogia visual/sinal na educação dos surdos. In: QUADROS, R. M.; PERLIN, G. (Orgs.) **Estudos Surdos II**. P. 100-131. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

CAMPOS, M. **Cultura Surda: possível sobrevivência no campo da inclusão na escola regular?** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós- Graduação em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

COSTA, M. R. **Proposta de modelo de enciclopédia visual bilíngue juvenil: ENCICLOLIBRAS**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade de Brasília. Brasília, 2012.

GANNON, J. **Deaf heritage: a narrative history of deaf america**. Silver Spring, Md.: National Association of the deaf, 1981.

_____. **The week the world heard Gallaudet**. Washington, D. C.: Gallaudet University Press, 1989.

GRIPP, H. **A história da Língua de Sinais Brasileira (Libras): um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2010.

HALL, S. **The hidden dimension**. New York: Doubleday, 1966.

_____. Train-Gone-Sorry: the etiquette of social conversations. In: _____. **American deaf culture: an anthology**. Silver Spring, Md.: Linstok Press, 1989.

JUNIOR, F. F. R.; PINTO, P. L. F. Os surdos nos rastros da sua intelectualidade específica. In: _____. (Orgs.) **Estudos Surdos II**. P. 190-211. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

JÚNIOR, G. de C. **Variação linguística em Língua de Sinais Brasileira – Foco no Léxico**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade de Brasília. Brasília, 2011.

KANNAPELL, B. Inside the deaf community. In: _____. **American deaf culture: an anthology**. Silver Spring, Md.: Linstok Press, 1989.

_____. Sociolinguistics: language attitudes. In: **Gallaudet encyclopedia of deaf people and deafness**. Ed. J. V. Van Cleve. New York: McGraw-Hill, 1987.

LABORRIT, E. **O vôo da gaivota**. São Paulo: Best Seller – Círculo do Livro, 1994.

LADD, P. **Understanding deaf culture: in search of deafhood**. Clevedon: Multilingual Matters, 2003.

_____. In: Oliver, M. (1989). Educação condutiva: se não fosse tão triste até era engraçado. **Disability, Handicap, and Society**, 4, 197-200, p. 199.

MARQUES, R. R. Educação de jovens e adultos: um diálogo sobre a educação e o aluno surdo. In: _____. (Orgs.) **Estudos Surdos II**. P. 132-149. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

_____. **A experiência de ser surdo: uma descrição fenomenológica**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

MC WHINNEY, J. (1991). **A consciência surda**. Signpost, 2, 13-15.

MIRANDA, W. de O. **Comunidade dos Surdos: olhares sobre os contatos culturais**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2001.

NEVES, S. L. G. **Um estudo dos recursos didáticos nas aulas de língua brasileira de sinais para ouvintes**. Programa de pós-graduação em Educação. Universidade Metodista de Piracicaba, UNIMEP. Piracicaba - SP, 2011.

_____. **Mãos ao Vento**. Editora: São Paulo, 2010.

PADDEN, C.; HUMPHRIES, T. **Deaf in America: voices from a culture**. Cambridge: Harvard University Press, 1988.

_____. **Inside deaf culture**. Cambridge: Harvard University Press, 1996.

_____. **Sharing a culture**. WFD News, 1993, p.5-8.

PERLIN, G. T. **Histórias de vida surda: identidades em questão**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1998.

_____. **O ser e o estar sendo surdos: alteridade, diferença e identidade.** Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003.

_____. Pós-doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

_____. **O retorno do surdo.** In: ACOSTA, Victor, no prelo 04-04-2006.

_____. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** 3ª ed., p. 51-73. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005.

_____. O lugar da cultura surda. In: THOMA, A. da S.; LOPES, M. C. (Org.). **A invenção da surdez: cultura, alteridade e diferença no campo da educação.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

_____. Identidade surda e currículo. In: LACERDA, C. B. F.; GÓES, M. C. R. de (Org.). **Surdez: processos educativos e subjetividade.** São Paulo: Lovise, 2000.

_____. MIRANDA, W. Surdos: o narrar e a política. Estudos Surdos. **Ponto de Vista: Revista de Educação e Processos Inclusivos.** Florianópolis, n. 5, UFSC/NUP/CED, 2003.

PIMENTA, N. **Entrevista.** Revista Espaço. Rio de Janeiro, n. 11, jun, 1999.

PINHEIRO, K. L. **Práticas pedagógicas bilíngues para crianças do Instituto Cearense de Educação de Surdos.** Faculdade de Educação. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2012.

RANGEL, G. **História do povo surdo em Porto Alegre: imagens e sinais de uma trajetória cultural.** Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

REBOUÇAS, L. S. **A prioridade dos docentes surdos para ensinar a disciplina Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) nas instituições de ensino superior após o decreto 5.626/2005.** Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2009.

REICHERT, A. R. **Mídia televisiva sem som.** Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.

REIS, F. Professores surdos: identificação ou modelo? In: _____. (Orgs.) **Estudos Surdos II.** P. 86-99. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

_____. **Professor surdo: a política e a poética da transgressão pedagógica.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2006.

RESENDE, C. S. **Assimilação na Língua de Sinais Brasileira.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade de Brasília. Brasília, 2012.

RESENDE, P. L. F. **Implante Coclear na constituição dos sujeitos surdos**. Tese de Doutorado. Departamento de Educação. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2010.

SCHMITT, D. **Contextualização da Trajetória dos Surdos e Educação de Surdos em Santa Catarina**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

_____. **História da língua de sinais em SC: contextos sócio-históricos e sociolinguísticos de surdos de 1946 a 2010**. Tese de doutorado. Departamento de Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2013.

SEGALA, R. R. **Tradução intermodal e intersemiótica/interlingual: português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais**. Dissertação de Mestrado. Centro de Comunicação e Expressão. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2010.

SILVA, S. G. de L. da. **Ensino de língua portuguesa para surdos: das políticas as práticas pedagógicas**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

SILVEIRA, C. H. **O currículo de língua de sinais na educação de surdos**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Educação. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2006.

_____. Doutorado em andamento. Departamento de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

_____. **O currículo de língua de sinais e os professores surdos: poder, identidade e cultura surda**. In: _____. (Orgs.) **Estudos Surdos II**. P. 150-189. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

SOARES, C. P. **Demonstração da ambiguidade de itens lexicais na LSB: um estudo sincrônico de homonímia**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade de Brasília. Brasília, 2013.

STROBEL, K. L. **Os desafios da inclusão: uma experiência pessoal**. Rio de Janeiro, Revista da Feneis, nº 9, 2001.

_____. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis, Editora da UFSC, 2009.

_____. **Surdos: vestígios culturais não registrados na história**. 2006. Dissertação Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2006.

_____. DIAS, S. M. S. **Surdez: aborgdagem geral**. Curitiba: APTA, 1995, p. 73-77.

_____. **A visão histórica da in (ex) clusão dos surdos na escola.** ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v. 7, n. 2, p. 244-252, jun. 2006. Disponível em: <<http://143.106.58.55/revista/viewissue.php?id=8>>

_____. **Mulheres surdas que fazem a história.** Rio de Janeiro, Revista da Feneis, n. 32, 2007.

_____. História dos surdos: representações “mascaradas” das identidades surdas. In: _____. (Orgs.) **Estudos Surdos II.** P. 18-37. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

STRNADOVÁ, V. **Como é ser surdo.** Petrópolis: Babel Editora, 2000. Tradução: Daniela Richter Teixeira.

STUMPF, M. R. **Aprendizagem da escrita de língua de sinais pelo sistema signwriting: línguas de sinais no papel e no computador.** Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

_____. Pós-doutorado. Universidade Católica Portuguesa – Lisboa, 2013-2014.

_____. Relato de experiências: A educação bilíngue para surdos: relatos de experiências e a realidade brasileira. In: QUADROS, R. M. (Orgs.) **Estudos Surdos IV,** p. 425-450. Editora Arara Azul, Petrópolis, 2008.

VALLI, C. **Poetics of american sign language poetry.** Doctoral dissertation. Union Institute Graduate School, 1993.

VILHALVA, S. **Recortes de uma vida: descobrindo o amanhã.** Autobiografia. Campo Grande-MS. Gráfica e papelaria Brasília, 2001.

_____. **Mapeamento das Línguas de Sinais Emergentes: Um estudo sobre as comunidades linguísticas indígenas de Mato Grosso do Sul.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.

_____. **Por uma pedagogia surda.** Disponível em: <www.tvregional.com.br>

_____. SCHMITT, D.; STROBEL, K. L. O surgimento das pedagogias surdas. **Revista da Feneis.** Rio de Janeiro, n. 33, 2007.

ZOVICO, N. Fique por dentro. In: BADIN; PINTO, C. G. Surdo sim, mas não mudo... **Revista Sentidos.** Ano 2, n. 11, nov., 2002.

Autores surdos brasileiros citados por Karin Strobel em seu livro “**As imagens do outro sobre a cultura surda**”, p. 63-4, 2009. Contribuíram com o artefato cultural literário:

BALDIN, C. A juventude: o carnaval e o Rio de Janeiro, 2001.

GUIMARÃES, J. S. L. Até onde vai o surdo. (crônicas/1961).

OLIVEIRA, R. de. Meus sentimentos em folhas. (livro de poemas, 2005).

PINTO, P. L. F. Identidade cultural surda na diversidade brasileira, 2011.

POSSÍDIO, O. C. No meu silêncio: ouvi e vivi. (autobiografia, 2005).

ROSA, F. S. Literatura surda: criação e produção de imagens e textos, 2006.

SILVEIRA, C. H. Currículo de língua de sinais na educação de surdos, 2006.

STUMPF, M. Sistema Signwriting: por uma escrita funcional para o surdo, 2005.

ANEXO

Imagem 29: Fogueira da festa junina do INES. Foto: arquivo pessoal do interlocutor Wilson, 1957.

Imagens 30 e 31: Grupo escolar do INES. Foto: arquivo pessoal do interlocutor Wilson.

Imagem 32: Prédio do INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos). Foto: arquivo pessoal do interlocutor Wilson.

Performance fotográfica criada pelo Grupo CorpoSinalizante, intitulado: "Nosso Corpo Nossa Língua", em homenagem ao "Dia Nacional do Surdo", virou uma sequência de cartões-postais.

Imagens 33, 34 e 35: Foto: Isaumir Nascimento, 2009.